

Atenção:

livro de grande valor linguístico  
(Réplica de Rui Barbosa)

~~BUENOS AIRES~~

~~BUENOS AIRES  
BIBLIOTECA  
ABR 22 1933~~

347(81)(0944)  
B238r

BUENOS AIRES

R.

R.  
ga  
ta  
tud  
peti  
que  
car  
car  
co  
digi  
via  
nec  
Ma  
dis  
tes  
res  
con  
I  
dne  
dis  
qu  
pe  
sa  
De  
co  
p  
ta  
A  
co  
o

Atenção:  
livro de grande valor!

## SENADO FEDERAL



### Replica ás defesas da redacção do projecto da Camara

Srs. Senadores da Commissão do Código Civil)

« Venha algum mais occupado e mais cheio do que eu sou, para que eu não me deficite, ou quasi hem se podem recomparar com o zelo e amor que tenho á patria. »

J. os Barros: Dec. I, 15.

Estas palavras do antigo historiador e modelo da nossa boa linguagem, cujo nome não cairá fóra de proposito num debate onde tão solemnemente se questiona dos direitos della na codificação que tem de succeder, para o Brasil, ás velhas Ordenações do Reino, exprimittam em toda a simplicidade e sinceridade os sentimentos, com que de vós o do Senado solicitei me fizessem mereo exonerar-me dos cargos de membro e presidente desta commissão, quando vi os escaqueos escapellados em volta de um trabalho, que, obrigado a costear e transportar tantos escolhos, como já eram os de sua condição natural, demandava, para a segurança e bom successo da viagem, tempo limpo, céu claro e mar bonança. Nem vós o quizestes, nem o Senado. Por tres vezes insisti. Da ultima implorei. Mas tudo em vão. Houve elle por bem negar-me unanimemente a dispensa requerida. Vós, sobre não m'a concederdes, acce-scantastas a este claro signal de confiança a incumbencia, que logo assentastes commetter-me, de proceder eu, no cabo da nossa tarefa, quanto á fórma e á substancia, á sua revisão geral.

Permitti que, agradecendo-vos, me quizea da vossa generosidade. No que me toca, a mereo, que me fizesse, de fãmanha honra, não compensa o temor da responsabilidade, que me impozdes; o pelo que respecta aos interesses da obra, em cujo bom exito anda occupado logo a minha tentativa de criticar ao trabalho da Camara dos Deputados, e vultissis com tanto amor proprio irritado esse conflicto, cuja poeira e polvorada me suffoca e asphoriza. Fazer menos do que fiz, abster-me da franqueza, que suscitei, por meu mal, ás tãmanhas, não me consentia o meu natural, disposto e affeito á verdade. O maior de todos os dissabores, que, sentindo como sinto, me podia occasionar o meu papel neste cargo, era o de não a dizer inteira. Deus me livre de qui, na conta

á minha consciencia, me patesse eu arguir algum dia a mim mesmo da cobardia de emmudecer, *Ve nisi quis tacuit*, num posto cujos deveros eram de fallar isentamente.

Satisfeito estes, porém, segundo os dictames da minha convicção, bom touz me sentiria, se lograsse alliviar-me dos riscos de um encargo, para o desempenho do qual ninguem duvidaria mais da minha competencia que eu mesmo. Sendo tantos os conspirados contra o meu trabalho, «sujeitos de importancia em virtude e letras», mais de presumir seja fossem meus os erros que dellas. Se neste sentido se annuclara o *seroedium* do Senado, teria a dupla vantagem, para mim, de me desapprimir de omis, a cuja delenda não estou seguro de corresponder, e, para o committimento encetado pelo Congresso, de esquivar a larga tartaruga, que este incidente lhe vai costar.

Rejeitadas, como ficarem, por vós o pelo Senado as minhas excusas, deixa de ser minha uma responsabilidade, a que só me submetti, por me não ser lioito desimal a meu livro alvotrio, e me forcarem as obrigações do meu mandato no Senado a lhe obedecer, quando quer que se trate do serviço nacional em materia legislativa. Se por amor deste, não espucendo o respeito e a gratidão, que vos devo, me resigno aos labores de tao espunhosa missao, para a qual me fallecem juntamente vigor e capacitate. Já não era pouco o em que excedia as minhas poses a difficuldade juridica do trabalho, que me encarregastes. Cresceu ella, porém, sobremastera, ainda, com o episodio tumultuoso, a que a esgron a questão philologica, envenenada pelos sentimentos pessoais, cuja interferencia desastrosa quasi sempre as controversias entre o *quis irritabile* dos homens de letras. Diz-se que «SCHILLER assentara em dar de mão ás plumbas litterarias, occasionadoras que sempre são de dissabores, arrependimentos e miserabilissimo dispendio das horas de ouro.» Com serem as minhas de mais baixo metal, não as troco pelas utilidades negativas desta casta de porças, que o sentimento da sua esterilidade sempre me induziu a fugir.

— I. BARROS, VI, 3.

— O PAZ, Letra de Souza: Tida de Archivo, v. II (ed. de 1890) p. 29.

— CAPELLA: Fozto, p. 416.



ridículo trabalho. Do congresso dessa hilaridade com aquelle frontão nasceu, dahi a tres mezas, o parecer annexado para dentro em vinte dias. Dize-se «da Commissão Especial em nome da Commissão dos Vinte e Um», que, apesar de todas as maiusculas e abduidas sobretreventos ao seu cargo, expirara com a volação do seu projecto pela Camara dos Deputados, e má captação daria da sua jurisprudencia, delegando funções e constituindo procuradores *post mortem*.

Ao mesmo tempo faziam assoalhar que o revisor babiliano do projecto, convidado a escachar-me, tinha na fragoa, a grandes baterias do martinete, uma respaça de Títio agastado. Como se não bastasse, para me reduzirem a pó, constava tambem de outra desforra, mais septentrional e não menos desmesurada á minha pequenez e ao meu abandono, ameaçados assim, alem do vado aquella tormenta, que haviam curvado ambos as cabeças á feralda do dr. CABRINHO. Implorava pela commissão parlamentar e nem sequer murmurada pelo emérito lente perambuceno, davam-se as mãos contra mim, tendo-me a mal e que a ella agradeciam. Já era pavorosa a minha situação. Mas, «por mais dobradas magoas», acabaram surdindo-me de proa, do juralismo periodico, das bombardeiras grossas, uma, ainda bem com pavilho de gente polida, a outra sem mais bueltra que a do seu appetite á presa inimiga, a vomitar-me feros e alforaças. Ora, já o CAMÕES, homem de prola na penna e no ferro, se não corria do confessar que

« o animo valente  
Pareo a virtude contra tanta gente. »<sup>1</sup>

Era um desses casos, em que se pela renovar a assemblada perguntava de VIANA: « Pois tanto empenho, tanto apparatus, tanto estorço, tanta machina para reduzir a um homem? » Dizia a antiguidade que *sem Hercules contra dois*, o gigante que saiu a debrão contra o exercito de Saul, com ter seis covados e palmo de altura, não se atrevem a entrar em corriaes snão com um homem só por só. « Pois se era tamanho com tres homens », interroga o orador sagrado, « porque não desafiava a sua arrogancia ou a tres, ou quando menos dois, se não a um só: *ad singulare certantes*? » Porque sabia, como soldado que era, que um homem contra mais que um homem por mais gigante e por mais valente que seja, não tem partido.<sup>2</sup> De bem partido, pois, nesta luta não me devea quasi restar esperança, a mim, que, entre tantos, de tão demarcado valor, *postus in medio, quo me veritas necio*. Se a conjuntura, pois, fora de ordem particular, e se tratara apenas da minha reputação literaria, eu não me mechera, o deixando-a derivar á mercê do seu marceamento, ou do seu fado, talvez chegasse até a subscrever, contra mim proprio, as distribuições dos politicos, dos grammaticos, dos caudillescos, dos criticos, dos historicos, todos mettidos a mestres da lingua e do estylo, e a fazer a confissão de que VIANA não corou: agora « conheci que não sei fallar português. »<sup>3</sup>

Desda que, porém, esposastes sem ruerças o meu trabalho, abraçando por vossa, não seria deonta furtar-me ao dever do justicial-o contra os seus impugnadores, mostrando que nem eu induzi a commissão do Senado a um passo em falso, nem ella a tal se expoz.

Mas, antes de refutar por menor, uns após outros, os meus contradictores, direi por maior e que me acoide, a respeito de cada um, quanto á sua intervenção, o caracter da sua critica e a situação em que ella entrou no debate.

<sup>1</sup> Lus. ed., IV, 35.

<sup>2</sup> Sermones, v. II, p. 21.

<sup>3</sup> Rep., XVII, 4.

<sup>4</sup> *Eligi ex vobis virum, ut decedat ad singulare certantem.* I Reg.

XVII, 8.

<sup>5</sup> Vitræ; *Serm.*, v. II, p. 6.

<sup>6</sup> *Corvus*, v. III, p. 141.

## PARTE I

### Generalidades

#### I

##### O Grammatico

« Com toda a alma na penna. »

(VIANA; *Corvus*, v. III, p. 167.)

1. — Saira a lume o meu trabalho, no *Diário do Congresso*, aos 27 de julho. O do professor CARNEIRO veio a publico, no mesmo jornal, em 25 de outubro, trazendo a lista de 25 de setembro. Dois mezes, pois, lhe absorver a sua replica, ao passo que para a sua revisão total do projecto lhe tinham elagado quatro dias e poucas horas.

Mas, como rellida e meditada a parte inicial da replica, onto o seu illustre autor dá conta das circumstaancias, em que lhe tinham posto aos hombros tamanha cruz, e dos motivos com ella o confortaram:

« As trinta e um dias do mez de janeiro do corrente anno, procurou-me o meu distincto amigo e antigo discipulo Dr. José Joaquim Saalva, presidente da Commissão Especial doCodigo Civil, e apellano para a nossa antiga amizade, invocando o meu amor á Patria, pediu-me fizesse a leitura do Projecto doCodigo Civil, que me trazia, e lhe corrigisse as faltas que poderia haver relativamente á linguaem.

« Achava-me então em um dos arrabaldes da Bahia, passando a temporada calmosa, devendo ao outro dia voltar para a cidade, com *de facto* *fi*, para reconhecer os trabalhos do collegio de que sou director.

« Mostrei ao presidente da Commissão a quasi *impossibilidade de ler attentamente o importante trabalho*, do cerca de *dois mil artigos cheios de divições e subdivisões*, attento o escasso tempo dentro do qual l'ho devia apresentar, e de que seria elle mesmo o portador.

« Insistiu, porém, o meu amigo; fallou-me do dever que tinhamos todos da, em sua esphora, cooperar cada um em bom da patria.

« Não lhe offereci mais resistencia: disse-lhe, depois de lhe agradecer o encargo sobremodo honroso, com que *em nome da commissão* me distinguia, que faria as correções de linguaem que *me permitisse a brevidade do tempo*.

« Não me poupou a sacrificios; e já crescido em annos, trabalhado pelos arduos labores da educação da mocidade, só Deus e eu sabíamos quanto de tenaz estorço, do portado trabalho, foi mister para desobrigar-me da honrosa incumbencia, que se me havia depositado nas mãos!...

« Para satisfazer esse empenho, que se me assignava superior ás minhas forças, *foi apenas quatro dias e algumas horas!*

« Já se vê que não era possível a ninguém, em tão curto prazo e tão do afogadillo, ler attentamente, corrigir com todo o cuidado e apuro, limar, polir, esmerillar um trabalho de tanto folejo, sem ficar aqui e alli uma ou outra falla, que naturalmente escaparia aos olhos fatigados de portuistrar tantos artigos.

« Li todo o Projecto doCodigo; corriji-lhe as faltas de linguaem que mais me pareciam destacarse e releva-se. »













Pensamento distorcido na redacção	1.762.....	1.755
Expressão imprecisa da intenção		
Legislativa.....	1.766.....	1.760
« Agir ».....	1.759.....	1.772
« Série prescibível » Referencia indecifrável. Pontuação delictuada.	1.781.....	1.777
Aviso impertinente, Laeuna.....	1.797, 8 único	1.799, 8 único.
Palavras ociosas.....	1.799.....	1.792
Palavras superfluas. Itos.....	1.801, 8 único.	1.794, 8 único.
Esquecimento.....	1.804.....	1.797
Omissão. Pontuação inversiva da idea concebida.....	1.805.....	1.788
Laeuna.....	1.807.....	1.800
Omissão.....	1.807, 8 P.....	1.800, 8 P.....
Má redacção e pontuação.....	1.810.....	1.803
Insolavel.....	1.811.....	1.807
.....	1.819.....	1.819

Contem esta lista 439 erros. Muitos d'elles, porém, englobam duas e tres notas: de modo que o numero total destas monta a 531.

Pois bem, dentre ellas apenas as seguintes

CADENAO PROFESSOR CARNEIRO

Inserções	litt. in p. da Commissão	de a. p. p. mais de pelo professor
« Em que estabelece ellas..... »	34.....	34.
« Terá em titulos..... »	191.....	191.
« Embora..... »	379, II.....	378, II
« De amolda-la, commentar, ou maldorar..... »	679.....	678
« Induzem á propiedade..... »	679.....	678
« Pronome superfluo..... »	679.....	678
« Salvo se provar oestes..... »	1.822.....	1.820

Assim que mal foram objecto de censura minha sete retróquos do illustre professor baiano. Talo o mais, a saber, não menos de *quinhentos e cinco e quinhentos* topicos por mim criticados, perence ao trabalho da commissão.

Acresce, circumstancia ainda mais para notar, que em duas dessas sete emendas, o que eu propuz, foi que se restabelecesse o texto da commissão, corrigido pelo professor CARNEIRO. No art. 24, onde o professor CARNEIRO corrigira *sem que estabelece ellas*, mandei eu repor, de accordo com a commissão, *ella estabelece*. No art. 678 em que o professor CARNEIRO fezera uma frase desastrosa, fui de aviso, conformando-me com o escrever da commissão, que se eliminasse.

7. — Se em sete pontos, logo, terá o dr. CARNEIRO que defender a sua revisão contra minha; pergunta apenas dez vezes a critica de incorrectas as correções por elle operadas no texto da commissão.

Essas sete emendas suas, porém, acumuladas por mim de erroneas, apenas duas lhe mereceram defectos: as que dizem respeito ás expressões *sem que estabelece ellas* e *estabe se provar ellas*, nos arts. 24 e 1.326. <sup>1</sup> No tocante ás cinco emullecões: de onde, pela ordem do *quam calce, causate*, presumo, creio que sem tenacidade, haver aquiescido á minha censura.

Ora, se por dezoito vezes, na sua replica, subscreve o dr. CARNEIRO as minhas correções (quanto aos arts. 46, 142, 182, 88, 90 e 92, n. II, 219, 8 unico, 223, 430, 293, 1.081, 1.199, 8 P, 1.164, 1.248, 1.455, 1.547, 1.652, 1.664, 1.652, 1.777), não menos de oitenta topicos ha em que me contradiz.

<sup>1</sup> *Ligêças Insuperáveis*, do dr. CARNEIRO, p. 140-1, 11, e p. 13, col. 1.

Em sessenta e oito, desses oitenta, me contradiz o professor CARNEIRO, *advogado* o *texto religado pela commissão* das *crises e sua*.

Em doze me impugna, critica a linguagem da *minha exposição preliminar* e das *minhas notas*.

Não foi, portanto, em doze propria que acudiu o philologo baiano. Sete propozio, seu programma, seu trabalho foram outros: defender a *commissão*, no que era tão simento de sua lavra, e accusar-me, no que eu escrevera *para da substituição*. Paladino grato e espontaneo da commissão na primeira dessas altitudes, o pontanea, eusca e gratuitamente se constituia meu adversario pessoal na segunda.

Cada uma d'ellas que se especialmente considerava.

8. — Nada mais curioso que a incoherencia fundamental do professor CARNEIRO no seu trabalho. Definido, no prefallio, a sua responsabilidade, circumstancia formalmente ás *escreções de linguagem*, que o tempo lhe permitia. Mas, em seguida, escreveu o seu commento, assumo a solidiedade mais dedicada e ao trabalho da commissão parlamentar.

Obvia e que llo esta não podia dispensio tamanho do abnegação; pois, enquanto elle se consoma doavelmente, ao longe, em teor a apologia philologica da obra dos vinte ou, em, estes, aqui, pregavam, de sua parte, uma justificação gloriosa e uma refutação arrasadora. Para e se não tivessem adivinhado, um confronto, para se não dar a ingratidão, a que assistimos, de se contrariarem nalguns pontos flagrantemente as duas apoloias.

9. — Poucos, porém, como são, o llo desdestro o accerto geral, que mais se accebra com a manobra, comum a ambas, de abandonarem frequentes vezes o exame da linguagem do substitutivo, para se entregar ao da minha exposição preliminar e ao das minhas notas, como se foram partes daquello, e houveram de suffer, nesse caracter, a mesma prova.

Nosso exorbilar injustificavel se engastou o advogado extra-parlamentar, como os advogados parlamentares do projecto, em um desalibo pessoal contra mim, que só se desculparia se eu, no meu primeiro trabalho, me houvera occupado com o escrever da commissão no seu redatorio geral, com o do dr. CLAVIS nas suas *Observações* preliminares ao primitivo projecto, ou com as *lucubraciones grammaticas* do professor CARNEIRO.

Havendo-me, porém, cingido rigorosamente á critica do *texto* no projecto da commissão, a resposta devida, a como a dos seus colaboradores, fôra de necessitalo que se restringir á critica do *texto* no meu substitutivo. O mais, o que se fez, era, não só exceder a tarefa, mas ainda falsal-la, e comprometti-la, deslocando, ampliando, complexando, emvenenando, tamblizando e atrozando o debate, com envolvi-o em resgas do amor proprio individual, estranhas e necivas nos interesses do projecto, aos do acerto na sua redacção, aos da presciza no seu termo.

10. — Mas as vaidades irritadas na penencia haviam do mister esse desagravo. Alias era fútil e imelle. A provarem, de facto, que eu houvesse revalido em alguns erros de vernealidade, que o que se teria provado contra mim, semo essa eterna fallibilidade humana cujos *stygmas* ninguém evita neste mundo, sendo communs aos mais insignes mestres do escrever?

Sem chegar ao paratexto de *EXA* no *Finalque Monda*, « Ninguém sabe escrever », uma verdade la, que me não assusta, porque é universal e de universal consenso: não ha escriptor sem erros. Dos classicos mais antigos aos mais modernos, todos os porporturam. « Os proprios mestres têm extravazancias », confessa a peito aberto

<sup>1</sup> Como no tocante ás *responsaldades*, no *affectos* e ao *escriptor* do *text* do *projecto*.

<sup>2</sup> P. 111.





podem continuar, até velhice, a escola, conjugando o mestre com elles, prático e teórico, justiça e equidade.

Nesses limites não se move, porém, o meu venerando professor. Não usou, abusou da sua autoridade. E o que demonstrarei. A resposta seria, quanto ao meu cálio, tal sobre tal e tal por tal, não deixando que considerasse nem um só dos seus reparos, a tres ou quatro das quaes apenas me foi possível aquiescer.

II. Em um ponto, sobretudo, que me parece capital, humilhei-me de rigor: a a inflexão das foras onde lelor. «Não sou muito amigo do invariáveis», dizia Vieira, «porque realmente su podem misturar com quem disor o que não está dito.»<sup>1</sup> Mas nas questões de linguagem tudo é o uso, e o uso se documenta com a escripta dos autores, que o estabeleceram, ou registaram. Ora a crecibilidade, para os documentos, não se póo obter, senão mediante os caracteres externos de autenticidade, que apresentaram. O costume, que o professor CARNEIRO seguiu, de achar unicamente o nome do classico, sem a obra e o lugar onde se achou a passagem transcripta, não satisfaz, nem se explica. Admitte-se nos manuaes escolares, por não os carregarem de notas e lras avultar o peso. Mas em trabalhos de critica, maiormente nas philologias, é injustificavel. Ou o escripto cita do primeiro mão, e nada lio estará declarar de onde o faz, ou de segunda e terceira, e então, se o livro, do qual se tira, for igualmente omisso, os seus documentos não estão verificados, nem são verificáveis; o que os priva totalmente do valor.

Tivemos disso, como o dr. CARNEIRO, memoravel exemplo na discussão que do dante se fez, sobre o uso do e anteposto ao *que* interrogativo. Os melhores classicos nunca admitiram semelhante anteposto a *que* em bom senso. BENJAMINUS, confessa o professor CARNEIRO que não uma vez o praticou. Em CASCOS, quem lio ler, como em lio roll, as obras tydas, não appareo um só exemplo de semelhante anomalia. Tão pouco o encontrei jamais em BARRIOS, ou em DUARTE NUNES, em A. FERREIRA, ou JACINTO FERRE. Seria Vieira, dor que nella encassemos? Para o molhar entre cases, attribua-lhe o illustre philologo babilonio a phrase: «*Quo dirto = itaq ut ludo-palaeos da sarmis?*»<sup>2</sup> Ora só os sermões de seo classico, na edição de 1835, a mais moderna das duas que constituem a autoridade, occupam dezessas tomos, agora os quatro das carias, os tres das *Obras Ineditas* e as *Obras Varias*. Como desconectar, nesses vinte e tantos largos volumes, a linha citada pelo dr. CARNEIRO? Era impossivel; porque só a leitura da collectio exigiria mezes. De modo e maneira que estava eu enconinhado ou a refugiar pura e simplesmente a citação, não conseguindo allá amoldar-lhe do todo o prestigio, ou a convir em que se alistasse o grande classico entre os perdidos do creto. Felizmente o acaso, por uma das suas, nos descobriu a verdade, e então se liquidou que o exemplo de VIEIRA, é, no contrario, uma confirmação daquello erro, um documento do meu acerto; buscando a edição do dr. CARNEIRO á Edm, e o trecho de VIEIRA, qual lio sido da penha, é este: «*Ore illud usum a talo os ludo-poetas do mundo.*»<sup>3</sup>

Assim que a versão do meu respeitavel mestre, grosseiramente asperca, sobre inverter a ordem do escripto, calculando-o, lio desfigurava a linha, a outros respeito, o facto, necessitando um vocabulo e supprindo lras a uma sentença de cinco palavras.

Não haverá, deute as artideções inventadas pelo dr. CARNEIRO, outras, que se restrinam á maxima oiva, que se achou igualmente adulteradas, que sustentamem falso dos autores, em cujo nome se apresentam? lra meu direito suppo-l, depois daquello llarante, e articular contra ellis todas suspeição geral.

Não o feroi, porém, humilhando-me a contempor ao seu uso do modo deo appellar para auctoridade aliana, sem lio juliar nas excepções por dirlas a menção precisa da obra, capitulo, pagina, conto e escripto, de este os llavos extrahido.

## II

## O Parlamentar

«Mas tal escrever do ludo-poeta se os escriptos os que non o ludo.»

[Diction. ludois. I, ludo. I, p. 114, n. 35.]

125. — A realidade uma as antiparasas. *Parlamentar*, na significação natural das palavras, equivaleria a moderado, reflexivo, cortez. Aquel, emi no contrario, por um desses phenomenos cada vez mais vulgares na decadencia dos parlamentos, acceite adjectivo estola, englobados num encanillo escripto, a sero inteira das qualidades ludois á calma, ao critico, á polidez, á cordelia das grandes assemblies.

126. — Quando na minha exposição preliminar tive do meu promettente auctor da emissão especial da camara dos deputados, seu trabalho, seu papel, seus servicos ao ludo agora submettida ao nosso exame, lio com ludo o respeito, equitad e delicadeza.

Lamentando a oledencia, lio ludoval e desastrosa, a que o governo passad associara os destinos desta collectio, e indicando os meios, que, ate certo ponto, com essa urgencia me forçavam a transir, ludo como es que me tinham inspirado o meu estado preliminar de critica, á redacção do projecto: «*Já se ve*», dizia eu, «que nesta indicção não tenho em mira deslazar nos servicos da commisso legislativa que non precedeu. Não participe da indignação, do deslazo, com que muitos os tem falmado. Antes me pareceo que, como ludo á revisio, por que vai passar nesta cam do Congresso, nos merecem toda a estima e respeito.»<sup>4</sup> Dello e della dava eu all mesmo a prova, defendendo a commisso e o projecto das regras racionais e das regras semi-racionais, que contra uma e outra se haviam desencanillado, horrasas de coherentes oppositas, inconciliaveis, irconciliaveis, entre as quaes só devia manter, como lio da ludo equibrida, a systematizad legislativa do nosso direito civil. Chuseo a commisso da outra camara, possibrava eu, justificando-o e absolvendo-o, absolutamente sem reservas, das imperfecções do seu trabalho, e lio a commisso da outra camara solver o conflicto, *ad onde lio era possivel nos estreitos limites do tempo que se lioque. Mas nelles no podia cobrar ludo. A oledencia, com que all se ultimou uma fase em exempli em nosu A. nos parlamentares, estada, quasi sua dolo, remota de pando, no dade grande epico á industria deo ludo. Oude, pendo ludo a super parte o trabalho do ludo, se era a guerra melioris das fendas a uma ludo a ludo, e ludo a ludo.*

Se o projecto saira incorreto e maculado no ludo da expressio, é que, trabalho á carreira, «a violencia da rapidez na productio intellectual obrigara o legislador a descurar o ludo litorarios.»<sup>5</sup> Nello não se poderia contestar que avallassem graves quebras da syntaxe e do bom ludo. Mas dessa responsabilidade escurva eu *o plicamente a commisso* redactora: «*Ninquem suppo que os rrelacões do collgio sejam allidos á grammatica, ou a ella avassos. ludo ludo nos su ignorancia.*»<sup>6</sup> Essas deslucções explicavam eu certo. Tio eram pando unicamente da negligencia, a que a preoccupação dos grandes ludo resolveo naquello trabalho abandonara a sua forma.<sup>7</sup>

<sup>1</sup> *Sera.*, v. III, p. 281.

<sup>2</sup> *Ibid.*

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 1.

<sup>1</sup> *Sera.*, v. III, p. 281.

<sup>2</sup> *Dr. CARNEIRO: Litr. Observacões*, p. 2, col. 2.<sup>a</sup>

<sup>3</sup> *Ver a comprehensão alenteja*, p. II, § 35, n. 141.



delos, pondo-se no rebuso das minhas impurezas de expressão, Esquadrinhando então pelas colunas do men infolio, que montam a perto de quatrocentos, apurei e compoz um ramilheço de oito. Não mais, de oito expressões, a seu juizo escaudalozas: com que, por minha conta e em meu nome, julgo aquella assembleia, embora eu, nas muitas censuras, a tivesse posto hors cause.

De algumas para que se ella molesteza, ainda quando em realmente lidas houvesse dirigido, era mister que a sensibilidade do topasse go' hyperestrosia. No Apice do mollis, encimando o topo, sobresam as palavras «disposição naturalizada». Bem se vê que o restallador vive lora do idioma, em que se expozie. Alis aquellos vocabulos: não lhe fariam estranheza. A locução é de origem agricola, e nada tem de impolida. Amanho é o preparo dos campos. Chama-se amanho ao cultivar, lavrar, adubar, semear e tratar das terras, das hortas, das vinhas, das seccas, dos prunares, dos jardins. Traduciamos: amanho significa accingar, concitar, compor, abarlar. Mal-amanhado chamamos ao individuo ao objecto emal, corajado, mal sentido, desajustado. Não me dirão onde a descorção em averbar de seu gollo e mal arrevelado ou mal estrajado a redacção de um texto?

Outra grosseria perpetuava em, qualificando um dos artigos do projo to como «cambriadamente redigido». Mas que vem a ser cambriadão, em português? Respondam os dicionaristas: «metido em envolver, intrinseco, confuso, embrocado». (C. DE FROENIZZO.) Diz-se cambriadão o tempo, o negocio, o pleito, o estudo. Lavara quem de veralide viltimbre nalgum destes estylos livo de offensa? Faltar-se-á, seriamente, á fidelidade com o escriptor, cujo escripto se averba do seguinte:

Depois é de men abarbarizar que vem engrossar o foixo. Mas balbarizar está no mesmo caso do cambriadão. Balbaria outra coisa não é que desvelado, confuso, e balbarizar, no creço que unico dicionario em se menciona, o do FROENIZZO, está definido simplesmente como a tornar confuso. Ora quem, neste mundo, se sentiria melindrado, por lhe talem de confusa uma expressão? Contra as boas maneiras parlamentares pequet tambem, com emprepar a palavra extravagancia, no mesmo logar. Mas esse nome, na maioria das suas accepções, nada tem de aggressivo. Extravagancia, segundo a definição de MORLES, vem a ser «irregularidade contra o costume, ou usança, no allar, no obrar, no vestir, a singularidade, ou excessividade». E, quando um vocabulo tem accepções inoffensivas, não será de boa fé lomal-o, sem motivo especial, no meu sentido.

E' o de que se não embarca o autor do enredo, eja सम्मेonomia, a tal respeito, alli mesmo desamparadamente se assollia. Opiniar eu que tallar em «resistido de propria vosa», quando evidentemente ninguem pôde ser resistido ao alheia, era «o camado da simplicidade no plezanço». Usas palavras, commentas o dr. CLOVIS, debarhando redundantemente que «simplicidade aqui vale por lidade». Porqu' é? Será esta, por ventura, a significação exclusiva do vocabulo simplicidade? Não é, pelo contrario, a mais translata, a menos commum, a derivadiva. Os dictionarios attribuem-lhe uma longa serie de significados: «naturalidade, singelozia, ingenuidade, candura, sinceridade, franqueza, extrema ingenuidade, e só no cabo da enumeracão lhe inserem o de «parvoice». (C. DE BENTACOSTA invertido) de menos natural faz o mais certo, do menos usual o mais presumível, do ultimo o primeiro. Turba sensibilidade á cortezia, e não pecca á veridade.

Afirmava eu que certo dizer do projecto «não tem grammatica, nem senso. Senso aqui, evidentemente, quer dizer sentido. E' um dos significados, que os dictionarios consignam a essa palavra:

tratando-se da intelligencia de textos, é o mais natural: e, sendo o não odioso, é o que, em boa P, antes da prova em contrario, se deveria suppar. Quando uma phrase não exprime coisa nenhuma que meio tem em do significar, se não for averbando a de seu sentido, ou sem senso? A lingua não me offerece outros vocabulos, para annunciar um pensamento, que de injuria ou despinjar nada encerra. E, para exprimir, na creição, de um escripto, que elle não tem concordancia, não tem regencia, não tem, numa palavra, rytho e, como é que me heide-laver, são ditzo que « não tem grammatica? Pois laverei affirma possivel na simples enunciação de um facto litterario pelos andios termos que a lingua nos ministra para o exprimirmos? O texto que mim t'achado como sem grammatica, nem sentido era, de facto, inintelligivel e impravel. Illo quo? A divida considerava venida pelo proximo do objecto da gramatica que estiver supra, ou pelo qual responder tivesse pelo cadaveris. Nota se este seu pido qual responder tivesse pelo cadaveris. Laverei como desleido? Hevra, como rezou? Se não ha, por que modo lavrei eu do he significant a irreprehensivel e a irreprehensibilidade, se não fosse de grammatica grammatica e senso?

Duspojala, assim, a ramalhoga de lras estas lras, mal se resta uma, da colleccão que pompava nas mus do professor CLOVIS. Acontonta me usar da phrase expressio original e ridiculas, a respeito de uma das do projecto. Que expressio era essa? A do art. 1.25, quando sujeito a «commlatorial constituido em mora» a «responder como obrado moroso». Obrado moroso? Houvo tal locução jamais em lingua ou imitação de lingua portugesa? Concober-se-á, em nosso idioma, associação do palavras mais informo, desasturada e extrinxa? São dois obrytos, a um dos se fora a expressio propria e se phantasi, o papel de substitutivo, para os arjar não composto, que o uso desolucivo, que a orolla repelle, que a pura-cloca juridica nunca ouvin, e que fica no texto a provocar a extrinxa, o riso, a mola. Obrado moroso? Extraiam do priudo que o mollura, esse não é como he chama, e experimemte se apparece alli quem desleido a garabullia. Reprehansive, e verio as clareza ou mollura da occurrência, com a luz ou o dispendio do phraseado circumstante. Tachando-o de «original e ridiculo», disse eu o menos, que de tal desformado logica e vermacia podera dizer. Acaso, porém, seria desleido ferido a canara, ou a commisso parlamentar? Não; que de ambos escrevora eu mesmo a defesa, lançando-lhes á conta do aploamento forquelo quantos erros se não conciliassem com a idoneidade a uma e outra por mim altamente confessada.

A quem em ferira, mas involuntariamente, vejo agora, ao procurar as origens da exotica invenção. Tom-lhe as honras da paternidade o projecto CLOVIS, cujo art. 1.407 rezava: «O commlatorial, constituido em mora, além de responder como obrado moroso, deve o aliquid da consi, desde que se retarda em restitu-la.». A commisso extra-parlamentar dos cinco<sup>1</sup> varreu desde quebevacabos o texto do projecto, dizim, no correspondente artigo do seu: «O commlatorial constituido em mora responde por perlas e damnos.» Infelizmente houve quem alvirasse, na commisso parlamentar, restabelecendo o texto do projecto primitivo.<sup>2</sup> Os visio o um, não tendo quem lhe espartasse a attenção para os perma-e, nelle não tiveram senida, volando inadvertidamente que se restansasse a singularidade<sup>3</sup> eliminada com excellento criterio pela primeira commisso revisora.

<sup>1</sup> Projecto, art. 307, n. IV. Meu parecer, p. 107.  
<sup>2</sup> Trabalho da Commis. de Cova, v. I, p. 129.  
<sup>3</sup> Composição dos srs. AGUIAR E CASTRO, ALMEIDA, HENRIQUES, LACAYO DE ALBUQUERQUE E BRUNO CARVALHO.  
<sup>4</sup> Art. 1.158. Trabalho da Commis. Espec., v. I, p. 282.  
<sup>5</sup> Id., vol. III, p. 146, e v. VI, p. 454.  
<sup>6</sup> Art. 1.271. Trabalho da Commis. Espec., v. VIII, p. 162.) Art. 1.274. (Id., v. VIII, p. 177.)

<sup>1</sup> Id., p. 31 e p. 32, top. 10.  
<sup>2</sup> C. DE FROENIZZO: Diction. voc. naturalizado.  
<sup>3</sup> Ibid., Supplemto, p. 152.  
<sup>4</sup> C. DE FROENIZZO, in v. simplicidade.





média, agredir uma palavra monstruosa. « Dos vocabulários sem medida, no art. 1.º de 1.ª edição, estava em cábeas as duas primeiras sílabas, que, nos seus derivados, por uma allucinação de preconceito, compoem fessivamente *suave e plus ultra* do excoptador... » Por último, até para entrar o obscuro no obscuro, chega a venturar *plena* na impudica phrase do art. 1.312, 2.º unico: « o gusão por essas deslopações... » Disseram-se a psychologia sexual e a mais estranha e porphalica entomologia da literatura parlamentar, e a profusão ali em inventar, para satisfação de seus appetitos, a prosodia proletoica.

2.ª — que mais será do mister, para definir esse artefacto da incompetencia e da ira? Não ha meios, que lhe requeiram, por desvios do logar e das pessoas, da assistencia e do assumpto, da verdade e da justiça, da luctica e do bom senso, da conveniencia e da utilidade. Toda a minha utilidade passa pelos dentes daquella enxada lambuzada: mon character, minhas intencões, meus actos mais estranhos á materia, até o governo Provisorio com as suas finanças, que, apesar das suas «vices» humanas e admiráveis, convettilas logo em infanduos seus, applicaram em dez annos a producção do paz e a fomentação dos seus da sua obra as finanças actuaes, sváras pelo imposto em giro. Mas em das iniquidades, e dos abieitos, e das ultrages não me quero: cada um é suas acções, e não é mais, a não menos. « Minha divisa na vida politica tem sido aquillo do evangelho: *Peccata inveni et bonum inveni*. » Triste do homem de imprensa e do homem de tribuna, do homem de arguição e do homem de estado, que não souber juntar na mesma pagina fessões e de tractores: « Zambemos nós tanto das suas zombarias, como dos seus applausos. »

Como, porém, affira a minha pessoa, alguma coisa mais ali se topou, posto que mal e inscientemente, detentorini reconsidero o projecto, que da tribuna fizera, e responder a esse [alud] quanto aos pontos onde já se não achava relação na minha replica ao dr. CARVALHO, porque algures me não lincasso o silencio á conta de fraqueza. Hoje não ha negarem se não lincasso o silencio á conta de João de BARRAS... «...alvario do honor da paludatoria e da sua disciplina... Todos estes, como elle dizia, «em juizo e saber natural e sãssim nunca se as coisas dão a quem tem nulla nella, mas a quem as blazona por suas... » O *non sicut aliter exoptant* passou do modo. Foi remanido julga dos peccatos do futuro. « Um anaphaboto ser-tinco em finanças. Um paleoleiro diserto de letras. Um apenduto ensina linguas. Contava uma pessoa os mestres do mesmo idioma pelo CARBONO de FERRERERO, *Lingras selectas das classicas portuguezas*. » Tinha por intermedio de Joaze PARANANOS!... Sabido Pr. LUIZ DE SOUSA por AUGUSTO POIS é quanto lhe basta, para discurrir da boa finangeira antiga e moderna. Com esses doutos ser-tinco mais enlarasso discurrir a sero, quanto, do mal alheito aos estudos em que se mettem a legislar, arricam incoaditavel as maiores enormidades, entio mais heudam, quando mais ercam, mo resollent subditos, non recusos, assallam por triplicasso as suas deslucias, e « qualquer autoridade que lhes parece fazer por elles, bem ent-entida, mal entendida, logo sua á praça em descripção de senhoreio... » Concluo-se, pois, de que assim vamos lozando, quanto menos, a demencia do mundo intellectuaal: todos sabem tudo, e não em nada nada.

1 P. 1.º de 1.ª ed. p. 1.º de 1.ª ed.

2 Id.

3 Id.

4 Vocab. Scrup., v. V, p. 148.

5 P. 1.º de 1.ª ed. p. 1.º de 1.ª ed.

6 Vocab. Scrup., v. I, p. 272.

7 *Diálogo do Tício e Terepacha*.

8 Id.

9 *Resposta*, p. 13, col. P.

10 Id.

11 João de BARRAS, *loc. cit.*

## O Jurista

« Naquelle occasião, a minha critica ao dr. Clóvis foi feita em 1890, e a publicação do livro em 1891. »

(Revista Critica, Supplemento, p. 103.)

225. — Quando o Governo passado incumbiu doCodigo Civil o dr. CLÓVIS BEVILÁQUA, e este, *audax juvenis*, se pôz á empreitada do dar feito em seis mezes, eu, que, reator então de uma folha diaria, tinha por officio commoziar dia a dia os successos mais relevantes, animel-me a alguns reparos, já quanto á escolha do codificador, já quanto á sua temeridade em ajustar para omponho tão difficil tarefa tão excessivo. O segundo fui lamento da minha censura não ha mister justificação: é de evidencia palpavel. O primeiro, objectado á eleição, não desmerecia o valor do eleito. A minha critica era apenas relativa. Sem favor pouco nos qualidades do escolhido, no qual, emquanto jurista, admirava a capacidade natural, a bravura e a virilidade, a fecundidade multiplica, dado que talvez expressava em luctica, quizera, entretanto, no juriscozulto, a quem se commettesse aquell' trabalho, além das qualidades profissionais, as do homem de letras, com as do homem de estado, e um saber não feito de experientia, mais largo no descorrido, mais amadurecido nos autos e (isto indispensavel) e habilio, o gosto, a segurança da correcção no idioma nacional. Tais condições me pareciam reunirem-se, até, n'uma pessoa, cujo nome deificava, o cujos provas em todos esses pontos são cabaes: o conselheiro LAFAYETTE.

226. — Mais tarde, concluida pelo dr. Clóvis a sua tarefa e ultimada a revisão della, quer pela commissão dos cinco, sob a presidencia do ministro da justiça, que pela dos vinte e um em as camaras dos deputados, as palavras, em que me exprimi acerca daquelle jurista, sua obra inicial e sua collaboração posterior, foram de homenagem sem reservas á imperfeccão dos seus servicos. « Entre varios outros collaboradores do tal movimento, disse eu, no meu parecer », referindo-me nos autos do projecto, *aluns cultivos e nam-namidades juridicas*, representando aliás lencandias opposo, o sr. CLÓVIS BEVILÁQUA o sr. ANDRÉ DE ALEIXA, impuzero o cunho do seu saber ao projecto; e, bem que ambos sisssem incoaditavel de uma solução, que não podia satisfizer cabalmente a um e outro, força é que do tal cooperacio resultassam valiosos fructos... »

Esse foi em toda a minha longa critica, o quinhão do illustre professor, a respeito do quem não disse mais nada. Ora, se, ainda com o alvario do espirito das *seculantinas commidades juridicas* lhe não satisfiz o sentimento do proprio valor, logo onde estará o meio de contentar o amor proprio a esses humilidos tão commoentes do seu *malta*, como de si a dizer o lento jurisperito? E quanto nos não svinveia a grammatica outros termos maiores, porque os superlativos já são curtos... »

Mas, no passo que o dr. Clóvis tinha por insufficientes os termos da minha apreciação, ao autor da famosa *Resposta* metta zelos que um *tauto exoptasse* a collaboração delle no trabalho parlamentar. Como atavessar, sem espinaes, por entre essas valledes em conflicto?

1 Estas palavras, que aqui transcrevo sem o menor intuito de allucio pessoal ao illustre professor de Recife, cujo valor sei honrar, levam applicao em proposito a quem he quanto menos se sente, entre nós, uma mais alta e profunda nossa bluzica pura, sem despojo do nosso idioma, trapaçudo na vida do sãssim prescripto quanto á relevancia da forma e da grammatica e no luctico.

2 P. 1.º

3 *Revisão de Lophelias*, *Essa*, de 20 set., p. 32; «ão por mim, que não ha sou... »

4 *Vocab. Scrup.*, v. XI, p. 20.

5 *Resposta*, p. 7, col. 1.ª, in fine.

227. — No  
ção de ma  
delado biaz  
que á sua p  
pela fugren  
toreo de  
nos e melo  
garari por t  
dicas de m  
medo de B  
coral, que i  
revelas, a l  
que, nãss  
fictio? a m  
linguagem  
tu, que abul  
ao silencio.  
uma lucta,  
em ppo, o  
satisficção  
uma, troc  
na? »

Uma do  
são concis  
despois, N  
cans jurit  
os juratos  
que civil,  
poterit est  
apozar lo  
lalla, soss  
gill, Tenh  
al-dada, e  
que he de  
qual for a  
entre nós,  
sistema de  
meso de  
encantado  
«hilados  
«lles em 1890

Mã, et o  
cargos, s  
do cinco e  
e bateo m  
adilar a  
nãssim con  
traga, eav  
estrict de  
satisficção  
lho de a h  
perção,  
«lidos do  
«lles em 1890

228. — A  
o a BARRA,  
lucos e Cy  
o cianuro,  
em a pres  
lho a meto

229. — A  
o a BARRA,  
lucos e Cy  
o cianuro,  
em a pres  
lho a meto

230. — A  
o a BARRA,  
lucos e Cy  
o cianuro,  
em a pres  
lho a meto

227.—No illustre professor do Recife mal se disfarça a alienação de um meditare enfermeiro. «Um preclaro director da Academia Brasileira, diz elle E, e sr. JOSÉ VIANEIRO, e devo crer que a sua opinião seja a da maioria dos nossos concidadãos, já fez, pela imprensa, a peremptoria leitura a favor da minha exclusão do que me era collaborador do futuro código civil brasileiro. E não sou o unico excluido. Afiançado sou tambem todos quantos se ajuizaram por trazer o seu contingente de reflexões e experiencias á grandiosa lei em preparo. *Uma fada e o galeto*, diz S. S., que o seu nome he BANAUA virá ser o *cardinal protector da nossa futuro civil*. Um nome temho em com o que se disse a respeito do *multidão Projecto*, si a esponja de autoridade não cumpria já obliigar o que, nesse trabalho, pudesse recordar o meu estoril ainda que heu inencionado esforço? Nada, sena divida.»

Linguagem moviosamente resignada, para a victima de não iniquo esbulho. Mas a resignação, em vez de levar o esbulhado ao silencio, abriga natural das almas conformadas, o accendo para uma luta, em que as cargas de arma branca se chamam *vidas de honra*, e as chagadas no adversario são epilticos superlativos de glorificação. O autor da espiçação clamorosa, o sr. JOSÉ VIANEIRO, recobro os furos de «consciencia». Ganhos de «incitico», en, que a destructo.

Uma declaração, porém, tenho que fazer. Nem o sr. JOSÉ VIANEIRO emmigra mancomunado e attentado, nem em lhe accetio as despojas. Na injusta sentença do autorizo critico ha um doses certos inevitaveis nos repentistas, como elle é, quando escreve para os jornaes matutinos, e é o dr. CROVIS, quando improvisa codigos civis. O meu contigente minha codificação nem de longe poderia edificar jamais a do professor BEVILACCA. A missão, que, apesar do uso e a praez de oneros, se mo impoz, mohe grande trabalho, accetio a muito a meu mau grado. Ainda a ella me não affiz. Tenho noavortamento evitado os mais instantes meos, por deitara. Não perdi ainda a esperanga de lograr essa fortuna, em que he de insistir a todo o poder que eu possa. Isso porque, seja qual for a emnuencia dos seus cooperadores, não aereolico, ao menos entre nós, no bom exito de obras desas natureza, excoctadas pelo systema de commissões e revisões successivas. Um paiz como o nosso não poderia eleger a posse de um bom codico civil, semo encontrando uma superioridade nacional, em quem confiasse como os chilenos no seu ANDRÉS BELLO, e entregando-lhe inteira, como elles entregaram a isto, essa missão.

Mas, se eu houvesse de levar até ao fim o desempenho deste encargo, simples montea de uma commissão de dezmosa ajuiz uma de cinco e outro do viade e um revisores, meu papel, subalterno e pouco menos do anonymo, limitado a corrigir, supprimir e additar um obra aliena, não seria ex-coptivo do comparação nenhuma com o do professor CROVIS, a quem incumbiu delectara a traç, eavar os alioseres, erigir abel o instigio a estrutura, construir de cabo a cabo a grande edificação, modificada, mas não substituída, pelas emendas de seus successores. Disso ninguém lhe tira a honra e a responsabilidade. Ambas são grandes. Inveja-as, porém, quem não nutre as durtidas, que eu nutco, sobre os resultados do emprehendimento levado a effeito nas condições em que este se exereita.

228.—As grandes edificações, a que presbiam a austeridade e a força, não rocebem de seus autores os emoros da arte. De-lagoes e Cyclopeas construíram em losco, amontando o granito o cimento. Assim neste caso. Arrelheitando ás pressos e em grande, com a preoccupação exclusiva das lidas e esse desprezo da forma, que a meio confessa, o dr. CROVIS no seu equazi lizez das dispatas

de grammaticas, não admira que o lirico rapido e vigoroso do illustre codificador nos deixasse inesssa a alvoroça. O que em não cobehera, e que elle decesso da sua superioridade, para mo alterar mudezas, que a gloria dos grandes creadores costuma deixar á obscuridade dos pequenos artistas.

Antes, porém, de as considerer, artificiose preliminarmente comto ellas o dr. CROVIS uma excepção geral. Parece-lhe deslompardara no projecto e tempoio o meu trabalho. «Na minha immutabilidade, reflicto o extimo censor, succedeva que somente depois de assentados definitivamente que os preceitos, cuja systematização deveria constituir o nosso codico civil, e que ealberia eadida da forma grammatical das proposições, do loleto rhetorico da phrase, E, ainda he, não stimo com a explicação desse desvio da ordem natural da creação, que faz estir apures repetidas do exotico, para rovestir ideas ainda em eladocores. Que ruzo justifica o dispendio do tanto tempo, de tão grande esforço na escolha das palavras com que se heo de exprimir regras juridicas, que affinal, poliam ser repetidas pela discussão? Confesso que mo comprehendio.»

O dr. CROVIS *comprehenderia*, si não fosse minimumo esmoctico. O que em um projecto fazer, quando mo veiu ás mãos a projecto da camara, e inescusavelmente o mesmo que com esse projecto, antes de mim, fizera o dr. BEVILACCA. Sem embargo de que não estavam definitivamente assentados os preceitos do futuro codico civil, de que ainda se tratava de «libras em elaboração», não poupo o illustre professor, diante a commissão parlamentar, allpeallos de tempo e estorço, em eadida da forma grammatical, empregado quando sabia e podia em escolha das palavras destinadas a exprimir regras juridicas applicaveis a ser applicadas pela discussão. E'o que rostantar, no seu sermo Volume, os *Trabalhos da Commissão Especial da Camara dos Deputados*. O mo impetico e local da grammatica, e embarraza de las formas não se desentranhara, por amor do meu e outos, em mais requintados apressos do que os em que so comto o dr. CROVIS na grande sorte das suas emendas, tão milidas como as que por milidas no estranho, e algumas de uma incocepta a que a minha severidade não mo compara.

Um e, por exemplo, o projecto da commissão parlamentar, rubricado no liv. III da Parte Civil, dizia *Partes Juridicas*, alvivoz o dr. BEVILACCA se eorresponde *Das Partes Juridicas*. Omo, no art. 118, aquella nomeação, coadme uma syntaxe raturada no artigo subsequente, usava de um *Prohemio* fransuazico as garantias, prozo o dr. CROVIS (tanto bem) se levava o verbo ao plural, Omo, no art. 118, se fallava em e habilitação e casamento, o suggerio *travessos em habilitação para casamentos*. Omo o art. 118 redigia «possa dir o acto», addito (com acerto) no discussão epiltico as *actos*. Omo o art. 275 emprezava de fidejo alvivoz o alvivoz independentes, aconselhava substituir no alvivoz o *indipendentibus*. Omo o art. 275, se observo (o bem) «a administração

1 *Hidra*.

2 *Idem*.

3 *Idem*.

227. — «... a peremptoria leitura a favor da minha exclusão do que me era collaborador do futuro código civil brasileiro. E não sou o unico excluido. Afiançado sou tambem todos quantos se ajuizaram por trazer o seu contingente de reflexões e experiencias á grandiosa lei em preparo. Uma fada e o galeto, diz S. S., que o seu nome he BANAUA virá ser o cardinal protector da nossa futuro civil. Um nome temho em com o que se disse a respeito do multidão Projecto, si a esponja de autoridade não cumpria já obliigar o que, nesse trabalho, pudesse recordar o meu estoril ainda que heu inencionado esforço? Nada, sena divida.»

228. — «... com a preoccupação exclusiva das lidas e esse desprezo da forma, que a meio confessa, o dr. CROVIS no seu equazi lizez das dispatas

1 *Rev. de Legislação*, fascic. de 31 set., p. 22-3.  
2 *Id.*, p. 23.







O de *Lei Preliminar*. Foram elles mesmos, portanto, que nella designaram *uma lei distincta*, e dividiram o seu trabalho em duas leis, intimamente relacionadas, mas diversas: a *Lei Preliminar* e o *Codigo Civil*. Logo, em tanto a primeira dessas leis que allindir á segunda, nesta não podia faltar como se della fosse parte, mas nos termos em que uma lei se refere a outra.

Bizense, na lei preliminar, *este codigo*, seria figurar na *Lei preliminar* uma parte do *codigo civil*, o que era por mo nos em contradicção com o proprio qualificativo do *lei preliminar*. Como tal a discriminaram nitidamente os seus autores da que se lhe seguia, *da codigo civil*. Sendo, pois, duas leis successivas, estavam ambos obrigados, no rolucimento de uma á outra, a se tratarem como reciprocamente se tratam duas leis independentes. Disso mesmo não deram exemplo os redactores do projecto, quando, no *codigo civil*, mencionaram a *lei preliminar*. Se, quando elle com esta se occupava, lhe chama sempre a *lei preliminar*, de ver está que, em se occupando destaquelle, ha de chamal-lhe o *codigo civil*.

230.—Mas para que é perder tempo em uma controversa ja solemente dirigida primeiro que trouxessimos esta pleito a luz? Temos na especie assunto decisivo, que vou mostrar.

Essa invenção do *lei preliminar*, do ombo a homovmas? Do *codigo civil* germinou, ombo se denotava *Einführungsgesetz, lei de introdução, ou lei preliminar*.

Om bem. Como procede alla a *lei preliminar*, ao fazer menção do *codigo*, a que se allinda? Como diz? *Ditir este codigo? Ou diz o *codigo civil*?*

A *Einführungsgesetz*, ou *lei preliminar*, reporta-se ao *codigo civil* nos arts. 1, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 16, 32, 33, 31, 35, 40, 41, 51, 55, 56, 57, 58, 61, 69, 71, 75, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 90, 100, 102, 103, 105, 169, 116, 118, 119, 120, 124, 124, 131, 137, 138, 110, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 197, 189, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 2, 5, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217 e 218. E, sendo assim que, em muitos desses artigos, se refere a referenda duas, tres, quatro e cinco vezes, temos que, lançadas as contas, não menos de *cento e setenta e oito* vezes allinda a *Einführungsgesetz* ao *codigo civil*.

Pois bem: nona uma só vez adopia allia a formula do nosso projecto: *este codigo*. Todas, sau excepção, diz sempre: o *codigo civil*. Ou no primeiro artigo a expressão allindir é *das Bürgerliche Gesetzbuch*, o *codigo civil*, e não *deses Gesetzbuch*, *este codigo*. E dalli não varia.

Verdade seja (ompre ja daqui preveni-o) que nas versões francezas do MULLENBAER, LA GRASSERIE e GRÜNER, os arts. 09, 162, 169, 171, 175, 176, 183, 198, 199, 203, 205, 208, 210, 211 e 215 não deparam a locução *eo code*. Mas ninguem se vê como isso illudir. *Traduttore, traditore*. Em lodes essas lógicas, um por um, a preoccupação da elegancia allindir a transladução franceza a descompar do texto original, que não se devia jamais da enunciação allindir o *codigo civil*. Allis nos cento e sessenta e dois lances restantes o traductor saiso, o helga o o francez lue catam fidelidade, creverem constantemente *in code civil*.

Ora, o parece mo? que desta sentença não ha, sensatamente, recurso. Ou, transplantando a idéa allindir, que rem os nossos classicos a honra de saber entrojula melhor? Nesse caso haria

1. *Eu parecemo*. Sicut Petrus (*Paralipomenos da Livro, Matt.*) Sicut Petrus. *Resumo de Estudos Pont. de Litteratura* (Lisb., 1881), p. 330, a CAUSANO RIBEIRO, *Gramm. Philoa.*, p. 444, 435, condemnam como «adjetivo suppletivo» que «barbariza e degraça a nossa lingua, como expressão a a uma conjunctiva. *Do circumlocutio. Do adjectivo. Do adjectivo*».

2. Mas o livro *Comma* (*Allegor. Lat.*, v. I, p. 25-32) encerra esse dizer um dos significados do nosso lingo, havido por correcto no idioma da onde se origina. *Præteritus Lib. Post.*, n. 1, p. 121-3) reivindicalla a legitimidade em o nosso. «*Ha uso do ser erro*», diz Julio RIANDE,

om com a erencia germanica, de accordo com a qual, evidentemente, a meu juizo, está o suso commum.

237.—Contra elle não fazem argumento as ponderações, ia dizenho futeis, que a me oppoim.  
Tres são ellas, no arrazado grammatical a que respondo.

A primeira, a que se elle abomha, é a do que a rubrica *Lei Preliminar* «abrevia, no projecto o distincto de *Codigo Civil*. Ora, eis allidir uma petição de principio, que a luecda da escola não perdoaria. Daí o ponto que se discute, não a sua proximidade o de estar so o *Grndal gram do Codigo Civil* de proceder, ou seguir, ao da *Lei Preliminar? Se a Lei Preliminar* constitue uma divisião do *Codigo Civil*, obvio é que este abreviallo se de. «*Subjuncta* allindir. Se não constituo, e claro que si não a *Lei Preliminar* cabe a vez do titulo do *Codigo Civil*.

«*uma luecção de circumlocutio e pleonasmus*» (*Præteritus Lib. Post.*, p. 257-8.)

«*Uma petição de principio* a que se responde, da qual se segue a que possa luecção de principio de luecção de principio. Os elementos grammaticos allindir, se eu omissa, ha a excepção nas *Grammaticas* de João Ribeiro, a quem essa condemnacão parece a mais rara vezes allindir. *Præteritus Lib. Post.*, p. 121-3) reivindicalla a legitimidade em o nosso. «*Ha uso do ser erro*», diz Julio RIANDE, om com a erencia germanica, de accordo com a qual, evidentemente, a meu juizo, está o suso commum.

«*Cada vez que luecção de principio*»

(*Gr. Voc.*, v. I, p. 251.)

«*que que se vive sem ventura*»

«*Non eras luecção*»

«*Ver utraque lib e missa morte*»

(*Pr. Lib. 388*.)

«*Tis outras manchas a quem é bem intalado carar, nenhum pasto me e mais debilitos que lóteras luecção*» (*Præteritus Lib. Post.*, p. 251.)

«*Mas eu, em quem não corria condemnacão*»

«*Declaro meus verbos, e rei luecção*»

«*Eu luecção de principio*»

«*que luecção de principio*»

«*Me respondeu com seu peca e amara*»

«*230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000*

«*que luecção de principio*»

«*que luecção de principio*»

«*que luecção de principio*»

«*que luecção de principio*»

«*que luecção de principio*»

«*que luecção de principio*»

«*que luecção de principio*»

«*que luecção de principio*»

«*que luecção de principio*»



... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...

... e a sua...  
... e a sua...  
... e a sua...





















quanto confunde-se que se desliza do enunciado recto para o dos complementos substituídos. Verificamos, porém, na que no topico de Varna que nos interessa, a primeira redacção de 1870 e a redacção de 1874. O primeiro, embora não apresente a substituição propriamente dita, contém a mesma expressão: "uma vez mais, para não deixar de lembrar a Varna". Na redacção de 1874, esta se encontra com o sentido complementado do predicado Varna.

Uma vez mais para não deixar de lembrar a Varna, os sentimentos se abatem com do coração e do Garganta, e o vintim, para o futuro, para o futuro, para o futuro. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

1. *Sociedade Grammatical*, p. 218.

a sacidilla, que me por, faz eu na mesma desharmonia, de que me querava, afirmava d'ho, por ser religião assum, no art. 10, o Conselho de Armas.

Os verbos, que se desliza do enunciado recto para o dos complementos substituídos, verificamos, porém, na que no topico de Varna que nos interessa, a primeira redacção de 1870 e a redacção de 1874. O primeiro, embora não apresente a substituição propriamente dita, contém a mesma expressão: "uma vez mais, para não deixar de lembrar a Varna". Na redacção de 1874, esta se encontra com o sentido complementado do predicado Varna.

Uma vez mais para não deixar de lembrar a Varna, os sentimentos se abatem com do coração e do Garganta, e o vintim, para o futuro, para o futuro, para o futuro. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

1. *Ist. ensino, et. etc. in ultimo, et. etc.*  
2. *Na tomada de 1870, p. 218, não está a 1.*  
3. *Ill. 307.*  
4. *Que Carmine Astorico veries*  
5. *Chomatin Delias*  
6. *E. Edo se choro repeti delias.*

Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas. Logo, a primeira e a segunda redacções são idênticas.

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

§ 9º

ART. 13

- ENTIA VALIABLES -

CADOMPHONIAS.

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...

... e de se...  
... e de se...  
... e de se...







(ib., p. 71); *coo os seus* (ib., p. 332); *coo o quiquero* (An. e Mel., p. 79); *coo os laranjas* (Pavia, v. I, p. 63); *coo o proprio* (ib., p. 65); *coo o de salto* (ib., p. 69); *coo os naturalistas* (ib., p. 101); *coo os talhões* (ib., p. 117); *coo o termo* (ib. Pavia, v. II, p. 9); *coo os celestes* (ibid., p. 15); *coo os arcos* (ib., p. 15); *coo o re-bentão* (ib., p. 21); *coo os seus* (ib., p. 35); *coo os abrigados* (ib., p. 63); *coo o fido* (ib., p. 69); *coo os brancos* (ib., p. 81); *coo o tremendo* (ib., p. 135); *coo o lenço* (ib., p. 150); *coo o grande* (ib., p. 180); *coo os fastidiosos* (ib., p. 202); *coo o saço* (ib., p. 247); *coo o vivo* (Lavras, v. I, p. 285); *coo o terreno* (ib., p. 119); *coo os varios* (ib., p. 131); *coo os escriptos* (ib., p. 143); *coo o mico* (ib., p. 149); *coo o maximo* (ib., p. 185); *coo o sereno* (ib., p. 35); *coo os pilos* (ib., p. 63); *coo o sentido* (ib., p. 247); *coo o vivo* (Lavras, v. I, p. 69); *coo o seu* (ib., p. 94); *coo o gacio* (ib., p. 101); *coo o seu* (v. II, p. 17); *coo os nossos* (ib., p. 22); *coo os metacellos* (ib., p. 35); *coo os dellas* (ib., p. 51); *coo o saldo* (ib., p. 65) e *estes* sã da *Comedia*: *coo os seus amados* (L'Avial., IX, 84); *coo os seus amados* (ib., X, 2); *coo o que quero* (X, 6); *coo largo* (X, 87).

Cada uma dessas expressões dará um palavrão impróprio, se, deturpando a sonorancia natural do idioma, transformarmos os dais e os consoantes em a accentuada. Mas isso foi o processo, mereo do qual virgamur amador de *travao* e *o clava*.

Entre *frases* e *o traço* e a differença de som nas tres syllabas finas appare levamos a prece: *frase, frase, li, cambio, li, está na Hespanha*, do *Oratorio*, e l. 124: *seu* e *seu*.

Escrever ainda mais cuidadoso, e isso no supralto favor de versos exemplares, Machado me assis me se desposou de escrever: *frase* e *o* *so* (Pavia, p. 330); *frase* e *o* *manco* (ib., p. 330); e, no cabo, ate, *frase* e *o* *poeta* (ib., p. 235), de que os forjadores de as tonics facilmente extrahiriam um *clava*, um *chissas* e um *chissas*.

Nesta invocação da malicia, encançada em panegyrico do projecto, e menos lesado seria eu. No idioma portuguez é que o desfalque recencia, largo e irreverencia, com a condemnação de um som conto de expressões utilissimas e quotidianas ao decesso e a risota.

Já não seria lido, dizer, ou escrever, sem que se exisse no dominio da larachá: *o* *luz* e *pernitioso*. O *luz* é infecto. O *nicho* é obscuro. O *tracho* é eloquente. O *entredo* é complicado. O *desfalco* é logico. O *ro* é triste. O *co* é fento. O *frouso* e mal seguro. *Anelo* é largo. *Mucho* é brasileiro. *Tou rabicho* e curio. O *macho* é robusto. *Opopahica* é insulto. Um *pinguelho* é quasi nada. *Carecho* é frango. O *pinharoz* é pinguico. O *franco* é frondoso. O *leito* é confito. *Bo* *rabicho* é de chin. Aquella *guincho* é de coça. O *macho* é agrioso. *Esse facto* é humante. O *estalo* é de uvas. O *capacho* é de coça. O *carfao* é dentistoso. *Diacho* é praga. O *luz* é solame. *Sou despecto* é injusto. O *marchacho* é voraz. O *tracho* é corrente. O *empacho* é grossoiro. *Espechio* é imprevisto. O *delo* é e indecente. O *quero* é duro. O *repuzo* é abundante. O *ogulo* é tenaz. *Esse empacho* é difficil. O *tracho* é feio. O *garanhão* é torto. O *ganhão* é curvo. O *ranchão* é numeroso. O *arrozão* é oppressivo. O *varcão* é nuongo. *Meu carucho* é de doces. *Ayuchão* e no Peri. *Cauchão* é peizo. *Vusso deluzo* é lido. O *escalacho* é tenaz. O *buchão* é arbuso. *Sou buchão* é do amo. O *graco* é indigoso. O *sacho* é de ferro. *Esse pinchão* é travoso. O *lou fruchão* é maligno. O *zarguchão* é ervado. *Zoncho* e alavanca. *Lorracho* é pombo. O *larancho* é de taidas. *Fogacho* é labaredo. *Agacho* é humilhão. *Capacho* e comida. O *bicho* é medonho. *Barbicho* é cabresto. *Pecho* é ferrelho. *Cochicho* é passaro. *Govornicho* é sinecura. *Redicho* é game. *Picho* é vestilha. *Lobacho* é lobo. *Sacho* é pedra. *Bombacho* é bomba. *Patacho* é burro. *Poguerucho* é creanca. *Capucho* é franciscano. *Tracho* é bovío. *Volacho* é vela. *Verlacho* é verde.

*Yulgacho* é poble. *Pincho* é salto. *Pannacho* é de chefo. *Rabicho* é rabueto. *Rocacho* é aprumo. *Ranchacho* é retachlo. *Murecho* é desveredicho. *Chucho* é saço. *Muchacho* é tras ta. O *bruco* era velho. O *domincho* era total. O *ganhcho* era andaz. O *relachcho* era excessivo. O *cincho* é do quipo. O *micho* e de massa. Tal *capricho* é insuasto. *Essa carrapicho* é indecente. O *carunchcho* é vez. *Galhicho* é rede. *Garruchcho* é pau. *Marinchcho* é virago. *Donchcho* é gorlo. *Poterocho* e noun. e apetrocho e verbo. O *yulgachcho* é rulo. Um *chicho* é migalha. *Esacho* é tempo. *Esse papuchcho* é humando. *Portucho* é de covites. *Pedrocho* era o pasatiro. O *trinchcho* é de boça.

Cada uma dessas palavras, quasi todas vulgarissimas, traz na euda o arpo de um cacophonia. Em topando com o verbo ser naquellas formas do indicativo, temos fisa e desagra: a palestra, a excitação, ou a leitura desluchada em risado. Não haverá então eroditas de artista, nem primores de linguago, que forem escripto e escripto á nota de *clava*, deslo que um desses effectos da nova prosalia. Escreveram-lhe da boca, ou da pena, o entregao ás casquilhas da critica de chafay. Mas, se assim, porque não mondarmos logo o nosso idioma dessas exparatas verbos, desses vocabulos de casquilha? Rejeitá-os por todo o sempre do lexico e o que estava a pella deencia da lingua e a pureza da escripta. Buquisto se não chega a essa providencia radical, e exista no falar de nossa raça o verbo substantivo, o verbo ser, com a sua importunidade inevitavel, com a sua frequencia incessante, ha-de estar os bojos e quebar o tinteiro logo aquelle, que não quizer offerecer-se á gargalhada rebia da turra literaria, ao grosso espirito dos chifantes da troça, ás chufandas do albo e graxa das cozinhadas de palustaria.

MAS XAO

79.—Aqui temos outra burganica critica, de que o sabio professor bulhano se dignou fazer cab tal.

Eu me poderia abster de mais nada, relegando a São respeitavel sciencia com a sua propria aut vidia: porque o *assão*, allardado por elle abito as linhas do meu substitutivo, não seria amido de outra especie que o *osso* lesmalhado em *Grammatica Portuguesca* (p. 148) do meu velho mestre, cujo alto suber, sem advertidos inconvenientes philologicos do antro alipido, allí esceveva contentamente: *«Mas no primeiro destes dois ultimos idiomas.»*

O argumto *ad hominem*, porém, apenas me servira de mostrar a frequencia da memoria humana e os riscos da portividade, ainda quando se insinuo no coarço dos bus. Não se vale mister o subsidio pessoal do professor. *Carinhoso*, aliela que valio quanto os que mais o foram, para mostrar que a positividade da negatividade adverbio mas não constitue cacophonia.

Bom sei que mais de um grammatico esista o contrario. Mas a esses especien um criterio essencial na verificação dessas anomalias grammaticas. Cacophonia é o som desludido, ou o combingio insólito de sons, que, pela extarvagancia, desalhadia, indecorosa, ou risivel, escaudaliza ou desgrata o ouvido. Quando o costume corrente, tradicional, unanime, universal de um idioma consagra uma associação de palavras, seja qual for a combingio que dellas resulte, não pôde contrariar as leis da harmonia, que é, em boa parte, mereo effecto da accommodação entre o sentido humano e os sons a que se affez. Se, accoando uma vez de se encontrarem, dois vocabulos, que se não fazem boa companhia, suscitarem, pelo seu contacto, imagens deshomestias, inconvenientes, ou esdruscitas, surpreendidas pela novidade, a audição immediatamente a porebrito, sentindo-se, e reagindo por um phremonico insistivo. Mas, se já nos costumámos a presenciar esse encontro, se de odio o praticarem, nossos passados o praticaram, e torto de o praticar os nossos descaltonos, como recurso comensinho da linguagem, toda a gente de siis encouchar os homões á catreide do esdruscitador, que, contra o uso geral de uns poucos de seculos e de todos os lugares, der um dia o grito do cacophonia.

Pois é ali o caso do *mas não*. E' um falhar poeziaes de todas as esculas, todas as eras e todos os escriptores.

Vao a prova.

Assim se disse, entre as classicas, desde os mais antigos tempos: « *mas não* se a quem nunca», escreve em VAREZEA, *obras*, v. 4, p. 110. E da mesma modo, a pags. 123, 135, 154, 209. No v. II, a pags. 394, 431, 457, 488, 517. No v. III, pags. 139, 226, 237, 256, 273.

« *Mas não* do contido» encontramos em FERNÃO LOPES, *Chron. de D. João I*, parte I, c. 69, e, como esse, innumeros outros logares se poderiam emmostrar.

Na *Mensagem* de BERNARDES RIBEIRO, v. pag. 32, se nos depara igual expressão: « *Mas não* estare ella millo», e B, como ali, a pags. 89, 93, 124, 171, 172 (duas vezes), 187, 189 (vezes duas), 209, 210, 235, 259, 279.

CASOES de outro:

« *Mas não* foy a foy de: » *Met. e. d. d. d.*

*Letra*, II, 70.

« *Mas não* me contem o pario: »

(III, 30.)

« *Mas não* se esparta: »

(IV, 32.)

« *Mas não* lle d' cantado canel e d' es: »

(V, 55.)

E assim por diante: V. 80; VI. 54, 86; VIII, 29, 30, 39; X, 131. « *Mas não* foi el-rei menos embandos», narra Fig. 1, 12, 13. Soza nos *Annos de D. João III*, pro. 6. E vao repetido o *mas não* a pags. 10, 18, 33, 26, 27, 31, 35, 61, 83, 93, 98, 103, 107, 109, 112, 174, 192 (duas vezes), 215, 216, 219, 241, 256, 265, 267, 292, 295, 299, 300, 323, 325 e 341.

« *Mas não* nos conste», diz o mesmo escriptor, na *Vila de Arede*, v. I, p. 31; repetido essa heugão a pags. 32, 40, 46, 118, 129, 199, 295, 299, 304, 305, 328, 339, 373, 379. Usava prosaeste Computoção a *História de S. Domingos*, e emmostrava a littera a mesma forma grammatical, bastando indize, por mesura, o vol. II, pags. 324, 325, 327, 328, 329.

« *Mas não* queira que o saudoso emmostrasse em ANTONIO FERREIRA, v. I, pag. 311. Faltava-o aliada, a formulação e emmostrar a pags. 51, 517 e 519, assim como no v. I, p. 41, 207, 212.

Na *Chonora d'El-Rei D. Manoel*, por DAMASIO GUES, edic. de Lisboa, 1619, II, 92 v., se diz: « Os seus não gan gloria e os seus pena, *mas não* para sempre.»

« *Mas não* foi assim em Castilly», relata DUARTE NUNES, na *Phoca del-Rey D. João I*, D. Duarte e D. Affonso, v. I, pags. 253, « *Mas não* foy valeroso», como aliada, p. 341. E assim, no mesmo vol., p. 67, 124, 129, 150, 151, 216, 233, 237, 245, 175, 228, 248, 412, 415, 449 e, no vol. II, n. 57, 191, 199, 199, 179, 181, 211.

Na *El phorcion*, diz JONAS FERREIRA: « *Mas não* delizo o outido quanto poder.» E assim a p. 192, 203, 227, 231, 232, 247.

« *Mas não* deixou a sua natureza» — *Mas não* quiz que escrevesse mal» e de BERNARDES, *Letras e Colas*, (4.ª ed. de 72.) Semdoutemmostrado, em a *Novo Hystoria* vol. de 1609 v. II, p. 291 v. IV, p. 68, 113, 125, 151.

« *Assis fimesa, mas não* s. tal como a primeira», diz FERREIRAS DE BARRO, (*Mancanha Lactanea*, v. I, p. 141)

« *Mas não* se exerciam com elle.» « *Mas não* muito tempo», — *Mas não* de passivel.» — *Mas não* as que commencessem em as linguas, so toas phrasas de ANTONIO ALVARIS, « *Diálogos* », p. 28, 29, 44, 57), em VAREZEA se nos depara a monte esse equivoquo de *mas não* com *mas*. Assim BERNARDES, v. IV, p. 109, 159, 166, 211, 212, 214, 223, v. V, p. 67, 71, 75, 106, 171 (duas vezes), 309, 313, 277, 283, 284, 288, 301, 308, 311, 327, 293 (duas vezes), 324, 325, v. VI, p. 211, 283, 291, 295, 297, 307, 309, 317, 320, 333, 334, 359, 364, 371 v. XI, p. 15, 19, 23.

« *Mas*, por que não nos objectam com a indelicadeza do ovyrio classico, dos queos nos modernos. Não teria fim reproduzir as passagens de CASTILHO, FERREIRAS, GARRET, CAMILO, RAMALHO, EÇA, LATTAS e outros, tantos outros, onde se nos depara com o *mas não* a mim agora emmostrados. Tão a fronto em todos os autores commoens emmostram estas heugões fórmulas para sempre. Indiquem, pois, somente os livros e as paginas, onde occorem alguã s.

De GARRET bastará um volume. Tomando o XXII das suas obras completas, ali toas as duas combinações aqui mastinadas, as pags. 21, 25, 32, 39, 34, 40, 51, 64, 62, 63, 75, 99, 93, 112, 117, 132, 133, 137, 114, 157, 171, 216, 234, 238, 259, 263, 269, 311, 328, 378, 379, 385, 392, 397, 429 e 435.

De CASTILHO bastará, entre um seu numero de outros exemplares, nos seguintes logares: *Geographia*, pags. 17, 111, 127, *Evangelico Pictorio*, v. I, pags. 9, 88, *Padroes*, v. I, pags. 31, 105, 275, 307; v. II, pags. 21, 117 v. III, pags. 97, 113. *Paraiso*, pags. 6, 333, 335, 340. *Amor e Melancoly*, p. 411. *Arte de Am.*, v. I, pags. 21, 43, 110, 119, 129. *Amores*, v. I, 85 (duas vezes), 89, 98, 101; v. II, 3 (duas vezes), 74, 80; v. III, 53, 77. *Sibyllicas*, pags. 25, 25, 77, 249, 236. *Partido*, pags. 7, 11 (duas vezes), 86, 99, 118, 161. *Trópico da sua Canção*, pags. 7, 29, 32 (duas vezes) e 6. *Colloquios*, pags. 26, 31, 64, 79, 86, 181, 185, 185.

De ALEX. HERRERO, seguindo ao caso os *Onganos*, v. VIII v. do I, com o *mas não* de mesura, 73, 191, 210. Abro os *Estudios sobre a Língua*, *Castil.* e vejo a pags. 17 e 39. Emmostr-o ainda no *Maná de Castro*, v. II, pags. 235 e 233, assim como nas *Letras e Novellas*, v. I, pags. 135, 149, 148, 259, e v. II, pags. 16 e 22.

« *Mas não* podemos é de LATTAS GUEZANO, no seu *Comdes*, 192, 195; « *mas não* devo ser heugado», de CAMILO, no seu *Diálogo*; « *Mas não* se atreves» e « *Mas não* joando tomars, de OLAVITIA MATREYS, no seu *Nov'Amores* (pags. 333 e 387); « *Mas não* toas e *mas não* pulmos» de JOÃO LATTAS, (*Obras*, v. IV, pags. 12 e 59).

De A. G. FERREZ, *Metas*, v. I, pags. 13, 15, 22, 34, 40, 75, 87, 89, 107, 111, 113, 221, 230, 234, 232, 234 (duas vezes), 263, 271 (duas vezes), 279, 341, 373, 377, 391, 439, 452, 458; v. II, 51, 69, 92, 117, 189, 219, 231, 232, 254, 305, 319, 392, 397, 405, 439, 466, 477, 481, 485, 501, 506. *Evangelico Pictorio*, pags. 13, 29, 92, 96, 116, 349, 118, 322, 317, 359, 339, 549. *Partido*, *Metas*, pags. 194, 221.

RAMALHO, *Ilustrações*, pags. 22, 53, 213, 259, 273 (duas vezes), 298, 298.

Em GOMALVES, duas nos commoens exemplares. Veio-lhe as *Paraiso*, v. I, 311, e v. II, 75, 77, 96, 97, 181.

1 El, critica de D. F. de 1852, *obras*, v. 1, p. 104.  
2 El, de Lisboa, 1854.  
3 El, de FERNANDES PIMENTES, Rio de Jan., 1855.  
4 Lisboa, 1589.  
5 El, de Lisboa, 1871.  
6 El, de 1868, Lisboa.

1 Lisboa, 1854.  
2 Lisboa, 1872.  
3 Lisboa, 1873.  
4 El, de 14 Jan. 1861.  
5 Porto, 1856.  
6 Lisboa, 1867.





neste caso, que desvairar o nosso idioma de todos os direcos, em numero innumeravel e de variabilidade infinita, nos quaes o *não*, succedendo á proposição *e*, antecede aos verbos no infinito: « *A não ser, A não ter, A não dar, A não tomar, A não vir, A não pedir, A não deixar, A não ir, A não crer, A não ver, A não ir, A não viver, A não bastar, A não chegar, A não nascer, A não morrer, A não valer, A não partir.* »

Mais longe ainda, porém, havia de ir a assolação. Ella espolaria a nossa lingua de todas as construcções, onde a um nome ou a um adjectivo feminino se segue a negativa. « *Maria não ama. A fada não agrada. A bonito não aborrece. A caso não presta. A tua não brilha. A lala não voga. A dala não se sale.* » Ora, essas construcções não têm numero no falar vernaculo. Já é muito ! Pois ainda assim não fora tudo.

Com essas tiras tambem de escantilhão para o linho as phrases, sem fim, sem conta, em que precede a negativa uma de las expressões: *percutira, talavia, crede, agora, lá, cá, já, para, ella, sua, minha, tua, nossa, essa, della, outra, alguma, essa, esta, aquella*: « *Se percutira não vier, talavia não vale. Ainda não vale. Agora não convem. Lá não chega. Cá não chega. Para não morrer, ella não falta. A sua não serve. A minha não ganha. A tua não corre. A nossa não circula. A nossa não aproveita. A della não melhora. A outra não ode. Se alguma não aade. Essa não adenta. Esta não pesa. Aquella não brilha.* »

Que tal lhes parece ficaria a nossa vernaculidade, passando por tamanha devastação ? Não creio que o meu velho mestre a admitisse. Alisás nos reduziria á contingência de não termos possibilidade absolutamente nenhuma de fallar, sem que nos atacassem até á larba, no ceophaton. Não é assim ? Assim é. Mas, se tal consequencia lhe repugna, ao a não admitto, ha-de reconhecer que a sua estranheza não cahe, que a sua cegueira não culha, que a sua omeneza não quadra, ha-de confessar que a não devia ter feita, ha-de convir em que a não pode susentar.

## § 40

## Ainda « ceophaton »

§ 40. — Sobre algumas outras combinações phonicas, desentranhadas, a muito custo, do meu sensitivo e dos trabalhos accessorios, cahi, da parte de outros criticos, a nota de ceophaton. Entre elles mereceram particular relevo, numa das primicias censuras, como e caracteristicas do meu achaque, estas realmento curiosas enormidades:

Por cada:

Por tal:

De cada:

Desde logo, pois, se me affigura de bom corcelho dizer a que a tal proposito me occorre: <sup>1</sup>

## POR CADA.

§ 41. — Nos melhores exemplares de nossa lingua, vollos e novos, sempre acioi remidas assim essas duas palavras, e não me constou jumals que algum o lavasse a mat.

« *Daria premio certo em panos da fabrica, escreve FR. LEZ DE SURSA, por cada cabeça que se lhe presentasse* » (Annee, p. 16.)  
« *Mandou-se carregar de ferros, diz noutro lugar o mesmo autor, duas bragas muy grossas por cada um.* » (Histor. de S. Domingos, l. VI, c. 21.)

« *Pagasse mil dobras cruzadas, falla agora DUARTE NUNES, por cada prisioneiro.* » (Chron. Del-Rey D. João I, p. 352.)

« *Por cada offi-dão é phrase de GARCER* (Obr., v. XIII, p. 47), enjo fússimo ouvido não sepuí rater-se-llo alli pelo discurso deacerto a seguir, com que agora me queiro dar um caso.

« *Por cada uma das duas fies caragnas, aventura notivo di-curso esse primos-avô-la.* » (Id., p. 113.)

RAMALHO DE ALA, a quem não colloco esqista que as vantagens em materia de colorido e harmonia, perditou esta synonima, na sua *Hollada* (p. 20) abstrahia que o perceptivo e o soldado haviam repartido o seu coração e o seu espirito *por cada um* dos scitulos: »

« *Por cada* tambem é expressão dello (Holl., p. 279), como *por cada* é de GARCER (Obr., XIII, p. 117), *apar castro de CASTRINO* (Holl., v. I, p. 111), e *apar castro de JUAN ROMANO*. (A *Carna*, p. 60.) Ca ta um desses encontros de sans randeri aos meus criticos um *porco*, ou uma *porca*. Quem a elles anda, affirma o adagio, que em toda a parte lo romcam.

Por honra da nossa geração, porém, não especianco que se agora se podesse esse grunhir em expressões tão antiquas, tão vernaculas, tão geras, tão impressivellas. Na palestra, no firo, no tribuna, ou na imprensa, e cada momento, nos não na vida, ou nos resoa no ouvido sentenças como estas: « *Por cada* beneficio uma ingratitude. *Por cada* soberbia uma humilhação. *Por cada* aspragueo um desagravo. *Por cada* promessa um logro. *Por cada* pura uma traição. *Perquizei por cada* um. Quanto pagaste por cada logar? *Distribua a raço por cada* pragr. *Interesse-me por cada* um. *Por cada* vez uma pessoa. » E' um dos vicios venudos mais tortuosos, e de a vez que se offerece occasiao de particularizar, ou distribuir. Nem mesmo audios do portuqiz alli sentavam, provavelmente, esse encheirar, de que ora me arizem a prova os criticos do substitutivo.

Quando, porém, a siniphobia requintada a tal extremo anathematizae definitivamente da nossa. Imagemem estes velhos moldes parvies, tem de ir adante, e vasculhar o idioma de muitas outras formas portuguezas, onde esse animo ambiguo desembocaria *porcos, porcas, porcellas, porquinhos, porquitos e porcarrias*: Assim: *por castime, por rusa, por omisa, por coça, por colla, por quillo-ciro, por quillaco, por curio.*

CAMPOS escreve *sporguantes, sporcavos e spor casto*. (Obras, v. I, n. 1.º, vol. II, p. 47 e 59.)

## POR TAL

§ 42. — De vezes será necessario não fazer o menor caso do senso commun, para nota composto phonicu ir afurar ceophoniv. Vejamos. Que vem a ser ceophaton?

« *Alto o velho João de BARROS. «Ceophaton», ensina elle, «quer dizer meu sou, e é visto que a melhor razão nel: a commeth-se, quando do fim de uma palavra e do principio douta se fize alguma *ambada*, ou significa alguma *topazca* » (Grammatica, p. 108.)*

CARILHO, no seu *Tratado de Metaphisica* (p. 56) mendeas as variedades possiveis do ceophaton: « *do tres sortes pôde ser a ceophonia: de *topazca*, de *immundicia* e de simples *derregada*. *Topazca*, quando as extremidades de palavras commensuaes produzem um vocabulo indente. *Immundicia*, quando de equal rufunho prevem um termo repugnante em conversação do pessoas delicadas. E será ainda vicio deste genero o se fazer lembrar palavra indecorosa. O *desregado* ceophaton pôde ser ainda de dois modos: ou quando da continuidade de dois termos se firma um terceiro o bem perceptivel, sobredito se a significação *desregada* e *bauca*, ou mesmo quando, sem formar vocabulo algum, dá uma combinação pouco bella. »*

<sup>1</sup> Abstrahio-me de transcrever o exemplo dado por João de BARROS, porque, actualmente, o papel impresso o não soffereia.

<sup>2</sup> Porto, 1857.

<sup>1</sup> A este particular volvo na secção II, §§ 10-50.

São estes os exemplos, em que elle successivamente caracteriza estas differenças espécies uma a uma:

- « *Almas nobres quei* que fe partição.»
- « *Em Moza de cada qual se apresenta.*»
- « *Tens-mo go do odio, amor, hez os presonias.*»
- « *Uma moza emfimo se não do benta gente*»
- « *Vendo a sua 30 finda, o de si repõto.*»

Stembo Justo Brindes (*Cheoan.*, p. 224, n. 608), consisto a expocopiã no encontro de duas palavras, que produzi uma terceira, de significacão *nova* em *loz por Almas nobres. Isso todo. E de trina.*»

A definição do professor CASTRIMO discerne quatro generos de acrophonia: o dehomostico, o torpe, o ridiculo e o que se limita ao encontro de consozas asperas da mesma natureza.

E' como se os, e mais avoroso de todos os aquilatores da expocopiã, porque o proprio CASTRIMO, particularizando tanto, e legendando para a harmonia metrica, não individua a natureza das variaveis enumeradas pelo autor do tratado latino.

**SO.**—Fosse qual fosse, por, dessas definições a que se adaptasse, adiversaria a constituição entre as tres syllabas *soe* e *so*.

Focum elias, juntando-se, o verbo *partel*, que os lexiographos definem *partido*, ou *parto principal*. Não ha nella, ã de ver, associacão de lãras torpe, dehomostico, ou ridiculo. Não pouo se lhe não encontro de consozas asperas e da mesma natureza. Nem a *ta* e consozato aspera, nem ã mesma especie que *o*.

Não se poderia, a de mais, sem offensa do sensu commun, classificar entro as acrophonias um consozico, como *so*, do particulas, que o uso vernaculo associa normalmente em phrases de occorrencea quotidiana e indispensavel. Taes são:

- «*Por tel mozo.* *Por tel maneira.* *Por tel borma.* *Por tel ocito.* *Por tel arrie.* *Por tel propo.* *Por tel cumido.* *Por tel sacrificio* não vãta a pena. *Por tel deslejo* ninguém esperava. *Por tel crime* se fallamozon. *Por tel* designa que avelon a vida. *Por tel do doze* que lãram a fortuna. *Por tel principio* tal fim. *Por tel martyrin* o fizem passar. *Por tel proxiacão* o experimentou Deus. *Por tel benedicto* tal gratidão. *Por tel virãdo* tal morte. *Por tel amizo* não era de mais tal excessivo. *Por tel virãdo* tal morte. *Por tel heresimo* tal victoria. *Por tel crevãdo* tal galardia. *Por tel* affronta não morte. *Por tel inleza* só o desposo. *Por tel maneira* só a fora. *Por tel virãdo* si e cãdo. Como exhibir do box. *Encaromoz* o sappir, quando exaltãdo, taes expressões e antinomias?

São ãs de *part*, suscitãda em *partel*, ferida a acrophonia mais desses criticos, em fizãdoz lei o seu euophico, outras locuções vernaculas tem de se omitta essa, rotundãda. Pela mesma associação de síllab, jã nos não poderiam sevir ãs construcções organificãdas, em qua a propositio *por* antecede o verbo *lee* no infinito, e a esta se seguio o pronome demonstrativo *soe*, *so*, *as*, &c. Exemp.: «*Por tel visto.* *Por tel encontrãdo.* *Por tel desustrãdas (se ornatas).* *Por tel* aberto o consilio. *Por tel* o bedado (o negocio). *Por tel* respondido. *Por tel* o manacoio.» E, desta lãvera, innumerães outras phrases, em todas as quas se introduz um *partido*, ou mais *partidoz*, uma *partella*, ou varias *partelloz*, a saber, uma ou mais *concellon*, ou *partillon*.

**DO.** — *Is* em parve, que me poderia combater de que em relacão ao *so* tel *leza* dito. Mas não serã por demais accepcães as razões autorvoloz. Virei ãs ãs mais proximas desdo ãs mais remotas.

Os mais antigos monumentos do nosso idioma nos atreem a topologia constante dessa propositio e esse adverbio ã mutua consozãdo. Basta meuzar o *Lãdo Co. do deo* do rei D. BOVARR, para ver como succedendo consistencia e' ingenuo na moza fallar. Vejãmoz, na bella edicão de Roussier (Paris, 1842): p. 2, 51, 72, 102, 104, 179, 180, 186, 258, 290, 298, 351, 375, 395, 494, 492, 495,

414, 416, 351, 404, 416, 411, 395 (*por tel que*); 81 (*snoa* so tem *por tel*); 41 (*por tel maney*); 46 (*por taes* mustãncas); 118 (*por tel lãmoz*); 197 (*por taes* ayxamãtoz); 159 (*por tel lombãncas*); 151 (*por taes* fãrãs); 103 (*por tel sciencia*); 178 (*por taes* nas promõdo); 200 (*por taes* so um cãsoheoz); 311 (*por tel o cãsoheozem*).

«*Portal* viondo de maneira que não offenda os Deos.

Dizã Maria Dias, no *Auto do Bofofofo*. Vicesim., v. 1, p. 170, o o auto no *Auto do Almo (h.*, p. 194):

«*Er por tel*  
Me manda a vos ajudar,  
E defendãdo.»

Semelhançamẽto CAMOZ, nos *Lustados* (II, 51):

«*Cumprir* sem receio sem mandado,  
que a mãs *por tel* sculãor estã obrigãdo.»

FERNãO LOPEZ: *Cheoan. do rei D. Fernando*, c. 66 (Oava a outide *por tel* obra); *Cheoan. do rei D. João I*, c. 29 (*er tel* que sua fama crevesse); *ib.*, c. 43 (*er tel* que visã sua resposta); e 139 (*er tel* que suplantãdo impudico se pulso lãmar); e 140 (*er tel* que mossens); *ib.*, II parte, prof. (*er tel* que avelon que os bouzassãos); *ib.*, c. 183 (*er tel* que Deus e o mundo visso); *ib.*, c. 196 (*er tel* ajãdo).

DAMãO DE GONS, *Cheoan. do rei D. Afonso*, fol. 98 «*Por tel* o mandãdo *er tel* castigar.»

DEARTE PENES, *Cheoan. do rei D. João I*, v. 1, p. 340: «Nunca me concebes *por tel*».

FR. LEIZ DE SOUSA. *Vida do Arceob.*, v. 1, p. 15 («convindo-se julgãdo *por taes*); p. 34 (*er tel* tal foi depois mandãdo a Italia); p. 42 (*er tel* tal foi o propoz); p. 88 (*er tel* tal merecia); p. 120 (*er tel* taes mais); p. 132 (*er tel* o tãcho); p. 166 («se deixãdo *por taes*); p. 175 («conhecer *por taes*); p. 219 (*er tel* o oxlam); p. 234 (*er tel* tal fora a primeira); p. 312 (*er tel* tal deoam aquelle logar); p. 313 («conheço-me *por taes*); p. 340 (*er tel* so tom); p. 363 («conheço-me *por taes*); p. 369 («*er tel*); p. 387 («para a tocam *por taes*); p. 397 (*er tel* está venerãdo); p. 350 («obidozãdo aos que tinham *por taes*); p. 415 (*er tel* traço); p. 429 («*er tel* chonistoz); vol. II, p. 33 («*er tel* terra como esta»); vol. III, p. 45 («*er tel* so *por taes* os guardãntes. *Titul.* do X. Domingos, p. 1, §. VI, c. 21 («obãda maravilha, que *por tel* foi habẽdo»). *Annozãdo D. João III*, p. 100 (*er tel* tal maneira); p. 275 («*er tel* tal fora escolhõdo); p. 313 (*er tel* tal sidomoz que foi depois limitado); p. 349 («*er tel* o foi acompanhãdo); p. 343 («*er tel* tal habẽdo»).

JORãO FERREIRA, *Reflexão*, c. II, se. 2: «*Por tel* não te concẽdo»; c. II, se. 7: «*Por tel* a formoz Deuz»; c. III, §. 2: «*er tel* tal razõ»; c. V, §. 2: «*So* nos visamos *tel por tel*».

BARãO, *Monarch. Instãl*, v. 1, p. 59: «*er tel* *por tel* a canonisãm.»

VIEIRA, *Serão*, v. III, p. 206 («*por tel* ardoz); p. 290 («se vãndã *por taes*»; v. I, p. 205 («a que em tãcho *por taes*»; *ib.*, p. 208 («*er tel* a qualifica o utozo sagradã»).

M. BERNARDES, *N. Flor*, v. IV, p. 209: «quẽm o deixãdo de respitar *por tel*?»; p. 221: «um paralytico, que conheçãm *por taes*; v. II, p. 87: «que *por taes* reputããm.»

ANT. FERREIRA DE FIGUEIREDO, *Memorias de Livr. Portuguesã*, v. III, p. 398: «*er tel* do tãve lãmanã.»

FIGUEIRO REVILO, *Obras*, v. VII, p. 11: «Não o tãvo *por taes*; v. XVIII, p. 11: «conduçãdo *por tel* mazo; p. 82: «*er tel* o mais fallãdo»; v. XVIII, p. 8: «*er tel* o julgãria.»

RODRIGUEZ, A. *La Terãdo*. *Conselho*, p. 481: «*Apar* do que a Irelãdo não se tenha declarãdo *por tel*».

GABRIEL, *Obr.*, v. XXIII, p. 81: «*er tel* o apõzio o contra.»

CUSTODIA  
D. J. DE  
D. J. DE  
D. J. DE  
D. J. DE  
D. J. DE

LEITÃO  
CASTRIMO  
BRINDIS  
D. J. DE  
D. J. DE

D. J. DE  
D. J. DE  
D. J. DE  
D. J. DE

AGRA  
EXPRESSãO  
SãO DE

**OL.**

opostas  
colico, o  
concoi  
Xão sol  
desta

Mes o  
de a em  
desta  
portuga  
de mil  
de tolo  
com e  
de o du  
de o du  
sem  
bãdo.

**DE**

na lãvera  
no viciãdo  
de deã  
de deã  
de deã

A propo  
võz de  
culuz so  
suscãdo  
de hostã  
lãroz, sã  
hãro, sã  
pensãto  
de neqã.

CASTILHO, *Geograph.*, p. 205: «*por tal poste tora*». *Festas*, v. II, p. 145: «*por tal arbo a fillado*»; p. 170: «*por tal arbo llo linguellas*». *Festas*, p. 119: «*colheitas por tal arbo*». *O Acordo*, p. 143: «*por tal signal*». *Associação*, ed. 2da: «*Mas dispon-ha por tal arbo*». *Fidelidade pela lista*, p. 61: «*encaminhar as caixas por tal arbo*».

LATINO COELHO, *Orig. da Coroa*, p. 6: «*Por tal motivo*».  
CASTILHO JOSÉ, *Grã. do Acto de Am.*, p. 127: «*Por tal guisa*».  
CASTILHO, *Narrativas*, v. II, p. 157: «*hablariamur por tal feição o antigo com o moleno*».  
GONCALVES DIAS, *Poes.*, v. II, 203:

«*virgem ! virgem ! que o amor recompensa  
Por tal arte, tão dura e cruel.*»

*Obras Postumae* (S. Luiz, 1868) v. IV, p. 21: «*Por tal feito cahnô de tal modo em graça*».  
RAMALHO, *Holl.*, p. 277: «*Por tal motivo elle prevenia de antemão*»; p. 279: «*Por tal motivo*».  
M. DE ASSIS, *Poes.*, p. 11:

«*Que por tais gostos não vale  
Deixar os braços do Deus.*»

Agora estejam no caso, e se continuarem a recusar a essa expressão os lous de incomprehenfivel, é que se obcecarem no proposito do negar a verdade conhecida por tal.

DR NOTA

01. — Tambem esta ridicularia chibou nas primeiras criticas oppositas ao substitutivo. O inventor do selado riuzo muito do chiste, e como os pintores de retratos e paisagens que ninguem reconhecia sem a legenda explicativa, advertiu os amos da traça que *de dote vem a ser legada, e dotele o amoloso*. Não sei se os papalvos se puzeram a rir. E dahi riram talvez justamente da sensibilidade; porque ás vezes acontece darem os nescios para ter senso.

Mas o que sei, é que não distinguir sons tão diversos quanto o do e mudô na proposição *de* o o do e accentuado em *dôta*, é querer destrinçar uma lingua culta com a indigô africana. O ouvido portuguez não confunde, não confundira jama *ede* muito com *edô* muito, *ede* pouco com *edô* pouco, *ede* todo com *edô* todo, *ede* todo com *edô* todo, *ede* pasto com *edô* pasto, *ede* treguas com *edô* treguas, *ede* manso com *edô* manso, *ede* fio com *edô* fio, *ede* ordem com *edô* ordem, *ede* adios com *edô* adios. Ha phrases, até, em que os dois vocabulos se encontram juntos um ao outro, sem risco de confusão possível: *edô de livro*, *Dô de manso*, *Dô de baralo*, *Dô de vagar*.

02. — Se a criticante conhecesse a lingua, de que discorre, não lhe levaria a desaoberro e a risa uma construcção como essa, tão rigorosamente correcta e notoriamente vulgar. Não ha quem não phrasice: «*afitar de dote*», *Terre de dote*, *Esceber de dote*, *Alencar de dote*, *Reclamar de dote*, *Fallar de dote*, *Deixar de dote*, *Har de dote*, *Tratar de dote*, *Presindir de dote*, *Contrôto de dote*, *Escratura de dote*.

A proposição *de*, como é frequente em nosso idioma, faz ali vezes de *em*, ou *com*, correspondendo o «*de* de dote» a innumeros outros enunciaçoes de analogia feitura: *Har de alquell*, *Har de aferramento*, *Har de emprestimo*, *Har de parentia*, *Har de juizo*, *Har de festas*, *Har de esportula*, *Har de esmola*, *Har de renda*, *Har de troço*, *Har de resto*, *Har de quebra*, *Har de saldo*, *Har de lucro*, *Har de arara*, *Har de beneficio*, *Har de luvax*, *Har de premio*, *Har de estroia*, *Har de gratificação*, *Har de garantia*, *Har de graça*, *Har de boaruz*, *Har de torras*».

Agora, se ainda exigim autoridades, e não basta a do uss, a maior de todas, ali vou.

DUARTE NUNES, *Obra*, v. II, p. 38: «*Um lugar de dote o legitimo*»; p. 405: «*Que em log. e de dote homem*».

FR. LUIS DE SOUSA, *Ann. de D. João III*, p. 50: «*deveria el-rei considerar que o que dize de sua reza, como fono de dote, lieva sendo um genero de doteiva*». «*Aqui de dote e de do*».

RUBIAL BELTEAR, *Vocabulario*, v. III, p. 206: «*Muglia, por causa com cinco mil escudos de dote, foi chamada por almeida A hua doteida*».

*Id.*, p. 297: «*Casa com grande dote*».

HERNANDES, *Est. sob. a reza*, *Poe.*, p. 18: «*Precedendo a convencção preliminar de dote*».

E se, por se appropiar do vocabulo *dote*, houverem de incorrer em nota desfavoravel a linguagem de dote, outras, como limitações ou arremedillas da mesma palavra, haviam de merecer equal estigma.

Não seria heito, por exemplo, dizer *de dote*, *isso de dote*, *na mesma*, *companha* BRAZAVEL RIBEIRO (*Mas e Moço*, p. 21) houverem escripto e *de do* de mim, *e de dote*, no *Grão*, falando:

«*Ed em as oltas  
Nu caxo de dote que hospede não  
Teir á morala euana.*»

CASTILHO teria claudicado naquella verso da *Arte de Amar* (p. 33):

«*Dar nunca, mas fingir sempre tenção de dote.*»

Mau seria ainda, o exemplo dado pelo Dr. CAZEMIRO, quando, em sua *Grammatica* (p. 131), disse aos seus alumnos que o collo devia o homem ser *de dote* e *de dar* nomes aos verbos applicados. Emfim, da verso ao *Grão*, num dos seus trechos mais primorosos, o cunho de Margarida não faz na roca, deviamos expandir o verso onde se falla em *escolhas de boaruz*. Mas os seus dotes e razoes, essas são as mesmas que sobejam.

§ 11

Act. 17

PRIVADO

03. — Isto está o tallo philologico bubião pelas milhas objectos a esta *privado*. A son vez, é um vocabulo maior de toda a excepção. Diphtho não ler por nim a aspeccencia do tão respeitavel anturralho. Mas o seu desajoz não a ala as milhas reservas, que mantenho, e mantevi.

Em que dotes, como esta, de gosto e dignos assia, do officio, nem sempre será o melhor aviso o que pôde alucinar com razoes mais poderosas. Ah o que dotele com acerra, e do theto do anturralho, a experiencia do bom-soldo, não logrando, muita vez, estabelecer-se fundu noutro motivo que o seu proprio sentido, criterio personal, instintivo, e não raro, indemonstravel.

Não exposte a legitimidade veynuda do termo. «*Pessoa privada* é dote de *braso* no *Coro*». (*Dic.* IV, l. 1, e. 2.) *Voula* falla em *capella privada*, (*Id.* I, p. 72) o em *peçoa privada*, (*Id.* v. II, p. 131.) *Garant* (v. XXIII, p. 114 e 115) dá *salgoijos privados* e *evila privada*. ALEXANDRE HERNANDES (*Oppos.*, v. VIII, p. 47) escreve *evitales privadas*. E *evila privadas* occorrem LATINO COELHO, (*Uocaboll*, p. 280; *Urag. do Cor.*, n. 10.)

Esses exemplos, que diíferem nos annos do presbio a lictivo, fazem mas ao anturralho do illustre profes. or que o seu *excepa* do LATINO COELHO, o qual se refere a *familias privadas* *evitales chafes*. Sendo, com effeito, de mera snubabilidade o multure aqui

1 Ver o dote, *sup.* III, § 2º.

offendendo, não faziam a mesma impressão desagradável que o adjetivo em locuções como «vida privada», «pessoa privada», «virtude privada», onde o último dos dois vocábulos remeta a expressão da vida, comunicando-lhe o seu tom, as phrasas, como aquella de LUTWIG COLINGE, onde o participio activo do verbo *privar* seguido de um complemento, atraz delle se desliza ao ouvido. Ali não teria eu a repugnância, que sinto no outro caso, do mesmo modo como não repugnaria ao uso do advérbio *privadamente*, que me depara JOÃO DE BARROS no *Diálogo da Virgem Virgínia*.<sup>1</sup>

Nas locuções adjectivadas, o epitheto, que as utilisa, tem uma predominancia, que recorda a orelha do substantivo *privado*, com as suas accepções necessarias e actuaes, de escripta, commua, latrina, sentina, cloaca, retrete.» (MORAIS, *Dicção*.)

Não desistiu adiante a palavra da significação, com que a escrevia GIL VIENTE, na *Canção do Roberto*.

«Que não saiam da portada.

A enganar as ovidiosas.»

(*Idem*, v. II, p. 121.)

«E heita beta defumada,

Tajadeira da pripeira.»

(*Idem*, v. II, p. 121.)

Fazemo-nos a palavras do nome *privado*, com que suppoz respondemo-nos, não me resta o dr. CARNEIRO: porque não é a brejeirice do calço que toa mal o vocábulo. Mais de uma vez he accenta CAMILLO CASTELLO BRANCO essa pronomsia aborrecivel. «Entrava-lhe na *vila privada*», escreve elle, guplindo a expressão, se dizia que o substantivo era tão liepo como o adjectivo.» (*Historia e Sentimentalismo*\*, p. 142.) Noutro livro seu (*Viagem de Isonnia*\*, n. 7, p. 92) ainda mais expressivamente se pronuncia: «Diz que não me amosara na minha vida *privada*... O *privado* é elle e dello. He *excessivo* *privado*. Não he quero maior castigo que a regehão ante si mesmo do substituir caviliosamente palavras, para annullar um gracoço sujo.»

¶ 4. — Não era de estranhar que a accepção *lequinina* desse vocabulo acallase por destingir sobre os seus outros usos, o conspurcavel, quando palavras estremas dessa gressieira synonymia, outras correntes, vieram a cair em incompatibilidade com a linguagem dedicada, ou a ser prescriptas da circulação, por terem assumido ambiguidade accessiva a equívocos miliduosos.

Ningum actualmente *privado*, por exemplo, como os nossos classicos diziam, espião de boas pretas, «domo de grandes partes, não se podendo já recorrer a esse termo, na accepção de prelias ou boas pessoas, sem que se subtiliza e tenta, por não dar azo á malignidade. Outro especimen temos nas locuções *boa successo* e *suas successo*, que, vulgarmente, hoje, no singular, indicam um facto physiologico especial ao outro sexo. *Tetas* diziam dos seos da mulher os nossos melhores poetas, e noutro que presentemente só se applica ás lomas dos ammaes. Ainda não ha recordo de significo o deliramento pelo nome commum e específico do *parto*. Mas o verbo correspondente, que tantas vezes figurou em bellas escriptas de CAMÕES\*, e FERREIRA\*, que tantas se ouviram nos sermões do VIEIRA, com relação a Maria Santissima, que sem descaer ainda se volem os incomparavos traductões latinas de CASTELLO\*, desappareçou da linguagem delicada, e hoje, suscitaria essentialmente numa poesia,

<sup>1</sup> Ed. de 1755, p. 287.

<sup>2</sup> Porto e Braga, 1886.

<sup>3</sup> Porto e Braga, 1871.

<sup>4</sup> *Flaccia*, ode XI, (*Idem*, v. II, p. 117.) FERREIRA, *Idem*, v. II, p. 206, (*Idem*, a IV.)

<sup>5</sup> *Leis*, III, I, e em varias outras partes.

<sup>6</sup> *Obas*, v. II, pag. 163, (Part. X, liv. II.)

<sup>7</sup> *Meta-orphica*, p. 301 e em muitos outros lugares.

num discurso, ou numa sala. Ainda agora se falla no *aprisco da Igreja*. Mas quando não falta he queira dissesse como ACRIO FREIRE\*, o *curral da Maria*!

Item não tinha LAMARTINE, quando, oppoz-se á glorificação do *mal do Chateaubriand* por VICTOR HUGO, he advertia que «*les mots ont leur valeur*». Se os meus oppositores o não sentem á palavra, do que ora tratamos, applicarão. Será supererogatório dos meus sanções litterarias. Mas que lles lles-lhe fazer? Vejo que o *Braz Veloso* de MACHADO DE ASSIS não era menos delatado: duas vezes, nas suas *Memoiras* (p. 100, p. 262 e 263), refugou aquelle adjectivo, escripto e proferido a respeito de «vida particular».

Entrou em o *Braz Veloso*, e opinou que a linguagem do collegio civil não deve ser mais emplaceante com os clostros suspetios.

## § 12

### PREFERENCIA POR

¶ 1. — Esta apostilla do onerato professor é uma das laes, em que, não contento de me chachiar o substitutivo, se divertiu em me andar polverizando as notas.

Parece-lhe a elle que o seu desaproveitado alumno, dizem lo «a *preferencia pela* outra expressão, não «ho tacticoem lina verba-culada». A seu ver, o substitutivo *preferencia* não comporta a preposição *por*, senão somente a, *para*, de e *sobre*; para demonstrar o que invoca A. DE CASTILHO e LATINO COLLEJO, nestes dois passos: «A *preferencia de Maria* para as leituras.» «E' então que a *preferencia de antiguidade* apparece claramente, definitivamente.»

A ultima dessas duas passagens não se recommenda senão á censura, pela sua amphibologia. Não se sabe, de feito, ali, se «*preferencia*» é o sujeito, ou objecto da *preferencia*, se a antiguidade *prefer*, ou é *preferida*.

Do outro topico o que se segue apenas, é que com o nome *preferencia* cabo a preposição *para*, sem que dali resulte não llo caber tambem a preposição *por*.

O ilustre professor labora numa confusão, que buscarei desvanecer.

Os complementos indirectos do verbo *preferir*, e as exclamaes, não ha duvida nenhuma, a preposição *por*, exigindo a preposição a. Mas esta *nao vege então o objecto preferido*, senão aquelle que llo responde. «*Entregrararmos*», diz BLUTEAU, «e foram despojados de tudo, excepto daquella liberdade, que elles preferiam a tudo.» (*Vocabular*, v. VI, p. 691.) «*Preferiu a conservação da Republica á sua propria vida*» (*Idem*.) «*Em nima se preferir os mais*.» (*Idem*.) «*A materia do povo preferia a infamia que a llo impunha, os que recusavam defender a terra natal, os riosos gloriosos dos combates*.» (A. HERCULANO: *Estico*, p. 8.)

Com a palavra *preferencia*, porém, a preposição *curvari*, sendo, consante á especie, a, *para*, de, *sobre*, ou *por*.

Quando se occorre na poesia, que occorria a *preferencia*, será de a preposição conveniente. Dirmos, v. g.: «*Quas são as preferencias de de escriptor?* Em coisas de arte consulte o leigo as preferencias do entendido. Preferencias de ignorante tem autoridade.» HERCULANO disse: «*Era elle quem no meio das festas obtinha todas as preferencias da filia adoptiva da infanta*.» (*O Livro*\*, p. 17.)

Com os verbos *pedir*, *solicitar*, *requerer*, *pedir*, e outras similianças, a sentença reger-se-á com a preposição *para*: «*Pego preferencia para*» o meu projecto. Requeiro *preferencia para*

<sup>1</sup> D. João de Castro, II, 114.

<sup>2</sup> Ed. de 1900, p. 8.

<sup>3</sup> Ed. de 1890.

<sup>4</sup> Será lletta em português a consteção *pedir para* he, *pedir para* he, *pedir para* he. Sustenta as nossas melhores autoridades que não,

no agêdo de  
sento a xixvii

de a d'atragião  
pela que o  
no anton d'  
castigado do  
Vão que o  
pudido: dese  
ção agulha  
da.

emção de  
casos  
susceptis.

uma das  
tas, se, si a  
vorte

o, dizião e  
a boa a ver-  
dade compêa  
a; para denou-  
tar, e q'sta  
de, e q'sta  
de, dehi-  
tra-

cação sendo  
a d'it, ali, se  
a d'itigado

com o meu  
salle não he

ari das anco-  
as nos exco-  
a, a propozi-  
a, q'ello que  
am dispozi-  
am an a d'ito, e

de Rôpud a  
de ir, e os  
cais, e a  
tal aq'ũa  
os q'lorios

l'ardor, e  
cação, e  
de se não  
a produ-  
a l'eto e a

to que com  
a d'ito a  
das festi-  
a, a d'ito, e a

de e os outros  
o p' a: e a d'ito  
a d'itigado

de, e q'sta  
de, e q'sta  
de, e q'sta

o meu invento... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

1913. - *Professores*... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

... e a d'itigado... e a d'itigado... e a d'itigado...

da vir» (V. I, p. 347.) «Até o tempo dos romanos *correcção* os hespanhes do uso das letras.» (*Ortografia de B. que portug.*, c. III.) «Como também os romanos *correcção* daquella arte, assy *correcção* dos viciaes della.» (*Id.*, c. 53.)

CASIMIRO, *Obra.*, v. III, p. 31 (ed. VII):

«O falsissimo heresepe, que *correc*  
Da graça.»

*Id.*, p. 43 (ed. IX):

«Ben começa que o corpo assy peribido,  
Como de illustre humido  
Sórá de muitas heras consumido.»

FR. LEUZ DE SOUSA, *Vida do Arabá*: «Por outra mais que ordinária, e não *correcção* de historio.» (V. I, p. 16.) «Na Syria havia gente innumerable, que corria do lume da fé.» (*Id.*, p. 51.) «A do frei Volando *correcção* de tanta perfeição.» (V. III, p. 27.)

FR. ANADOR ARABÁ, *Diálogo*: «A gente que mora junto do Rio Ganges, porque *correc* da todo género de mantimentos, só do odor das mangas silveiros se cria.» (P. 29.) «Quando são ausentes, não os busca, quando presentes, não os obriga, apparelhado para sempre *correc* de bellas.» (p. 34.)

VIEIRA: «Experimento logo muito maior gosto em deixar o *correcção* dos meus bens, que experimentar antigamente em os possuir.» (*Sermão*, v. IV, p. 251.) «Vermos a sepultura, e *correcção* da sepultura» refere-se ao humão viciado (Christo) «o rigor mais lastimoso de todos.» (*Id.*, v. XI, p. 85.) «O sermão, que contém todo o mesmo corpo e sentido, foi instituido para dar vida eterna ao homem, porque *correc* da mente escuridade.» (*Id.*, p. 236.)

BENEFARDES, *Letra e Color*: «Festas e prazeres» que vão algures desbravando algum saber se, pelo exercício da caçidade, podem a vir a *correcção* totalmente.» (P. 31.) «Vida que *correc* do curiosidade.» (*Id.*, p. 53.)

CASIMIRO: «*Correc* desta infavel facilidade» da vista, e gosando-se embora da luz para desfructar e amar a vida, e vagar sendo-mulo pelo crequesmo numa região verde e florida, sem tratar com os moralizadores.» (*Id.*, e *Id.*, p. 402.) «*Correc* do vicio já ouido era grande virtude.» (*Primeira*, p. 137.) «... Se quem tal fundia não *correcção* do necessario labor e gesto, para o limar e bruntar á horaciana.» (*Id.*, p. 121.)

CAMILLO, *Quelada do Anjo*, p. 201: «*Correcção* do humo nacional estes homens.»

RAMALHO, *Bolanda*, p. 240: «Muitas das reitricencias dos criticos e dos analadores, que bem escripto sobre este assumpto, *correcção* de coerencia e de exactidão.»

Arabá, appellado para a proprio dr. CAVALHEIRO, que nas seus *Sermões* (p. 32) attribue ao vocábulo a sua própria expresso porem, dizendo: «Tudo esses reitricos exprimeitas pelos porem-proposições as començaram os latinos, na peltre porem-proposições, de que também tratam, é principalmente pelas deves casadas, de que *correcção*...»

104. Assim que a palavra não desava jamais da sua accepção genérica e tradicional. A outra, que passivamente se lhe enxertou, nasce de uma equivocação facilissima de explicar. Natural é que se *necessário* daquillo que se não tem, isto é, daquillo de que se *correc*. Baldo a tendença a confundir a *filla*, ou *correcção*, com a *necessidade*, ou *preciso*.

<sup>1</sup> *Id.* de Lisboa, 1871.

<sup>2</sup> O mesmo na sua *Lexiconum Philologica*, onde o de *Correcção* sempre com este sentido: o verbo *correc*, (p. 20, 130, 222, 263, 267.)

Quando Casimiro, por exemplo, escreve:

«Aquelles annos frus»

*Correcção* de calor, e as visões da «lira»?

quando pergunta:

«*Correc*: De eloquencia poleria

Quem do seu coração tratava os ploteos?»

allude á *filla* do eloquencia no orador e á *filla* do calor no anno. Mas, nuno e noutro caso, o prito da phrase igualmente se adaptaria a *necessidade*, que se tem, da eloquencia, para advogar os ploteos do *correcção*, ou do calor, para fundar a terra, e se poderia tomar neste sentido a inflexão do verbo *correc*, empregado aliás em diversos. Logares ha, em que essa confusão, relativamente moderna, se causa de caberem no mesmo passo os dois sentidos, ficando-se por saber ao certo se o escriptor cogitou de um só, ou com tempo se occupou: Ainda que se não inventaram senão meudo, senão o anno, senão o dizimo dos signos (ortographicos) de que se *correc*, já esse facto sendo, no cabido artistico de quem escreve, um bom augmento.» (Casimiro: *Canções*, ed. de 1819, p. 184.) Destacado se abreu emulho a uma variação do significado original, na qual nem todos os competentes collocaram.

O padre Vieira circumscreeva precisamente a função do verbo *correc*, discernindo-a da *accider*, quando escreveu: «os que cuidam que tudo sabem *necessita* de mais advertencias, porque tiram mais torpemente, por isso n... lam de mais conselhos, porque presunção que de nada *correc*, enguira em que os mais advertidos tropeçam. Os mesmos bens *necessita* de uma intelligencia, que os mova. O sol, principio dos astros, *necessita* de maiores planetas, que moderaem sua intensão de raios. As estrellas *necessita* dos raios do sol.» (*Obra*, *Letras*, v. II, p. 169.)

105.—E é oportuno é oppor-se esta ampliação de sentido, propugnada pelo grammatico italiano, a obolo do verbo *correc*, que, embora o troquem por *necessitar*, ou *precisar*, ao seu substantivo *correcção*, ainda que não logramos imprimir outra accepção que a do *filla*, ainda he não conseguiram dar furos de succedanea a *preciso*, ou *necessidade*, desde Casimiro até Eça de Queiroz não torceada o vocabulo da sua opposição original. «A utilidade da maioria dos collegios, eserevia, ha quarenta e oito annos, o primeiro desses escriptores não provido toda só da incapacidade intellectual e moral de quem os dirige, mas tambem de sua *correcção* de haveres.» (*Id.*, *para* *Id.*, p. 50.) E vai por dois annos apenas que o seguinte, cingido so ás tradições do vocabulo, fallava, na *Obra de Ramires* (p. 253), em *correcção* do bellas e graças. Assim que de *correcção*, com a applicação correspondente á do seu prelado opulento a obra o verbo *correc*, não me parece haver exemplo. E o substantivo restituído á bastarda da applicação, que amolaram o verbo.

106.—Não se não em dúvida que os vocabulos possam variar, mas sua idioma adoptivo, da accção que tinham na sua lingua de origem. Do phenomeno do vicioz no ha quem não saiba. Trezentos annos antes do professor GARNIZO já Duarte Nunes de Leão, na sua *Ortografia e Orthographia da Língua Portuguesa* (v. III), ostentava opulente estas transformações, essas obliterações, essas multiplicações do sentido original, nas palavras: que do latim naturalizámos. Mas tola agulha emulho não colle para o caso; visio como ainda na mestra na lingua, entre os quas passa por inadmissivel a synonymia entre *correc* e *precisar*.

A ella oppoñ tomazse embugos o sr. CARLOS DE FIGUEIREDO, sustentando que não é procluzna; e que tomar o verbo *correc* na accepção de *precisar* é vicioz; que *correc* de só se pôde empregar,

<sup>1</sup> *Id.*, v. II, p. 10

<sup>2</sup> *Id.*, p. 411.



as formas de transição que mediam entre esse idioma e o mesmo, etc. (Luz, p. 112). Não se trata de uma obra de ficção, mas de uma obra de crítica literária, de uma obra de crítica literária, de uma obra de crítica literária, etc.

Não tanto estabelecer o facto, ainda assim, mas os fundamentos, não fazer tão pouco, ainda nos discípulos amados. Entre os prosopopeias e a prosopopeia, não há mais diferença, e a prosopopeia, que se trata de prosopopeia, não há mais diferença, e a prosopopeia, que se trata de prosopopeia, não há mais diferença, etc.

§ 15

Acto III

— EN QUE ESTABELECE O LAO

AVANÇADO

106. — Resava, neste artigo, o projecto da commissão dos vinte e um, antes de se dar a conhecer. A natureza e a natureza civil da pessoa natural e o lugar onde elle estabelece o modo de existir a sua existência.

A natureza, a natureza civil, a natureza civil da pessoa natural e o lugar onde elle estabelece o modo de existir a sua existência.

Substitui, pois, onde se trata de ella estabelecer por estabelecer.

Das correções, que, neste artigo, se fizeram, não mencionamos, apenas por serem de texto.

Senão, dizem-nos: que a vantagem de o que sobre o qual a vantagem do estabelecimento, e o que sobre o que.

106. — Onde o adverbio especialmente destinado a significar o lugar, e o que.

— Entre o remota e o o de um estado, onde elle se dá como o nome a vida.

(Luz, II, 12.)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

\* Ali, onde se estabelece, (p. 112, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)

— E, no posto de, (Luz, p. 112)





Quem na voz do trovão longe ressoa  
..... 68 lã.  
..... gême dos astros  
Górgias a harmonia.

(O. DIAS : Poesias, p. 160-61.)

112.— Designa a gramática esta maneira de construir pelo nome de *atracção*. Não faz, porém, deste nome privilegio reservado exclusivamente a tais casos. Antes o entende a todos aquelles, em que essa especie de sympathia ou *harmonia* verbal impede a buscaer nomes ou outras certas partes do discurso; do sorte que entre os grammaticos latinos e gregos se falla na *atracção* do sujeito para o caso do relativo, na *atracção* do pronome para o genero e numero do predicado, na *atracção* do gerundio, na *atracção* do verbo infinito para o finito, na *atracção* de *passiva* para o caso de *suas*, na *atracção* entre o verbo e o attributo, na *atracção* do dnamativo e do relativo com o attributo, na *atracção* entre este e o superlativo, na *atracção* inversa do relativo, na *atracção* modal, enfim, por cujo effeito, no latin, certas proposições subordinadas tendem ao subjunctivo, e, no grego, certas proposições temporales demandam ora o optativo, ora o pretérito do indicativo. (REV. A *Grammar of the Latin Language from Plautus to Suetonius*, ns. 1,667, 1,668, 1,374, 1,784, 1,251, 2,288, 1,649, 1,369, 1,435, 1,677, 1,669, 1,357.—RIEMANN e GÖBLER: *Grammatica Comp. de Graec et de Latin*, ss 25, 27, 28, 31, 32, 693, 694, 421, 596, 617, etc.)  
Longo, portanto, de ser, como tem para si o dr. CARNEIRO, designação especifica á modalidade grammatical em que o duto philologo a circumscrive, e o nome commum a todas aquellas, onde se nota esse mesmo pondor entre dois elementos da oração.  
Ora o caso, em que a empreguei, era um destes.

§ 16

Act. 182, § 89

113.— Apezolla aqui o professor CARNEIRO vem o pron

§ 17

Act. 182, § 111

114.— Aqui tambem opta o illustre professor em que o texto, se deve redigir conform a minha proposta,

§ 18

Act. 187

DATAR EM

115.— Neste lanço puzo o dr. CARNEIRO outra vez de visto o substitutivo, para li restillar erres nas minhas notas.  
Mas, ainda aqui, não se salti bem do intento.  
Averbando-me do errouna a expressão *datar em*, e o me tre quem ora, *Datar de* o que, a seu vez, estaria conforme á regra. De que se diz *datar de* não haverá, creio eu, quem não saiba. Para trivialidade tão supla, cessava-l'pelo de tamanha autoridade. Entretanto, não será equivoquo correpta a expressão *datar em*?

Não sobre duvida que sim. Mas des, até seria a preferivel, se livrousemos de consultar antes a exacção que o uso.

De onde nos vem *datar*? Da palavra latina, exactamente *data*, data, plural neutro de *datum*, participio passado do *dare*, dar. (LITTLE, v. II, v. *dele*.) *Datus*, onama WHITNEY, — é a moção do tempo e lugar, chamada assim do latin *datum*, *datus*, por ser a primeira palavra da nota costumada, nas cartas e documentos, para

indicar o sitio e a epoca, em que se fazera, ou expellim com, por exemplo, *datus Romae, datus in Romae* (em tal dia).

Assim, FULCINI: « *Datum*, adscriptum in fine epistolarum, significat tempus et loco, quo epistola data, seu scripta est. (*de data*, » (*Thes. Latinitatis Lovani*, Ed. De-VIR. 1861, v. II, p. 371.) E o que se pode ver, por exemplo, em *Leges, Ed. Romae*, I, XIV, l. 7, 8, 12 e 23. Todas essas cartas findam com a formula *Data*: « *D. VI. Kalend. s. Idus, Martii, s. d. II. Idus. Junii, s. d. IV. Nonas. Junias, s. d. prid. Nonas. Novembri, s. d. pridus. Idus. Sept.* » Kontu hoje 12. Q. Fe. 16 se enconterá: « *Accepti sunt litterae Latus Placentino.* » No Cod. Theol. I, 21, l. 1, vemos: « *Datum pridie Id. Febr. Constantinopoli Theodosio A. III.* »

LITTLE e WHITNEY não advertiram, pois, ao que já dissera o nosso MORAES: « *Dato* (do lat. *data*, *datus*, tem, do *datus*, *dabo*). O dia do mez e anno que se põe ao principio, ou no fim de uma carta, contra-b. lei etc. para mostrar a epoca, em que foram escriptas e aserradas.

A *data* de uma carta, de uma escriptura, de uma obra outra em a modo, pois, que a occasião e a l'ualidade em que são *dadas*, isto é, em que se os comman, entrando-se no seu destino. Não é, portanto, a proposição *de*, mas a proposição *em*, a que naturalmente l'uzinava.

Logo, se *datata* quer dizer *dada*, assim como se diz *dato* em tal lugar e em tal em, *datata* em tal era, o tal lugar é o caso se diria mais exactamente a origem e significação da palavra.

Dizemos-lhe pois, a accepção *etymologica* e consideremos na seu sentido *actual*. Como entendemos *pa dar data*?

Pôr a data. E *pa dar data*? A moção da epoca e do lugar, em que se obra uma acco, ou se faz um escripto. Logo, *pa dar data* é *intercorer a data*; *pa dar data* é a especificação do tempo em que e lugar onde se pratica um acco, ou se fazera um escripto; *pa*, por outro lado, a proposição *em* em que, de sua natureza, commo em si as funcções de indicar o tempo em que o lugar onde, logica e grammat. realmente esse era a proposição *de* que a *vereda* do verbo *datar*. De quando é a data neste papel? De maio, anno 1800. De onde? De Londres. Logo, foi *dato* em, isto é, *receder a data* em Londres, no anno de mil e novecentos.

Entre os bons escriptores não faltam exemplos a isto consans. « *Deante* no Riqueza X dias do maio. *Dado* em Santarem XIII dias etc. » são duas formulas classicas do *datar*, cullidas por João Ribeiro entre antigos documentos portuguezes. *VEZES 1861-62*, p. 85.) Em BALEATE, já com a palavra na sua forma actual, se nos depara: « *Essa a data* em Villa Vieosa, etc., a tantos de outubro. » (*Vegetario*, v. III, p. 15.) E ainda: « *O dia milésimo antes das calendas recedi* duas cartas vossas, que eram resposta a duas milhas, mais, de que a *data* era em quinze antes das calendas, e a outra em *dozo*. » (*Id.*, p. 15.) *Essa* aqui, tem seu sabo, equivale a *na*.

O dr. CARNEIRO teria corrigido: *dato* de Villa Vieosa. A data do uma era de quinze dias antes; e a outra, de dozo. Mas já se ve que não tinha fundamento, para corrigir. O que teria apenas, era l'ruar a phrase mais cl'astica e mais justa na mais vulgar.

116.— Querer da habitualidade no uso de uma forma grammatical, no emprego de uma preposição, inferir a inapplicabilidade grammatical de outras, é metter-se em risco de frequentissimas erros. Toda a gente, por exemplo, usa o verbo *deser* com a proposição *de*, e, não obstante, GASTRINO ANTONIO escreveu: « *Deserado* em Riocho, ainda não bem canonizado, não *deserem*, emtanto, em outras divindades. » (*Idiosyncrases*, p. 301.) Porque? Porqu essa forma conform igualmente aos elementos conerentes na composição do vocabulo. No *deser* das se attenda á função privativa do prefixo *des*. No *deser* *em* se ollia ao regimen natural do verbo *er*, predominantemente na formação do seu derivado.

• Nota off. Rio de Jan., 1892.

• *Dato*, substitutivo, que hoje, mudado o em t. lizenta *data*, por se refermos a origem latina mais que a portugueza. » BUNSEN, II, 112, 10. « *Incrementamento de ordenades, a dato* de queros. » A. PACHECO, no Vocabulario: *Episodo da Ling. Port. Menor*, de *181*, *Portug.*, v. III, p. 193.









curvava e morre eterna. » (Bald.) « Incerremos a desapprovação o riso. » (B., v. IV, p. 274.) « Por não *incerear* nada de inzardo, quero antes vir affrontado na patria. » (VIOLA: *Carlos*, v. II, p. 65.) O mesmo emprego em M. BRANCO: *N. Floresca*, v. II, p. 121, 178, 245, e no *Leal Conselheiro*, p. 122.

*Indeferente*. « Vemos sair da boca d'aquelle homem, assim naquelles trajes, uma voz muito affectada e muito polita, e logo começo com muito desgosto, a que? A motivar desvelos, a acreditar empenhos, a regular lincozas, a lisongear precipicios, a *indeferer* o espirito. » (VIOLA: *Suzanna*, v. I, p. 276.)

*Vitar*. « Oito mil homens eram os que siliaramão tão parte s, e depois de não abalutissem embelezados, depois de se não revolvarem a bateria, depois de rebulvirem duplicados assaltos, tudo-lhes levô um caso grande parte de tão pouco nomes, primeiro desprezaram a morte, segundo sor cesados, do que contentaram a vida acediau pacidos. » (B., p. 313.) « E, *coendo* a cortina do muro, a langu sobre os muros. » (A.C. PARRER: II, 148. E assim A. 124.)

*Resistido*. « *Voluntas resistit*, mas não se *podem vencer*. » (B., v. II, p. 302.) « *Resistit* esta injúzia. » (B., p. 111.) « Em todos os armazens do Deus se não acabaram armas, com que as *resistit*. » (B., p. 271-2.) « Hoje, porém, vê-se o dedo do Deus resistido. » (B., p. 275.) « Assim *resistido* Christo... » (B., p. 246.) « ... que não *podem resistit* as mesmas pedras. » (B., v. II, p. 310.) « Não *poder* seu coração *resistit* o sentimento. » (B., v. 32.)

« Nunca *tu resistido* o tão veniaça se viu a fortuna tua. » (B., v. VI, p. 114.) « Resistit contra injúzia. » (B., n. 162.) « Por isso o *desceus resistit* com todas as forças. » (B., n. 214.) « Tão valerosamente *resistido*. » (A.C. PARRER: II, 148 e 154.)

« Crês tu que já não foram levantados  
Contra seu capital, os *resistit*. »

(LUSTAD., V, 72.)

« Enquanto é fraca a força d'ista gente,  
Ordena como em tudo *se resistit*. »

(B., VIII, 59.)

*Sucedor*. « Rui de Pina o *sucedor* no officio. » (BARROS: *Dec.* II, II, 1.) Igual emprego usado: *Dec.* II, II, 2; III, II, 6.

*Obdução*. « *Venuda* o *obduco* como a sonhor. » (DUARTE NUNES: *Cron.*, v. I, p. 191.) « Mais que todos o *obduco*. » (B., v. I, p. 122.) « Aquelles homens, tendo a Sua Alteza, que era seu rei presente, o *obduco*. » (B., p. 361.)

« Aquelle pobre alto, que forçado  
Os deuses *obduco*. »

(GARDIS: *Obs.*, v. IV, p. 88.)

*Riz*. « Quanto mundo *al riz*. » (FRANCA: *Obs.*, v. II, p. 67.) O mesmo é p. 79, III, 132.

*Alterco*. « O mais celebre e mais *alterco* problema que nunca houve. » (VIOLA: *Serm.*, v. V, p. 42.) « Era ella... a mais sã... p'os quesões que *alterco* com o mesmo Craisto. » (B., v. VI, p. 212.)

*Correspondente*. « O amor de Jonatas obrigou a alma de Davyd a que o *correspondesse*. » (VIOLA: *Serms.*, v. VI, p. 197.) Outro sim. *Carlos*, v. III, p. 75.

*Mostrar*. « *Penhamos* o exemplo nas amizades, affectos e correspondencias que no mundo se usam, e também nas que se *abuzam* fora do mundo. » (VIOLA: *Serms.*, v. VI, p. 204.)

*Mover*. « *Mover* uma morte ordinaria. » (B., p. 281.)

*Constituir*. « supponho que difficilmente virá o parlamento de Inglaterra sem *constituir* a armada para a armada neste anno. » (VIOLA: *Carlos*, v. III, p. 186.)

*Comprezar*. « *Parvizo* lhos que o *comprezarão*. » (BARROS: *Dec.* I, I, 1, e 2.)

*Polvar*. « O amor a essa da vista, e os olhos o *polvarão*. » (JOSÉ FERREIRA: *Eufras.*, I, 1.)

*Vaguardar*. « *Vaguardar*, *visto* a sua vila osbucramentos. » (C. CASTELLO BRANCO: *O General Carlos*, livro, p. 31.)

*Desovar*. « A memoria hebrana e llo desova a fronte. » (CASTILHO: *Erecações Politicas*, p. 37.)

*Indiferer ajuda*. *Acesso*. (BIZCAYANO: *Monjo de Cid*, v. II, p. 72.) *Gracer*. (GIL VIC, III, 283.) *Defino*. (FELIZ, v. I, 33.) *Disputio*. (FRANCISCO DE CASTRO: *Prospetivos*, v. II, prefacio.) *Lanzajoje*. (CASTILHO: *Post*, I, 153.) *Novofoger*. (CASTILHO: *Coloquios*, p. 151.) *Reaquejar*. (CAVALLEIRO D'OLIVEIRA, II, 271.) *Zambor*. (JOÃO DE BARROS: *Dilog.*, p. 276.)

*1.º* *2.º*. — Não são mais correntes que estas na voz activa os verbos *desejar*, *deterer*, *incerear*, *indiferer*, que, entretanto, o professor CARNEIRO COSTA não julgou de tudo empregáveis indifferentemente no modo de *passivo*, e de *passivo*.

A accommodação transitiva do verbo *desagajar* que se receve, não sei por que origem, no grego, a nota de *repulsa*, como se aveteu do século XVII.

Mas será mais novo Rui DE PINA, que já em 1497 succedea a Vasco Fernandes no cargo de chromista-mor, e cujos trabalhos historicos estavam concluidos em 1504?

Talvia, é com o seu nome, com o nome deso *quinhentista*, que o dr. CARNEIRO attribue ao verbo *latrão* a forma transitiva, empregando neste exemplo do velhissimo chromista: « *Atraz dellos vinham os outros mozaes, que os *latravão* indolidos. » »*

Será, pela ventura, JACINTO PARRER posterior ao seculo XVII? Não o autor da *Vila de Lado de Castro* nasceu em 1595, e fallou em 1634.

com elle, não obstante, é que o dr. CARNEIRO moderniza a forma transitiva de *cozer*: « *A minha coza coenendo estampido coza pelos arcos toda a face do muro.* »

Ru do mim não *resistit* nem um nem outro dizer, porque vejo na restauração das forças antigas, immemorialmente abandonadas pelo esquecimento, um dos meios mais legitimos de renovar a lingua, e lhe promover a riqueza. Certo é, porém, que não está em maior distancia do uso actual que o servirmos nos transitivando dos verbos *latrão* e *cozer*.

Mas o meu velho mestre hateria as palmas se eu escreviasse: « Os explosivos americanos *coziam* pelos arcos a signada hespanholica. » ou redizisse: « Os *torrejos latravão* o genio dos homens superiores. » Estas sim, que são, a seu juizo, locuçõs do seculo XX, posto o seu resurgidor não vingasse abunar-lhes a modernidade sem com escriptores do seculo XV e XVI. Em verdade não se pode aberrar mais desprop sitalmente da evidencia e da justica. Desdenham-se, poraheicas, expressões do seculo XVII, para se recomendam como novas, locuçõs do seculo XVI e do seculo XV.

Ainda bem que uma coisa, ao menos, não poderá esquecer o illustro philologo italiano: não conseguirá esquecer que os escriptores de VIOLA, MANUEL BERNARDES, LUENA e F. LUZ DE SOUZA são menos antigos do que os d'obra do JAENITO PARRER e Rui de PINA. Ora VIOLA disse:

« *As trez* por mais nobres namoraram-se da luz; e as *óvas* como mais brutas a luz as *desagajão*. » (Obras *Inéditas*, v. II, p. 110.)

<sup>1</sup> Porto, 1851.

<sup>2</sup> Rio de Jan., 1846.

<sup>3</sup> Neste exemplo fica em complemento objectivo a pessoa, a quem, em *cozer*, *latrão*, e em *desagajar*, a coisa, ou o *jarco*, que se *latra*, é a sua faz do complemento directo. Assim escreveu BARROS, I, III, II: « *Antes latravão* coze, *requejar*. » Nesta segunda forma *cozer* *latrão* *cozer* não naturalmente a voz passiva do verbo *latrão*, e não *latrão* *cozer*, em *cozer*.

BERNARDES escreveu:

«Heve com diligente e generoso cuidado procurar *agradar* o em tudo.» (*Nova Herculina*, v. IV, p. 358.)

LUCEÑA redigiu:

«Mais os *agradava* a innocencia daquelles meninos que tolas as riquezas do mundo.» (*Vida de S. Fr. Xavier*, IV, 20.)

SOUZA construiu:

«Só porque vos parece que o *agradava* a mim.» (*Hist. do S. Domingos*, II, 5. 5.)

E aqui temos outro exemplo de appellido egual:

«A vontade em pureza de intenção de *agradar* o em tudo.» (Cruzadas: *Officio Espiritual*, tom. II, p. 276.)

E do seculo XVIII, o *uso do verbo de verbo*, o *Vocabulario de Diccionario*, que encontramos, alli cunha:

«*Agadalar*, tambem algumas vezes se costuma com accusativo.» (Vol. I, p. 191.)

Não diz *de construo*, mas se *custuma*. Logo, não explicou com o seculo XVII o uso do verbo *agradar*, ou *de-agradar*, como transitivo.

Muito menos ainda se poderá inscrever no seculo XVII o *Dicionario Portuguez de Fr. DOMINGOS VIEIRA*, compoisto e publicado no lousino quaril do seculo XIX. Ora, nesse moderno repositorio da nossa lingua, o autor, depois de inscrever, em artigo especial, entre os vocabulos antiquados, o verbo *agradar* na accepção de *agradar*, «passar a grado á terra lavrada e semeada», diz, no artigo subsecente:

«*Agadalar*, v. r. Apazcar, contentar, satisfazer, deliciar, encantar, adular, divertir vontades, bom parecer.»

«Conhece o rei, que o desparanpa cheio

Com longuinho amor sabe *agradar* o.»

(MAN. THOMAZ: *Invenção*, c. VI, est. 1.<sup>a</sup>.)

Traz no rosto da obra o titulo de *Conspiração* o *Dicionario do ALFETE*, declarando, além, na exposiçáo de seu *Plano*, ter sido o intuito do autor coordenar uma vocabulario, que represente a lingua portuzguesa. «*Como ella é heterogenea*» (P. II.) Se recordamos os vocabulos archaicos, e notando-os sempre, cuidadosamente, com a menção de *antiquados*. Pois bem: tal intento não proceda alli á forma transitiva do verbo *agradar*, por elle, não só especialmente consignada, sendo recommendada tambem com este exemplo:

«Mais os *agradava* a innocencia daquelles.»

Por que não será, pois, de imitar essa maneira essencialmente vernacula, abonada por autores como VIEIRA, BERNARDES, LUCEÑA e FARI LUIZ de SOUZA? Por que refugaria o uso do verbo *agradar* como transitivo quem admittie como transitivos os verbos *deliciar* e *adular*?

## § 21

### QUERER A

123.—Outra vez entra aqui o meu velho mestre pela minha exposiçáo preliminar de substitutivo, por se deliciar no prazer das obras do cardeal, castigando os creouros de uma ignorante. Mas era mais natural ao espirito christão, como ao amor da verdade, não se dar pressa em figurar ignorantes, quando, para elles evitar a hypothese, bastasse á critica uma peneira de equidade.

A estampa typographica apresenta assim uma phrase minha: «*Querendo* com amor o idioma que fallamos, meu carinho habitual por elle naturalmente me levava a encicar com cuidado esta face do assumpto.» E' o mesmo caso do reparo antecedente: a inadverdade d'isto do e. Imprimiu-se o idioma, onde havia de ser «o idioma». Quem quer que haja experimentado o rever provas, saberá com que facilidade escapam essas differenças de letra aos

olhos mais adestrados, sobretudo aos do proprio autor, que, lendo no seu pensamento, culha amante ter visto no impresso o que apenas lhe estava na idea. A imagem mental, ou sua forma correctã, occulta e substitua aos olhos do viscripôr a incorrectã reproducção no trabalho da officina.

Não ha, com effeito, vezes mais correctas na lingua portugueza que as do verbo *querer*: n. sentido vulgarissimo de ter affecto, amor, amizade, ou aversão: *querer bem*, *querer mal*, ou simplesmente *querer*. O bem, ou o mal, que se quer, é, nesses casos, o complemento directo do verbo: de sorte que a pessoa, ou coisa, a que se quer o mal, ou o bem, representará necessariamente um complemento indirecto. Em faltando, portanto, o complemento directo, nas phrases cujo termo elliptico o subentende, a situação grammatical da coisa, ou pessoa, a cujo respeito se cogita em exprimir a disposição de animo do agente, não mudará de natureza. Assim que diremos: Quero bem a Pedro, Quero muito a Pedro, ou, suppho o complemento directo: quero o Pedro.» Mas tao correntã é, de trivialidade tal esta syntaxe, que a generica, não alqueirado nas primeiras noções do phrasico patrio, já não a notava, e com ella se familiariza. E é de não saber com isso em verdade que me suppe capaz o meu bom mestre.

Mas, quando eu, para não desbater a esse ponto o que meus pais me ensinaram ao balucear os rudimentos da nossa lingua, não guardasse um resto de memoria, devia ter a audição quillizana das nossas maternas e a quillizana fido das nossas escripturas. Tho longo está desse entranhamento allã a minha memoria, que ainda me não esqueci das palavras com o seguinte: mestre FARI OFFERDA, ha doze annos, os seus *Seres Grammaticos*: «A sr. sr. RUY BARBOSA, em testemunho do muito que *de quer* o do muito em que tem o seu elevado merecimento, escreveu o autor.»

A linha, em que se ella encolvia, devia gravar-me indelivelmente na memoria a *língua portuzguesa*. E pois o commo exa dos bons escriptores, que sempre me captivos das memórias, sob o influxo do modelo paterno, estava duramente a me trazer os olhos a syntaxe habitual do verbo *querer*. Ouvira eu dizer no CANGÊS:

«Que saaz do mal *de* quero, pois que o amo.»

(*Latinal*, II, 40.)

Ouvia ao CASTILHO as duas accepções do verbo *querer* altamente discriminadas p'los seus dois estylos grammaticos: «*Querem* os tolos, e *querem* os todos.» (*Teogonia*, p. 6.) Ouvia-lhe o versar nas traducções do OVIDIO:

«Pasiphne mesma, a bella, a senhora, a real,

Suspirava, por elle, e *thes* queria mal.»

(*Art. de Am.*, v. I, p. 22.)

Annos depois lhe ouvia, no *Leanto*: «Hoje *me* quero mal.» (P. 26.) «E' toda o sujeitoinho; e *quer-lhe*: *quer-lhe*.» (P. 27.)

«Mulher *ques* sempre ao mais no to;

Plie-be ao da ultima hora.»

(P. 248.)

Ainda mais tarde lhe escutava, nos *Valloquis Adivões*: «Não falta por já quem *de* *querer* mal.» (P. XI.) «Convencidos bem do quanto elles se *querem*, para *tes* *querer* os egualmente.» (P. 2.) «Só *quer-lhe*, *quer-lhe* muito!» (P. 26.) «Não tens tu entendimento que abraça a França, conção que basta para *de* *querer*» (P. 35.)

124.—Mas, quando a esse continuo repetir de locuções tão insusnes me fôra insensivel o ouvido, ou de todo infiel a lembrança, ou em houvora adoptado voluntariamente a forma *syntactica*, de que me interpeam, não teria caído em erro. Dos mais antigos tempos da nossa lingua aos mais recentes, varios exemplos testemunham que,

compagando muito menos usado, não era, nem é totalmente defeso o emprego-se transitivamente, na aceção de que se trata, o verbo *querer*.

Tome-se, de GIL VICENTE, uma das suas últimas farsas, o *Auto do Loureiro*. Pretende a heroína exprimir sua afeição a Portugal. Poderia, pois, dizer que *ella quer*, quer a Portugal, e, colatim, diz:

« Portugal, senhoras, quero.»

(*Obra*, III, p. 298.)

Na *Comédia da Coisa*, em ANTONIO FERREIRA, a criada e a cortezã conversam do seu amor pelo outro sexo. Embora lhe collocem a malta, malicias e maldade, não cessam de *tre querer*. As fofocas querem sempre, a despeito de tudo; mas não fallam em *tre querer*, senão em se querer:

«... Mas são os homens. — Ty Faustino, que te dizias em Aprender a fazer as coisas, pôs-nos a *tre querer* a todas. Sempre do bofocão tre que parvoas, em *tre querer*, e dos outros.» (A. III, s. 2, 652, v. II, p. 463.)

Alé aqui o fallar ao povo. Agota o escriptor Lacerda e erudito, e plausado astuto das hierarchias e a lingua harmoniosa dos poetas.

No exercicio do titulo do *Leilão Constitucional*, dedica a regia a poesia do tel D. DAVREIRA, em duas *baladas* de dez e dezessete versos:

«Bemquerer he um geral nome que a todas pessoas que mal não querem, po lousa bem dizer que *ella quer* aos bom.» (P. 217.)

«... das redondilhas de CAMPOS estes versos:

«... Medicina, bende maneira  
Que ainda não venia a ser.  
Pois não *queris* quero, vos quer.  
Que *queres* quem vos não queira.»

(*Idem*, v. V, p. 67.)

Mé antes delles escrevera JOÃO DE BARROS, nas suas *Decimas*:

«... Ver ante si D. Garcia do Noroeste seu sobrinho, que elle muito *queria* por suas qualidades.» (II, VII, 2.)

ANTONIO FERREIRA, com a mesma syncope, versou:

« Negro-me touro Apollo, Pallas negra  
Tou bom fervar e sprito, se ou *mei quero*  
Aquelle finginho bom, que bem se emprega.»

(*Art.*, I, 8. *Obra*, v. II, p. 53.)

Na *Amarelleza* *Libello*, de FR. BERNARDO DE BARTO, se me cõtreve este linca:

«... Neste lugar onde foi o primeiro homem creado e levou Deus a sua delitosa jardim, que plantara, fazendo-se parreiro da melhor cõsa da terra, para que a vista de tão grandes benedicos lhe estralisse a cabeça a *querer* *querer* o cõtra.» (V, I, p. 5.)

«... Tão lousos estes exemplos se emprega transitivamente o *querer* como significação de *amar*, nã que ANTONIO FERREIRA, em FERREIRINHO, do *201 Espelho da Leitura Portuguesa*, regista entre os padroes classico da nossa vernaculidade. (*Memorias do Laboratorio Portuense*, v. III, p. 214.) E ANTONIO FERREIRA *queria* aos fins do seu leilão devoto. (1781.)

JOÃO FRANCIS BARRETO observava a mesma grammatica, neste verso:

«... Era desla S'cheo esposo, que era  
O mais rico dos campos de Fenicia:  
A quem o pay com bom agouro a dera  
Intacta e o tristo a *qui*: com gram-gracia.»

(*Encicla*, I, 86.)

CASIMIRO ANTONIO, na *Pedagogia* (p. 197), a descrever o encanto da musica, nas festas campestres de maio, escutada por entre

o arvoredo, maviosamente exprime a impressõ dessa poesia rustica e sensuativa, e tão grata, e diz elle, «que ainda não vi cõsa que mais *quizesse*».

O dr. Carneiro enunciarla a *que mais quizesse*. De outra feiza, na *Arte de Amar* (v. I, p. 40), dis-corrando, com o seu po-za, da validade legitima:

«... E va toda a mulher;  
Tã a horrota se quer, se mais ninguém *mei quer*.»

Segundo a dicção usual, devia de ser *ella quer*. E preferir a outra, bem que nã o mero lhe voltasse aquella. Poderia ter o scripto, sem dũmra do verso:

«... Tã a horrota se quer, se mais ninguém *ella quer*.»

No *Amor* (v. II, p. 67) temo o mesmo caso:

«... Ao menos queira-a  
Põs *l'afresse* *mei*, que a amo, e a *quero*,  
E *periso* de a amar.»

Antõnimento, GARRIBO JORJ:

«... Ha iã tantos honestissimos novos, fideos do futuro, a *quererem*, a *quererem*-se, e apudorem-nã com cõdo, que bom se llo pôde augurar, nã era, e muito mais prospere, para dentro em alguns annos.» (*Idem* *Classico*, p. 11.)

E quando mais se tão podessem coller, se a urgencia do tempo não consentisse! Mas essas autoridades não são poucas. Sobram, pão menos, para tirar a lingo que o dr. GARRIBO JORJ falso contra a verdade grammatica, assegurando que o nesso idioma não tolera a forma a *quero*-*he* muito, em vez de *quero*-*he* muito e que «*sempre existia* *foi* que *dissecam* os *vosses* *escripturas* *outros* e *caudros* *nos*».

A realidade, bem ao contrario, como se acõdo de provar, é que as duas construcções do verbo *querer*, supposto muito mais correto uma do que a outra, andaram sempre de par em todas as épocas do nessa lingua, e desãe o seu alvorecer ambas no seu uso criaram posse. Quem dor revista ao *Cancioneiro da Vaticana*, logo entre os seus primeiros versos darsi com estes:

«... Et *toldeis* que me voem *preguntar*  
qual *esta* *dona* que eu *quero* *ben*.»

Noutro logar (p. 213, n. 1, 111):

«... Voieron-nãgora *dizer*  
d'na *mollher* que *quero* *ben*.»

Alõ, ainda, nas *lousas* d'el-rei D. DIXTA, se nos oferece o *querer* equiparado a amar, em o cõtra como transitivos:

«... E *essa* que vos *vy* *dize*  
que *trelo*, porque me *raguem*  
e non por vos *que* *quero* *ben*,  
mente, ca non *veja* *prizer*,  
se o *trelo* por m'ã *pacar*,  
mays *faz* me *voss* *amor* *trelo*,  
E *pero* quem *ves* *diz* que non  
*trelo* por vos *que* *sempre* *amem*.»

Assim que, de D. DIXTA a CASTRINO, do seculo XIII ao seculo XIX, não cessam jãmais de ser vernaculo o phrasa que o dr. CASTRINO suppoõ nunca o ter sido.

1 *Explicação* *Abstracções*, p. 5, col. 2.  
2 *Cancioneiro* *Portuguez* da *Vaticana*, *Ediç.*, *crit.*, e *Th.* *Forma*, Lisboa, 1878, p. 1 v. 1.  
3 A outra forma tambem all se encontra:  
«... Ca *pero* *thi* *quero* *tal* *ben*.» (N. 88.)  
4 *Id.*, n. 92, p. 19.

1223.—Acho o professor CARNEIRO á minha crítica no tombo no uso desse verbo, a cujo emprego inventando alli tornos mais longo, no meu commento ao art. 1.758, n. IV.

Temos, pois, ainda uma vez, approvada a minha emenda pelo mestre Graças.

1225.—Hevo o projecto este nono-guizo á refulsa do parlamentar. Mas o eminento professor leva em gosto ao-lhe paronymo.

Não me enganem, porém, o seu arcezoço, que as letinas e varias considerações do meu não oppoem nada, salvo quanto as afinidades romanas da palavra. Em seu dictionario referem-se em que os latinos, com possessão *honorabilis* e *honorabilior*, ainda essas não haviam admittido *honorabiliter*. Acodo o dr. CARNEIRO que não, que tambem *honorabiliter* era voz latina, havendo os francezes della collado o seu *honorablement*.

1227.—Bem palatinos seria a minha ignorancia, para que eu me não avergonhasse de confessalla.

Bastava-me, para consolo, o apelo do LITRE. Leia-se o seu artigo acerca daquillo vocabulo no segundo volume, p. 4043, do seu dictionario monumental. O grande lexicologo não deixa de mencionar janais a etymologia latina do termino, que a tím, quando se occupa com o adjectivo *honorabile*, que affalho ao latim *honorabilis*. Mas as origens de *honorabiliter*, põem-na exclusivamente no antigo francez. Era, pois, LITRE, de todo em todo alheio á existencia do latim *honorabiliter*.

Da mesma sorte que o maior e o mais sábio dos dictionarios francezes, o mais autorizado e vasto dos mais modernas lexicões latinas desconhecia aquelle entilidade verbal. Admira-se FREUND na familia inteira dos derivados do *honor*, ou *honos*: nada menos que vinte e cinco vocabulos. Dos que mais da parte dizem com o de que se trata, menciona *honorabilis*, *honorabilis* e *honorabiliter* além de *honoraritas*, *honoraritas* e *honorotio*. Quanto a adverbios, só regista *honorabiliter*, lembradamente.

Claro está, portanto, que da occorrença latina do *honorabiliter* tambem FREUND e TIEBER, seu traductor e revisor, não sabiam nada. Assim que nem o lexicologo das lexicões francezes, nem o lexicographo dos modernos lexicographos latinos tinham noticia de se haver conhecido entre os romanos aquelle substitutivo.

Era estava com LITRE e FREUND, estes dois avanzados. Não contubia, de uma parte, TIEBERE e DAMASCHER, de outra QUICHERAT, DAVELUY e CHATELAIN. Os dois primeiros, no seu dictionario da lingua franceza, divergem de LITRE, entonocando o *honorabiliter*, franceza, no latim *honorabiliter*; os tres ultimos, no seu dictionario latino-francez, adoeantam-se a FREUND, affirmando e estritando em mi nome de adjecto escríptor a existencia do latim *honorabiliter*.

Notorio é que o meu trabalho sobre a redacção do código civil se circunvou fora de minha casa e da minha biblioteca, e stando em um Pelopopoli, durante as ferias, numa pequena vivenda elementare, onde occasionalmente disputa de alguns livros, os mais elementares e de uso quotidiano. Em materia de lexicones latinos tinha commigo o de SARMAVA, que, ajudado da minha memoria e dos meus estudos interiores, era tudo o que me estava á mão. Ainda quando, porém, me achava entre o meu gabinete e a minha livreria, para mim

tenho por certo que, depois de consultar LITRE e FREUND, não iria excavar em DAMASCHER e QUICHERAT. Nem me parece que elles hajam alcançado grande coisa á questio.

No dictionario de QUICHERAT, edição CHATELAIN (1859), invocada pelo dr. CARNEIRO, o léxico relativo á palavra do que disputamos, não passa d'isto:

«*Honorabilis, -itis, -e honorabiliter*—Anto Frenod, vobro Honneur.»

Nada mais.

Não se transeveve o texto alludido sob o nome de FREUND, nem se indica a obra do onde procede. Apenas se vê que excavações recentes, das quaes se occupa esse vocabulario, tio escabendo logreram dar com um texto de certo escriptor, que houve nome o FREUND. Para lhe avaliar a medicridade, porém, bastará notar que ao seu nome nem alluso fazem bravados magistros da historia da litteratura latina como o de DR. TIEBERE<sup>1</sup>, onde aliás se consagra extenso e humilicencioso estado aos escriptores da contraita, em que viveu aquelle autor. Quem delle quizer noticia, ha-de ler as grandes encyclopedias, as historias da Egreja, ou as repeticões da antiga *Histoires religieuses*. Isso de uma ao esse de Africa, vivem elle quando se viu na berra, meudo o ganto VI da era christã, escrevendo tyros livres em defendido do catholismo e apoiando no confilto eludidulano.

Quo o dr. CARNEIRO teria consultado o latim de FREUND, que o QUICHERAT indica, sem transeveve, é de FORELLINI, obra incomparavel no seu genero, desconhecida, creio eu, entre nós, que abraço em repeticão immo uso tolli a familiaridade. Des (por elle veja-se os topicos, em que FREUND, para uma com o *HONORABILITAS*: «Legi libros a sua *honorabiliter* transmissos.» e «Sic etiam *honorabiliter* notiam exigunt, item potius, &c.») Mas o d'isso, sua *Defensio triana Capitaliana* (IV, 2), livro de controversias religiosas, cujo uso era necessariamente destinado a expiar nas altas regiões da egreja, onde a theologia guardava a metaphysica dos seus dogmas.

Desses recessos obscuros da litteratura ecclesiastica é que as investigações da erudição moderna vieram a descobrir o exemplo solitario de FREUND. Fora d'allo não se des-obre em toda a familiaridade vestigio nenhum de *honorabiliter*. Dunco se vê que o vocábulo affectado pelo bispo de Herimann innocera enkyestado nas dissertações theologicas, em cujo texto se achava á luz. Esse espeçimen, se considerarmos a sua incidade, junta á natureza das escriptas onde se depara, longe de mostrar a familiaridade original do termo por mim censurado, o que faz, é inani-o no catalogo extravagante dessas palavras, cuja formação apresenta exclusivamente o cunho pessoal do erudito, que as levra, sem obter introduzi-o na circulação do idioma, a que se destinam.

Não se divulgam, não se generalizam, não se popularizam a expresso do prelado africano. Não entou nem no uso litterario, nem na massa desse latim vulgar, cuja decomposiçio tanto concorreu no chabror dos idiomas noritalinos. Nada nos autoriza, pois, a concluir que o francez *honorabiliter* nascesse dessa expresso. Antes me parece haver subsistido a hypothese, em que estava LITRE, de ter esse vocabulo a seu origem, pelo adjecto *honorabilis*, no proprio francez. E, se não previu do latim *honorabiliter* o francez *honorabiliter*, já em circulação no seculo XIII, como admittir que de *honorabiliter* haja derivado o nosso *honorabiliter*, introduzido no portuguez primeiro que nas excavações da philologia contemporanea revelassem aos specialistas o exemplo de FREUND?

Assim, os esforços em contrario do erudito mestre, o que logram, é corroborar a certeza de que os assos neologisticos não foram

<sup>1</sup> *Grand Dictionnaire de la Langue Latine* par un moqueux plan de G. Frenod, trad. par et avec l'assistance d'Homage de G. de N. Trinité. Paris, 1880, v. II, p. 112.

<sup>1</sup> *History of Latin Literature*, translated by W. W. W.

<sup>2</sup> V. II, p. 555-556.

<sup>3</sup> FORELLINI: *Totius Latinitatis Lexicon*, Ed. Dr. Fr. Prati, 1875, V. III, p. 335.





ramos, colludas e acedias. Juroxuro, o solitario, o aseta, o fustigador, o vacpaxador dos vicios de seu tempo. Illava, por sua vez, a desmuda lingua, com dos livros sacrosal, cuja phrasologia não reunia dos vocabulios mais duros, para castigar as fraturas da carne.

114.—Ad libello e o *designium*, observa o mestre. Mas tambem noua da Biblia o pao do Ezequiel, com o seu extranho conducto, e com o seu *libello praecepti*? (A ed. antea, com: *libellus suae*, debet e *fructuosa, a fructuosa, o fructuosa, o fructuosa*, quando variavelles se lhe conhecem, quando ta *opera externa*, quando ta *affecta*, quando *spiritiva*. Lá está no *incoronamento* (XLI, 29); no *Revelatorio* (IX, 6; XIX, 3; XLI, 21); em *Osas* (I, 2; II, 3; IV, 15; em *Jeremias* (III, 1); em *Ezequiel* (VI, 9) em *S. Paulo* (I Cor., VI, 11; II Cor., III, 11; III, 12; III, 13) (Apoc., XV II, 13).

Torão as is essas palavras fora do admissivel nas classificações modernas? Verhale seja que a *retractio facti* do projecto do *codice civil brasileiro*, submettida pela commissão das cinco a doo viute e um (*Tribun. de comm. exp. v. VII, p. 53, art. 1.º*) metta na letra do projecto um realismo quasi d'esse genero. Mãos caridosas, porém, o escommuraram de ramaula agerora, mal s'ossemeara com os esvulos de legislaçã nossoz d'us.

115.—Depois da Vulgata, busca o dr. CARNEIRO aforar no *Corpus Juris*, A indicaçãõ era do FERNÃO, e não s'altu correctio no texto do illustre professor, onde se trata do 18 em 4, e munitura do libello apontado. Com effeito, allí está o 18, 21, do *officio* (libello) (I, 18) o verbo *designare*. Ante elle triumpho o mestre, perguntando: — Que maior, mais navel, mais veneravel e *antedita*?

A de livros sagrados era mais notavel, mais veneravel, maior, e *avizinho* não se aprova. Vejamos se esta lhe surtira bem.

Não boava mal o vocabulo ao legislador romano. Se-ues que hoje seu bem? Não. Basta advertir que, não obstante a suprema ascendencia exercida pelo direito romano sobre os codices modernos, por nenhum se transplantava aquella palavra.

116.—As proprias *Ordinações da Reia*, com a sua vellicez de tres centos, não adoptaram o *designium* dos juriconsultos latinos, ejas obras allás eram naquelle tempo a matriz de toda a sciencia no direito civil. Tem all o defforamento *legis civis e pontias*, que se nelum reunidas no l. V, t. 27. Cogita o legislador da reprobacão do *castigo*, referendo-as ao *homem que desparar* com *mulher virgem*, naquello que *por forza corromp* a *mulher de sua virgindade*, no prazo fixado á *viçium*, para *demanda* sua *virgindade*. Mas vestigio do verbo *designare*, iso não ha.

No *Repetitio das Ordinações* a expressão e a mesma: *«Corrompido algum homem alguma mulher virgem por sua vontade... «Corrompendo algum homem fidalgo alguma mulher virgem... «Corrompendo algum alguma mulher virgem...»* (El. de 1857. Vol. I, p. 49-5.) «Mulher virgem, quem a *corromper*...» Mulher virgem, se alguma a *corromper*... (V. III, p. 310-11.) Nem era outa a linguaagem dos expositores. Polam vel-a em MELLO FREIRE, *Essaio do Cod. Crim.*, l. XII, § 10: «O que *desparar* com *mulher virgem*...»

Nos *indices postos ás Ordinações* pelos editores da Universidade da Camêra, ja o *corromper* eido o *passo ao desparar*: «Mulher *desparada* quando pelo pelir satisfacão da sua honra.» (V. III, p. 558. El. de 1847.)

117.—As leis francezas e belgas não fallam senão em *«entendidas contra a pudor e castigo (viol)*. E sob essas designações que se

abrange a soluçãõ e abstençã da *monon. (66) TITULO DE: Pda. P., v. IV, p. 430 o seg.)*

Outra locuçãõ utilizada com intento ao dozo é a de *«non-accetere coram*», que se encontra, entre outros, no *codex notarius*, art. 24. (SURTINIAN; *Eq. de Dr. Pda. Actua*, v. III, p. 48.)

O *culpo* italiano foi atãta mais emboloso, incluindo o facto, do que se trata, sob a indicaçãõ de *actos libidinosos para corromper a castidade* (*«libidine»*, no d. l. 1.º de 1830, *«corruptio una persona alicuius dei soluti anni»*) (Art. 355.)

O *cod. pen. hispaniol* (art. 334) não guarda menor reserva, exprimindo o *defforamento* por *violacão*.

No *cod. civil portuguez*, enfim, essas delictos se designam sob a expressãõ de *«violacões da honra e virgindade»* (Art. 239.)

118.—Dois *codices* penos temos nós possuido: o de 1830 e o de 1850. Nenhum conhece o vocabulo *«designamento, ou desdesignar»*.

No *primario* (art. 219) se diz ppo: «*Defforar* *mulher virgem*, menor de dezeste annos.»

O *segundo* (art. 269) se diz: «*Defforar* *mulher de menor idade*, empregado em *«negoc. enganoso ou fraud.*»

119.—Do vocabulo *defforamento*, portanto, que tem o apoio da nossa tradicão antiga, inalterada, constante, que motivo nos indicaçãõ a variar para *desdesignamento*, em alguns do qual não ha o texto de um só *codice*, a letra do uma 5.ª lei, a preferencia de um só autor? Que motivo?

O *«quis furis*? Mas nenhuma das nações que lhe adoptaram a jurisprudencia, o admitiu nesta particulaçãõ. O *designium* mirrou e feneceu impellido no fragmento latino do PAULO, recolhido pelos *codificadores* do JUSTINIANO. Nas proprias versões neo-latinas do *Digesto* esse vocabulo não virgem. Foi substituido. E por qual? Exactamente por *defforare*: Quando o presidente comeca del servo *carripio*, esclava *desparada*... (FOSSERA Y ORTIGA: *Corpus del Derecho Civil*, Barcelona, 1874, v. I, p. 104.) Allí está: *«esclava desparada»*. E como os modernos idiomas traduziram o *«anilla desparada»*. A mesma coisa em francez, cujos expositores sempre disteram *defforacion*. (CARRAUD ET HELIE: *Théor. de Code Pén.* Ed. belg. 1864, v. II, ns. 2,805-6.) *Defforacion* allí não se conhece, e nem uma vez se topa *defforare*.

Depois, supposto se encontro o *«verbulo desparado»* no texto solitario das *Penultimas* indicadas por FERNÃO e aproveitadas pelo dr. CARNEIRO, esse termo, all usado indistinctamente a proposito da *violacão* de uma *escrava*, não era e como que os textos, no corpo do direito romano, significavam o *defforamento*. Pelo participio *violatus* é que allí se designa a *defforacão*; pelos verbos *violare* e *corrompere* é que se exprime o *defforare*. Encerra o *Corpus* de JUSTINIANO dois titulos especiaes no *adulterio* e *violacão* da *virgindade*: os tit. IX e X do livro IX. No primeiro (Art. *legum Jul. de moll. et de stupro*) dispõe a l. 7: «*«Docto* *violata* *virginum adultum qui postea maritus esse coepit accusator justus va. est, et idcirco ferre mariti crimen coercere non potest, nisi prius violata sponsae ejus fuerit.*» Isto é: «Do crime de *violacão* perpetrada na *virgem adulta* não póde querrel aquillo que depois se seu *marido*, salvo se já *contrahir* com elle esposas, quando *«violata»*.» O tit. X diz na rubrica: «*Si quis eam, cujus tutor fuerit, contraxerit,»* e no texto rosa: «*Si tutor pupillam quondam suam violata* *«violata defforavit»*...»

120.—Mais. Nos dicionarios francezes o verbo *defforare* traz a nota de *latinismo*. «*Defforare*: *latinisme*» (LITTRE: *Dict.*, v. II, p. 1.137.) Allí mesmo, pôs, se lhe apresenta o *defforare defforare*.

1 C. IV, 12.

2 E' officina a actualidade resultante da copula illegitima.»

rer, que dos melhores escriptores vernaculos, como VOLTAIRE<sup>1</sup>, recorre a carta do naturalidade. (LITTELL, *ibid.*, p. 1916.)

Mais, ainda. Os dictionarios latinos-franceses não traduzem por *desvirginar* o verbo *desvirgineo*. *Desvirgineo*, *desdonar*, *reverti*, *honorar*, diz QUICHETAT. « *Desvirgineo*, *estaleo*: *la virginité, desdonner, déshonorer*, estimo FREUND. (Ed. TURIN.) Alihi está outro equivalencia franceza para o latim *desvirginare*, aultima das quaes é justamente o novo *defforço*.

Magis do *desvirginar* ninguém se lembra, no dar o equipolente lexicographico do latin *desvirginare*.

Ainda mais. Haverá porventura dictionario latino-portuguez, onde, por *desvirginare*, *desvirginado*, figure como traducção *desvirginar*, *desvirginamento*? Não ha. Tomemos, por exemplo, o mais moderno, o de SANTOS SARAIVA. Eis como os dois vocabulos alli se vertem:

«*Desvirginado*. Acção de tirar a virgindade, desdonar, defforçar, solteir, uma donzella.»

«*Desvirginar*. Tirar a honra, desdonar, defforçar.»

I 41.—Não ao meu doubt mestre, versado como é nos classicos, se poderia deduzir da memoria como entre elles esse tem sido, ha seculos, o termo reservado ao perdimento da virgindade. Abra a *Flores de Anselmo*, e lá verá: «Tractasse de meter o cravo no Lameiro pelo orno de *desforço*». (T. III, p. 188.)

Disse igualmente M. BERNARDES: «Entraram pela sabida tração do conde I. Juliano, em vingança da *de forção* do sua filha Florinda.» (N. *Flores*, v. II, p. 232.)

E, com effeito, a expressão mais natural e menos aspera do infornuto, ou do crimo, por onde a mulher «perde a flor da sua pureza». (João DE BARROS: *Dial. da Viçosa Virginita*, p. 206.)

Além do que não traz menos legitimas crendencias latinas do *desvirginare*. Já nas matizes romanas do nosso idioma vamos achar *defforçar*, *defforçador*, *defforçoso*, e até, *defforçoso* na accepção translata, qua a phraseologia juridica adoptou, de perdida da virgindade. S. AMBROSIO, op. 5, n. 11: «Quid enim est quod magis publicum sit, quam offensu pudoris et *defforçato* virginitatis?». E FERRELLINI, registando-lhe esse significado, essica: «Sumitur et *in moderna parte, pro corruptione, sive foris privatione: defforçatione.*» (*Totius Latinitatis Lex.*, v. II, p. 600.)

I 42.—Tem o *desvirginar* a mesma delicadeza? Está o mestre que sim. A seu sentir, é o *desvirgar*, não o *desvirginar*, a expressão, a que se objectaria com fundamento.

Mas só por uma dessas refinadas subtilidades de philologo, inintelligíveis aos leigos, poderia o dr. CARNEIRO fazer uma tal differença entre aquellos dois termos, cujos foros de vernaculidade são, mais ou menos, os mesmos.

Se um nase de *virgo*, expressão plebeia da virgindade, o outro do *virgen*, ou do *virgin*, *virginita*, latino, expressão literaria do mesmo estado, ambos, tendo essa origem equipolente, soam do modo quasi equal, se não identico, ao nosso ouvido, e evocam da imaginação, com a mesma nitidez e a mesma violencia, a mesma coisa.

Mas não usou CASTELLO do participio *virginizado*? E' objecção do mestre. Usou. Não me disse outro e illustre professor. Mas achou-o eu, no *Amor e Médonia*. (P. 296.) E sabard o meu contractor que ainda outro se viliçou dessa e outras palavras semelhantes. Do verbo *virginizar* lemos tambem amostra nos livros do CASTELLO BRANCO. (*Condições*, p. 7.) Com elle se

irruína o *virginizar-se*, que nos deparam os *Nereoticos*, desse autor. (P. 204.) A essas formas accresce *virginizado*. (GAMILLO: *Diary de Pombal*, p. 218. O *Vinho do Porto*, p. 83.) Depois (vao algarzar-se o mestre), o SAMALHO fabricou o verbo *desvirginar*, C. CASTELLO BRANCO engehoun *desvirginar*: «Dizia que uma esvelta D. JOANNA DE CASTRO o havia *desvirginado*». (Series de S. Miguel de Seide<sup>2</sup>, VI, p. 68.)

Se me fosse licito, porém, transrever o longo, que remata com eda phrase, verti o publico inverberar a impresso dos leitores. O urocho por ella ultimado e um rasgo de breheirica classica, onde as illas mais dignas da folha de virgim sua ella se ostentam. Não passo transrever-lho, que n'ó não permite a desconfiança deste patel. Mas fique a de-honçação, para aviso de que o neologismo alli douria nam ramullete obscuro, digno de emparelhar com a desbuçada libença de PARNOSTO e JUVENAL.

O que eu não comprehendia, porém, ao exemplo invocado pelo dr. CARNEIRO, e o argumento que dali extrahio. Pois, se CASTELLO racionava elle usou do *virginizar*, que muito é crevermos n'ó *desvirginizar*, ou *desvirginar*? Mas, Dout meu, são precisamente coisas oppostas. Em *virginizar* é a imagem da *virgindade* que se suscita, da *virgindade*, isto é, da pureza na sua expressão mais acabada e formosa. Em *desvirginar*, pelo contrario, o que surge, é a evocação do cumpo, materializada, na mais odiada das suas formas, por um vocabulo de pinturosa energia.

I 43.—Ao ponto essencial, portanto, agora. A questao é de qual escolla entre o velho termo *defforçar*, a cujo lado milita a consagração da interrupção do uso professional, e a innovação crimiada no *desvirginar*, entre escriptos profanos, e a litteratura amena, por um estylista famoso. Por que bande a velha expresso juridica, preferindo-lhe a nova? Temos esse direito? Não. A tolaologia juridica é, de sua natureza, eminentemente estavel, essencialmente conservadora. Seu vocabulario não se póe alterar, senao quando *razões necessitadas* exigirem *palavras novas*.

Aqui a idéa é tão velha quanto o mundo, sua expresso tem, aos lois do paiz, uma forma tão aquiescente e cila. Na ha que innovar. Seria ridícula vellogidez. O facto de que se occupa o art. 23 do projecto de codigo civil, é o mesmo, a que se consagra o art. 20 do nosso codigo penal. Chamam-se alli *defforçamento*. *Defforçamento* aqui se ha de chamar.

§ 25

RAMALHO ORTIGO

I 44.—Não era justo que o respeitavel mestre viesse, a proposito deste nome, testilhar conmigo. Eu não desfizera nas qualidades litterarias de tão laureado escriptor. Nenhum contemporaneo se me avantajia na elegancia peregrina do estylo. Na fina originalidade do espirito não sei, d'entre portugeses, que se algum o eguala. Seu vocabulario é de uma plenitudia ás vezes delambrante, de um colorido raro, de uma plasticidade maravilhoza.

Mas como exemplar de vernaculidade não o considero sempre seguro, nem creio que essa conta e hajam os competentes em sua mesma terra natal. Para este juizo, porém, não seria ou tão leve, que me bastasse uma só incorrecção daquello proador, a que alli indigno: o emprigo do artigo masculino antes do que interrogativo. O que fiz não sómente, foi apontar, do escriptor que me oppunham como oraculo, o desacerto grammatical, que mais visinho estava. Como *desvirginamento* se achava a p. 73, apontei logo alli, a direita, sem voltar a folha, lado a lado, na pagina anterior, aquella phrase, a meu ver avariada.

<sup>1</sup> Porto, 1861.

<sup>2</sup> Porto, 1866.

<sup>1</sup> En attendant que le conquiesant barbare d'avoie la fille du bon homme. » Apud. Littré, *ibid.*

<sup>2</sup> De virgine *que* *defforçat* d'ence naturalmente do latim *defforçat* através de todas as linguas novellinas, provençal *defforçat*, basquinh. *defforçat*, ital. *defforçat*, fr. *defforçat*, no passo que o *desvirginar*, extrahio do provençal, no italiano, ao hespanhol, indiligido no francez como *latinitatis*, desconhecido aos romos classicos e ao uso das nossas leis, entraria agora no codigo civil brasileiro por obra e graça utraque de uma phrase de RACINE.

Muitas, porém, muitas outras, são as locuções pelo menos duvidosas, que naquello mesmo livro se nos deparam. Accusa o dr. CARNEIRO de «collocar» E um barbarismo quasi inusitado (vol. Poit. II, o tom. (P. 35.) Admitte assassinado, em vez de assassinio, soffre, boviairo, toilette, e até confecer, em lugar do vulgarissimo confectivo? Todos esses gallicismos inuitas perpetrou elle. (P. 117, 140, 161, 132.) Conheço maior francezisa, e mais abusada, que o delibellar Acolá e encontra. (P. 314, 334.) E, todavia, exactamente á p. 338 usa aquelle escriptor de *por maior*, o su-cedano correcto desso grosseiro contrabando. Sarro-lhe *ménage*? Está disposto a significar por casa expressão estrangeira o *trato domestico*, o *manejo de lar*, o *governo do casa*? All' amidade o topará. (P. 62, 102, 338, 327.) Dizem francezes *torbe*, *loubrière*. Nós, *torça*, *torçera*. E RAMALHO Cobre o francez, escrevendo *torba*, *torbiaria*. (P. 20, 54, 56, 82, 95, 101, 101, 172.) Está por isso o mestre? Está por esse destempero philologico? Temos *paltrona*, de que o proprio ORTADO se utiliza á p. 104. Mas de outras vezes (p. 10, 164) lhe chama *fontain*. Subscreeve o dento philologo babilonio esta carta de naturalização? Approva o francez *emballegon*, perpetrado á p. 295? o francez *plé de meris*, esdrúxula accomodação literal de *plé-de-maris*, usada á p. 127? o francez *claqueur*, lançado á p. 300, em vez do nosso *retolha*? o *esquadriero* (p. 75 e 94), de typo sensivelmente francez, por *esquadra*?

Onde os francezes dizem *blanc d'Espagne*, diriamos nós (com todos os dicionarios) *crec*. RAMALHO, cobrindo a palavra, traduz *branco de Espanha*. (Holl., p. 63.) Converter *epiphonion* em *epiphoneto*, em vez de *epiphonia*, ou *epiphonia*, como se em portuguez se dissesse *epiphonia*, é franceza, e não *epiphonia*, ou *epiphonia*, só de gallicismos desabonados. Pois com elles vai o autor da *História*. (P. 115, 133. E *castolar*?) Dos mais escandalosos gallicismos, ombarra FURTADO. «Repugnantissimo, qualifica o moço CASTRO LOPES. Soberbo de-necessario, tendo em portuguez uns poucos de succedanos vantajosos, crassamente francez e dissonante, contra elle reclamam juntas a veracidade e a epiphonia. Mas RAMALHO o não enleia. (P. 165.) Legitimo portuguez *o roselino*, do genero masculino, que responde cabalmente ao francez *ose roselino*. Mas RAMALHO volta com os francezinhos, dizendo *um roselino*. (P. 249.) *As ar brés*, dizemos nós; os francezes *os grand air*. RAMALHO manipula, mistura e manda: «*as grande ar brés*». (P. 72.) VASCONCELLOS classifica do «gallicismos vergonhosos» as locuções *suave em castanho*, *imagoes em terra*, *salca em prata*, *vestido em sobe*. RAMALHO, entretanto, diz, e rediz: «vestido ás listas brues», «azil de riscas pretas», «chapem em tortullo de listas de escaletas» (p. 63, 67, 301), onde toda a gente redigiria «chapem de listas», «azil de riscas», «vestido de listas».

Já se vê que sobrados motivos me assistiam, para affirmar, como affirmar, aliás nos mais delicados termos, que em admiravel colorista

do estilo, o caprichoso rendilhador da palavra *sem sempre curava da sua pureza com tanto empero* como da sua formatura e da sua graga».

Ganhou ella alguma coisa com a reaclação do professor CARNEIRO? Ha-de ir-se convencendo o mestre de que o seu antigo alumno não adensa passo, em terreno que não conhece.

§ 25

«QUE T, OU O QUE T»

145.—Esta é uma das turras, tantas e tantas, que me arma o amor proprio do mestre, mettendo-se a cada passo, desnecessariamente, só pelo custo de obscurecer a funcção magistral, e mostrar a distancia do professor ao alumno, em assumptos alheios da sua tarefa. Limitava-se esta ao exame das minhas omeidas á sua redacção do projecto. Sair dellas para as minhas notas, para escriptos meus, que não tinham de fazer parte do codigo civil, era despejo de animo apaixonado. Na mia parte.

Mas não valem queixas. Ao que importa.

146.—Nos classicos antigos o professor CARNEIRO mal encontrou um excerpto, *noticiamente um sé*, com que se abonasse. E' isto de VIEIRA:

«O que dirão a isso os todo-poderosos do mundo?»

Fiz toda a sua colheita. Ora bem: esse exemplo é laiso. VIEIRA escreveu exactamente do modo contrario, exactamente como eu sustento que sempre se deve escrever:

«Que dirão agora a isto os todo-poderosos do mundo?»

«Que dirão?» notem bom, e não: «O que dirão!»

Essa a verdadeira phrasa de VIEIRA, tal qual se acha em ambas as edições existentes das suas obras completas.

Trata-se a edição antiga, no vol. VI (sexta parte), *Servião da Terceira domingo Post Epiphania*, p. 509, n. 278.

Reproduza a actual edição, a moderna, de 1855, no vol. IV, p. 279.

Assim que tres vezes estropio o mestre ao inoffenso VIEIRA em monos de uma linha.

Estropio-o, eliminando-lhe o *agora*.

Torno a estropio-o, convertendo-lhe o *isto em is o*.

Não contento, emfim, de o estropiar no vocabulario, acabou estropiando-o na syntaxe, com the autepor cartigo e ao que faturo-ativo

Que os não podem merecer de ora avante as citações do professor CARNEIRO, haldas sempre das indicações necessarias ao exame de sua sinceridade? Uma casualidade feliz desenvolveu a inexactice palmar d'essa. Como nos certificarmos da fidelidade das outras?

147.—Continemos, bolavia, em seguiu-o.

Excerpto do dr. CARNEIRO e empedro do o antes do que interrogativo, qualificando naquella adição prepositiva um arbitrio «de estropio», que não occorre em taes casos nuncção alguma grammatical».

Discordo. A sua preposição é inofensivel-travel. Não ha justificação varuacua, que se engerne, para a antiposição desso o *que* nas interrogações.

Quasi nenhum exemplo della se encontra nas mais antigas fontes. Nas obras de D. QUIRTEAES no os ha. A forma alié o sempre: *que?* Assim: «*Nom quiraicaes poreu seu contyru alioente cuido-son*, dizendo que cumearemos, ou que beveremos, ou de que nos coelri-

«Edu miserravel tinha concorre a carreira dos seus crimes pelo assassinato do centro de um mercador honrado de Lisboa, devotamente perpetrado publicamente no meio da Rua Nova.» A. HERRERA: *Hist. da Braxila e das Ind. da Republica* (ed. de 1871, v. II, p. 30). Ainda assassinato no *Tempo de Carlos*, v. I, p. II, 235, 236, etc. II, p. 149. Equivalente, no *Idem*, p. 431, 399.

«A toilette usual de uma mulher.» *Entretanto*, á pag. 69 emprega, na mesma accepção, o vocábulo *trajo*. Forpue não ficar neste?

«O negocio da obra e proveimento delle salca é conta do Padre Fr. João de Leão.» *Pa. Lett. de Socra*: B. Fr. Bartholom., I, l. c. etc.

«Alta FRENCO EYRADO (*Obra*, v. I, p. 307), escreveu: «Mal haja a *regra* e *estras* negro e *diro* e *annunciado* a *palavra* *trava* com *salca* e *Fogo*, de *terra* em *alobes* e de *carrião* de *fora*.» Mas é o mesmo escriptor mesmo quem, a cada passo, nos apresenta *contra* as *lappas* da sua *memoria*, que a *lingua* *residua* em *franco* e a *indignia* de *livros* *portuguezes* *condemnavam* *invidiosamente*, *algumas* *vezes*, a *estes* *devios*.

«Carniceo ou *Portuguezes* *Letras* do *lingua* *portuguez*, v. III, Lib. 1900, p. 11-12.

*Op. cit.*, v. I (2ª ed., Lib. 1900), p. 242.

*Idem*, p. 37, 144, 200. V. II, (Lib., 1901), p. 143, 157, 293, 338.

*Grammat. Portuguezes* (Para *var* dos *Egyptos*) P. 224.

O mesmo no *textos*, ainda mais *revela*, do *Compendio* de *Tat-cano*: «*E que* *trava*» (N. 855, p. 163.)

remos. » (*Leil. Couz.*, p. 203.) Doutra voz: « Que vallemos? » (P. 249.) E: « Que aproveita ao homem, se...? » (P. 438.) Ainda aqui: « Em a qual cousa que avemos al de consillar...? » (P. 51.) E nunca de outro modo.

GIL VICENTE apenas um em contrario nos depara em todas as suas obras.†

Fora dahi, ás dozezas, pullula aquello interrogativo, sempre só: «Que diz esse arrais? que diz?» (V. I, p. 238.)

«Que dolor ha hi? que loí? que quecia?»

—Vimos pasmados. —De que? que achastes?

—Vimos... —Que vistas? do que vos pasmastes?

Que é? que foi? dizel, que dizeis? (I, 345.)

«Que dizes, tolo? que dizes?» (II, 474.)

«O' Fernam Vaz, que faremos?»

Fernam Vaz, não sei que faça...

Fernam Vaz, que será aqui?» (II, p. 475.)

Que te fez? Que te querellas?

—Faz-me com que te desepere.

† Quando era, o que seria? (*Obra. III*, p. 347.)

«... e a. Rejeita BOURGEOIS (*Cont. Port.*, v. I, p. 212), esta construção. M. s. o uso classico e recommenda.

«Faz-me com que desepere.» (*Obra. II*, p. 498.)

«Mas a'roa es quem m'edoua.

Que quizo por esse que chora.»

(*Id.*, v. III, p. 430.)

DUARTE NUNES: «Faz-me que os povos da Castella...lhe ouvissem.»

(*Cron.*, v. II, p. 174.) O mesmo a p. 238, 276; v. I, p. 75, 145, 283.

«Que o f'az-me, que desepere.»

(*CANON: Acto de Elre. Seiseca. Obra. Compl.*, ed. de 1874. Vol. VI, p. 188.)

«Fazer o que me all o fogo nas barbas.» (D. FRANCISCO MAR-

MARTEL: *Feito de Lenda.*, p. 125.)

«... e a'roa e' ap' quem leu los pedras fazer com que se entorpeco

no clarear.» (*Id.*, p. 165.)

«O ruido que faz a grande fama tambem, faz com que o grande seja

de tod o mundo.» VICENTE: *Indi.*, v. II, p. 415.)

«Flandoso de modo que se experimentaste a ruina da sua

moestricha.» (*Id.*, p. 190.)

Agora, dos scriptores modernos, indicarei:

FERNAN ALVES: *Obra.*, v. III, p. 291; v. XVII, p. 107, 133.

GARRER: *Obra.*, v. XXIII, p. 41, 205, 314.

A. HENRIQUES: *Indicções, p'curas, aos Annos de D. João II*, p. xv.

*Monte de São.*, v. I, p. 219, 271; v. II, 338. O *Bobo*, p. II, 130. *Lendas*,

v. I, 33. *Hião da Iniquidade*, v. I, p. 8; v. III, p. 267.

ROUYER: *Leil. Concell.*, d'aval D. Duarte, p. 141.

CARREIRO: *Relatado pelo Autor*, p. 31, 44, 71. *Fatos*, v. II, p. 109.

*Pronome*, p. 283, 400. *Le. ed.*, p. 199, 219.

«Fazendo com que a linha e com que a flamma

Dos homens sobre o lico acoussem.»

(*Colloquia Aldeas* (1870), p. 93, 134, 199, 251, 275, 365. *Arte de*

*Ant.*, v. I, p. 33.)

«Fiz com que a tua amada adalhasse, e a pozesses.»

*novas*, v. I, p. 100.

«... e a'roa e' ap' quem leu los pedras fazer com que se entorpeco

no clarear. E já a' é possível ma leia o seu bem.»

C. CASTELLO BRANCO: *Theatro Comico*, p. 45. «Cozma, casando nuzas

caso ha-lhe feizo com que seu pai não pagasse nada.»

AN. COSTA: *J. Long.*, *Port.*, p. 83. «A moda fiz com que muitas

palavras sejam olhadas como criticas e loizias.»

Esta locução repete-se a mais vez, por uma alluzão. *Fazer* com que, isto

é, *fazer de modo com que*, cá de nuzas nos que. A expressão *modo com*

que é uma variante vernacula de *modo como*: «Alto maior injuria fez no

modo dize pelo modo como que o disse.» (VICENTE: *Serm.*, v. II, p. 229.)

v. VI, p. 63, 315, 334, 335; v. VII, p. 233, 232. BARRER: *Idem*, III, v. II,

p. 2, p. 10. FERNAN: *Idem*, v. V, p. 251, v. VI, 89, v. XXII, 21. DUARTE

NUNES: *Cron.*, v. I, p. 301.) De vez de *fazer de modo como*, se tira

o *modo com que*, e a'roa e' ap' quem leu los pedras fazer com que se entorpeco

no clarear. Supprimido o «de memoria», teriamos o alluzio *fez com que*.

Costa igual occorre nestas formas: «... e a'roa e' ap' quem leu los pedras

fazer com que (BARRER, III, v. II, p. 93); *trabalhar com que*. (D. NUNES,

*op. cit.*, v. I, p. 305.)

Otras vezes, com as mesmas particulas com e que, diversificou, no ex-

primite a mesma idea, a syntaxe do verbo *fazer*: em lugar de «*fazer*

com que elle seia», terá «*fazer com elle que seia*». ANTON BARRER, III,

v. II, p. 117: «Fiz com elle de Baharem que pagasse o que devia.»

E DUARTE NUNES: «Fiz com a ralheta que lhe encresceme.» (*Idem*, v. I,

p. 71.) «Fizem com os de Santarem que dessem a villa a drey.» (*Id.*,

p. 158.) «Fiz com al rey que achisse logo.» (*Id.*, p. 469.) O mesmo no

v. II, p. 159, 173, 175, 371. «Faziam com al-rei que pagasse os caval-

los.» (*Obra. Chron.*, de S. Emmanuel, fol. 10.)

—Que?» (*Id.*, 408.)

«Oh, que vos faço eu aqui?

Que é, senhor?...

Que não? que são?...

Não sabois que me dignes?

Sabois que?» (V. III, 14.)

«Fernandiamos, que é isto?...

Que vos metteis agora

Em musiquias?» (*Id.*, v. p. 75.)

«Que escreverai?...

Que?...

Que mais buscas?...

Que me mandas assontar?» (*Id.*, p. 291)

«Oulá, que é isto? que é isto?...

Pois que foi?...

Oulá que é isto? dormis?...

Ouvil-o? ouvis que vos digo?» (*Id.*, p. 311.)

Dos mais (e não são todos) tão só apontarei os logares. V. I, p. 123,

165, 170, 171, 174, 240, 294, 295, 296, 340, 341, 353, 364, V. II,

p. 144, 145, 159, 163, 171, 298, 341, 355, 357, 359, 362, 366, 367,

397, 400, 408, 413, 414, 432, 434, 434, 438, 467, 516, 523, 527.

V. III, p. 21, 25, 27, 32, 33, 34, 42, 49, 67, 72, 78, 90, 92, 96,

99, 124, 133, 136, 139, 141, 143, 149, 151, 155, 158, 164, 165, 169, 167,

169, 171, 180, 190, 209, 215, 216, 218, 219, 222, 235, 237, 238, 239,

240, 250, 258, 261, 265, 267, 282, 289, 300, 303, 307, 316, 319, 321,

318, 328, 360, 366, 367, 369, 389, 390.

FERNAN LOPES: *Chron. de D. João I*: «Que tomou do favela que eu

viar recado á rainha?» (c. 27.) «Queiro de ti saber que é o que te

d'illo paroco.» (C. 35.) «Que era o que hera doillo paroco?» (C. 54.)

«Perguntou a Fernão Sauches que elle o que haviam acordado?»

(C. 170.) «Que é o que vos paroco?» (*Id.*) «Que fazemos, estan-

dando?» (c. 15.) «O mestre lhe perguntou que he paroco d'estes feitos?»

(C. 130.) «Perguntou que era aquillo?» (*Parte II*,

c. 12.) «E pois que laz lá esse vosso Mestre?» (*Id.*, c. 90.)

BERNARDIM, *Mos e Mojar*: «Que fazes aqui, que vieses a fazer?»

(P. 24.) «Que'ô isto, senhor e cavalleiro?» (P. 61.) «Que é'eto, sen-

hor...?» (P. 80.) *Outrosim*, pp. 114, 145, 165, 175, 179, 222.

GARCIA DE REZENDE, *Conhecimento*, p. 64, v.:

«Que te presta palecor,

Que te aproveita chorar?»

JOÃO DE BARRER: «Que lhe fallas?» (*Cronomat.*, p. 124.) «Que

quer, senhor, dizez de causas?» (*Dialog.*, p. 241.) «Que actuações

semto exemplo de condemnação...?» (*Id.*, p. 303.) *Mais*, pp. 324,

328.

CANÇÕES:

«Que o operas? porque a ponhes em turbança?»

(*Letras*), VI, 31.)

«Quem eram? de que terra? que buscavam?»

(*Id.*, 50.)

«Pois de ti, Gallo indigno, que direi?»

(VII, 6.)

«Pois que direi daquelles...?»

(*Id.*, 8.)

«Mas eu que fallo humido, bato e rudo,

De vós não conheço, nem sonhado?»

(X, 101.)

Nos demais escriptos do cantor dos *Lesdiadas* não uma só vez se acha o artigo anteposto ao *que* nas phrases interrogativas.

Exemplos:

- « Que levas, cruel Morte!... »
- Lusitania que diz?... »
- Que diz?... »
- Que discorre o amor?... »
- Na cêrta que ficou?... »
- Que fea lá que ver?... »

(Soneto) 85. *Obras Compl.*, vol. I, p. 52.)

- « Que estilla a arvore sacra?... »
- « Que faz delle?... »
- « E que obra?... »
- « Que foi?... »
- « Que quiz da terra?... »

(Soneto) 276. *Id.*, p. 149.)

- « Que quero eu mais que ser vossa a victoria?... »
- « Que quero eu mais que tor-vos por senhora?... »
- « Que quero eu mais, senhora, que querer-vos?... »
- « Que oero eu mais gauliar que ser perdido?... »
- « Que quero eu mais, que o mais não seja o monos?... »

(Eleg. XXIV. V. III. p. 90.)

- « E por isso que releva? »
- « Que se perdo nisso agora? »
- « Que se perdo?... »

(Auto de Filadelfia, a. II. sc. 3. Vol. VI, p. 32.)

Tomando a edição critica do Porto (*Breviaria I Artigiana*, 1874 a 1877), percorri attentamente todos os seus escriptos em verso e prosa (tirante o grande poema), em busca de um lugar, onde se empregasse interrogativamente a locução o *que*. Do balde. O interrogativo que está sempre sozinho. Veja-se:

- Vol. I, p. 11, 28, 30, 53 (duas vezes), 61, 72, 81, 104, 112, 119, 151 (tres vezes), 129, 174 (duas vezes), 178, 187.
- Vol. II, 41 (duas vezes), 57, 68 (duas vezes), 70 (quatro vezes), 79, 92, 98, 138, 166, 168, 169.
- Vol. III, p. 24 (quatro vezes), 25, 33, 35, 41, 57, 60, 85, 90.
- Vol. IV, p. 21, 39, 42, 57, 74, 82, 85, 90, 97, 98, 111 (duas vezes), 128, 135, 152.
- Vol. V, p. 19, 21, 22, 30, 33, 49, 44, 79, 117, 118 (duas vezes), 129, 128, 129 (duas vezes), 153, 168 (tres vezes), 184.
- Vol. VI, p. 17, 27, 30, 41 (tres vezes), 42, 44 (tres), 47, 58, 62, 63, 71 (duas), 85 (tres), 90 (tres), 95, 100, 104, 107, 118 (tres), 146, 148, 152, 161 (tres), 163, 164, 169 (duas), 179 (duas), 182, 221.

Apenas em dois topicos se parece abrir excepção a esta syntaxe: no soneto 80<sup>o</sup> a phrase « Entendes o que levas? » (Vol. I, p. 83), e no Auto de *el-rei Salvaça* (vol. VI, p. 302), a pergunta « Ora subeja o que vad?... Mas nesses casos a excepção não passa de apparante. O o *que*, procedido daquelles dois verbos, equivale a *quanto* que: Sobeis *quanto* que vad? Sabeis o *ficto* que vad? Entendes o *subjecto*, e *subjecto*, ou o *valor*, que levas? O artigo concorda, pois, determinadamente com um sub-tantivo occulto e facil de subentender.

Vamos agora aos outros collocativos principaes.

**DEBANTE NUNES.** *Chron. del-rei. D. João I. D. Duarte e D. Aff.*: « E pertanente-lhe ate era aquillo? » (V. I, p. 331.) O mesmo d. p. 18, 28, 37, 38 (duas vezes), 211; v. II, p. 175. E sempre deste modo.

**FR. LEIZ DE SOTTA.** *Vida do Arcebispo*: « Que não alcançaria? » (V. I., p. 14.) « E que vad nisso? » (p. 93.) « Que faria o zeloso prelado... » (p. 105.) « Que seria nesses outros sitios mais remotos? » (p. 119.) « Pois que vos parece destas minhas obras? » (p. 335.)

« Pals que ha-o ser? » (p. 336) « Que será, sendo tão bem nomeada? » (p. 358.)

**FRANCISCO MANUEL DE MELLO.** *Febra de Anexas*: « Que tem? » (p. 7.) « Que falta nella metaphora? » (p. 9.) Mais, a p. 23, 25, 29, 70, 89, 96, 98, 103, 107, 172, 192, 193.

De JORGE FERREIRA, na *Eufrosina* (ed. de 1786), apontare: « Que vad nisso agora?... que quer ella agora? » (p. 160) « Que viu em my...? que lhe avia de fazer? » (*Id.*, p. 161.) « Que vad ch, Andreado? que faz nosso amor? » (p. 186.) E assim a p. 153, 155, 156, 167, 174, 175, 184, 197, 203, 211, 217 (duas vezes), 225, 238, 239, 241, 243, 246, 250, 251, 254, 256, 272, 280, 290, 302, 311, 331, 333.

ANTONIO FERREIRA viveu em dos seus tercetos, na 1.<sup>a</sup> carta (l. 1.) depois do ponto final, com estas vers:

« E que sem bom amor a Deus apraz? »  
(*Obr.*, v. II, p. 80.)

Onhe manifesto é que o interrogativo equivale a: *que coisa? que sentimentos? que accões?* Allás seria irrogvel. E com essa interpretação é inconduzivel a anteposição do o.

Ainda mais clara se faz essa equivalencia entre *que? e que coisa?* na oide 2.<sup>a</sup>, l. II, cuja sexta estrophe assim começa:

« Que ferra, semo prantos,  
E saudades tristes  
Daquellas cousas grandes, que acabaram? »  
(*Obr.*, v. I, p. 139.)

Se o *que* não subentendesse *coisa*, como regeríamos o plural *ferra*, de que aquelle relativo representa o *subjecto*?

Nosso classico nem uma só vez se acha a anomalia do o antes do interrogativo. Vejamos, no v. I, as pgs. 49, 85, 98, 115, 174, 2, 33 (duas vezes), 268, e no vol. II, as pgs. 15, 24 (duas vezes), 30, 33 (duas), 60, 75, 85, 99, 103, 131, 139, 145, 150, 194, 203, 214, 215 (duas), 227 (duas), 232, 255, 257, 246, 249, 255 (duas), 274, 278 (duas), 280 (tres), 286. *Comp. de Sotta*, a p. 19 do vol. I.

- « Que dizes, meu Loucastror, destes salios? »
- « Que dizes destas gravas...? »
- « Que julgas d'outro loiro Manelha...? »
- « Que da cartanica deste...? »

JACINTO FERREIRA não desliza jamais desta syntaxe: « Mas que será se virom...? » (l. n. 7.) « Que falta a esta fleçoa para victoria? » E que para castigo? » (l. 181.) « Que é isto, Portuguezes? » (l. 19.) « Que me n'ita fagamos n'os agoras...? » (l. 21.) « Que faria, quando offendido...? » (l. 17.) « Que fazem os Arabos? » (l. 8.)

M. BERNARDES não pouca vezes, numa pergunta e numna resposta, ou a do e *que*: « Que tem tu valente? disseram oues. o respondido: O que o que falia do gallinha. » (*N. Floresta*, l. n. 74.) « Que importa o saber, se não sabermos o que importa? » (*Id.*, v. IV, p. 131.) Fora d'esses casos, onde « o *que* » acerbadamente representa aquillo que, nunca e emprega BERNARDES: sempre o simples *que*. Verifiquemos v. II, p. 20 (tres vezes), 33, 296, 304 (duas), 306, 325 (duas), 327, 331, 113 (duas), 104, 114, 122 (tres), 123 (duas), 130 (duas), 135, 145, 195, 218, 238, 297, 335, 350 (quatro), 362; v. IV, p. 31 (duas), 34, 35, 81 (tres), 115, 16, 19, 138, 142, 145, 150, 152, 174, 182, 221, 238, 244, 271, 272, 306, 330, 341, 354, 360, 408, 423.

O professor CAMARÃO mesmo reconheco que esse autor nunca escreveu de outro modo.

A opmal testemunhao tem direito FR. THEORÉ DE JESUS. Seus *Trebelhos de Jesus* guardam a mesma syntaxe: « Que he isto, Deus meu?... Que achastes, Senhor: » (v. I, p. 69.) E assim a p. 24, 38, 39, 35, etc.

VIENA

«Que seria, se se mudassem palavras? Que seria, se se diminuissem palavras? Que seria, se se acrescentassem palavras?... Que seria, se se calassem regras? Que seria, se se sepultassem papéis e informações? Que seria, se...» (Sermon, v. II, p. 316.)

«E que é das esvazias? Que é das lagrimas e prantos? Que é da solidão do enterro? Que é dos apparatus funebres? Que é dos mausoléus e pyramides egypciaes? Que é do concurso da corte? Que é do acompanhamento...» (Sermon, v. III, p. 268.)

«Se o demonio tenta com as desiras, que fará com condições menos duras? Se tenta com o peccado, que será com o pecado e com a côrte? Se tenta com o jejum, que será com o regalo? Se tenta com a obra de misericordia, que será com a injustiça? Se tenta com a omnipotencia, que será com a fraqueza? E, se até com a divindade tenta, com a humanidade e com a deshumanidade, que será?» (Sermon, v. V, p. 183.)

«Se o demonio tenta com a cidade santa, que será com a cidade ocidental? Se tenta com o templo de Deus, que será com as casas dos idolos? Se tenta com as sagradas escripturas, que será com os livros profanos? Se tenta com os mandamentos de Deus, que será com as leis do mundo? Se tenta com as anjas da guarda, que será com as anjas da periglio? Se tenta finalmente com o deuscar, que será com o subir?» (Ib., p. 183-4.)

Note-se especialmente este exemplo:

«Com a amor, com o cuidado e com as acções, lhe dissesse por ultima despedida... que? Alada temo de o pronunciar.» (Ib., v. IV, p. 102.)

Ahi está o que significando palpavelmente «que coisa?», o exclamativo, portanto, o determinativo.

«Que tendes, que possais, que luyras, que trabalhos, que não houvesse de ser necessario para serviço d'el rei?» (Ib., p. 243.)

DE VIENNA: AINDA:

Sermons. Vol. I. p. 49, 55, 57, 91, 99, 110, 135, 147, 149, 103, 168, 217, 231, 291, 71, 78, 79, 81, 150 (quatro vezes), 194, 108, (duas vezes), 203, 201, 205, 208, 209, 213, 216, (tres vezes), 224, 227, 226, 214, 2, 206, 220, 301 (tres vezes), 317, 320, 331, 338, 341, 342, 343, 340, 348, 351. Vol. II. p. 231, 274, 275, 156, 225, 312. Vol. III. p. 12, 81, 181, 190, 244, 310, 319, 339, 369, 97, 153. Vol. IV. p. 49, 53, 54, 38, 91, 176, 251, 262, 110, 178, 234, 168, 171, 307, 210, 211, 216, 217, 223, 227, 228. Vol. V. p. 15, 46, 374. Vol. VI. p. 159, 219, 247, 259, (tres vezes), 269, 270, 281 (duas), 282 (tres), 283 (duas), 295, 293, 303, 322, 323 (duas), 326 (duas), 328, 334, 335, 337, 344, 316, 348, 349 (duas), 359, 362, 371, 271 (duas), 273, 274 (tres), 275, 276 (tres). E assim por diante nos mais volumes.

Cartas. Vol. III. p. 23, 41, 154. Vol. IV. p. 38, 68, 113, 114. (Ob. Inditas. V. II, p. 139, 163, 171, 172.)

São cullidas a como estas citações. Poderia decuplar-as muitas vezes, caso houvesse de consignar todos os topicos, onde se n'ha esse interrogativo sem precedencia de artigo.

Passemos aos modernos.

De FILIHO ELZIO não dectei com exemplo divergente. Indictarei, dentro innumerous outros, os logares, que me foriram na v. l. p. 179, 269, 274; v. II. p. 63, 69, 104, 132, 210; v. III, 14, 43, 73, 90, 103, 116, 132, 259; v. IV. p. 8, 29, 85, 93, 124, 125, 140, 229, 232, 233; v. V. p. 17, 38, 62, 104, 108, 114, 151, 248, 308; v. VI. p. 94, 139, 243, 289; v. XI, 5, 24, 29, 42, 48, 49, 54 (duas vezes), 59, 61, 62 (duas), 64, 72, 75, 76, 82, 89, 89 (duas), 90 (duas), 91, 95, 98, 97, 99, 121, 122, 134, 141, 142, 144, 152, 156, 162, 170, 181, 203, 213; v. XII. p. 12, 30, 32, 45, 63, 102, 110, 147, 148, 149, 162, 171, 167, 205, 220, 221, 234, 234, 261, 298, 270, 295, 299; v. XIII. p. 19, 23, 36, 37, 39, 59, 60, 71, 74, 106, 112, 114, 128, 136,

154, 174, 177, 178, 159, 195, 200, 216, 218, 212, 279, 300, 320, 322, 324. Assim por deante.

Voljamos A HERULANO: «Com effeito, que significari no seculo actual occupar uma camara legislativa com questões de heitas? Que tem o sublime engenho do crucificado com o denominar-se...? Que tem com isso a moral publica?» (A. HERULANO: Opusculos, v. VIII, p. 47.) A mesma syntaxe encontraremos em todas as obras desse grande escriptor. Indictarei:

Berios. P. 27, 33, 50, 56, 75 (duas vezes) 77 (duas vezes) 79, 120, 128, 129, 169, 171, 180 (duas vezes), 254, 273, 280, 283 (cinco vezes). Nom uma só vez o que.

O Monge de Custor. V. I. 3, 10, 12 (duas vezes), 36, 40, 57, 69, 75, 92 (duas vezes), 101, 102, 103 (tres vezes), 119, 120, 134, 155 (duas vezes), 149, 156, 178, 180, 185, 190, 195, 228, 229, 230, 231 (duas vezes), 232 (duas vezes), 237, 202, 298, 274 (duas vezes), 275, 278, 283, 287, 288, 290 (tres vezes), 292, 298. V. II. 17, 22 (duas vezes), 25, 32, 34, 37, 40, 41, 58, 60, 89, 95, 97, 101, 115 (duas vezes), 123, 157, 166, 163 (duas vezes), 177, 178, 180 (duas vezes), 181, 206 (duas vezes), 214, 237, 293 (duas vezes), 295, 296, 297, 298, 305, 306, 309, 316, 318, 323, 324, 326, 337, 361.

O Bobo. P. 13, 60, 84, 97, 98, 115, 118, 131, 137, 174, 178 (duas vezes), 185, 187, 188, 189, 208, 223, 232, 242, 249, 260, 268, 270, 272, 274, 275, 287.

Leidas e Narrativas. V. I. p. 19, (tres vezes), 39, 77, 78, 80, 102, 107, 134, 135, 182, 190, 243, 245, 263, 276, 278, 290, 291. V. II. 17, 33, 36, 44, 47, 49, 58 (tres vezes), 60, 66.

Poesias. P. 37, 76, 78, 79, 88, 105, 107, 109 (otto vezes), 118, 139, 131, 132, 172, 173 (duas vezes), 203, 212, 234, 240, 247, 251, 291.

Historia da Orig. do I-quissito. v. III, p. 316.

No mesmo volume das Opusculos, por onde occupei o mesmo escriptor adhaeramos de p. 15, 25, 63, 75, 148, 191, 207, 210, 224, 239, 255, 279, 298, 245, 252, 284, 299, 270, 272, 287 e 288. Avulta entre elles, porém, este lance, onde se complica, a um tempo, a ausencia do artigo antes do que na pergunta e a sua presenca na resposta:

«Que nos diz em resumo a historia dos monumentos? O que nos dizem todas as cousas?» (P. 217.)

Desse discriminao temos outro caso no seguinte excerpto do CASTILHO:

«Que lhe importa a elle...» se fez no deuscar» (Pseudo, p. 354.)

Da mesma obra é este passageo: «Vocês, vallaes,

Que fazem por aqui?...»

.....»

Nosso livro ainda: p. 41, 58, 64, 62, 116, 117, 118, 120, 121, 125, 139, 140, 141, 178, 184, 186, 192, 193, 216, 219, 222, 223, 236, 239, 252, 267, 244, 247, 254, 262, 263, 264, 270, 271, 270, 292, 298, 301, 303, 308, 312, 313, 324, 322, 323, 357, 359, 313, 373, 365, 389, 390, 395.

Folheemos outros escriptos do traductor do Fuzeto. Amor e Melancolia. P. 245 «Que havemos de comer, que havemos de beber, que havemos de vestir? Mais, p. 214, 234, 264, 269, 294, 346.

No seu Condies 1º ed. o mesmo: pag. 30, 31, 32, 33, 35, 36, 39, 41, 45, 56, 60, 63 (duas vezes), 74 (tres), 65, 69, 73, 76, 83 (quatro), 85, 89 (duas), 86, 88 (quatro), 102, 103, 104, 106 (tres), 108, 109, 110,

1 A referencia é de VIENNA. Transcrevo-a, tal qual é, e texto.

111, 112 (duas), 113, 117 (tres), 119, 120, 121, 123, 126 (duas), 129, 131, 132, 134, 138, 142, 149 (duas), 153, 159, 165, 166, 169 (tres), 171, 194.

Pastos. V. I., p. v. i: «Que é o que nos fica para o rubisco?» Mais: V. I., p. 39, 139, 165, 107. V. II., p. 17, 55, 69, 73, 129, 163. V. III., p. 5, 39, 123.

A. o. v. L. p. 48, 84, 86, 92. V. II., p. 36, 51. V. III., p. 9, 25, 46, 74, 78.

Anonimato, ode 29.

Arte de Amar, v. I., p. 35:

«Que será de mim? brada. O perigo me deixa!

Ai! que será de mim?»

Outono: p. XIII, XVI, XXV, 42.

Excavações Poéticas: p. 41, 95, 101.

Troquia de um Camello: p. 7, 33.

Colloquios Aldeões: p. 142: «Que é o amor materno? que é o amor da patria? todos os amores santos, que são? P. 189: «Que ha-de ser da minha companheira? e os crancinhas, cotidinhas, que hão-de fazer?» P. 288: «Mas que é da prova—Ora essa!—Sim. Que fez?—Que fez?» Mais: p. 69, 70, 88, 107, 111, 113, 111, 168, 167, 251, 252, 255, 292, 271, 284, 285, 299, 301, 305, 313, 320, 331, 340, 341, 357, 379.

C. CASTELLO BRANCO. Theatro Comico. P. 22: «Que é aquillo, que é aquillo, que é aquillo?» P. 50: «Fidalgo! Que é fidalgo?... Que é fidalgo?... Que é fidalgo?». Mais: p. 34, 39, 43, 45, 83 e 87. Doido do Cambai, p. 61, 86. E no mesmo em todas as suas obras.

Tão imperiosa é, a este respeito, a necessidade vernacua, que até os menos escrupulosos na sua parça, d'entre os escriptores portuguezes, quasi invariavelmente a respeitam.

Compulsom-se, por exemplo, Os Meios. No vol. II, p. 569, leio: «E que somos nós? exclamou Ega. Que temos nós sido...» E assim, ás ps. 61, 64, 65, 85, 91, 94, 95, 117, 124, 130, 141, 144, 150, 155, 188, 199, 201, 213, 219, 221, 222, 237, 242, 248, 271, 272, 284, 300, 310, 317, 320, 321, 326, 352, 367, 368, 398, 407, 417, 414, 424, 428, 429, 441, 445, 451, 453, 455, 476, 481, 509, 512, 514, 522, 527, 529.

JULIO RIBEIRO, na Carne, nem uma só vez discrepa. Veja-se ás ps. 29, 30, 57, 69, 76, 102, 123, 128, 131, 140, 146, 161, 165, 167, 180, 182.

GONÇALVES DIAS VERSUATA:

«Chorando—e que choráveis? — a jurar-me...

— Que juráveis então?»

(Poésias, vol. II, p. 73.)

«Que te hei feito, que punes-me assim?»

(Ib., p. 79.)

MACHADO DE ASSIS observa constantemente essa regra. No seu volume de Poésias Completas só uma vez se me depára um desvio, a que, penso eu, se levou a sedução do metro. E á pag. 276, neste verso, onde a supressão do artigo erraria a metificação:

«Do esperanças lanchinas o que resta?»

Tirando essa, todas as outras vezes se encontra alli sem a occorrença do o que interrogativo. Ver p. 3, 31, 39, 40, 61, 75, 79, 107, 143, 147, 157, 194, 240, 275, 321 (tres vezes), 359.

Romance, appellando para o proprio dr. CARNEIRO, em cuja GRAMMATICA (p. 244) se nos ensina:

«Ao adjectivo que, quando interrogativo, não se oppo: o artigo indicativo. Assim é que se diz: que é o mundo? que é o nosso corpo? que é a nossa alma? que é o homem? que é a morte? que é a vida? que pensas daquelle procedimento? que coisa é a felicidade? que coisa é Deus? e não: o que é o mundo? o que é o nosso corpo? o que é a nossa alma? etc.»

Outra coisa não fiz eu que applicar este canon peremptorio do mestre ao trecho de RAMALHO, que appoz essa particula ao que interrogativo. E esse grammatico é exactamente quem m'o vem exprobrar!

1489.— Verdade seja que uma ou outra vez, rarissimamente, como que a descuido, se nos offerece, em bons autores, a apposição do artigo indicativo ao adjectivo que, interrogativamente empregado.

Assim: «E isso o que é?» (MANUEL DE MELLO: Fênix de Amecias, p. 10). «Pois o que v'ra vossia a dizer nisto?» (Ib., p. 49.) «Ora o lobo, o que faz quando é matreiro?» (CASTILHO: Amores, I, p. 85.) «Se perdes meu abrigo, o que te resta?» (Ib., II, p. 47.) «O que foi isto?» (FUSTO, p. 177.) «O que é, menina? que tens tu?» (Ib., p. 230.) «Agora o que, Luizinha?» (Ib., p. 300.) «O que são os ventos?» (CASTILHO: Caveira da Martyr, p. 157.) «O que é a propriedade?» (A. HERCULANO: A Propriedade Literaria, p. 7.) «O que indica essa completa confusão de ideias do chronista?» (A. HERCULANO: Solennia Verba, p. 65.)

De ordinario, porém, nos rarissimos casos desta occorrença grammatical, o o que responde a uma construcção elliptica, na qual o artigo faz de complemento directo a um verbo anteriormente empregado em oração affirmativa e sustentando na interrogativa. E o que se verifica nestes exemplos:

«Santo quando v'ra sair... grande quantia de mours... tudo a bradar: Ly, Ly, yy...»

— O que?

«Perguntae-lho lá.» (CASTILHO: Cambai, p. 129.)

Sustentando-se, evidentemente: A bradar o que?

Outro:

«— Agora por mouraria... já me passava o dizer-vol-o...» exclamou o moço de monte.

— O que? interrompeu o besteiro.

— O que? Uma vergonha para travolgedores goliarlos.» (Monge de Cist., I, p. 152.)

Tal qual se disserra: «Dizer o que...? Que é o que vos passava dizer-me?»

Semchiantamento:

«Ouvireis alguma coisa que ha-do interessar-vos.»

«O que? O que? perguntaram varias vozes.» (Ib., 216.)

Isto é: ouviremos o que? que é o que ouviremos?

Outro:

«E que pensas tu, villão, de tanta insolencia?... Que pensas, que pensas? Fala, homem...»

«O que parece ao villão?... Parece-lhe...» (Ib., 230-232.)

E como se disserra: «Quereis saber a que parece ao villão?» Tanto assim é que, linhas antes, onde se não dera essa elliptica justificativa do artigo, tres vezes se empregou sem elle o interrogativo, e duas lizo depois se torna a empregar do mesmo fallio: «Mas, se ou fui culpado e fraco, pergunto: que soas aquelles que, sem respeitarem o bom nome...? Que soas aquelles que, semelhantes...?» (p. 332.)

Outro:

«Descansa, tia Domingas, descansa», acudiu o faherneiro, «emquanto eu lho vou buscar...»

«Buscar o que?» (Monge de Cist., II, p. 96.)

Sustentando: «Vae buscar o que...? — Que é o que v'ra buscar?»

Mais:

«Jurou? perguntou da novo Beatriz?»

«Juro. Mas o que juro eu?» (Ib., p. 183.)

Correspondendo a: «Juro. Mas sei o que juro eu?» — Sei eu o que juro?» — Dir-me-is o que juro eu?»

Alinda:

«Repara bem! Aquelle cadaver que alli jaz, o que é?» (Ib., p. 210.)

Exatamente como se escrevesse: «*Repara o que é aquelle cadaver que alli jaz*», ou «*Sabes o que é aquelle cadaver, que alli jaz.*»

E, ellipticamente, a mesma redacção não elliptica noutras phrases:

«*Não sabe ella o que é amor de uma donzella louquinha?*» (O *Bôbo*, p. 246.)

«*Sabes o que lhe dá?*» (Eufros., v. I, p. 274.)

«*Homem nescio, tu sabes para onde vás, ou o que levas?*» (Vizinha: *Serm.*, v. V, p. 86.) «*Homem precipitado, sabes o que fazes?* *Sabes o que firmas?*» (B., v. II, p. 186.)

«*Queres ver o que é uma alma?*» (B., p. 197.)

«*Tu sabes a que vai?*» (Filinto, *Obra*, v. V, p. 303.)

«*Não sabe o que succede?*» (B., v. XIII, p. 40.)

«*Sabes tu o que são mil e mil noites consumidas...? Sabes o que é caminhar sobre silvados...? Sabes o que é isto?*» (Eurico, p. 281.)

**119.**— Quando a anteposição do *o* ao interrogativo que não se possa justificar deste modo, o solecismo é palpavel. Se quizermos tirar a prova real, é usarmos do mesmo interrogativo, anteposta a elle alguma das proposições *a, em, do, para, ou por*.

Como diríamos? *As que vens?* Não. O vornaçulo é: *As que vens?*

«*As que vens aqui?*» (Herc.: O *Monastic*, III, 324.) «*Beguno, a que voltaste aqui?*» (Id., *London*, I, III.) «*Sabes a que vem aqui o infante do Portugal?*» (Id., *id.*, II, 61.) *A que dezes?* A subir a crevata.» (Camões, son. 276. *Obra*, v. I, p. 149.) «*A que vieste?*» (FERREIRA: *Obra*, v. II, p. 268.) «*A que vem?*» (CASTILHO: *Cam.*, p. 169.)

Como diríamos? «*No que pensas?*» Tampouco. Não se diz senhor: «*Em que pensas?*» «*Mas em que considiam essas instancias diversas, de que fazem tanto apparato?*» (HERCUL.: *Histor. da Inq.*, v. II, p. 306.)

«*Ena que podes parar?*» Nisto em que estou.

E ena que estas vós?»

(CAMÕES, son. 221. *Ob.*, v. I, p. 121.)

«*Em que cuidas senhora?*» (H., v. II, p. 169.) «*Ena que posso, o que devo hoje esperar?*» (H., v. III, p. 57.) «*Ena que te merecis tantas cruzas?*» (Id., v. IV, p. 133.) «*Ena que mereces a offensa...?*» (B., v. VI, p. 141.)

«*Ena que assi descanses o pensamento?*» (FERREIRA, II, p. 70.)

«*Ena que espera?*» (B., p. 72.)

«*Ena que a mereço?*» (B., p. 263.)

«*Ena que vos determinaes?*» (CASTILHO: *Cam.*, p. 52.)

Como se dirá? «*Do que te trataes?*» Nunca. Diremos sempre: «*De que te trataes?*» Eis um exemplo de CAMÕES, onde se encontram discriminadas, par a par, a expressão indetermiada com *do que* e a determinada com *o que*:

«*De que te são de pessoas o lembrar-se*

*Do que se passou já.....*»

(REG. I. Vol. III, p. 10.)

Outros, com *o que* unicamente:

«*Ma eu de que me queixo?*»

(EGL. II. Vol. IV, p. 30.)

«*Sabereemos que mal tom,*

*Se é doença do tristaza,*

*De que nasce, ou de que vem.»*

(VOL. VI, p. 178.)

«*Sabes de que vem*

*Amores boirão?*»

(VOL. V, p. 124.)

«*De que serviam as reformações do concello...?*» (A. HERCUL.: *Obra*, cit., v. III, p. 313.)

«*E tu grã Tybra, de que catás honrado...?*»

(FERREIRA, v. II, p. 18.)

«*Steta minh'alma triste perguntassas,*

*Sampayro, de que vive...?*»

(B., d. 72.)

«*Spanitado! eu.... de que, senhor?*» (CASTILHO: *Camões*, p. 50.)

«*E de que tu havias de arceolar, estando cu comige?*» (B., p. 111.)

Só caberia *do que*, assim como *o que*, se a expressão fosse determinativa, podendo-se trocar em *dagillio que*, ou *nagillio que*, como nestes exemplos de FILINTO:

«*Do que os passaros comem fazer queixas?*»

(*Obra*, v. V, p. 116.)

«*Senhor, stas no que digos?*» (V. XIII, p. 235.)

Podíamos escrever: «*Com o que contas?*» Não. A construcção grammatical é: «*Com que contas?*» Assim, em VIZINHA: «*Mas o senhor com que se acousará?*» (Serm., v. V, p. 351.) Assim em FERREIRA:

«*Roma, a grã Roma Emperatriz das genças*

*Com que a soberba Grecia escureço?*

*Com que tornou suas terras obdientas?*»

(*Obra*, v. II, p. 55.)

Assim, ainda, em CASTILHO: «*Com que te encolatras?*» (Camões, p. 35.)

Diríamos acaso: «*Para o que foges?*» Não. Diríamos, sim: «*Para que foges?*» Exemplos classicos: «*Para que culpa e triste pranto.*» (CAMÕES, v. I, p. 140.) «*Para que eloro, enfim?*» (B., v. II, p. 79.) «*Para que é viver?*» (B., v. V, p. 105.) «*Para que nomeaes?*» (B., v. VI, p. 145.) «*Para que é mais ante, que virmos a este?*» (B., p. 172.) «*Para que soa cu rei, senão...?*» (HERCUL.: *Monastic*, v. III, p. 305.) «*E para que o fiz du?*» (Ibid., p. 368.)

Semelhantemente ninguém diria: «*Pelo que lardas?*» *Pelo que roubas?* *Pelo que matas?* A construcção portugueza é: *Por que te matas?* *Por que roubas?* *Por que lardas?*

Em nenhuma dessas hypothese o interrogativo admite o artigo, pela razão de que em nenhuma dellas ha particularização de um substantivo masculino, a que o artigo se entenda alludir. Ora mudaria a situação grammatical, quando eliminassamos as proposições, e delta semos sózioho o interrogativo? Evidentemente não. Se não podemos dizer «*As que tu,*» «*No que tu,*» «*Do que tu,*» «*Para o que tu,*» «*Com o que tu,*» «*Pelo que tu,*» como poderíamos dizer: «*so que tu?*»

**120.**— Não importa que, na vasta litteratura dos classicos, um ou outro deslize pareça favorecer esta regencia. Nem sempre alguns exemplos de boa procedencia bastam a autorizar uma syntaxe. Se elle é palpavelmente incorrecto ante o proprio uso classico e a indole da lingua, cumpre ver naquellas anomalias simples notolos, dessas a que os melhores escriptores não são immunes. De tais casos nos depara muitos exemplos de DR. CARNEIRO mesmo, na sua *Grammatica Philologica*. «*Erro é muito vulgar?*» (diz elle, por exemplo) «*empregar a expressão donde por onde.*»

1 Não sei se poderemos haver esta confusão como peccillar «alguns dos nozes classicos. Antes me parece commum a todos, e quasi todos os analis.»

2 Em exemplos frequentissima. Deparar-nos as suas obras ora o onde por onde (v. IV, p. 271), ora o onde por onde (v. I, p. 100) v. II, p. 22, v. IV, p. 11, v. IV, p. 52, v. VI, p. 105; ora o de onde por onde (v. I, p. 49, 68 (tres vezes); v. II, p. 67, 149 (once vezes),

a *desse incorrecto não se tentaram alguns dos nossos classicos, como fez LUENA, dizendo: «Fortalozza doeste deixassom navios», em logar de «osse deixassom». (P. 382.) E elle proprio, a respeito do artigo anteposto ao interrogativo, depois de transcrever exemplos de A. Herculano e RIBELLO DA SILVA com essa «colocação, nota: «Esse exemplo, porém, não são para imitar.» (Seres Grammaticos, p. 207.) Ora, se não são para imitar, certamente não é porque sejam pueros.*

Que é, com effecto, esse o anteposto ao *que*? Lembra-se agora o mestre do a considero como particula de euphonia, inominada e carecente de função grammatical.

Mas allí mesmo, nos dois períodos anteriores, duas vezes o qualificativo de *arte*, o de *artigo* *interrogativo* lhe chama, já na sua *Grammatica Philosophica* (p. 244), já nos seus *Seres Grammaticos*. (P. 297.) Ora tendo esse *artigo*, de sua natureza, a mister especifico do *artificio*, e *destinatario*, evidentemente lhe repugna á essência grammatical o anteposto a uma particula interrogativa. O «*que*» pergunta, duvida, ignora. O «*mostro*», aponta, revela, individua. Não podem estar associados.

A tal ponto assim é que, ainda nas phrases não interrogativas, nem exclamativas, quando, talavia, a uma expressão traduz implicitamente duvida, ignorancia, pergunta, ou indeterminação, quanto ao objecto, a que diz respeito o *que*, o estylo elegante usa empregal qual qual nas orações exclamativas ou interrogativas. Exemplos: D. FRANCISCO: «E se non fies que parias com o pobre.» (Lett. Cos., p. 236.) «A scripto he, non grandes que foyes.» (Ib., p. 158.) «E veremos que ella diz.» (GIL VICENTE: *Obs.*, v. II, p. 167.) «Eu não sei que isso quer ser.» (Ib., 237.) «Canoão não mais; que já não sei que diga.» (CAMÕES: *Ob.*, v. II, p. 15.) «Oh que não sei que escrevo nem que fallo.» (Ib., p. 80.) «Não sei que creia.» (Ib., v. IV, p. 105.) «Não sei, Lillia formosa, que mais digas.» (Ib., p. 108.) «Eu não tenho que vos dar.» (Ib., v. V, p. 44.) «Eu não sei que visto.» (Ib., p. 123.) «Vejanos que me ha de dar.» (Ib., v. VI, p. 24.) «Não lhe fallará que cante.» (Ib., p. 138.) «Sem saber este mal que possa ser.» (Ib., p. 181.)

«Ponderemos e vejamos  
Que canhamos em nascer.»

(Ib., p. 210.)

«Quero de ti saber que é o que te della parece.» (FRANCO LOPES: *D. João I*, c. 35.) «Não sabiam que dizer... Nenhum de nós sabe que vos responde.» (Ib., c. 38.) «Não sabiam que cuidar com taaes fallas.» (Ib., c. 62.) «Inquelle guisa não soube que cuidar.» (Ib., p. 190.) «Amigos, eu não sei mais que dizer.» (Ib., c. 94.) «E mandou essa noite duas inoculas sobre que fazia Pero Rodrigues.» (Ib., p. 19.) «Para melhor vernos todos que se fez depois que ali chegaram.» (Ib., c. 98.) «Prezuntio que lhe parecia destes feitos.» (Ib., c. 181.) «Vamos saber que fez Nuno Alvaros.» (Ib., c. 142.) «Ali camora Nuno Alvaros, se tivera que.» (Ib., c. 146.) «Não sabendo que cuidar, disseo que visom que era aquillo.» (FRANCO LOPES: *D. João I*, parte I, c. 11.) «Se lançaram fora das camas, por subterem que ora.» (C. 147.) «Não sabiam que fazer.» (C. 118.) «Enquanto nós fomos vez que fez o Mestre.» (C. 150.) «Não sabendo

150 (quatro vezes); v. III, p. 81, 92; v. IV, p. 26, 57, 66, 123; v. V, p. 37, 67, 84 (duas vezes), 201; v. VI, p. 9, 6, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000.

A origem de uma confusão, ainda hoje popular, não estaria exactamente na simultanea commohecia do *adonde* com o *onde* e o *quod* *Adriano*, e, entretanto, que aqui o dr. CAMÕES não trepida em qualificar de *erro* um facto grammatical autorizado porquanto pelos antigos mestres do nosso idioma, por quasi todos sendo todos, e em que alguns modernos inda calram. Assim, LACTANIO CORNIO, *Orig. da Cor.*, p. 27: «*Adonde* e quando o aprendeste?»

«Quero saber que é a que te parece.» Taguez aqui cliknha a duas *vezes* esse *que* e *cliknha* que *viduamente* de *um* *apetito*, a *que*, determinando. E' como se FRANCO LOPES houvesse escripto: «Quero saber que *coisa* é *aquelle* que te parece.»

que era aquello.» (C. 152.) «Ante quo contemos que os mouca a esta.» (C. 175.) «Não soube que fazer.» (Parte II, c. 57.) «Não sei que faz, disse elle.» (C. 65.) «Sabeis que farei?» (*Eufonia*, a. I, s. 3.) «Não sei que culdo.» (Ib., a. I, s. 5.) «Não sei que faça.» (Ib., a. II, s. 3.) «Não sei que ha-de ser isto.» (*Melina* e *Nov.*, c. 8.) «Mas, como sabia que era...» (*Id.*) «Não sabia que respondesse o porteiro.» (FR. LUIZ DE SOUSA: *D. Fr. Bartholomeu*, l. II, c. 3.) «Não sei que d'aqui resultará.» (Ib., c. 7.) «Insuae-nos que façamos.» (Ib., c. 8.) «E não havendo mais que dizer.» (Ib., c. 14.) «Dando-lhos, emquanto houve que, alguma coisa pouca.» (CORRE: *Dec. IV*, l. I, c. IV, p. 33.) «Não sei que lhe faça.» (FERREIRA: *Ob.*, v. II, p. 291.) «Dizei que significa essa que avulta.» (CASTILHO: *Fadas*, v. III, p. 131.)

Ainda outros exemplos: «Não soube mais que fazer.» (D. NUNES: *Ob.*, v. I, p. 80.) «Não sabia que dissesse.» (Ib., p. 173.) «Não sabiam que dissessem.» (Ib., p. 296.) «Não sei que seja.» (*Eufonia*, p. 168.) «Não sei que vos diga.» (Ib., p. 291.) «Veis que aproveitam a Zelotipo seus cuidados heroicos.» (Ib., p. 283.)

«Ohay que fazem  
Esses dondos amores.»

(FERREIRA: *v. I*, p. 303.)

«Corri traz elle a yer que nos queria.»

(FRANCO: *v. II*, p. 71.)

251.—No antepo do artigo ao *que* interrogativo, portanto, quando encontrado em mestres da boa linguagem, soffre ella uma detorção manifeste, que só a conta das negligencias occorrentes nos methodos exemplares se poderá lançar. Como nas construcções affirmativas o artigo preceda o adjectivo *que*, determinando o objecto, ou individuo, por elle representado, dessas phrases passou facilmente esta *svntaxe*, em corruptelas do uso vulgar, para as interrogativas. Dahi provavelmente o *contagio*, que, por inadvertencia, leva, uma ou outra vez, os seus offultos até á pratica dos bons escriptores. Porque de outro modo não seria possível explicar a *exortiva* do artigo nesse especie de sentença, nas quaes a propria natureza della está em antagonismo com aquella função.

252.—Nem ha illoma, onde o *que* interrogativo admitta semelhante companhia.

Vamos ao maior dos classicos hespanhoes. E' CERVANTES. Follieamos o *D. Quijote*, a sua obra prima. Lá está: «Que es lo que hace?» (C. 18.) «Que aprovechará estar en campo abierto ó no?» (C. 19.) «Que quiere este monstrero en esta casa?» (Parte II, c. 2.) Y que son insulas?» (*Id.*)

Do italiano como o DANTE. E eis o que elle me exemplifica:

«Disse: Tu guardi sì, padre: che hai?»  
(*Id.*, XXXIII, 51.)

«Dimmi che è cagion per che dimostri  
Non dire e non guardare avermi caro?»  
(*Id.*, XXXVI, 110.)

«Tant' ch'io possa intender ch'ei tu canti.»  
(Ib., XXVIII, 48.)

Não se exprimem de outro modo os franceses.

«Où diex hospitaliers? que vo s'je en paraitre?»  
(LAFONTAINE: *Fab.*, VII, 16.)

«Que seroit-ce à mes yeux que l'eul de la nature?»  
(Ib., 18.)

«Mais que dire du troc que la Fortune fit?»  
(Ib., 19, 20, 21.)

«Que pourrait-on faire?»

(LITTÉR: *Études et Citations*, p. 430.)

«Quest-ce en soi une telle crise?» (LITTÉR: *Histoire de la langue française*, vol. I, p. 111.)

Entre inglês e allemão é idêntica a syntaxe.

Vêlo, quanto aos primeiros, SHAKESPEARE:

«What is aught, but what's valued?»

(*Trail and Cress*, II, 2, 52.)

«What sais she there? Words, words, mere words.»

(*Id.*, V, 3, 107.)

«What most I do?... Well, what then? what then?»

(*Coriolanus*, III, 2, 55.)

«What shall I need to draw my sword?»

(*Cymbeline*, III, 4, 104.)

«What is to do?»

(*J. Cæsar*, II, 1, 326.)

O mesmo, quanto aos segundos, os allemães, entre os quaes o *schal*, analogo ao inglês *what*, corresponde ao nosso interrogativo *que*. «Was thun Sie? Was thun? Was ist? Sie in Verzwöpfung? Was geschah? Was scheint Ihnen davon? Was ist das Leben? Was ist Das?» (SACCH-VILLATE: *Deutsch-französisches Wörterbuch*, p. 1979.) Isto é: «Que fazis? Que fazer? Que é o que te desespera? Que succeden? Que pensas disse? Que é a vida? Que é isso?»

Não se conheceria o *der* antes do *nos*, no allemão, o *che* antes do *what* no inglês, o *si* antes do *che* no italiano, e no francez, ou no castelhano, antes do *que*, o *le* ou o *el*. Porque? Porque esse interrogativo equivale sempre a *que coisa*, é, de seu natural, a fórmula da inquirição, e, por conseguinte, repelle o artigo, de sua natureza determinativa. Na associação vulgar entre os dois ha, portanto, intima antiloga, que algumas inadvertencias de bons autores não valem a justificar.

1313.— Concluo eu, portanto, com JETTO RINELLO (*Dreamant*, p. 240) e com JOÃO RINELLO (*Dreamant*, p. 146); com C. DE FERREIRO (*Lip. de Portug.*, v. II, p. 313, e III, p. 17), e até, com o professor CARNEIRO na sua *Grammatica (loc. cit.)*, que a expressão o *que*, interrogativamente usada, é *inexacta*. «Erro de grammatica», é o qualificativo do penúltimo desses autores. E que lhe havemos de chamar senão isso!

§ 27

Art. 233

INCIDIR

1314.— «Acervina censura» ãr, segundo a versão do professor CARNEIRO, ao emprego desta verbo. Mas o epitheto não se ajusta com a realidade. Contra esse verbo alleguei apenas a excepção do novidade no vocabulario das nossas leis, e de nossos mestres, dos nossos juristas-silios. *Incider* em, ou *cair* em, é como diziam, como até hoj dizem os nossos codigos, os nossos julgados, os nossos mestres de direito.

Essa a arguição capital, que lhe irroguei. Oppugnei-a o mestre? Nem com uma palavra.

Subsidiariamente adverti no tom pedantesco do vocabulo, fóra do circulo restricto que a sua invenção erudita lhe reserva, mostrandol

com frisantes exemplos a segurança do meu aserto. Combateu-o de qualquer modo o mestre? Também não.

Poderei, outrossim, a superioridade, em vigor e clareza, ainda na phraseologia litteraria, do *incorror* sobre o *incidir*. Que oppoz a isto o dr. CARNEIRO? Nada.

Disserta apenas da etymologia latina, *incidere*, do verbo *incidir*, da synonymia entre *incidit* e o *incorror* no latim, para concluir pela sua synonymia no portuguez. Quem l'ha nesca? Não en. Antes entre coisa não fiz que, a limitada ella, mostrar a vantagem do antigo verbo em relação ao novo.

Novo é elle, confessu o mestre, qualificando-o de *neologismo*. Mas (raciona) lesse que é de boa fonte, e conforma com a boa analogia, razão não ha de o *procorror*. *Procorror*-o? Mas onde tal fóra emmetti eu? Não, não o procorri. Disse que, na redacção dos nossos codigos, nos não desciassamos do outro vocabulo, consagrado pela tradição nas nossas leis, da nossa jurisprudentia, do tal os nossos melhoes, e mais cheio, mais sonoro, mais forte, mais intelligivel do commum da gualte.

Disse, e repito, sem *incorror* eu affronta ao mestre, imquanto elle de algum modo não embargue essas considerações, que deixou inactas.

§ 28

Art. 233

INCIDIR 801

1315.— Escravera eu que *incidir* equivale a *cair sobre*, concluindo não parecer consentaneo á significação da palavra o *incidir sob* do projecto.

Quem me subministrou essa definição de *incidir* foi CARNEIRO DE FIGUEIREDO. (*Loc.*, v. I, p. 740.)

Tenta corrigi-o mestre, allegando que *incidere* igualmente expelle *cair* em. Mas, de facto, não corrige; parquante *cair em* o *cair sobre* dizem ambas a mesma coisa. «Caindo sobre alguma coisa nella caímos. Caindo em alguma coisa, caímos sobre ella. Nos dictionarios de FREUDT e THEIL, QUICHERAT e DAVELY, invocados pelo mestre, todas as phrases do verbo *incidere* se regem com as preposições *in*, *super* e *ad*, e quasi todas as de *ca* (ou se traduzem no francez por *sur*) (sobre), o que está indicando a equivalencia entre uma e outra. O *super* latino diz igualmente *sobre*, em vulgar. Com a preposição *ad* alli figura unicamente a sentença *vincit ad terram*, vertido por etyma *cair* sobre terra». Mas, em portuguez, se hincita: «den en terras». Assim em A. BERTHOLO: «Den em terra, como se fira morta». *Entra*, p. 241.) Quem dá ou *ca* em terra, porém, cae ou dá sobre a terra.

Resta par notar semente, nos lexicones citados, uma phrase construida com o dativo: *Precipit: Iuppiter polatibus incidit*. Quer dizer: «Precipitaram-se nas aguas do povo.» Mas quem precipita em aguas, antes de mergulhar nelas, sobre ellas cae.

Toma, pois, sempre o *incidere*, ou *incidir*, expresso da queda, indicando a relação de movimento do alto para baixo entre a coisa caída e a sobre que ella cae.

Só com um exemplo allega o mestre. E qual? Este, de SENECA: *incidere in oculos*. Mas, prova elle que o *incidere* latino se regesse com a preposição *sub*? Não: mostra que se usava com a preposição *in*. E *sub* é que corresponde a *sob*. *In* responde a *em*, ou *sobre*.

Verdade seja que o francez verteu *tomber sous les yeux*, o o dr. CARNEIRO traduz: *cair sob os olhos*. Mas no francez o verbo empregado é *tomber*, e, no portuguez, é *cair*. Ora, nem *cair*, nem *tomber* são *incider*, ou *incidir*. Com o *incidir*, ou o *incidere*, é que relevava mostrar associada a preposição *sob* nalgum exemplo. O *sob*, do *cair*, cada prova; visto como em *cair* não ha nenhum elemento verbal, que exclua a idea de *collopposito*. Po-

1 Paris. 1880.



## PLEGONIMIA

1588. — No extenso comment. em que, a este propósito, escreveu a sua oração o illustre dr. CARNEIRO, de todo em o lo perdou elle de vista a luz, a que eu onearara o assumpto. Na minha nota a este artigo, tomando para estejo dois pontos extensos na lexicographia do noso idioma, o *Vocabulário do BOUTAR* e o *Dictionario de FORTUGADO*, entre os quaes me deixam quasi dois seculos, mostrei que não dissidiam na expoição da líbra correspondente ao vocabulo *pregonitor*, definido, no primeiro, como *acch. bisado, a cadente, primeiro pae* e, no segundo, como *o que precede antes do pae, avô, ascendente* — isto é, que a lexicologia mais antiga e a mais recente a este respeito se coadunavam. Dahi, posto em dictionaristas intermedios d'aqueles dois se encontre já insinuada naquelle palavra a noção de *paes*, conclui eu que, sendo a expressão malivosa, designando a um tempo o *pae* e o *avô*, se devia entrar do colloquio civil, onde a nobilizar a enunciação do pensamento legislativo exige, para cada uma daquellas entidades, o seu devido nome. « Quando a lei dispõe do termo especifico e univoco », disse eu « não deve ir buscar o indicio o multico. Usamos, na plurallogia juridica, da expressão que se não presão a dois sentidos. Para indicar o *genitor*, escrevamos *pae*, e, querendo indicar, ao mesmo tempo, o *pae* e a *avô*, digamos *pae*, como aliás faz o código muitas vezes. »

Para me render, posta assim a questão, era mister ou que o professor CARNEIRO me destruísse a premissa, alli assente, de que a lingua-n legislativa deve preferir á expressão vária no sentido a de um sentido só e inequivocal, ou que mostrasse não ter mais do um sentido, isto é, não indicar ora o *pae* ora o *avô*, o vocabulo *pregonitor*.

Nem uma, nem outra coisa fez.

1589. — Dario por antiquado o substantivo *genitor*, para substituir que o substituiria o nome de *pregonitor*, labora o mestre em cingano manifesto.

*Genitor* conserva até á nosa época a primitiva actualidade.

Provo:

« Calpeo é *genitor* de Tiberino. »

(CASTILHO: *Fastos*, v. II, p. 108.)

« Penedo em fálxas juvenis involto,  
Porquê ao deante o oracento se emperra,  
Engana ao *genitor*. »

(*Id.*, p. 127.)

« O' tu que a genio »

(*Id.*, p. 13.)

« O' *genitor* Mavorte! »

(*Id.*, p. 190.)

« Nem que assistisse  
Do *genitor* aos últimos arcanes  
Curtira mais angustia. »

(*Id.*, v. III, p. 42.)

« Onde está Marie,  
Marie o meu *genitor*? »

(*Id.*, p. 55.)

« O *genitor* depoe da fronte  
Radiosa e roa. »

(CASTILHO: *Metamorph.*, p. 67.)

« Se d'jus a um lago eterno,  
O' humilde, o amor pularno,  
Vae, despoe o *genitor*. »

(CASTILHO: *Soneto á Maria José*, *Id.*, *Id.*, p. 148.)

Ou já não representará d'istilla na mo heraldado e classismo portuguez? Indubitavelmente representará, e isso não poderá deixar de vir o meu doto mestre, que em vezes para aquella autor recorre como tribunal de instancia suprema.

1590. — Não contesta o dr. CARNEIRO que « fosse a idea de *avô* a primeira, com que entrou no vocabulo portuguez a palavra *pregonitor*, mas esta significação (continua elle) *o que precede ao singular*, conservando-se ainda no plural, assim juncendo *avô* *singular* e *avô* *plural* quer dizer *pae* ou *avô*. »

Demonstra, porém, este aserto: Nem com uma só autoridade, ou com uma razão que fosse.

Ora o contrario demonstrou eu.

Requiza já, com officio, os dictionarios de ALVARO e ABOLVEDO Cortizo, todos os dumaes juntao no vocabulo *pregonitor* a accepção de *avô* á de *pae*.

MORAS: « *Pregonitor*, *Ascendente*; o tronco de que accipit *pregonito* o *pae*. »

LE. DE FARIA (4.ª ed.): « *Pregonitor*, *Ascendente*, *pae*. »

POISSON (Diction. Port., Franc.): « *Pregonitor*, *Ascendente*, *avô*. »

VALDEZ (Diction. Port., Franc.): « *Pregonitor*, *Ascendente*, *avô*. »

FR. DOMINGOS VIEIRA: « *Pregonitor*, *Ascendente*, o *pae*, *tronco*, *avô*. »

JOÃO DE DIAS: « *Pregonitor*, *Ascendente*, *avô*. »

C. DE FIGUEIREDO: « *Pregonitor*, *O que precede á avô* o *pae*; *avô*, *ascendente*. »

DOMINGOS DE AZEVEDO e *o Pregonitor*, *Avô*, *avô*. »

Quasi todos os nossos vocabularios, portanto, reconhecem a terço *pregonitor*, no singular, a significação de *avô*, sendo que alguns d'elles, e justamente os mais modernos, João de Dias e Figueiredo, so esse sentido lhe attribuem. Onde, pois, foi buscar o dr. CARNEIRO que do vocabulo *pregonitor*, no singular, se delisse a accepção de *avô*, bastando-lhe unicamente a de *pae*?

Quem aprofundar a glosographia do vocabulo *pregonitor*, acabará por se convencer de que não somente quanto ao singular, na antiguidade vernacula, a tal respeito é d'itima por BOUTAR, sube de sua redução a um só sentido. No singular aquella palavra antigamente só designava o *antepassado*. Quando no plural, já a expressão abrangia ora o *avô*, ora o *pae*. E' o que notára a ver, com dois exemplos nua só pagina, o velho AMADOR ARRAIS, d'os primeiros d'elles: « Por isso disse o sabio que os bons paes são gloria do seus filhos. Que o nascido de bons *pregonitores* resolve d'elles pela maior parte natural inclinacão para o bem. » (*Id.*, *Id.*, p. 15, p. 42.) Algumas lidas: abaixo se encontrará o outro lance.

« Tudo chegou a salvamento, excepto as parvas liquidas. » (V. *Id.*, *Id.*, v. I, p. 101.)

« Todos os portuguezes fizeo o mesmo, excepto os meus irmãos. » (*Id.*, p. 24.)

« Vossa sanhoria se aira de mo resulte estes papéis, porque tenho prometido a communição d'elles a alguns amigos, excepto ás cartas do mestre de Martim. » (*Id.*, v. I, p. 8.)

« Excepto a carta de sua alme, esta é a unica que escrevo a Portugal. » (*Id.*, v. II, p. 4.)

« Com auctoridade de todas as costas creadas, excepto somente nua avô. » (VIEIRA: *Sciencias*, v. I, p. 73.)

« Tudo o que se seu o lo, sua auctoridade a maldad julgasse convenientemente para o vencer, excepto a velle a velle do mesmo Job. » (*Id.*, p. 48.)

« Na grande provincia de Il. d'Almeida, excepto Doria, por isso chamada virgem, nenhuma cidade houve, que não fosse conquistada. » (*Id.*, p. 14.)

« Excepto algumas avô. » (BENARDINO: *N. Flor*, II, p. 3.)

« Excepto nua, que estava a porta de um cidadão. » (*Id.*, p. 31.)

Não me parece, pois que tenha razão o illustre sr. CARNEIRO em PREGONITARE em recuar foros da portuguez ao adjectivo *avô*. *Id.*, *Id.*, v. I, p. 978.) De lides (tambem o adjectivo *avô*), e a autoridade de escriptores como VIEIRA e BENARDINO lhe legitima de sobre a adpocao portuguez.



161. — E como, por que refusar esta locução? E' o cumulo do arbitrio grammatical.

Traça-se dois par., que, na acção, vulgar, flocosca e a varias vezes adoplada pelo mestre no s.º projecto, de *non a uno*, são necessariamente *duos*. *Um d'elles*, marredno, porora, determina o terço, regular a titella da prole; e a loi o autoriza a prover neiss par.ºs e o consorte subsequenter. Esto quem sard, no festamento feito por *um dos paes?* Naturalmente o *outro dos paes*.

A syntaxe não soffre lesão, e a clareza é perfeita. Dois são os par.ºs. Um dollos testa, nomeando luitor o outro. Logo, o nomeado é o *outro dos paes*, a saber, o *outro de entre os paes*, ou: *dos paes*, o *outro*.

Supponha-se que eu dissesse: « Farás guardar os dois extremos da estrutura. Para um desfocaras o regimento. O *outro dos extremos* será defendido pela brigada. » Poderia inventar a expressão: *dos extremos*, o *outro* será defendido. Haveria que objectar a esta redacção? Figure-se estouro dizer: « Elle prefere, *dos dois*, o *outro* »? Estaria errado? Não. Agora transpuzimos, dizendo: « Elle prefere o *outro dos dois*. » Não está certo? Evidentemente está. Se não ha que censurar em o *outro dos dois*, qual o fundamento da censura a o *outro dos paes?*

§ 30

Art. 117

INFLUIR SOBRE

162. — Aqui a rixa é outra vez com a linguagem das minhas notas, não com a do substitutivo. Não facto de rediir o colligo, propo-se o dr. CARNEIRO a revisão grammatical do meu commentario.

Collato o mestre diligentemente a expressão *influir sobre*, tirando á praça oito excerpços de CAMÕES, SOUSA, BERNARDES, HERCULANO, HENRIQUE DA SILVA e LATINO GOMES. Tres desses excerpços t.ºam no ultimo desses escriptores. Os outros contribuem cada qual com um só. Ora, para a indução de uma lei, ainda grammatical, e mui poeca. De haverem alguns classicos usado, uma vez cada um, a locução *influir em* absolutamente não se collige que rejeitam a expressão *influir sobre*. Em mesmo tanto do ordinario empregado, nos meus escriptos, a primeira dessas duas fórm., a que o dr. CARNEIRO preconiza, e sem embargo, da outra me servi.

Como não costume regatear jámais a verdade, não occultarei que não se dá facil encontrar, nos classicos, exemplos da locução *influir sobre*, ao passo que, abondano o *influir em*, temos especimons desta energia: « Como o pintor influencia no poeta, o poeta no musico, o musico no estat ar., o estatuario no historidor, o historidor no philosopho, o philosopho no moralista. » (CASTILHO: *Am. e Metem.*, p. 314.)

Nasce essa preponderancia do *em*, com este verbo, da sua expressão nativa e primordial. *Da fluere, fluir, correr, e in, em, para*, derivou *influere, influere*, significando o correr (fluir), ou « fazer correr para alguma parte. » (FR. DOM. VIEIRA.) « *Petus influat in Nopanam fluvium*, escrevia CESAR. (De Bel. Gall., VII, 57.) Dahi vem mais tarde a proceder a accepção metaphorica *penetrare, insinuare, em, que já os latinos possiam: « Ut in universas partes antano lingua influere possimus. Por que logremos influir em todos os escriptos. »*

Mas desta resultou ainda outro significado: o da acção, que *sobre* alguma coisa se exerce. E neste sentido nos depara Fr. DOMINGOS VIEIRA, com essa preposição, varios exemplos:

« A educação *influa sobre* toda a vida. »

« Ha homens que *influen* muito *sobre* a resolução do seus amigos. »

No que escreveu a proposito d'art. 24, §. 4.º, concluoem o mestre: *Retrahe* é synonymo de *retrahere*. Ora LXX. Certo no uso de *retrahere* como verbo intransitivo. Logo, a significação intransitiva cabe igualmente ao verbo *retrahir*. Assim o dr. CARNEIRO.

Mas *influir*, no intuito em que de llo-ma servi, syn. minima com *actuar*. Ora *actuar* se rege ou com a preposição *em*, ou com a preposição *sobre*.

Prova.

« No mar que força a... »

Quando se ergue tremulo e cada llo persiste? »

(CASTILHO: *Geogr.*, p. 127.)

« ... que tudo quanto melhora a mulher, vem depois a *actuar* na educação dos filhos. »

(CASTILHO: *Colloq.*, p. 88.)

« Fazendo com que a linfa e com que a linman  
Dos homens *sobre* o plústico *actue*. »

(B., *Fiesis*, v. II, p. 193.)

« De sua natureza é o *actuar* sobre multitudes de inferioridades e misérias. » (B., *Colloq.*, p. 143.)

« Os methodos industriais poderão *actuar* *sobre* a agricultura. » (Bél., p. 181.)

« Os costumes de Lisboa iam *actuando* *sobre* o animo do seu bom amigo. » (C. CASTILHO BRANCO: *Quêda d'um bojo*, p. 158.)

Logo, se com *actuar*, se pode escrever indifferenteente *em*, ou *sobre*, com *influir*, quando seu synonymo, do tucano mudo acertado o *sobre*, ou a *em*.

§ 34

«EM», POR «A»

«A», POR «EM»

163. — A preposição da preposição *em* com o verbo *influir*, abea esta digressão o professor CARNEIRO:

« Não a lango notar que em todos os logares do Projecto, onde se emprega o verbo — *incorporar*, seguido da preposição *em*, acompanhando-lhe o complemento indirecto, é esta preposição substituida na emenda do dr. Ruy pela preposição *a*. Entretanto é a preposição *em* de uso muito mais frequente entre os nossos classicos, cada vez que recorreem ao emprego desse verbo. »

Pera é não apontasse o mestre os logares onde substitui o *em* por a depois do verbo *incorporar*. Se o fiz, que nisso não houve de minha parte intenção de emendar, além o demonstrar a circumstancia do não existir palavra minha de anotação a tal respeito. Tivess eu por erro o emprego do *a* *em* aquelle verbo, e não deixaria de o apostillar. A ser exacta, logo, a substituição, naturalmente a praticou sem animo de corrigir. Alternou a redacção de textos, que por outras motivos se me luvesssem affugado modificação, pelo ter acontecido que, de envulva em, com a alteração geral, lhes luvessam também essa preposição. Sendo indifferente a escolha entre uma e outra, teria preferido o *a* ao *em*, como, inversamente, poderia ter anteposto o *em* ao *a*.

Errei acaso na preferencia dada ao primeiro? Se não errei, a que vem a censura? Ora, o douto philologo reconhece que erro não houve. Apenas adverte que, entre os classicos, é de mais uso a outra preposição. Logo, tambem usada é a de que ussi. Foi acertado, pois, o meu uso. Porque n'õ embarga?

Fr. DOMINGOS VIEIRA (*Dicc.*, v. III, p. 1.073) abona o emprego da locução *incorporar a* com diferentes exemplos: « *Incorporar a*

egreja de Jesus Christ, todos os povos convertidos. Incorporar uma provincia a um reino.»

MORaes, do mesmo modo: «Incorporar uma porção de terra á outra herdade. Incorporar ao districto, ao territorio, os raios do reino, ao Estado. Incorporar á coroa as conquistas.»

CANDELO DE FERREIRA, semthontamento: «Incorporar. Dar forma de corpo a; dar forma ou volume a.»

No latim, onde o verbo *incorporare* se classifica do 4.º conjuncto a *abstrahere*, *aggragare* (FERREIRO e TRISTE, v. II, p. 291), usava-se construir tambem esses dois ultimos verbos com a preposição *ad*. «Ad probas premissas ita *abstrahere*. Hujus est in filium aeterni judicii et eterni ad paris intentum *aggragare* voluit.» (FERREIRO e TRISTE, v. I, p. 48 e 92.)

Mas por que argumenta conthillações, se temos facile possivel? No latim o *incorporare* tambem se construa com o dativo, que em vulgar se traduz pela preposição *em*. São de S. AURELIANO as palavras: «Ecclesia... *solum* quodammodo *incorporat*... (*Anatolus*, 2.º *Evangelii*, *Christ. 6*) » *incorporari* Ecclesiar. » (*De Cathol. orth.*, 6, n.º 19.)

Quando a accção do verbo *incorporar* se estende a duas cousas (porque se póo limitar a ella dado), ora se quer exprimir o facto do *materialiter*, *essentialiter*, *enteliter* (ALFARIC, *Inclusio* — se uma na outra, ora o do *accidentaliter*, *accusativo* est *apud*ella. Na primeira hypothese se predomina a idea de *incorporar*, a que é mais consuetudinaria a preposição *em*; na segunda, a de *aggragare*, *summa*, reclamando mais adequadamente a preposição *a*.

1857. — Alias nada tem de abstrudo, na tradição vermenha, a historia desta distincção porque o uso classico, na escolla entre o *est* e o *em*, está frequentemente ao favor do uso commum em nossos dias: ora prefero o *em*, onde nós de ordinario damos preferença ao *a*, ora o *a*, onde mais vezes empregamos o *em*.

#### Exemplificao.

EM — A:

« Os cabellos da barba, e os que lesem  
Da cabeça *em* os hombros.»

(LUSIADA, VI, 17.)

« Mas voando  
D'um *modo*, tudo irá desbaratando.»

(IB., X, 16.)

« Ho qual livro foi de lingua arabica trasladado em portuguez.» (ANDRÉ DE RUYENDE: *Historia de Evora*, c. 11.)

« Penteamento manto meu corpo em Sucto Polvo de Celi.» (MISER, *Choral*, do J. P. RIBEIRO, v. I, doc. n.º 80, p. 870.)

BARRAS: «Pondo a peza em atravessar aquello palpito.» (Doc. II, 7, c. 7.) «Omni acuitum ao mar, porque os mais delles andavam offendidos do faesamento, puzeram o rosto *em*lo.» (IB., Doc. III, I, X, c. 2.) «Tangiam com *uma* maneira de fructas pastoris, que em seu modo pareciam bom.» (IB., Doc. I, I, IV, c. 3.)

BRITO: «Nod... se tornou *em* [isto é, *estava* de] a pmedia.» (*Monarch Lusit.*, v. I, p. 13.)

MORaes: *Palmaria a mar*: «Sentio já alonrado da cidade de Londres, foi ter em um vall' despozado.» (P. II, c. 54.)

SORNA: *Vid. do Arc.*: «Continuar os filalgos da corte *em* a visitar.» (L. I, c. 9.)

«Acudi ella, e apurando *nos* dentes, disse.» (IB., c. 18.)

«Puzeram-se as lampreias em venda.» (IB., c. 14.) «Tornavam muitos *em* si.» (Ibid.) «Pelo tempo *em* doante.» (L. I, c. 17.)

«Obligado a continuar *em* progar.» (IB., c. 18.) «Quasi nos olhos dos

prelados. (Ibid.) «Assistia *em* tudo.» (L. I, c. 24.) «Prestio ao governo.» (IB., c. 35.) «Logo se resolveu *em* tomar o caminho.» (IB., I, II, c. 1.) «Quem dará soluçao *estas* contrarias?» (Ibid.) «Em cabo de muitos dias.» (IB., c. 10.) «Resolveu-se *em* romper.» (IB., c. 13.) «Determinado *em* não sair.» (IB., c. 23.) «Resoluo o archiepo *em* dizer.» (Ibid.) «Fazendo-lhe signal com uma mão e com a outra apontando *em* uma mulher.» (L. VI, c. 7.)

«Passado *em* Africa todo o poder e nobreza deste reino.» (L. IV, c. 12.)

FRANCA MENEZES: *Pergrinatio*: «Customeo a terra com ventos pontelhos de um borto *em* outro.» (T. I, c. 47.)

VEIRA: «Na face do sol *em* na luz do meio dias.» (SERVA, v. I, p. 73.)

«No testa de um exercito.» (IB., v. I, p. 90.) «Tiramo *em* linpo.»

(CERES, v. I, p. 206.) «Continuo *em* a polir.» (IB., v. III, p. 42.)

«Podos *em* linpo.» (IB., p. 45.) «Lancou *em* capotola.» (IB., p. 97.)

«No testa dos esquadras.» (SERVA, v. I, p. 291.) «Sair *em* campo.»

(IB., v. II, p. 16.) «Saíram *em* publico as suas d'fessas.» (IB., v. VII, p. 173.)

«As queas se uniam *em* a outra.» (IB., v. VI, p. 475.)

«Pergrinando de um lugar *em* outro lugar.» (IB., v. IV, p. 291.)

«Saltava do um enfermo *em* outro enfermo, de uma casa *em* outra casa, de uma rua *em* outra rua, de uma cidade *em* outra cidade.»

(IB., p. 203.)

M. HERNANDES: *Noa Floresta*. — «Vieram *em* Egypto dous mones.» (V. II, p. 33.)

CASTILLO: «De tempo *em* tempo.» (AMORES, v. I, p. 15) «Useo-me

em terra.» (PRIMEIRO, p. 92.) «Saíram *em* campo.» (IB., 147.) «De um

em um.» (EVORA, *Poet.*, p. 38.) «Encendião *em* cotovola.» (MILITARIO,

p. 391.) «Não se limitaram *em* elucidar o poema.» (PASTOS, v. I,

p. 347.) «Foge *em* salvo.» (IB., v. II, p. 67.) «Em *iba*, e logo

em fundo!» (TERCETO, p. 183.) «Ab. terra *em* ti.» (EVORA,

p. 398.)

A. HERCULANO: «Fazo resar nos ouvidos das: rurtas palavras

de terror.» (A *Voz do Proph.*, I.)

C. CASTELLO BRANCO: «o rapaz já nos dezeseis annos disse 4

mal.» (NASCIMENTO, v. I, p. 144.) «Qualidades, que, *em* meu juizo,

dizem muito na bellera.» (MESA, *do Carne*, v. I, p. 94.) «Estampar

a borpeza, e recital-a *em* piano.» (CORONEL, p. 487.) «Não lho lievo

*em* mal.» (QUEIROZ, p. 1.) «O capitão não lho levava *em* mal o

arroyo.» (DOZE CASAMENTOS, p. 187.) «Som embargo de fallar-se

*em* um grande talento.» (PROF. aos *Cambates* e *Clasica*, p. XXIX.)

«Antoninha abraçava-se so tio. Catharina abraçou-se na filha.»

(A *Cue. da Martyr*, p. 108, 181.)

▲ *em* — A:

« O grão sãdo Dalarte, pondo os olhos *a* todas partes, vieram-

se contra Florida.» (MORaes: *Palmar.*, I, 8, 10.)

« Multas vezes lhe acontecia estar *a* ellas em pé no meio do

côro.» (SORNA: *V. do Arc.*, I, I, c. 27.)

« Quem se contenta *a* se salvar.» (VEIRA: *Serva*, v. V,

p. 111.)

« Teimavam os israelitas *a* ter rei.» (IB., v. II, p. 146.)

« Tulo resumiu S. Paulo *a* uma só palavra.» (IB., v. III,

p. 553.)

« A materia tão immensa como breve se resume *a* uma só palavra.»

(IB., v. XI, p. 5.)

« O verso entrado *a* nova e prodigiosa vida.» (CASTILLO: *Evora*,

p. 142.)

« Por entrados sem venia e a furto *em* as lares nossos.» (IB.,

p. 192.)

« Mama Allah que eu te colla a meus bracos.» (CASTILLO: *Quadros*

*Historicos, Girado sem Paor*.)

« E teimas a insultal-o.» (CASTILLO: *Tartifa*, p. 103.)

1 Incorporatio, onis, f. Verbalis ab *incorporo*; actus incorporandi. *corpore* constituitur. 2 — Item *compositio* *compositio*, *collocatio* *unitis* *vari* *alteri*. FORCELLINI: *Talms Latinitatis Latine*, v. III, p. 416.

1 *Manoas* de Fr. João de S. José *Queiroz*. Porto, 1868.

2 *Nois Casamentos Felices*. Ed. de Lisboa, 1862.

3 De SILVA PINTO. Porto, 1882.

«Volti para o Porto, animado por um gamonlismo, que o indus-  
tria e furtiva» (CASTILLO: *Memor. do Cere.*, v. I, p. 137.)

Muitas vezes com a mesma construção, o mesmo verbo e o mes-  
mo pensamento empregam os bons autores ali torpemente e, ou  
ou, dando a ver a olho a porfita equivalencia venavula, nesses  
casos, entre as duas proposições.

Agora diz VITTA, por exemplo: «Saí de campanha.» (Serm., v. I,  
p. 323.) Agora, na pagina seguinte: «Saí em campanha.»  
Agora, outra vez, na linha immediata: «Saír o rei de campanha.»  
Aqui occorre «correr em nosso remedio.» (Serm., v. II, p. 210,  
211.) Allí, na mesma pagina: «Audi o nosso remedio.»

Na *Missa e Meza*, de BERNARDINO RIBEIRO, ora se nos depara:  
«E se poz em se mover para elle.» (e. 14.) ora: «E ás vezes se panha  
e fallar com os offiçães.» (P. 157.)

«Pôr pã o em accudir,» d de CASTILHO. (*Colloquia*, p. 96.) E do  
mesmo CASTILHO (*ibid.*, p. 248) é: «pôr pã o a exteplala.»

Todos estes exemplos me parecem ainda hoje imitaveis. Mas  
creio que nem sempre, neste particular, nos seria licito seguir as  
pegadas do uso classico. Durto, por exemplo, que, a não ser em  
dessejo caprichoso ao gosto contemporaneo, ouz-se escriptor da  
nossa época o emprego da *propositio em pro*, como nestas ex-  
cepções, aliás de um dos maiores e menos antiquados mestres da  
lingua: «Os trezentos mil réis que restam para o dito conto se re-  
pararam em pã e opãis.» (Soc.: A. V. do Arc., I, II, c. 9.) «Diz  
o decreto que nas cathedras omie fallaram distribuições,» ou forem  
curas, se reparta nella a terceira parte das prebendas.» (*ib.*, c. 16.)  
Do onde se apura que não basta allegar o exemplo antigo o autori-  
zão, para concluir pela admissibilidade actual da imitação.

Claro está, pois, que do de mestre nada nos adelantaram. Ao  
mesmo tempo se vê que do nosso direito o oppo livre onto a pro-  
posição *em* e a *propositio e*, nesses phases, não me fallaria noticia.  
Tão pouco era eu alheio ao uso desse arquetipo, cuja facilidade  
muitas vezes utilizei em trechos como este: «Propagou-se rapida-  
mente, de campo em campo, de villa em villa, de capital e capi-  
tal.»<sup>1</sup>

Ora delle tanto me resultava o jus de antepor o *incorporar a*  
*incorporar em*, como o de preferir o *incorporar em* a *incorporar a*.  
Se as prelições antigas puzes-mo lá absoluta, não poderia o  
dr. CASTILHO escrever, como o faz, nos seus *Serões*: «Presidira d  
coroninas; visão como, no estylo classico, *propadora o presidir*  
*or*: «Presidio no governo da camara.» (Soc.: V. do Arc., I, I,  
c. 26.) «Presidiram nelle em seu nome dois cardes.» (*ib.*, I, II,  
c. 5.)

§ 35

Art. 409, II

«CARECO: A»

1098.—Rodriga-se este artigo, no projecto:

«Quando o devedor pôde forraccos sim ser privado dos meios  
de que carece d sua sustentação.»

<sup>1</sup> Por outras preposições tambem se costumam entre os classicos a  
propositio *em*.

Pela *propositio para*:  
«Foi pã oçosa foram para o infante as causas que concorreram em  
sua morte.» (VITTA: *Serm.*, v. VI, p. 197.)  
Pela *propositio pro*, ou *de*:  
«Viz orien em nota forma.» (Soc.: *Id. do Arc.*, I, I, c. 20.)  
«Viz mesma forma.» (*ib.*, I, I, c. 1.) «Em alguma maneira.» (*ib.*, I,  
I, c. 30.) «Em nenhum modo se deve dissimular.» (*ib.*, I, II, c. 13.)  
«Exceção em engenho.» (CASTILHO: *Mys. de Paço*, v. II, p. 170.) «Linha  
estercou-se em dissimular.» (CASTILHO: *Id. Dida do Card.*, p. 69.)  
«Vestiu em seu pobre habit.» (Soc.: *Vid. do Arc.*, I, I, c. 17.)  
«Vestiu em dalmatias corminas.» (*ib.*, I, II, c. 34.)  
Pela *propositio contra*:  
«Como poderai eu fazer esta maldade, e peccar com meu Deus?» (*In-  
sulto de Lisboa*, t. II, p. 12.) «Com direito poderamos esto, porque  
peccamos em nosso limão.» (*ib.*, p. 67.)

<sup>2</sup> DR. BARRAHO: *Cartas de Inglaterra* (*Ido de Jan.*, 1806), p. 276.

Objecto;

«Errada aqui a crase. O *o* não é dativo, mas nominativo. Não são  
complemento indirecto, mas agente do verbo *carecer*, as palavras  
*de* *sua sustentação*.»

A doçosa do mestre vale a pena que se transcreva.  
«E' *justamente contrario*, diz elle. «Na phrasa do Projecto do  
Coligo o sujeito *correc* não é a *sua sustentação*, mas o substantivo  
*devedor*, sendo esse o sentido: *sem ser o devedor privado dos  
meios de que carece d sua sustentação, isto é, dos meios de que  
precisar, dos meios de que houver necessidade para sua sustentação*.  
Parece-me isso claro; e que não entendemos d isso a *ditis*; e esse  
o *nominativo*.»

Esta explicação affronta a evidencia.  
Fere na vista nos mais myopes que, aquello texto, a der-  
radreira sentença está invertida. Disse-se: «de que carece a sua  
sustentação», por «de que a sua sustentação carece». O sujeito  
está nas palavras *a sua sustentação*. Alludido-se aos meios de que  
*a sustentação do devedor* carece. E, sendo a sustentação o agente,  
não era licito impor ao artigo a o signal de crase.

Tanto esse foi o pensamento da commissão parlamentar, que no  
seu projecto aquelle «a» não *em accento*. Assim está nos *Trechos de  
Commas. Espec.*, v. VII, p. 59.

No *Diário Official* do 26 janeiro de 1893, onde primeiro saíra a  
luna aquella redacção, vinha accomodado a («P. 197.) beram,  
porém, pelo erro os seus autores, e, ao paginarem para o setimo  
volume, onde ficou a edição definitiva do trabalho parlamentar,  
clifiram o accento, deixando assim redigido o texto:

«Quando o devedor pôde forraccos os sem ficar privado dos meios  
de que carece A sua sustentação.»

A minha emenda, portanto, outra coisa não fez que realcelecor a  
syntaxe adoptada pelo commissão parlamentar.

On fortuna, ou obra do professor CASTILHO é, portanto, a crase  
superveniente, agora por elle autorizada com todo esse calor.

Mas esse calor é de um erro, que, com o insistir e arrazoar,  
mais ainda se agrava. Quer o mestre que «d sua sustentação»  
alludeja em vez de *para* a sua sustentação. O que se pretendia,  
segundo elle, era fallar nos meios, de que o devedor carecia *para*  
a sua sustentação, e, substituido, uma propozção por outra, escre-  
veu-se: «os meios de que carece d sua sustentação». Uma redacção  
tal, porém, extravagante, arrozada, obscura, não tolera excusa.

Ninguém diz: «Preciso de meios a viver», mas: «Preciso de meios  
*para* viver». Ninguém: «Necessito de recursos d minha subsis-  
tencia», mas: «Necessito de recursos *para* a minha subsistencia.»  
Ninguém: «Careço de alimentos d minha sustentação», mas:  
«Careço de alimentos *para* a minha sustentação.»

Logo, se *a sua sustentação* allí estava em complemento indirecto,  
havia de construír-se a phrasa com a preposição *para*, e a não  
pôde encerrar naquello trecho *propositio*. Força é que seja uni-  
camente o artigo: o, como tal, não soffre crase.

§ 36

CASUS

1099.—Mais que o de ninguém é occasionado o espirito dos  
mestres a crises de mal humor. Ven-hes esse adaque do can-  
tino orendar e castigar, do continuo encontrar-se com o erro, e  
com elle contolar.

<sup>1</sup> Não parece correcta ao eminente sr. CASTILHO a phrasa: «a re-  
gencia *encontrar-se com*. (*Licet*, v. II, p. 8.) Não sei, porém, se o dento  
philologo tem razão.

Mestre BERNARDO N. Floresta, v. II, p. 26) escreve: «Suscedendo  
*encontrar-se* em outra terra com uma mulher, que for occasio de seus  
vícios.»

E sr. CASTILHO BARRAHO (Serões de S. Miguel de Seid, VI, p. 46):  
«O Senhoz sabia que elle havia de *encontrar-se* com muita genia.»

Devia estar nua d'esses accessos o illustre dr. CARNERO, quanto ao rematar o panegyrico daquella singularidade, me desleixa do alto da sua saher esta palatatoria: « Parece-me isso claro: o que não entendemos, é esse o relativo e esse o nominativo. » (que terá um mente inatinar o mestre? Não me porá, erão eu, abaixo dos seus mais lazados alumnos, supponho-me alleio a tucção grammatical do *casus* nas duas linguas, não é filha, que não distincionamente professa.

Perderam-se, ninguém o ignora, entre nós as variações terminativas, que naquells os distinguim, salvo quanto aos pronomes, cuja flexão, semelhante a latina, conserva no idioma patria, como nesse, o nome de *caso*, ou declinação. (JOÃO RIBEIRO: *Gramm.*, p. 75.) Entre os pronomes, os possessivos tem *casos*, e declinam-se como no latim. (Id., p. 77.) « Perdido o genitivo, ficou-lhes o nominativo, o dativo, o accusativo, o ablativo. » (Id.) « Ao pronome indefinido se, nas vozes apassivadas, tambem, ora o qualificam do participio, ora do *caso*. » (SERRA: *Postillas de Gramm. Acad.*, p. 53.) Ah! tal qual no idioma do onde o nosso desceute, se appellidam *casos* as flexões terminais das palavras.

170.—Será esse, porém, a accepção unica, em que esse vocábulo se use? Não se terá empregado igualmente, para designar os succedaneos dos *casos* latinos, que com as preposições formamos em portuguez?

E' innegavel. « Se por declinações houvermos de entender as diferentes variações e circumstancias, que exprimem os nomes por meio das preposições de (que nos servimos), e com as quaes fazemos variar essas relações e circumstancias, por certo temos declinação, e é a esta luz que não as consideramos, e distinguimos de *casos*. »

Assim se exprime, no *Genio da Língua Portuguesa*, EVARISTO LEONI, que refere esta ligão com a de ROULETTE: « Os grammaticos vulgares tem commettido *at-gave* uma grande erro, dizendo que os *casos* são as diferentes terminações dos nomes; e, como nas linguas portuguez, estrellana, franceza, italiana, e de outro terminação de nomes, como na grega e latina, decidim pedantemente que naquellas linguas não havia *casos*. Este erro vem de uma falsa interpretação. A palavra *caso* deriva-se de *causa*, que significa, na verdade, queda desinencia; mas significo tambem *causa, occidente, circumstancia*. A primeira accepção, da material, fiz com que se não curasse da segunda, que é logica; daqui o *oigano*, que a força do habito e a falta de reflexão tem perpetuado noocionamento. Se se houvesse tomado na segunda accepção, ha muito que se teria deduzido della a definição logica, que adms lhe damos. Teriamos, pois, por assentado que as linguas latina e grega tinham *casos* em suas as accepções; as *portuguezas* e as *deus* na segunda, as quaes se formam por meio do participio. »

Desenvolvendo estas idéas, mostra LEONI (p. 140) como, « perdidas as desinencias dos *casos*, passaram estes a ser designados por meio de preposições, de um modo analogo ao por que e são no latim o accusativo e o ablativo. » Em « *Disco de Pedro* », accrescencia elle, applicando, « está Pedro em genitivo ». Continuando, observa, ao deante (p. 193), que o *dativo* se linhea mediante a preposição *a*, e acaba por notar que, no locante no accusativo e no ablativo, os *casos* « não soffreram » com a eliminacão das flexões terminativas, « continuando a ser indicados com as preposições com que d'antes o eram ». (P. 193-4.)

De accordo com este sentir, ensina-vos BLEUZEAU (v. I, p. 181) que o verbo « *agradar* » tambem algumas vezes se constroe com *accusativo*.

171.—Dem sei que com isso não conforma a theoria moderna, anta a qual, salvo a respeito dos pronomes, se considera scientificamente inapplicavel a designação de *casos* aos itomas, eijos substitutivos não indicam mediante o variar nas desinencias as relações que deslante se discorriam entre os latinus. (AYER: *Grammatica compar. de la lang. franc.* p. 162-3. *Le Grand Encyclopédie*, v. IX, p. 639.)

Não obstante, a analogia logica subleto ante o jazo das flexões no latim e o das preposições no portuguez, tanto mais naturalmente quanto naquello umas e outras muitas vez se assignava, por designar os *casos*. Nada obsta, pois, em loz tozo a que, no correr da linheagem usual, por condensar a phrase, fofiossemos, como fiz, só a expressão de *nominativo* o supleto do verbo, sob a de *accusativo* a seu complemento directo.

Os mais autorizados e eruditos nosos a-sim procederam.

Haja vista PRANTO ELYRIO: « Vão ludo; que pelo aranzel ado into vehar no *caso* *substantivo*, que não o *accusativo* deste verbo é. » (Id., v. II, p. 265.) « Ell-o que chega o rouceiro *accusativo*. » (Id., p. 266.) « Este pertuzo francezes, com as suas clarezas do estylo, co seu panto *nominativo*, verbo e *caso*. » (Id., p. 348.) « Se eu crevesse em franceza, que é uma lingua que vae roto o Padre nosso enladinha por *nominativo*, verbo a *caso*. » (Id., v. V, p. 65.)

« Tola a nossa lingua (menos as orações correntes e mentes de *nominativo*, verbo e *caso*, como — Pedro ama a Maria) são hyperlatos. » (Id., 181.)

« A *hyperlatos* o *nominativo* desta oração, *arremeta* é o verbo, e *accusativo* é *alva* *ingenho*. » (Id., p. 214.)

« Tanto com os *tuos* *fidos*, que os *puz* en aqui em *nominativo*. » (Id., v. XII, p. 231.)

FRANCISCO DIAS, o fimo: critico e consummado grammatico lusitano, analysando uma ob-cura passagem de PERNÃO LOPES, assim discorre:

« Em que *caso* está o *Castello de Lisboa*? So está em *nominativo*, qual é o verbo que indica a sua acção? Se é *accusativo* do verbo *foz*, ou elle, ou o ardigio o antes deso verbo rotunda; porque em tal caso ficam sendo *tuos* *accusativos*, um dos quaes é absolutamente desnecessario, e ainda que se tirasse o ardigio que faz o *segundo* *nominativo*, ficava sãa a oração grammatical, mas não pura. » (*Memorias de Literatura Portug.*, v. IV, p. 34.)

Noutro locar, a proposito de outra construcção portugueza:

« Onde está o *accusativo* deste verbo? » (Id., p. 36.)

Com definir *caso*, de accordo com os estylos hoje correntes, a desinencia variavel das palavras que se declinam (*Diccionario de la Lang. Fr.*, v. I, p. 498), reconhece LERRE, que, por simplicação, ao sujeito da phrase, nas ling mas que não têm *caso*, como o francez, cabe a designação do *nominativo*. (Id., v. II, p. 743.) E se, por extensão, nesse idioma, a enj amaco pertence o nos o, é litoo chamar *nominativo* no sujeito, porque se não admittira ao objecto do verbo a doprimicia do *accusativo*? Foi no us d'essa linheagem litteraria que FÉLIXON escreve: « *En France*, le régime appelle aussitot un *accusatif*, qui ne peut se d'placer. »

§ 37

Art. 419, V

« DEFEITOSA PROBABILIDADE »

172.—« Não ha probidade definitiva », declara o mestre. « Se probidade é o apozo serero aos deveres; esse probidade é synonymo de interdição, hostilidade; e se o adjectivo

1 Lisboa, 1858, Vol. I, p. 489.

2 *Grammat. de la Lang. Franc.* (Paris, 1850), p. 20.3 Apud LAROUSSE, v. I, 2.ª ed. *Accusatif*.

defeituoso o mesmo vale que imperfeito: «pode a probidade ser estrita, austera, severa, rigorosa, escrupulosa, etc.»; «defeituosa é que não pôde ser.»

Com o mesmo arrazoado em que se ella escrevi qualquer logico de fraças posses provaria o erro desta sentença, alligando alogorithos e thesa, que me comou por deitar periplexo e atalhado.

Só as qualidades susceptíveis da imperfeição podem embor os adjectivos, por onde a particípio se discerne e exprime. Se não ha probidade imperfeita, toda a probidade é necessariamente rigorosa, escrupulosa, austera, severa, porquím, falhando á severidade, á estricteza, ao escrupulo, ao rigor, terá incurrido em defeitos, e de ser capaz de os ter e justamente que o mestre lhe sustenta a impossibilidade. Uma de duas: ou a idea de perfeito é, como quer o dr. CARNEIRO, substancial á de probidade, e não haverá probidade, que não reuna todos aquelles caracteres; ou, se ha probidade, a que elles possam faltar, probidade ha eja de falsas, arrescada a falsas, isto é, defeituosa probidade.

O padrio metaphisico, a que o mestre submetteu o conceito do probidade, quadria com a mesma justoza a cada uma das virtudes. Todas ellas são absolutas no archetypio divino; todas innocuas em cada uma das suas imagens terrenas. E' o que o dr. CARNEIRO não vê, ou não quer ver.

Duda a fragilidade humana, passeroia natural que a virtude, nos melhores, fivesse as suas quebras. Mas a nova theoria só admitta a virtude extrema e intemerata: a dos santos, ou a dos estoicos. E que dicimas então da sciencia? Poderá ter fallas? Não pôde: visto que fallar, em materia de saber, é ignorar. Em não abrangendo, pois, quando menos, o cognoscivel todo na sua universalidade, usurpa a sciencia o nome, de que usa. No rigor logico, sciencia que não vê, é proposição que se applica nos seus termos. Não haverá, pois, moio termo entre o apoloeta e ARISTOTELES. Ou virá, ou nada: ou sciencia, ou ignorancia. Em assumptos de honra, por egual, ou LUCRECIA, ou MISALINA; ou CATÃO, ou CARTOCHE; Coragem, bravura, intropidez, tambem, só a dos heróes. Ou BARBARO, ou cobardo. Não concebo o dr. CARNEIRO as qualidades moraes, a não ser no superlativo da sua idealização caual. A honestidade, que não for son jaca, como a dos diamantes raros, perdou o jus aos foros de honestidade. Em imprevidencia para logo degenerou a honra, se lhe aconteceu passar pela mais leve tara. Moral com oclipses, religio com peccados, caracter com desvios não se conhecem. Eis onde vai parar a philosophia do mestre.

VIRGILIO, com todas as austeridades do pregador, com todas as severidades do pulpito, era menos absoluto, reservava lo tão sómente á virgindade essa conligio extrema de não tolerar deslizo, de não admitir diminuição, nem aumento. «Se fallara», dizia elle, «de qualquer outra virtude, não tinha difficuldade este doutrina». Mas da virgindade, provae que não pôde ser, porque a virgindade consiste em indivisivel. É uma inflexão perfeita, incorrupta, intemerata, que não pôde crescer, nem minguar, nem admitto mais ou menos.» (Sermões, v. I, p. 103.)

«A' combaten de desirs il faut que l'on s'arrache, Si l'on veut conserver une vertu sans lâche»

versojava CREBILLON; e *certis sans lâche*, escreveu CHARPENTIER, trasladando a francês o *prohibito spectata* de TACITO. De onde se vê que, na expressão dos merecimentos humanos, não é incompativel com a nota de virtude a reserva do *mentis, larvas, lacunas, defeitos*. «Qui n'aurait que la probité que les lois exigent, seroit encore un assez malhonnête homme», escrevia DUCLOS: «bem improbo seria aquelle, cuja probidade não passasse da exigência nas leis»; e que nos

mostra do padrio legal no padrio moral da probidade quanto vale a rigor. «La probité des anses n'est pas moins suspecte que l'honneur d'une caquette», dizia COURCELLES: «a probidade de um Avoué não é menos suspeita que a honra de uma loureira»; e ainda aqui se descobre quantos difereços mediam, socialmente fallando, entre probidade e probidade. Era MASIAS quem alvercia «qu'on repare difficilement les fautes contre la probité, jamais celles contre l'honneur»; onde se vê como os peccados contra a probidade nem sempre a destroem, antes della mesma sua a força de os reparar.

Não seria acaso a idea do probidade susceptivel de comparação? não compadeceria a noção usual de intensidade o desenvolvimento maior, ou menor, isto é, de augmento o diminuição? Mas os latinos tinham *probissimè* (TERRENO, *Atclph.* III, 3, 65), que nós vectoriamos *probissimo* ou *honoratissimamente*. PRIMO disse *probissimus vir*. (II ep. 9, e X ep. 3.) CICERO: «Molestior rex, et probior et integror.» (X *Att. Alt.*, 7.) E PLAUTO: «Esso probiorum, quam ipse fuerit, probior.» (Pseud. I, 5, 23.) A propria concepção de *integrity*, no padrio relativo da nossa linguagem, não escapa á fide e commum de gues. «Qui huc questione licet potest integritatis excludere: CICERO. (Pro Mil. 22.) E não tinham elles *integritate, integritas*, e, como nós *integritamente, integritate*? e Assim *integritate* administravit.» (Sextonio: *Vespas.*, 4.)

So a probidade, logo, humanamente fallando, pôde ser maior, ou menor, mais ou menos perfeita, e que será tambem capaz de imperfeições. E de homens não seria elle, se o não fôr. So a probidade não tolerasse defeitos, como se poderia fallar em *probidade imbecillata*?

173.—O mais curioso é, porém, que contra o panegyrista do projecto não tenho eu menor argumento que o seu proprio texto: contra o dr. CARNEIRO não me vale autoridade menor que a della mesmo. Se o meu substitutivo resa «pessoas de mau procedimento ou defeituosa probidade», o texto substituido resava «pessoas de mau procedimento ou fallas em probidade». Mas que vem a ser *pessoas fallas em probidade* senão pessoas cuja probidade tem fallas? E *probidade que tem fallas* não é probidade fallta, ou *defeituosa probidade*?

Contestavel será o epitheto adoptado no projecto, não, porém, com o argumento allegado, mas, bem ao contrario, com o opposto; isto é, não porque não havia *defeituosa probidade*, senão, muito no revez, porque, no fim de contas, humanamente fallando, não haveria probidade sem defeitos.

§ 38

Art. 426

«INDIVISIBILIDADE»

174.—Neste ponto está de accordo com a minha emenda o illustre dr. CARNEIRO.

Pondera alias, em sentido contrario, a uso commercial e a «reinstancia de já se achar registala a palavra em FERREIRA BORGES, MORAES e FR. DOMINGOS VIEIRA. Mas FERREIRA BORGES não é dos autores mais escrupulosos em materia de veracidade. O seu *Dictionario Juridico*, a par de *inconstituido*, que com o seu voto se pretende sustentar, legitima francosias, como a de *body*, por omissão. MORAES, nas suas ultimas oclhões, e DOMINGOS VIEIRA nem sempre so podem haver como pedra de toque, da que nelles se acham apontadas expressões como *conjecta*. Na accepção de *procedimento*, e o galthissimo *detalho*, ambas as quaes o mostre, em sua *Grammatica* (p. 433), averba de *barbarismas*.

1 Edit. *Gauvier*. Vol. I, p. 398.

2 E não *speculatio probitatis*, como está em PAREDO, *Dict.*, v. II, p. 900.

3 *Annal* XIII, 12.

4 Ed. de 1856, p. 59 e 141.



É do autor da *Boa*, p. 243 desdo romance, esta phrase: «Tructe-zindo fofuche uma visagem, de modo que elle e não visse.» O grammatico italiano, com o olho em *ciòquã*, teria substituido o relativo masculino *lo* pelo feminino *la*. Mas A. HERRERO não propositalmente escreveu, e tendo em mira toda a oração principal: «Não a visse, isto é, não visse que Tructezindo fosse a uma visagem.» Vamos a outra autoridade summa. Pergunemos a CASTILHO.

— Nunca jereas  
Deixa ideal, lie disse, a alva innocencia.  
Juro elle cumprir-se.

(Festas, II, p. 129.)

Neste se contém representativamente a auctoridade inteira de Gilvê e A. V. com a acceppesencia deste á exaltação da divindadade amaga. Juro Atoz cumprir *siya*, ou *avilla*, que lie ella encommendara: «nao perder jamais a alva innocencia da juventude.»

Noutro lugar, annotando o *Midsommer Night's Dream*, no que respecta ao titulo dale de Theaen, escreve o traductor portuguez: «SHAKESPEARE só o poude empregar aqui como synonymo de tyranno (recheado de nome a boa parte, do rei, ou soberano de um estado; isso foi o sem duvida Theaen para os athenienses.»

Doutra feita, commentando as *Melancholiques*\*, tem este dizer: «Vede-me a anca, com que o humoral Anstro, no canto decimo, tomou ao nosso poeta, com a liberdade com que o costuma...»

O professor CARNEIRO aqui sobreveia, atalhando: «Costuma, que? O canto decimo? ou o nosso poeta? São, muitas milandias, as perguntas, que na especie me fiz. E toda a gente riria ao desproposito, enxergando nos candeia o que o Anstro costuma: a liberdade em tomar de emprestimo ideas e formas aos antigos poetas.»

Traduzindo, noutra occasia, COMENES, sah-lhe da penna esta phrase: «Tinha embrulrado em a levar adiante, desso por onde desse, e sabia que o nosso mestre PEDRO havia de querer por força tirar-me da cabeça.» (Colloquia, p. 371.)

Que era o que mestre PEDRO queria por força tirar da cabeça ao FRANCISCO? O pensamento, em que este *cullicava*, de levar adiante a sua demanda, disse por onde desse. Sem um só nome, a que se refira, o demonstrativo e a arca e designa duas orações inteiras, posto entre elle e a ultima — ellas medice ainda toda uma sentença.

Finalmente, por derradeiro exemplo, fomo de *Tructo* (p. 247):

«Olho instrumentos,  
Ou coiza que o pareceo.»

«Pareço, como?» dirme-lia a sciencia do mestre. Pois o que Mo-destipiaes ouve não são instrumentos, ou coiza que os parece? Com, e pareceo, se os instrumentos são muitos, e a elles é que se pareceo os seus candeas? E tanto, CASTILHO não errou. Ouvo o lemo instrumentos, ou coiza que isso lie pareceo. Este *isso* traduzza portuguezmente em o.

Assim, no meu trecho, em que metto a mira a censura magistral. Depois do cedeir que os bens do menor serão entregues ao tutor medi ante inventario e avaliação. necesserente: «ainda que os paes o tinham dispensado.» Aqui fecha o mestre comigo, e saizo com o meu substitutor: «Dispensado, que? A avaliação: o inventario?» Nem uma nem outra coisa; ou antes, uma e outra coisa juntas. Dispensado que os bens sejam entregues ao menor por inventario e avaliação. É *isso* o que os paes em não dispensariam; e, por *isso*, em lugar d'isso, do demonstrativo a a mesma coisa exprime, referido-se, não nos substitutivos, mas á oração, que o precede.

Objeetar um mestre, nesse tem e com esse aprumo, a construcção viciosa lio hilhada e do uso tie vulgar, desconhecido do por-

\* Synch d'arce, vol. II, c. 5. Jota, notas, p. v.

\* Pg. 301.

tuais correto e moeno, dillicultado e conceberá qual não se detir: no que são criticos, em lies soldado o juizo a estima de suas proprias obras.

Escreveu MANUEL BERNANDES, na sua *Nova Harosta*!: «Que o que baili, e dança, tem parte do louco e furioso. Basta ver de boca, para confessar.» Não está claro, diria o philoso CARNEIRO. A que allude este *coiza*, este *confessado*? A *jurasa*? A *lancra*? Ao *que baila*? Mas todos os que não possem o dom, confiado a certos grammaticos, de não enxergar o que tola a gente enxerga, claro estão vendo que o demonstrativo *o*, nas duas ultimas orações, alludo ao conjunto das tres anteriores: *o que o que baila, e dança, tem parte de louco e furioso.* Basta *o* de fora, isto é, basta de fora *em* *isso*. *vee que tem parte de louco e furioso a quella, que baila e dança para o confessar; que dizer: para confessar que *isso* *o*, mas *isso* tem parte de louco e furioso.* Tannha expressão tem, com uma só letra, esse simple *o*.

Tanto mais digno de nota é a relação neste laoco, quanto se polia ver dito, sem o demonstrativo: «Que o que baila, e dança, tem parte de louco, basta *vee* de fora, para confessar: forma de construcção invertida, que se reduzirá á natural, neste jeito: «Basta *vee* de fora, para confessar, que o que baila, e dança, tem parte de louco e furioso.» O escriptor, porém, transpoz. No contendo do transpoz, vale-se das veres do abjectivo demonstrativo. Não-se-a que soffere com *isso* a elegancia habitual de BERNANDES! que se ellipsasse a sua costumada clareza? Muito ao contrario, sem quebrar da lucidez, a que lio usado *o*, deu á phrase outro vigor, outra precisão á lha.

Grammatica semelhante vem a ser, ainda, a de AL. HERRERO aqui: «As corpos visam, *mas* *em* *alms*... *Em* *o*... *tem* *ram* *lies* *li*. Ao menos *jurasa*...» (*O Monge do Ester*, v. II, p. 41.)

1745. — Depois, não temos, para a cas, menos autoridade que a de proprio philologo brasileiro, cuja critica, annotando o meu substitutivo ao art. 1.094 do projecto, louve por bem adoptado. Digo ou allu: «Se a accção, por circumstancia imprévista, chegar tanto ao conhecimento do proponente, este communicar-lhe immediatamente ao accedente. A que se refero este *o*? A *proposição*? Não, ao contendo lincido da oração anterior. E, todavia, o dr. CARNEIRO o subscrovo.

§ 40

Art. 439, IV

« DESTINADOS Á VENDA »

1. 1. — Tem por necessario o imprévivel o dr. CARNEIRO ao signal da crase na sentença: «Alleu: os objectos destinados á venda.»

Negou-o eu, e nego. Não vem a ser *crase*? Uma figura de grammatica, responde MORAES, pela qual se controm duas vogaes com um *o* assignado com o acento agudo, incluido da crase, e o dizia BENTEGUI: «equipollo a dois *o*, para evitar o hiato.» (Vocab. v. I, p. 4.) Logo, não soffre duvida que se se admitte acentuação tal, quando *o* e *o* se fundir com a proposição o arago feminina. Não haverá contração, desde que se não amalgame no mesmo *o* o prepositivo com o articul. Não havendo contração, não haverá crase. Não havendo crase, não caberá o acento.

«A maneira de nuvens se começam  
A descolorir os montes que enxergamos.»

canta o poeta dos *Lustadas* (V. 25), estampado no rest) a dois versos successivos o duplo exemplo do a com e sem a contracção.

1 Ed. de Lisboa, 1720. Vol. II, p. 4.

No segundo se manifesta a ausência della, no primeiro a sua presença. E por que? Porque o primitivo se descompõe na preposição mais o artigo, podendo se escrever, se não fora o hiato: «A» mancha de a+vens. Indica-se e mostra dos montes, que se començam a encerrar, mediante o complemento, «de montes». De montes era a montanha, e ao que aquellas montes se animavam.

Em

«Villas, ca-fellas toma d' escola vista»

(Luz. VII, 25.)

ocorre o mesmo. Escola é a escola (lat. scula), afirmada aos muros para escutar a fortaleza. «Lovar d' escola vista» quer dizer acomodar-se e desdobrar a praça por esse meio de guerra. Diríamos «toma d' escola vista», como os antigos diziam, se o não vedas em todo as laiz da raphonia.

Mas, em não havendo a determinação, isto é, o artigo; por onde se ella expressa, já não tem lugar o uso do acento. Por isso escrevem Caxias: «Vem a fazenda a terra». (VII, 94.) Não era possível dizer «a terra» porque o substantivo allí está indeterminadamente. O mesmo na sub-sequente estrofe:

«Elle, veno que já lle não convinha  
Tornar a terra.....»

Terra scripta «a terra», se dissizes terra da Tola, ou terra do Caxias, ou terra do Cabral, como o canto anterior, estrofe 10:

«Tanto que d' nova terra se chegaram.»

Aqui o a pletivo não estabelece a determinação, e a determinação impõe o acento.

Vêdo como se elle distribue nesta passagem de GARCER: «D. Manuel, ajude-o muito a fortuna; mas sua fidelidade não a deveu ao aceno, sim á natureza de seus conselhos, á constancia e firmeza de sua resolução, á sua instrução, a sua generosidade, á bontade de seus tratados, á agudeza com que sempre discernia os humores do talento, á sua justa e temperada severidade, a seu amor das sciencias, sua religião verdadeira e sua.»

Esses exemplos, que não costaria reunir a montões, emanam das pagas

- 1) que não se ha de acentuar o a senão antes da palavra feminina, clara, ou substantiva;
- 2) que a palavra ainda feminina, exluso o acento, se não admitta a aneposição do articular a;
- 3) que, embora suspositivo dessa anteposição, não se acentuaria o a antes do vocabulo feminino, quando este se tomar em sentido generico, indetermínado;
- 4) o que um professor paulista, o sr. THOMAZ GALBARDO, expõem-me cabalmente:

- «Escrevo-se», diz elle, «galla e golla, e não golla e gatta.
- «Goppa e ?
- «A palavra golla pertence ao genero feminino, e a limite artigo, e qual a razão, pois, de se não realizar a contracção naquelle caso?»

«E por não estar aquella palavra tomada em sentido determinado, como conhecido facilmente? Qual a regra pratica ou alcance he isto?»

«Heo Ruyrio escreve «bater-se a espada», «matar a pistola», não acentuando a preposição n.

«A razão é porque, em taes phrases, as palavras espada e pistôla estão tomadas em sentido indetermínado, indicando genericamente o instrumento.

«Além disso, comparando-se essas phrases com outras equivalentes, em que, em vez de ser o instrumento indicado por termo feminino, se usa por palavra masculina, vê-se que este não exige artigo.

«Dizemos «bater-se a favela, e não bater-se ao favela.» «Ora, se, neste caso, considerando-o em sentido generico» em que está empregada a palavra favela, não ha artigo, naquelles, pela mesma razão, não o ha; não doendo, consequentemente, ser acentuada a preposição.

«Além disso, aquellas duas proposições bater-se a espada e matar a pistola não podem offender outro sentido, senão o que elles é proprio, tornando-se assim desnecessaria a determinação.

«Nes as emhição não se acham as duas proposições bater a pasta e bater a porta, que significam coisas diversas.

«Comparando-se esta locução bater a pasta com outra, em que, em vez do termo feminino, se emprega vocabulo masculino, se vê apparecer o articular: bater ao portão, e não bater a portão. Ora, se neste caso a phrase admittie artigo, naquelle tambem a admittie, e, portanto, ha contracção da preposição com esse artigo, motivo pelo qual é impressindivel o acento.

«Se empregarmos o mesmo processo comparativo, substituindo pelo substantivo masculino lapis o termo feminino lapis, empregado por JULLIO RINHO no seguinte exemplo: «Todos os exemplares... serão numerados a tinta vermelha», vemos que a palavra lapis não é precedida do artigo, pois não se escreveria «são numerados ao lapis vermelho». Ora, não havendo artigo em o emprego da palavra lapis, tambem não o pode haver em o substitutivo tinta; e consequentemente falta o seguinte elemento da contracção.

«Nest phrase o capetor carregou a espingarda a bala não ha contracção antes da palavra bala, o que se verifica, substituindo esta pelo vocabulo em sentido feminino: O capetor carregou a espingarda a chumbo, e não ao chumbo. Se neste caso não concorrem os dois elementos da contracção, tambem não concorrem naquelle. Logo, a preposição a não deve, na phrase acima, ser a continda antes da palavra bala.»

Estas verdades grammaticas me parecem ineluctaveis, sendo o criterio dellas resultante o unico, adequado juntamente do razão e ao uso, de afeite as crases e distribuir o acento.

Ora foi vai não-me desse criterio que eu conclui contra o acento na locução «objectos destinados a venda». Substitui venda, expressão de um contracto, por assignar, significação de outo. Que me leou? Não objectos destinados ao assignar, mas objectos destinados a assignar. Logo, inferi, não havendo artigo antes de assignar, não o pode haver antes de venda. Mas, não occorrendo a locução, não se realizza a contracção. Logo, em a venda, não ha locução, era descahida a crase.

178. — Contradizendo-me, sustenta o mestre a orthographia duclo a pistola, duclo a espada, em vez do a espada, a pistola: o a, para este offeito, embulha com essas expressões outras muy diversas, tais como «dizer a mão armada, d' espada, d' ginta, d' maritica.

E misturar allas a bugalhas.

«Caber d' mão armada está realmente certo; mas isso justamente porque o epitheto de mão armada, accentuado a mão, a determina. Não é d' mão livre, nem d' mão solta, nem d' mão mole, sim d' mão preta de armas. Determinam-se, pois, a natureza, o estado ou a manha do obrer da mão, com que se colhe; e, d' determinando-se, para logo se justificou o uso do artigo, ordem da contracção, encio da crase e motivo do acento.

Semelhanlamente notaráo que dizer «compecha d' ginta, d' maritica. Mas por que? Porque a determinação allí está, bem que

1 Assim, em A. Herculano (O Bôbo, p. 101): «Dirigiu-se para Goveia Herculano, que entregue á distracção melancolica, se encostara á balaustrada.»

2 Monographia da Letra. 1.ª ed., S. Paulo, 1884. P. 7, 15, 16, 17, 18-20, 25, 39-43.

3 B., p. 33-11.

oliticamente, São mineiras, ou melas, que esses adjectivos quali- ficam. Assim dizemos: *de franceza, de inglesa, de portugueza, de estrangeira, de formiga* (MILITARY, v. I, p. 45); *de espanhola, de grega* (LEONT. v. II, p. 21); *de daida, de propria, de claudia calandina* (CASTILHO: Fausto, p. 118, l. 346); *de Filiaze* (CASTILHO: Metamorph. prol., p. xx, l. 1); *de corteze* (VIEIRA: Serma., v. III, p. 201); *de farsaizo*, (BERNARDES, Nov. Floresta, IV, p. 80.)

Ou assim não será: « Tu não estarás subentendida alli a palavra, cuja ellipse affirma? Tanto está, que JULI Ribembo esmiza a escrever » (vid. de Luiz XV., estylo de Camões.) Em taes locuções diz ella, « ha a ellipses da palavra nada ». (Grammat., p. 21, n. 53.)

Quando Sousa escreveu: « La fugindo » a rédea solta. (Vid. do Arc., I, II, c. 20), precisou a maneira de estar a rédea, frouxa, e não apertada. Quando Camões diz:

« Vio correndo e gritando á bocca aberta »

(Lus., IV, 21.)

o epitheto *aberta* opera a determinação, a que o artigo responde. Quando CASTILHO religa « das mãos cheias » (Metamorph., p. 303), e CAMILLO « de empunheira do bidoço » (Narciss., p. 130), não esse o restrictivo de *belleza*; determina a especie da competencia, a que se allude, no outro o adjectivo *cheias* o estado das mãos, em que se allia. Analogia a essas, é a hypothese da locução « *de farsaizo* », em BULFAR, (Loc. cit.)

Se usamos « *de mais nesto* » (CAMILLO, O Esqueleto, p. 108), é que temos em mente determinada hora da noite, a noite já melada, a noite em seu meio. Na phrase « *contam as horas* » de CAMILLO (Idyll., p. 102, set. de subentender, por ellipse, *as horas certas, as horas precisas, as horas do costume, as horas de preceito*; e por isso e qui, em logar de *as horas*, alli se escreve *as horas*.

Razoão equal justifica o « *de custa aliana* », de CASTILHO (Fausto, v. III, p. 85), e « *o casto dos ignorantes* », empregado pelo mesmo autor nos *Colloquios* (Aldéas, p. 294), bem como o « *das mãos do nun creado* », phrase de CAMILLO. (As Tres Traves, p. 23.)

170.—Mas onde não se operar determinação, onde, portanto, não couber o artigo, não se poderá legitimar a crase. Sê á conta de inadvertencia e casualidade se lido de lev. ex. exemplos como estes: « *anteior de todas as linguas* » e « *de elles, como d nós* », em escriptor da competencia de Sorozzo (Fossil., p. VII, xi), que, no mesmo livro, assim escreve: « *Se, neste caso, se aprto se refere a pessoa indetermimada* ». e: « *Porque se refere a pessoa determinada* ». (P. 55 e 50.)

Nestes ultimos dois lances temos, correctamente, a indetermimada repellido o articular, e oppoñde-se, em consequencia, ao accuso. 1.º O que se lê nas phrases *escever a bacia, rubir a andorinha, subir a aquia, inchar a rã a elephanto*, dparadas em MONTEZ, (Dicc. in v. A.)

Como se dirá? You a casa? ou von d'essa? You a casa. « Voltar a casa », diz CASTILHO (Miq. p. 22); « *de escola até casa* », o mesmo; andar (ib., p. 48); « *quando chegoi a casa* », elle ainda (ib., p. 237); « *formar d a casa* », CAMILLO (As Tres Traves, p. 22); « *vot a casa* », MONTEZ (loc. cit.); e: nos vem bucaer com elle a nossa casa. (VIEIRA: Serma., v. V, p. 206.)

Porque, nesses casos, o nome, voraçionalmente, não demanda artigo. E' o que se tira a prova nas locuções em que o substantivo case entra com a preposição equivalente para. « *Resoloveu-se o prollig: a tornar para casa do pad.* » (VIEIRA: Serma., v. II, p. 203.) « *Para casez dos vossos parentes* ». (BERGULANO: Opuscu., v. I, p. 151.) « *Depis tornarem para casa* ». (CASTILHO: Colloq., p. 102.)

« *Tinham bonato para case* ». (Poi., p. 194.) « *Desandú d para casa* ». (Ib., p. 281.) « *quan lo voltou para casa* ». (BERNARDES: N. Floresta, IV, p. 141.) « *So mo irai para case de minha mãe* ». (Bosfor: IV, 2.)

180.—Logo, embora muitos o hajam escripto, não se póde autorizar, por argumente, o accento nas expressões *ditoa a espada, conflicto a pistola, Dizse dudo a farda*? Dizse *conflicto a espada*? Não se diz. E porque? Porque, em ambas as loras, a qualidade das armas se indica genericamente. De onde resulta ser alli inadmissivel o artigo e, portanto, o accent. Quem tem razão, pois, o artigo RIBEIRO contra o professor CARNEIRO. « *Ganhandas a montante* », diz CAMILLO. (O Esqueleto, p. 108.) E que vem á ser *montante*? Um genero de espada, que se meneava, pela sua grandeza, a dda; mãos. Ganhar a montante, vencer a montante, pelejar a montante, é como se dizia, logo, em portuguez: *meca a ao montante*. « *Troque-se em em outro nome do mesmo instrumento, uma em outra casta da mesma arma do guerra: troque-se montante em espada. Não se diria « a o montante*, logo não se poderá dizer « a a espada ». E' a *montante*. Ha de ser a *espada*. »

« *Ainda assim* », escreveu o pulso VIEIRA, « *eu antes quizera as suas ordens por papal que a Jacca* ». (Carlos, v. IV, p. 25.) Porque não disse *o boca*? Pela mesma razão, invocada no meu primeiro trabalho e arduarissima controversia agora, de que se *« milto o artigo, quando se coiza so dos gneros indetermimados »*. (Jão Ribembo: Grammat., p. 157.) E, se aqui não se diz *o boca*, porque se dirá ali *de espada*?

O mesmo quanto ás demais locuções, a que o professor attribuo como de necessidade o accent: *de vida de, de força de, de custo de*. « *Um custo de* » encerra caso, e não prescindi, portanto, do accento, em razão de fazer necessariamente após si um complemento, cujos termos indicam pessoa, ou coisa, a expensas da qual se opera o facto enunciado:

« *Sô fãga extraviar-se em labyrinthos De selvatico horror, trajar d'custo Das forças, que prestava* »

(CASTIL., Metamorph., p. 88.)

Ferido por-las sotas do amor, Apollo embrenhou-se pelas selvaz. oule já não veste senão *d'custo das forças, que mata*.

Com a força da, o mesmo caso. A segunda preposição, o *de*, está originio uma palavra, ou sentença, que perfaço o complemento de terminativo:

« *A' força do nro* »

A palreira da gralha o segue, o aleança »

Diz-se: Não sómento que a gralha o encerra *a fora*! A ser assim, não haveria que accentuar o *a*. Mas o que se narra, é que ella o porsegue *em força do asno*; e em esta de *asno* temos especificação *o força*, de que se vale o receptor.

Assim egualmente com *o roda de*. *Correr a roda*, ou *dansar a roda* não obrigariam a accentuação. Mas, em *ento á roda de* algum, ou de alguma coisa, a individuação desta, em da pessoa, de roda de quem se opera o movimento, presuppõe o artigo, e força ao accent: « *Assim tem á roda de si muito bem palentes as lris, que lhes é preciso ver* ». (CASTIL., Colloq., p. 208.) « *Astro do brilhante intelligencia, o roda do qual gravam* ». (A. Henc.: O Mistic., v. III, p. 14.)

Não tendo reflectido no assumpto, commetio o meo erro de desaccos, que remata, fazendo-me outras correções visivelmente erradas.

1. Escrito de Latino Coelho, OLYMPIANO, op. cit., p. 45-46.  
2. Id. de Lisboa, 1902.  
3. Id. de Lisboa, 1902.

4. No mesmo sentido, com JUAN RIBEIRO e TOMAZ GALHARDO, se pronunciava RAGGIO NOMEADO: *Bandos de portuguez*, (Campinas, 1910), p. 22.

181. — Dissera eu: « O devedor que para, tem direito a quitação. » Entendeu o mestre: « a quitação. » Mas entendeu mal. Substituiu quitação pelo seu cognome masculino, o vocábulo *robado*. Não se diria correctamente: « tem direito a recibos? » Por certo « em *o recibo* seria por demais o artigo. Mas *direito a recibos* — *direito a quitação*. Logo, sendo o articulador demista na primeira phrase, demista fora o accento na segunda.

182. — Escrevi eu: « exirir que se afastem do limite distancia egual o metado. » Entendeu o mestre: « *o metado*. » E porque não *o metado*? As metades, em qualquer coisa, são *dois*, como os tempos tres, e quatro os quartos. Ora, assim como se o devesse dizer interbternalmente me teria, nada ob' tava; e dizemos *dois metado*. Nada, se o a euphonia, não nos offendida, se pronunciamos, como se deve, *do* em vez de *de* uso. Eliminou-se *o metado*, o *metado* *indubitado*, como dantes lhe chamavam. A que viria, pois, *sobre* a particula prepositiva o accento, expressão do artigo default?

No proprio texto do meu substitutivo me deparei o verso, como *ad. rem*, distincção o equivoquo desso vocábulo magistral. « *Herárido* filho legitimo, ou legitimado, era o meu texto, no art. 1.000, § 77. Não o metado do que a esse e obter em herança te dá direito o fillo natural. » O mestre emendou: « *o metado*. » Porque? Por figurar no *o*, amalgamado á preposição, o artigo fonnitimo. Mas all' mesmo, junto com *esse*, no § 2.º, se ouz: « Ao fillo adoptivo tocara somente metado da herança. » Que é do artigo? Não o ha. E *o metado*, em vez de *o metado*. No artigo 1.018, egualmente: « *Herárido metado*. » Onde o articular *a*? Não existe. Em lugar de *o metado*, é simplesmente *metado*. Como é, pois, que intervirido a preposição *a*, onde não occorre o artigo *a*, se poderia estabelecer a contração *á*? O vocábulo *metado* não ha mister dar-lhe a forma indefinida, que lhe é natural. Dizemos: « quero metado. » Peço metado. Deu-me metado. Ficou metado. Não vejo nem metado. Ha-tá metado. Celeu metado. <sup>1</sup> Sempre sem o artigo. Raramente, portanto, com esse termo se verificaria a emergencia grammatical da crase.

183. — Onde eu realicera «destinado á cultura», mo sobrevieno o mestre com o quidada: « *o cultura*. » Torrono desacceto. Se eu me tivesse referido á cultura de *arvores, á de lavouras, á de flores*; se a expresso, em *summa*, particularizasse uma dentre as culturas possiveis, culturia á censura. Mas occupo lo-mo, como me occupel, com a cultura em sua generalidade. Não p'do escrever, seráo como escrever: «destinado a cultura». Para tirarmos a prova, em lozar de *cultura*, imagine-se *arbores, poeio, ou descanço*. Como diriamos? Terreno destinado ao arbores? Terreno destinado ao poeio? Terreno destinado ao descanço? Não: «destinado á arbores, á descanço, á folga, á poeio, é que era. « *Heráridos* dos menores não se cultivam, e fazem *em poeio*, » resum as *Ordenações Affonsas*, IV, 239. « *Em poeio*, e não *no poeio*. » Logo, se é «terreno destinado á poeio», sem de ser «terreno destinado á cultura», sem o artigo no segundo, tal qual no primeiro caso.

184. — Tendo eu escripto: «se esse accreção for devido a mudança na maneira de exercer a servidão», carregou-me o censor outra nota má, accentuando a preposição indeteposta a *maneira*. Mas all' não se determina mudança nenhuma, das figurativas na maneira de exercer a servidão. Falla-se indeterminadamente em *todas*, em qualquer, ou em alguma dellas. É o generico, o indefinido, entre as *hypotheses* de mudança na forma do exercicio daquele direito. Esse generico, esse indefinido excede o artigo default. Tinha eu, pois, accetado, e mais uma vez claudicou o mestre.

185. — De outras incorrecções ainda me arguo elle: «connotar e parolo do visioño»: «será impudata a moação do conyuge de valor»; «roubo e não aruado».

Dellas mo arguo, mas gu relando segredo quanto aos logares, onde se accotat. Ora esse direito não lhe assistia. Quem accetou d'elementa. Topado em erros meus, devia paralisar o delo a culu tu no seu logar, para que o rou, e aruado, ou impudato, confusasse, ou se defendesse. Dessa grana tanto mais fundamentalmente me locara para fazer questio, quanto, no caso do art. 193, que a seu tempo ventillara, mostra o casso um verbo na u delapgado, tenendo-o falsoado, para olleccao leve á consara.

Quero, porém, accotat os tres nitidos reparos enumerados, como accetil os quito auctoros: «accetil-os *sem verificacao*. Ah! do feito, era do *razor* o accento no *e*. Devia estar impresso: « *o parolo*: « *o moação*; » « *o não aruado*. » Mas quem não sabe quão facil é a composiço typographica; e collocar um accento, e a revisáo mais cuidadosa mo n'lo perceber?

Abra-se, de qualquer autor, de *Castro*, por exemplo, um livro qualquer, a versáo dos *letrados*, supponhamos. No vol. III, p. 78, há está uma falta grosseira do accento:

« Por certo os deuses do tempo  
As bellas a falsidade. »

No mesmo tomo, á p. 88, outra, a bem sonivel:

« A mingua de accusadores,  
Tu perista, dos teus errores,  
Dá a denuncia e os signaes? »

Torveiro exemplo nos fornece nos seus *Capitulo Aldeas*, p. 188: « *Hadavam-me os meus joroads de sessenta dias a razão de 240 réis por dia*. » Seria, grammaticalmente, « *razões, os minguas, os bellas*; mas, por obra dos prelos, ficou: « *os bellas, os minguas, os razão*. » Eu não polia ter o privilegio de torrar-me, num trabalho composio e estampado a correr entre duas sessões parlamentares, a essas inadvertencias da officina, que os mais severos mestros não evitaram, em livros com tanto esmero e lazer impresso quanto escriptos.

Tambem o texto do projecto *CARREIRO*, no art. 574 (quando accuso, aponto, como a crase á sentença, proceder á demarcação, que há se « *o proceder* e demarcação), como se houvera na lingua portugueza um só exemplo legitimo do tal verbo, em tal sentido, com accção transitiva. Entretanto, não o apostillou eu, nem sequer substituí o erro, limitando-me, como é facil do ver, a corrigi-lo no meu substitutivo, por se me antolher evidente a innocencia dos redactores.

§ 41

Art. 1.063

ESCRITORIO DO TERTAMENTO

186. — Há-me razão aqui o mestre, reconhecendo que o individuo chamado pelo testador a escrever a seu rogo e sob o seu dictado o tertamento não assume, por isso, foros do *escriptor*.

Entretanto, por esse desconhecio quebra lanças, na sua defesa, o Sr. CLOVIS BENTLACQUA. Allí tornara ao caso. <sup>1</sup>

§ 42

Art. 1.064

DISJUNCTIVA PELO COPULATIVA

187. — Tambem neste ponto annue á minha critica o dr. CARREIRO. Era *e*, não *ou*, a conjunção cabida.

<sup>1</sup> « *Penetrou indocina all' usão área.* » (A. Hanc: *O Monestrio*, t. II, p. 86.) E não *est* *usca*.

<sup>1</sup> Ver adiante, sec. III, § 4º, na. 138-145.

1881. — Havendo má fé de ambas as partes, revava o projecto no unico objecto da minha censura.

A resposta do professor CARNEIRO a ella seria cabal, se se defendesse com a virgula, que da proposição *de* separa o vocábulo *fi*. Não pôde haver excepção, entre dois termos, aos quaes se applica uma separação orthographica, indicativa de pausa na leitura. Por minha que *seja* a pausa, a suspensão da voz notada pela virgula, e quanto basta a obstar que as duas palavras se articulem uma na outra, gerando cacophonias. Deado que dei por aquella virgula, em que não advertira, abri mão do meu reparo, ante ella evidentemente insustentavel.

Não fora esta circumstancia decisiva, que em nelle insistiria. Logo estou de querer dar carta de viçozas a todas as expressões, onde a proposição *de* estiver em contiguidade com o vocábulo *fi*. Quando esta palavra constituir com aquella formas correntes, locuções usuaes e de essarias, não ha para que illus obstar. *Pé de officio, em pé de, á fé de* (lembrados pelo mestre) são grupos verdadeas consagrados, formando cada qual um todo verbaucio, de necessario applicação no uso do nosso idioma. Já o ouvido portuguez os adoptou, e pela sua familiaridade com elles nenhuma aspereza lhes sento. As outras expressões aduzidas pelo meu censor, *federal, fedelato, fedelocido, fedelativo, fedeloso* vem a ser cada qual de per si uma palavra; e dentro em uma palavra não pôde haver cacophonias. Deado que este nome existe, sempre se lhe associa a noção de visinhança e contacto casual entre dois ou mais vocabulos successivos. Mas, quando *seja* facilmente evitavel o contacto avesso á boa audição, sempre que, em sendo possível, se evite. Nisto se funda a minha censura.

Nem os primeiros exemplos, logo, nem (e muito menos) os segundos com a proposição contra a minha objecção. Se ella não cessasse em presença da virgula, subsistira continue a faces argumentos: porquanto, dada a junção mais ou menos entre dois termos, em cessando a sua necessidade, principio o cacophonias. Ora, no caso, onde o projecto revava: « Havendo má fé de ambas as partes, o meu substitutivo propõe: « Se de ambas as partes houve má fé, desapparecendo na substituinte a dissonancia da phrase substituida.

## INFINITIVO PESSOAL:

## INFINITIVO ANTE DO FINITO

1890. — Censurando, na minha exposição preliminar ao substitutivo a redacção do art. 673 no projecto, defini eu, em nota, com as proprias palavras do professor CARNEIRO nos seus *Notas*, as regras, a meu ver, dignas de observancia no uso do infinito pessoal e impersonal. Uma dessas regras estabelece que, não obstante ser identico o sujeito de ambas as orações, mais convém fazer pessoal o infinito, quando a oração deste preceder á do modo finito.

Ora no art. 145 estava o projecto redigido exactamente desse modo:

« Todos os escriptos de obrigação que forem redigidos em lingua estrangeira, para produzirem effectos legais, deverão ser traduzidos no idioma nacional. »

A oração do infinito *produzirem* antecede á do futuro *deverão ser*. Embora, pois, caiba a uma e outra o mesmo sujeito, todos os escriptos de obrigações, era o caso, em conformidade com

quella norma, expressamente adoptada, por mim, de preferir a forma pessoal *produzirem* á forma impersonal *produzirem*.

Logo, tendo nos olhos que offendia contra a minha propria regra; e que não se me poderia levar sem a inadvertencia, em se não querendo supprir desmemorial, pecha de que me considero um signor. Graças a Deus, sempre me tiveram até os meus defectos por sujeito do reventiva alguma coisa acima do vulgar; e só o que me quizessom tachar de amnésia, ou dysmélia, assim identica, conheceriam que, ao correr do mesmo trabalho, arguisse eu de erro o que qua paginas antes recomendaria como acerto. Quaesquer restos do espirito de justiça (j) não digo de equidade) nos meus contraditores bastariam, para que me entregassem a meu *habeas*: essa justificativa, independentemente da allegação minha.

1900. — Além do(ao acrescentar), subvertendo aos precabitos formulados na obra grammatical do mestre, não me houvera eu com a devida ponderação. A coloridade extrema do meu trabalho sobejamente explica um ou outro senão desta genero, que acaso lio descobrirem. Onde o mestre diz, com effecto, *escriu preferivel* o emprego do infinito pessoal, melhor estaria dizermos: *empregar-sea indifferente* o infinito pessoal ou impersonal. De uma e outra forma, realmente, se valtem a seu livre alvedrio, os melhores escriptores.

Em documento da minha theza, aos tres exemplos do mestre, um de JACINTO FIEIRE, um de A. BERNARDES, um de A. HORTALANO, contpouho todos os seguintes, de SOUSA, DEARTE NENIS, ANTONIO VIEIRA e outros:

« Os da escala *por subir, e entrar*; os de dentro *por se digandar, ficarem* uma dura peleja. » (D. NUNES-COSTA, *Del Rey D. João I*, c. 79, p. 371.)

« Todos *para se sairem*, no menos na hora da morte, *querem resistir*. » (VIEIRA: *Serão*, v. III n. 299.)

« Digam-no aquelles que tantas vezes não *contpouho* nos principes, *atpouho* a graça do Deus. » (Id., v. IV, p. 380.)

« *Por se sairem, pazoum* logo a proa em terra. »

(GÓES: *Chron. d'El-Rey D. Manoel*, p. II, c. 4.)

« E *per vos mostro* isenti,

*Guardadores* do suprar. »

(GH. VICENTE, v. II, p. 522.)

« Só para se *defender* delles... *usoum* armas. » (SOUSA: *Amnésia*, c. 9, p. 32.)

« Sem o *querer*, confessar, *mostoum* claramente não ser fillos legitimos. » (VIEIRA: *Serão*, v. IV, p. 37.)

« Sem *morrer*, *edão* as suas almas: separadas do seus corpos. » (CAY. V'OUVERA: *Cerl*, v. I, p. 359.)

« *Para subir* ao doradouro abelgo, tam cortano lentamente os are. »

(M. DE ALVES: *Poes.*, p. 78.)

## INFINITIVO PESSOAL

## OU IMPERSONAL

1911. — Antes de me submeter á prova da controversia, em que me obriga a entrar a consideração devida á ominencia do mestre, convirá que se veja em que moderados termos articulara eu a





ensuara por elle rebatida, e quaes as autorizadas que a ella me animaram.

Tinha eu dito, na minha *revisão preliminar*:

«Tomem os dignos membros da commissão o art. 673: «Não constitueo direito autoral, para gozarem de garantias, os escriptos politicos.» A formula leuitima seria: «Não e constitum, para gozar.»

Nada mais. E em nota, justificando-me, reflexionara:

«Quando minha phrase houver dois verbos, um do modo definito, outro do infinito, precisados ou não do preposicao, sendo identicos os sujeitos do ambas, usaremos, em geral, do infinitivo impessoal.»

Dr. E. CARNEIRO RIBEIRO. *Series grammaticas*, pag. 278. E a outra regra, formulada, havia muito, por JERONYMO SOARES (*Gramm.*, pag. 398): «A lingua portuguesa usa do infinito pessoal, quando o sujeito do verbo infinito e differente do do verbo finito, que determina a linguagem infinitiva.»

«Dizem em geral, o eminente philologo babilonio doux ver que ha excepções a regra; mas logo depois suomma. Apesar da identidade dos sujeitos, ensina e douo mestre, será preferivel o emprego do infinito pessoal:

«1.º Quando a forma verbal regente estiver dis-

tauto da forma regida;

«2.º Quando o infinito vier antes da forma verbal definita, que o rege;

«3.º Quando entre o verbo do modo definito e o infinito houver alguma palavra, que possa tambem ser sujeito desta.» (*Op. cit.*, pag. 378-9.)

« Ora em nenhum dos casos exceptuados cabo o texto do art. 673: «Nao constituae direito autoral, para gozarem de garantias os escriptos politicos por lai.» É identico o sujeito (*escriptos*) dos dois verbos (*constituae* e *gozarem*) e a forma verbal regente nao está longe da regida, o infinito não precede o finito, nem há duas orações se interpõe variable, que possa dar ensejo a equivoque acerca do sujeito. *Direito autoral* não poderia servir de sujeito a *gozarem*. »

Nem se vê que eu estribara a minha censura *exclusivamente* numa regra frusada pelo Dr. CARNEIRO. Mui de intento me referia nominalmente a esta grammatica respectavel. Pára elle o revisor do projecto. Não se podia magoar, pois, d'quo eu eu, criticando a luz da sua grammatica a linguagem da sua revisão, elle dissesse: *Palere legem, quam ipse fecit.*

O autor das *Litteras Observações* desta anno, porém, já não observa cont' o autor dos *Series Grammaticas* em 1890. Lora, nesse comenos, outros legisladores do vernaculo. Meditara cont'rementos J. N. RIBEIRO, a quem luz a justiça de elogiar, e por elle soubera que lura não pactua com a opinioe de JERONYMO SOARES. Aliviara, pois, de artigos a sua cartilha portuguesa de lre doz annos, e militava agora na ra da adalectancia. Era direito seu, não l'ho negro. Mas então revellasse de outro modo d' minha impugnação. Primeiro, confessando a sua mancha do signu, declarado francamente que variava de parecer. Não averbasse de novo a minha theoria, avogada expressamente a sombra do seu nome, sem constigar primeiro que a errota era d'ella, antes do ser minha. E se do que eu me queixo: não de ficar sózinho; porque, afinal, ainda privo assim de tão lustrosas companhias, tão n'e deslustrara a que resuá.

1892.—Ninguém terá em mais que eu a valia literaria de J. N. RIBEIRO. Dado que o não alee, como o sr. JOSÉ VENISSIMO, acima

de todos os nossos grammaticos, accedeti que nenhum lho faz vantagem. Tive, em sua vida, occasião d' l'ho modesto e mudo, que lhe queira, chamado o espozacoão official, s' b a minha administração das fianças, a uma espozacoão official, que minorava ao homem de letras os embarços da vida, e desassombrava para os trabalhos do espirito o emento escriptor. Annos, muito annos antes d'isso, já da minha competencia nestes assumptos algum apreço fazia elle, por sua vez, mais, muito mais que o merecido, consiguendo, em 1854, como precosidade, na segunda edição da sua grammatica, as breves palavras, com que em, em 1882, a gabara, e resistindo os meus applausos com esse encarecelo o reconhecimento: «Acceitei grato os elogios da imprensa brasileira: com os louvores dos compoentes, do RUY BARBOSA, de THEOPHILLO BRAGA, do conselheiro VIEIRA, exultei.» DATA-DE, até, a honra de considerar a minha opinioe, l'ho sucinatamente enunciada, como capaz de ser egida o em trabalho daquella altura e solidiez: «Apresto ao publico», dizia, «esta segunda edição de meu livro, escaldado com os louvores de tres humes venerandos: RUY BARBOSA, o conselheiro VIEIRA, ANDRÉ LEFÈVRE.»

Para com essa memoria, tío grata ás nossas letras, claro está lh'o se vê, que não posso ter senão affeo e respeito. Estava quasi dizendo gratidão. Dezoito annos antes dos exoulvos em que a grammatica se compraz hoje de me lisnar, lavrara o insigne grammatico, naquellas palavras, o meu desagravo. Mas a scienza moderna habilitou-nos a conciliar com o respeito a independencia. Não coade hoje em dia a convicção d' autoridade, quando a autoridade lhe parece contrariar a razão.

No sentir do illustre grammatico, e para que se paia o verbo no infinito posto não no impessoal, é indifferente o que elle tenha em tío, sujeito proprio. Esta, observa JULIO RIBEIRO, «é a doutrina de P. MEZ, detida de factos, positiva, simples, satisfactoria. As regras corollarias, que na differença dos sujeitos l'ossem SOARES BARBOSA, SOARES e com outros, só servem para gerar incertezas no espirito de quem estuda. Segundo tás regras, os escriptos de CAVALHO, de Fr. LUZ de SOUSA, de VITHA, de HERCILLANO estão inqadados de erros!!!»

- 1. *Grammatica Portug.* Prefa. da 2.ª edic. 1884.
- 2. *Ibidem.*
- 3. *Ibidem.*
- 4. «*Grammatica Portug.* p. 278.
- 5. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 6. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 7. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 8. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 9. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 10. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 11. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 12. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 13. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 14. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 15. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 16. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 17. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 18. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 19. «*Grammatica Portug.* p. 398.
- 20. «*Grammatica Portug.* p. 398.



dações não podem fazer... Se é, pois, uma belleza privativa da nossa lingua, pulamos cuidado em fazer com uso della: reparamos escriptos uncto nos casos, em que a devemos empregar.» E factissimo, observa elle, «quando a penna chaceiro á mão subordinada ao pensamento, não attende á parte material da escripta, e brota-se um por outro estylo, um por outro intuito. Com esta falta de cautela explicamos nos exemplos deofuscos dos classicos. Cremos que suppondo os estylos e seus deffeitos, tomam a murmur por Juno e que não autamem nosus um erro qualquier. Escreveram bem, mas talvez erraram. Sabido e que moderadamente se tom peñato valiosos servicos á grammatica e vernaculada: a nossa lingua, e que esses tractillos teem expurgado della muitos deffeitos e commettidos pelos classicos. Julgar que elles se não podiam enganar é descontinuar a significação do vocabulo, e conceder a esses ditos antigos mais perfeição do que a nós outros, que depois chegamos. *Cicero é o que melhor e mais primovisamente escreveu em uma certa epoca; mas, e como aquelle melhor é relativo a peior, forosamente será tambem a muito melhor; comparandose a inferior, necessariamente se deve comparar a superior.*»

Vandado é que os livros de SERRA, de BARATA e dos grammaticos por este apontados no seu n.º oitavo e lám após si três e quatro d'ellas de anno, em tempos nos que tudo ovellhece rapidamente, com o progredir continuo da luz e moderada. Mas são de hontem as duas grammaticas de LAMARCA DE ANDRADE e PASSARO JUNIOR, estampadas uma em 1881, outra em 1894, e nella ambas se nos ensina que se conserva impresso o intuito, quando são *identicos os sujeitos da oração rogante e da oração interrogante.* E do hontem (1894) a *Grammatica Portugueza* de ALBERTO FERREIRO, onde se nos ensina a mesma doutrina: «A proposição circumstantial indirectiva vai para o intuito pessoal, quando tem sujeito differente do da proposição por ella modificada. Exemplo: «Por serem os ventos contrarios, não pôde o navio adoeantar muito aquillo dia.» Conservase, porém, no intuito impresso, quando o sujeito de ambas as proposições, modificada e modificante, é o mesmo. Exemplo: «Som estadar, não aprendes.»»

A *Grammatica Portugueza*, omfim, do João Ribeiro é do hoje. Um tomo apenas ha que, na sua segunda edição, se lha esta regra: «Empregase o intuito pessoal, quando tem um sujeito differente do da outra oração: *Admirava-me de gravosa com humana força.*» Pois boa e tres insus de enho a esta parte deoortido não o d'averem deso pensar. A d'adida edição, impresso o anno passado, reproduz llandamente a lição de 1898.

Tambem são de agora (1890 e 1891) os *Libros Práticos* de CANDIDO DE FERREIRO, que, entretanto, alli esposou declaradamente o ensino de LAMARCA SOARES, qualifica de «belleza» a construção: «Elles não *trabalha* littera, para responderem, e firma o procedo de se usar o intuito impresso, e quando o sujeito da oração rogante e o mesmo se e o da outra oração.»

É de hontem, João RIBEIRO, ALBERTO FERREIRO, LAMEIRA DE ANDRADE e PASSARO JUNIOR, escrevendo, em orealdo autoría o notavel, entre 1887 e 1894, não podiam ignorar os trabalhos do FREDERICO DEUX, cuja *Grammatica der Romanische Sprachen* appareceu em tres volumes successivos do 1836 a 1841, estampado-se-lhe a versão franceza, por onde se conhece entre nós, tambem em tres tomos, de 1871 a 1876. Constando, pois, de hontem, devia ser familiar aos nossos estudos brasileiros, que muito mais tarde escreveram, e alguns

dos quaes cultivaram a litteratura allemã. Depois JULIO RIBEIRO lera o rebote da *Theoria grammatica* desse 1881, na primeira edição da sua *Grammatica Portugueza*.

1894. — Se a teoria de escolalado, nesta svntaxe, consiste em ir de encontro a exemplos classicos, dessa incorpção não se livra o regimen grammatical promulgado por DIZ e JUNIO RIBEIRO. Uma de suas regras descreve o *intuitivo*, «quando o verbo do intuito não pode exprimir-se da dependencia em que está para com o verbo principal: o que, prosegue o mesmo grammatico, «acontece especialmente com os verbos que exprimem virtualidades, valendo de espirito, tais como *podar, saber, desear, intentar, premeditar, querer.*» Ora, os classicos não raro usaram, nesses casos, o intuito *personal*.

Provas:

«*Contentaram-se com acharem algumas jarras de*

*manzanillo.*» (SOUSA: *Anales*, p. 79.)

«*Assi se tem cooperar ambas a Argilla.*» (D.,

p. 185.)

«*Accesi-se conformemente conegrem.*» (SOUSA:

*Vida do Arcebis.*, t. III, c. 2.)

«*Os quaes assentaram em autorem Aldear Rah-*

*maão.*» (DÔES: *D. Emanuel*, p. II, c. 17, l. 106 v.)

«*Que não somente o usado se continha*

*De se fazer da terra firme os d'annos.*»

(CAMÕES: *Ins.*, X, 91.)

«*Os que tem a gta inolo, e se prestam de serem*

*voaldestros filhos de seus paes.*» (AMAROS ARRASIS:

*Dialecto*, c. 15, p. 42.)

«*o panno gsto que tinham de se acharem nesta*

*santa junta.*» (SOUSA: *Vida do Arce.*, I, II, c. 5.)

«*Julgase obra: pla fazenda de meurtas religio.*»

(A. H. BASTIÃO: *Solemnia Verbo*, carta 1.ª, p. 18.)

*Contentar-se* (querer, contentar (resolver), querer (querer), ter gosto (desdejar, fazer saber, pretender) são verbos correspondentes nos indicados este applicativamente na entimacção de JULIO RIBEIRO, e exprimem, tod's ellas, *realidade e virtualidades diversas.* Não obstante, contra a regra deus autor, aquelles classicos empregaram, nas orações realdas por esses verbos, o intuito *personal*.

Se todos os *fructos* de *Humano* são indirectivos, no todos os usos classicos são absentes e sobranos, como, contra oses e incumros outros exemplos de alto cl'sicismo, nos formula DIZ, para aquelles casos, a regra do intuito *impresso*?

1894. — Não é de hontem, a teoria do intuito pessoal e impresso, etc., contrariar com as formulas a pratica dos antigos modelos portuguezes.

O tomo, onde o autor allemão autoriza, com o canon depois adoptado por JUNIO RIBEIRO, o uso do intuito pessoal, temha esse sujeito propria ou não, resta as-sim, na translacção franceza:

«*Il est indifférent que est l'infinitif ait son sujet propre ou non.*

Exemples ou le sujet n'appartient qu'à l'infinitif; *tempo he de partier*

*tu. E. d. tempo he parte peccato venius est ligno adire;* *des se*

*desembarace o grito, tempo he vendiades (tempo que se vendiades);* *anch-*

*sermas dominantes (que souos d.);* *ato me expanto fallidoes lio usso-*

*andando (de que fallioes);* *vo ussosemos duas fontes (que nascioes).*

Exemple ou le sujet est commun aux deux verbes: *nos has verçip-*

*na de gnhaires (no he o 17.)* *torpemento (de que gnhas);* *tolos se*

<sup>1</sup> Id., p. 28.

<sup>2</sup> Pag. 432 da primeira e 423 da segunda.

<sup>3</sup> P. 357.

<sup>4</sup> Rio de Jan., 1888, P. 210.

<sup>5</sup> P. 163.

<sup>6</sup> *Rev. Phil.*, da *Ling. Port.*, v. 1, p. 91, 170-73, 264; v. II, p. 394; v. III, p. 107, 114.

<sup>7</sup> JULIO RIBEIRO, *Id.*, t. I, p. 275.

degras por-torena paz (porque tem); este não precisa actuar sem m'averuvas (sem que me amoves).»<sup>1</sup>

Quatro linhas, porém, adiante observa DÍZ:

«S. Infinitivo depend' d'auxiliares de modo; il se se conjugie pas; *actives* venir, sales dire, ameres creiret.»

O presente e, a meu parecer, valedorizo; porque o bom senso e o sentido mo toleravam logo uma *pedalada* ou *era* um *sones* *terras*, um *queres* *corras*, mas a tradição antiga me omnes embargos, porque não Alfain, contra os velhos mestres, sódamnos exemplos do infinito conjogado nesses casos.

BARROS registu:

«Tous celles parties orientales *continentes* du país e mais *continentes* os filhas.» (Dic. III, vi, 3, p. 17.)

E noutra loga:

«*Testamentum diffinitione* de mio, para indignarem V. Altea.» Ap. dr. CARNEIRO, *Grammat.*, p. 286.)

BERNARDY RIBBIO:

«*Não soua* ellas *fa-erense* de balle.» (Men. no e Moja, p. 35.)

MURARA:

«*Não poden* serem em um accordo.» (D. João I, c. 1.)

Ainda no século XIX, escrevia FILIPE ELIASS:

«*Videtur* vivos *sententia*» (Obs. v. I, p. 10.)

Em nenhum desses exemplos a clausula do infinito pode eximir-se subordinação para com o verbo principal mediante o processo indicado por DÍZ, convertendo-se numa clausula do indicativo, ou do subjunctivo, como se poderia nos outros: «*pensam* *haserem*» (Leal Cons., p. 89); «*mostram* *serem*» (ib. 193); «*pensam* *serem*» (ib., 216); «*pensamos* *sermos*» (ib., 290); «*descrevem* *non* *queram*» (Liv. da Estampaga, p. 616); «*não sofrem* *serem*» (PARANARA: Obs. v. II, p. 52). Em costumeiro na *conterem*, *testavam*, *diffiniam*, *o* *sona* *fizeram*, os indicativos *viam*, *testavam*, *conteram* *viam*, portanto, *auxiliares* de modo, na phrasologia consagrada por DÍZ; e, sem embargo, os infinitos que elles regem, assumiam, contra o canon do philologo allemão, a forma *present*.

Logo, de duas uma:

Ou é valedorizo o criterio, em que DÍZ assenta a sua primeira lei, o seu principio geral sobre a conjugação do infinito portuguez; e, nesse caso, falsa é a segunda regra, concernente a elle, quando regido por auxiliares de modo.

Ou, se esta regra se sustenta, bem que comparada por aquelle criterio, isto é, bem que note de erro a phrasia classica da mais eminente origem, então vacilla pelos seus fundamentos o principio geral do philologo allemão, abraçado por JULO RIEMER.

O direito do que usa DÍZ, rejeitando, para firmar a ultima regra, exemplos dos melhores mestres, porque o não teria a critica, attendida pela razão, para constatar os outros, a que ella arima a segunda?

Já se vê que a escola de grande sabão allemão não está, neste particular, de accordo consigo mesma; porquanto ora dogmatiza o uso antigo, para admitir o infinito pessoal, ora, para o condemnar, não hesita em ferir o uso antigo.

LOG. — E seria só dessa vez que o instituto philologo de Bonn usasse exporá arguição de erro *grammatical* o escrever dos antigos mestres? Caso houve, até, em que expressamente li a ironia. Constatavam, por exemplo, os escriptores do século dezesseis empregar muitas vezes, em lugar do futuro, o imperffio do condicional:

«Se as armas queres, vez, como tens dito, Cumprido este desejo le seria.»

(CAMÕES: Lus., I, 66.)

<sup>1</sup> Freq. DÍZ: *Gramm. des lang. romanes*, 3<sup>a</sup> ed. Vol. III, *Leçon* *de* *la* *Gramm. Part.*, p. 202. Convém transcrevel-o porque JULO RIEMER o não fez.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 203.

Pois a esse desvio das boas normas syntacticas não basta dizer em chamar «*subleitos*», ainda que está subscripto por CAMÕES.

Nem foram somente JERONIMO SÁBES e DÍZ quem d'elles averbar do senão no vicio das *Leitoch*. Não menos que d'elles modernos classos se abalaram, em recebo, a esse viciovicio.

«*Não são os* *Leitoch*», aventura LUIZ COELHO, «em poema poetico na traça e no tombo, no arrampamento das figuras e na prontidade e vigor do colorido, na correção da metrica e no *accosto* e primor *de* *linguagem*» (CASTILHO, ainda mais positivamente: «*A grammatica* *mostra*, este senso commum *de* *linguagem*, a grammatica *mostra* (sem custo se demonstrar), se necessario fosse) *é* *frequentes* *esses* *offendidos* *nos* *Leitoch*, por mais que lhe queamos acudir com o vallicamento das figuras e das nimo elasticas licenças poeticas.»

197.—Mas ninguém notou ainda nos nossos antigos autores maior numero de falhas que o dr. FERNHEO na sua *Grammatica Philologica* e nos seus *Serões Grammaticos*.

E elle quem argue de erro a Fr. LUIZ DE SOUSA, o maior dos nossos classicos, na escriptura de A. HERCULANO, por usar com terminação feminina a expressão *malda* na segunda parte desse exemplo: «*Deuam* *lhe* *malda* *(hora)* *os* *que* *sem* *pejizo* *fallaram* *e* *outra* *mais* *os* *que* *sabiam* *de* *perro* *qual* *era* *sua* *vida*», (*Grammatica Philos.*, p. 340.)

E elle quem, contra outro exemplo, registado por elle mesmo, desse grande escriptor, «*Não eram* *hem* *despididos* *de* *um* *e* *outro* *excebidios*, estado a regra de que, com a expressão *us* *e* *outro* ficará sempre no singular o substantivo correlato. (Ib., p. 330.)

E elle, ainda, quem, rejeitando expressamente especimes viciados de FERNÃO LOPES e JOÃO DE BAR, adopta o canon de que, nas orações em que o pronome *nos* fizer as vezes do eu, não se pôde manter no singular o adjectivo correspondente ao sujeito: «*Antes* *sejamos* *boves* *que* *poetas*», (Ib., p. 382.)

Ainda é elle quem tacha de *erro* *modo* *algua* *a* *traca* *do* *alverbio* *ante* *um* *homem*, confessando aliás que *hissa* *inacorrecto* *alguns* *das* *nossas* *classicas* *(alguns*, *não*; *quis* *lho* *BAR*, *no* *viam* *LUCENA* *se* *no* *iscentaram*). (Ib., p. 352.)

E' elle, sempre elle, quem reprovava como indignos do imitação os exemplos d'eluz por alguns escriptores de primeira nota, como D. FRANCISCO MALHEIRO DE MELO, quando ao uso do verbo *aver* ergo esta forma: *Havevam* *philosophas*, (*Serões*, p. 273.)

Dalle é, enfim, o reparo, explicitamente em dealbedo do classicos antigos e modernos, como BARROS, CAMÕES e HERCULANO, contra a accumulção successiva de conjugações como estas: *malço* *contado*, *mas* *o* *prova*, *e* *o* *testava*. (*Gram. Phil.*, p. 330.)

O mais aqui de notar, porém, nesse catalogo, nem sempre justo, de erros classicos, esboçado nas obras grammaticas do professor CARNEIRO, é ser elle quem não deslaza (*Gramm.*, p. 286) *a* *não* *para* *fallar*» os exemplos do infinito pessoal que a vermaculidade presentemente reinvidica. Ell-os, tuos quasi nesses Livro, e extravam:

«*Deleitos* *que* *sevem* *de* *accuresem* *a* *razão*.» (LUCENA.)

«*Favem* *argulos* *a* *lançar* *ferro* *e* *estarem* *sobos* *ello* *vinte* *duas*.» (LUCENA.)

<sup>1</sup> *Alguns* *Academ.*, v. I, p. 67-8.

<sup>2</sup> *Conversação* *Presumptiva* *ao* *P. JAYNES*, Ed. de 1838, p. ext.

<sup>3</sup> Entre os incoheros nella phrasia viciada está LUIZ DE SOUSA: «*Hajam* *estas* *de* *securer*.»

*Hajam* *castos* *para* *ovir*.  
(*Letra* *de* *El-rei* *Silveo*, *Obras* *Comid.*, ed. crit. *de* *Pinto*, t. VI, p. 204.)

A essa forma grammatical avesta SOROTEN, com a opinião lioi corrente, de erro *prosaico*, (Apostilla, p. 62.) Do voto geral presentemente só discrepa ALVARO DE VASCONCELOS, que, na sua *Grammatica*, p. 254, adopta como legitimo portuguez esse fallar.







A. HERCULANO, CASTILHO, CASTELLO BRANCO, MARILDO DE ASSIS: não cessadamente, que se não de levar à conta, penso eu de negligências da atenção ao escrever, incorreções do dístico no imprimir, ou exigência da metria no versificar.

200.—E em desses processos de seleção, discriminação e eliminação, mais inconscientes, mais involuntários, como aquelle que acoboa p. r. imprimir definitivamente ao pronome *the* a flexão de numero, o que, entre mais diffidencias e resistentes, se vem lentamente descomovendo ao beneficio do uso do infinitivo pessoal. Certo na lingua esse maravilhoso instincto, em dos privilegios mais invejáveis do nosso idioma, não houve a principio discernimento no seu emprego. Onde quer que o possessem applicar a pessoa e o numero do verbo, era com frequencia preferido á forma impersonal, embora as circumstancias da phrase não exigissem aquella syntaxe, embora não fosse necessaria á clareza, á elegancia, ou á harmonia do discurso.

De envolta, no entanto, com a que predominava, a outra forma não abandonou jamais os seus direitos, irrompendo, aqui e alli, de quando em quando, e de onde em onde adirmando a sua existencia, a sua vantagem, e a sua especialidade grammatical. Desde os mais longuinhos monumentos do nosso idioma se poderia acompanhar o curso paralelo de ambas as formas do infinitivo: uma quasi exclusiva no começo, reduzindo-se progressivamente ás funcções que a systematização grammatical lhe porfim a lhe assignar; a outra assumindo pouco e pouco a que naturalmente devia exercer. Nos escriptores que mais dissipadamente usaram e abusaram do infinito pessoal, vamos achá-lo sempre, ao mesmo passo e nos mesmos esços, infinito impersonal mais ou menos amplamente utilizado.

Para o demonstrar, num trabalho desta ordem, occasionalmente poderei indicar pelos cimos alguns exemplos, mais ou menos significativos:

- «E assi digo que é bem de *levar* e *criarem* bestas e *gualias*.» (D. NUNES: *Cont. del Rey*, p. 37.)
- «Porem todas as suas tenções com gran desejo em se trabalharam de *levar*, *caçar*, *pegar* á *pealla*.» (D. NUNES: *Livro da Escuridão de Bem Condegar*, c. 15.)
- «Não mudavam os do conselho a *cahir* em simples paz... tiveram *gelo de fallar* á *rahuia*.» (FERN. LOPES: *D. João I*, parte II, c. 195.)
- «Com estas palavras conveio as lagrymas a *correr*.» (BERNARDO: *Op. cit.*, c. 4, p. 45.)
- «Também grande razão de não *deparar*.» (AZURARA: *D. João I*, c. 7.)
- «Terontes vazar para *fazer* nossas mandas e testamentos.» (B.)
- «Papa hateram razão de se *aconsellar*.» (B., c. 31.)
- «Provaram de *attantar* ao infante D. Duarte.» (B., c. 73.)
- «Orto nós não *saldemos* outro, senão virem ellos *encarejar* o mandamento da *terra*.» (BARRIOS: *Dec. I*, c. 4, v. 1, p. 32.)
- «Como se *deram* *passar* a um campo mui salido, e *sugero*.» (B., c. 5, p. 45.)
- «E como *deram* do subito sobre ois s, sem *ter* luzar para não serem *vistos*, e se *brava* no *navio*.» (BIBENA.)
- «Começaram a *cominhar* contra o *navio*.» (B., c. 6, p. 51.)
- «E assi se apinharam todos a *olhar* tamacha novidade.» (BIB.)
- «Tomaram-se aos *navios*, sem *lhe* *fazer* *damno*.» (B., c. 6, p. 56.)
- «Muitos *condemizavam* a *natureza*, fazendo-se *capadores*, sem o *servir*.» (JOÃO DE BARRIOS: *Dial. da Viçosa Virgínia*, Ed. de 1735, p. 281.)

A. HERCULANO: *Enrico*, p. 45, 285. O *Monarchon*, v. II, p. 438, v. III, p. 181.  
 CASTILHO: *Paras*, v. 1, p. 137; v. III, p. 481. *Fausto*, p. 52, 240, 241, 279. *Capote*, p. 19, 20, 21, 23, 24, 28.  
 CASTELLO BRANCO: *Mocim de Garças*, v. 1, p. 112. *D. João Cascaes*, p. 134.  
 M. DE ASSIS: *Pocissis*, p. 121.  
 Demas, tem-lhes aqui; inspira-lhe essas chammas, >

- «Começaram a *landar*.» (OCTO: *Det. IV*, c. 1, v. 1, p. 24.)
- «Saliram a *elle* para o *dehender*.» (D. NUNES: *Cont. del Rey D. João I*, etc., c. 72, p. 231.)
- «E os encantoumho para se *o* *inglaterra*.» (B., c. 72, p. 236.)
- «Foram contra *balizar* para *descomovam* os *contrarios*.» (B., c. 74, p. 312.)
- «Estivessem *anuncios* para se *dehender*.» (B., p. 12.)
- «Com esto bom successo se *viram* para *Manalvariz* muitos a se *lhe* *offerer* para *servir*.» (B., p. 21.)
- «Fizeram *preito* e *omagem* ao *Mestre* de o *avozar* por *suoloz*, e *servir*.» (B., p. 155.)
- «Tomaram *folgo*, para *outra* *vez* *fazer* a *guerra*.» (B., c. 73, p. 349.)
- «Andassem por *Castella* buscando os *prisioneiros*, para os *fazer* *soltar*.» (B., p. 357.)
- «Ellos eram *bastantes* para se *potem* em *defensa*, e *dar* *boa* *conta* da *cidade*.» (B., c. 78, p. 369.)
- «Muitas *naves* *estiveram* *muito* *tempo*, sem *cahar* *moeda*.» (D. NUNES: *Orig. de Lina, Port.*, c. 3.)
- «Os *moços* *romanos*, *estiveram* *tanto* *tempo*, sem *cahar* *moeda*.» (Ibid.)
- «Crescem, para *dar* de si *inuvavilhosas* *esperanças*.» (ANADON: *ARRAS: Dial.*, c. 20, p. 51.)
- «Os *noços* *entram* *quasi* *sem* *se* *sentidas*.» (B., c. 16, p. 65.)
- «Mustraram *valor* e *anim* em *dehender* *desajoradamente* e *sem* *fazer* *placis* *seu* *poro*.» (Ibid.)
- «Começaram a *cahender* em sua *obrigação*.» (SOSA: *Vida do Arc. I*, l. e. 10.)
- «... visto *entandarem* *simto* em se *apoyar* do *leite* e *lá* das *ovellas*.» (B., l. II, c. 11.)
- «Quiz que *seus* *filhos* *uno* *possissem* *na*, *para* *saborem* *da* *undo*, e *se* *senhores* *de* *tudo*.» (B., c. 29.)
- «Ora *vê*, *rei*, *quanta* *terra* *andamos*, *Som* *sois* *nunca* *deste* *povo* *indo*.» (CAY: *Lrs*, V, 61.)
- «Que os *muitos*, *por* *se* *poucos*, *não* *tomamos*.» (B., VIII, 36.)
- «Os *pous*, que *tes* *filhos* *tam*, e os *não* *algum*, *merceiam* *pedecor* a *pena* *de* *seus* *erros*.» (FALCÃO: *D. João*, a. I, c. 3.)
- «Quecia *vós* *erred*, para *fazer* *leis* *de* *erros*, a *vosso* *saio*, *mais* *acertada*, que *as* *de* *Mimos* e *Lyeuro*, com *as* *atribuir* *aos* *Deuses*.» (JORDA FERREIRA: *Enfros*, a. I, c. 4.)
- «Não *lendes* *outro* *modo* *de* *vos* *sustentar*.» (VIEIRA: *Serna*, v. 1, p. 49.)
- «Aprendam a *não* *se* *perder*, e *so* *perder*, *mas* a *sequejar* *com* *ellas*.» (B., p. 116.)
- «Tão *fora* *estiveram* *de* *ficar* *isentos* do *peccado*.» (B., p. 165.)
- «Não *custades* *de* *curar* *nem* *de* *procurar* *seus* *peccados*.» (B., p. 170.)
- «Tão *pouca* *razão* *tem* *uns* *de* *se* *dessentencor*, *como* *outros* *de* *se* *dessocolar*.» (B., p. 241.)
- «Afrontavam-se do *parentesco* de *Deus*, só *por* *não* *ser* *parentes* de um *crucifixo*.» (B., v. III, p. 271.)
- «Tiveram *muita* *razão*, *não* *só* *para* *se* *deparar*, *mas* *para* *se* *vir*.» (Ibid., p. 374.)
- «So *mulheres* *perdidias*, e *as* *que* *estavam* *a* *risco* *de* *so* *perder*.» (Ibid., v. IV, p. 12.)
- «Sem o *querer* *confessar*, *mostravam* *claramente* *não* *ser* *filhos* *legitimos*.» (B., p. 37.)
- «So *com* *Deus* *em* *um* *moite* *se* *guardam* *suas* *leis* *sem* *se* *pre* *levar*.» (Ibid., v. VI, p. 31.)
- «Se *tes* *proposito*, *como* *é* *certo* *que* *tes*, *de* *algum* *hora* *te* *con* *terer* *a* *Christo*, *de* *algum* *hora*

to apartar de tudo o que te aparta de Christo; quando ha-de ser esta hora?» (Ib., p. 340.)

«Ou so-la tambem que, opprimidos os pés com carga de tanto ouro e prata, a largaram do si, por não podê-la sustentar.» (Obr. Inedit., v. II, p. 167.)

Mostram estes exemplos, collidos á ventura, sem o menor esmero de investigação, nos volumes onde pullulam, a frequencia, com que, já entre os classicos antigos, se praticava o infinito impossível, quando o seu sujeito era identico ao da oração do modo finito, com a qual se ligava. Com o apurar do ouvido, com o crescer das exigencias da euphonia, com o intervir cada vez mais-largo da reflexão e da analyse no falar e escrever, mais e mais se foi amoldando esta fórma, mais e mais ganhando preferencia á outra. Começou-se a sentir que a utilidade e belleza do infinitivo pessoal estavam nos serviços, que contribue para a clareza e a graça da construcção vernacula, dando á expressão da idéa maior transparencia e roloto. Multiplicado indistinctamente, onde não offencesse esse proveito, sobrecarregava o estylo, embaraçava a enovelação do pensamento, desbotava e enfraquecia a linguagem. Personalizava-se o infinitivo, para lhe indicar o sujeito, quando este lhe é peculiar, quando não for o mesmo da oração rogente. Tal de ordinario e prestimo deste invejado lusitanismo. Mas, se o sujeito é commun ás duas orações, o verbo do modo finito já o determinou, cessa, para o infinito pessoal, o motivo dominante, o verdadeiro motivo da sua excollencia, o grande motivo logico e literario da clareza. Esta intuição, que não poderia dotar do occorror, por fim, aos bons escriptores da nossa lingua, aos seus mestres, aos seus molchardicos, aos seus benemeritos, foi gradualmente estabelecendo no emprego dessas duas fórmas a discriminação natural.

Practicamente ainda não está de todo consummada. Ainda nos molhores modelos se descrepa ás vezes desse criterio, recorrendo-se á flexão pessoal do infinitivo, em casos nos quaes não se veyta sonho de conservar, carregar e empurrar inutilmente o discurso. Mas tão sensitivo é a evidencia e a energia da necessidade, a cujo influxo se vey operando a redução do infinitivo pessoal ás suas funcções normaes, que até os adoptos da theoria de Duz nem sempre confirmam, na pratica do idioma, a indifferença, que doutrinam, entre as duas fórmas. O mais illustre desses entre nós, Felto Ribeiro, com professor didacticamente a theoria da grammatica alleiã, não usa, no ultimo e no mais bom escripto dos seus livros, nem uma só vez o infinitivo pessoal, nos casos do sujeito commun ás duas orações. E' sempre da outra construcção que se vale:

«Nossos acós saltaram para cima dellos, a descerrem.» (A Corça, p. 28.)

«Temporaria lingua, para meter o tempo.» (Ib., p. 32.)

«Com duas simuladas de torcos a pizar de branco o azul do céu e o escuro da matta.» (Ib., p. 112.)

«Fizera uma confissão, que as mulheres nunca querom ser as primivas a fazer.» (Ib., p. 167.)

«As canções do milho que tinham nascido e morrido estioladas pela sombra, sem produzi.» (Ib., p. 222.)

NOTA — A queremos, de mais a mais, por de parte essas considerações todas, legitimando, neste particular, o phrasado classico unicamente pela sua autoridade tradicional, pelo seu classicismo, taremos de chegar aonde não quereriam, ou, pelo menos, até onde

1 Supponho que difficilmente seira o parlamento de Inglaterra em contrahir d'inherto para a armada deste anno.» (Vizent: Curias, v. III, p. 186, e. 121.)

2 A menos que me escapasse, o que não creio, apesar da rapidez, com que reli esse escripto.

3 Ed. de S. Paulo, 1652.

o não imitariam do bomtento os adeptos do arbitrio absoluto nesta questão grammatical.

Quando, na redução da phrase, grande numero de palavras mediam entre o verbo do modo finito e o do infinitivo pessoal, nem sempre fere o ouvido o superfluo e inconveniente da flexão a este desnecessariamente impressa. Ás vezes, porém, contriviam a tal ponto as duas fórmas verbales, que mal se chega a sentir a interposição, cuja breve distancia as separa:

«Poram fartos do me matarem.» (BERNARDIM: Op. cit., p. 21.)

«Se ellas por isso teem razão do serem mais tristes.» (Ib., p. 38.)

«Ordenaram outros homens de os matarem.» (Ib., p. 41.)

«Soyam tambem condemnados a irem.» (GOES: D. Emmanuel, f. 103 v.)

«Viram-se outras mulheres fiserem.» (CAY. D'OLIVEIRA: Cart., I, p. 229.)

«Davam fe do nao serem comprehendidos em deversas.» (SOUSA: V. do Arc., I, l. e. 17.)

«Foste ditoso em vizez.» (FERREIRA: Cossa, a. V, s. 2.)

Outras occasiões quasi não ha intermedio, quasi que se succedem um ao outro os dois modos, apenas divididos por uma proposição, ou um pronome:

«Não soem ellas fiserem-se do hablo.» (BERNARDIM, p. 35.)

«Inda não eram para matarem com as mãos.» (Ib., p. 131.)

«Trabalharam de trarem tatus os feitos a este fim.» (AZUBARA: D. João I, e. 5.)

«Com mais diligencia se queriam do guerevem.» (Ib., e. 33.)

«Acudiam com gosto, pelo que o tinham do veyem.» (SOUSA: V. do Arc., I, l. e. 11.)

«Estavam para serem.» (Ib., I, l. e. 11.)

«Guyos olhos banhados de fel pareciam não lhe coderem nas orbitas.» (A. HERCUL: O Bolo, p. 235.)

Logares ha, porém, onde os dois verbos se succedem um ao outro em absoluta contiguidade:

«Não podem serem em um accordo.» (AZUBARA: D. João I, e. 5.)

«Ellos confessam levaram tanto trabalho.» (JOÃO DE BARROS: Dial. da Vig. Verg., p. 394.)

«Nom dissessem serem de sua familia.» (SOUSA: V. do Arc., I, l. e. 3.)

«Só a fim de alcançarem serem admitidas nelle.» (Ib., e. 6.)

«Os seculares dividiam estarem.» (Ib., e. 13.)

«Conheciam terem bom partito com a pessa.» (Ib., I, v. e. 81.)

«Mostravam estarem mais para fazer algum tanto de guerra.» (DUANTE NUNES: Consonas do D. João, etc., v. II, p. 410.)

«Mostravam estarem chãos de medo.» (Ib., p. 183.)

«Mereciam merecense.» (CAY. D'OLIVEIRA: Cart., v. I, p. 101.)

«Alguns officios profundos, que mostravam terem servido para emb-ber as traves.» (A. HENR: Eurtico, p. 228.)

Haveria de presente escripto, que ossoas perpetrar phrases destas? C. CASTELLO BRANCO moleja algures da parreza: Parecem

terem. A prefaceio: o typo classico, não tem razão a zombaria. A expressão que elle metteu riso, não differo do exemplar aqui transcripto. Diz-se *parcece terem*, ou *parecece ter*. No segundo caso o verbo concorda com o sujeito plural. Para o plural, prezando, até legitimamente o segundo verbo, desde que se admita, na especie, o infinitivo pessoal. A clausula *parecece terem* e inverte-se em] *parecece que têm*. Logo, está dentro na formula grammatical de DIZZ: *sulfizis* o seu criterio de virtualidade, e, segundo esse criterio, será certa.

Não admittim a conclusão? Não é rejeitarem a premissa. O criterio é que não presta.

A substit. portanto, a doutrina do philologo allemão e do grammatico paulista, ninguém se poderá escaudular, quando se escreveram proposições doo jazo: *Vós correis, Podem ouvir, Eu quero fugirem, Hedei morrerem, Qui a entrem, Devo-se estarem, Tealavam corretem, Procuraes saberem, Parava estalarem, Oitavam escoceram, Saldem firarem, Ha repouararem, Paravaa lacerarem, Dizeam serem, Oudam escoceram, Imaginam ganharem, Lagravem fazorem, Resolvem acabarrem, Fozam fuzarem, Vieram avertem, Irto trabalharem.* Grands antecedentes classicos as autorizam.

Estou vendo que, a despeito de Julio Ribeiro e DIZZ, acham intoleravel a liberdade. Mas a esse paracei o fatalmente nos leva o processo, do onde se estabelecer a regra por elles firmada.

Se a limitam, se, para autorizar esses exemplos, não valem textos, como os que apontei, dos melhores escriptores antigos, que a regra será falsa, é que o seu criterio não será do boa lei. So a restringim. está reconhecendo que o uso classico caia fora pelo abuso. E admittida a restricção, o unico limite não arbitrario é da linha discriminativa entre os casos do *sujeito commum* e os de *sujeitos diversos* nas duas orçôes.

Neste sentido qua o genio da lingua, tendo a sua natureza progressiva, encaminha o curso do seu uso, eompica e sentir dos grammaticos na sua generalidade. Do todas as autoridades, porém, ha uma, que por cima de todas sobreleva: a daquella, que SILVA TULLIO acclamava o nosso pontífice contemporaneo em pontos de fôgrammatical, a de CASTILHO ANTONIO. Philologo, poeta e prosador insigne entre os mais illustres, esse classico, o maior dos da nossa lingua no seculo dezovoto, consultado especialmente nesta controvérsia, respondeu a FRANCISCO BARATA:

"Vindo ao ponto sobre que me consulta, digo que a opinião do JENOVINO SOARES BARBOSA, que é do mesmo tempo a de V. acerca das *infinitas impressões e pessoas, me parece a mais* etc; por isso em todos os meus escriptos me tenho com ella conformado."

§ 465

Art. 327

CONCORDANCIA VERBAL.

202. — Resava o original deste artigo:

"São parentes em linha collateral, até o decimo gráo, as pessoas que procedem de um tronco commum, sem que *descenda* uma da outra."

De propuz que se emendasse:

"São parentes em linha collateral ou transversal, até o decimo gráo, as pessoas que provém de um só tronco, sem desceolorem uma da outra."

A's observações em que estylo a minha censura acolta tranquillamente a critica de facta e cattiva:

"Quando polo o despois! Qualquer menino de collegio verificará, entretanto, que o sujeito de *descenda* é *uma* e não *pessoas*. A ordem directa seria: *sem que uma descendia da outra* » Adon o que estava perfeitamente certo, o emendado *para errada*."

Mas ao sahoso diilottante responde civilmente o professional:

"Aquí pelo o verbo *descender* (*descenda*) irao plural, dando-se-lhe por sujeito o vocativo — *pessoas*, ou flexão no singular, tomando-se-lhe por sujeito a palavra — *uma*, que outro não anda com o *substantivo-pessoas* — subentendido."

Lá se avemham entre si os dois apologistas do projecto. Possa o espirito da transacção enlazar um ao outro os dois órgãos da deusa. A mim basta-me já mostrar, com a pratica dos melhores mestres, que não corrigi orrro:

"Ora, fillos, logo essora,  
Cada um com sua esposa,  
Vemós ver a proterosa  
Rainha nossa Senhora."

(GR. VIC. v. II, p. 441.)

"Onde se assentaram cada um em sua cadeira da espaldar." (GOSZ: *Chon de D. Manuel*, p. II, c. 7.)

"Levao el-rei seu caminho até que chegou an extremo *onde cada um fizevoa caudalo*": levar a encovar seus amolhos." (FRAN. LOPEZ: *Chon*, d' El-Rei D. João I, p. I, c. 156.)

"A fro a que juda sãoa Lisboa ordenou d se partir para os logares *onde cada um estava*." (Id., p. II, c. 81.)

"E ambe se hem de converter em um outro." (JOSE DE BARROS: *Dal. da Vie. Yegonha*, p. 245.)

"*Arcaçulas cada um por dois homens*." (SOUSA: *V. do Arch.* I. II, c. IV.)

"*Espannorem no tzo cada um sua larça*." (SOUSA: *Alvares*, p. 306.)

"*Melhores são as estrelas cada uma* só por si que toda a terra junta." (VIELLA: *Incultas*, v. II, p. 146.)

"*Soa em sóscado um de vós, o sãmos todos os homens*." (VIELLA: *Serm.*, v. III, p. 391.)

"*Cada um trazia tamanha lollie*, como se determinadamente *sãmos* que sem nenhum perigo haviam de haver victoria." (AZERARA: *Ap. CARNEIRO, Grammat.*, p. 308.)

"*À vista de um theatro immenso, tão fragico, tão funesto, tão lamentavel, e onde cada um, cada cidade, e cada casa conjuntamente *sãmos* a scena*." (VIELLA: *Ap. CARNEIRO, Grammat.*, p. 307.)

"*Não podia ser diverso o resultado*: *eram um contra com*." (A. HERCULANO: *Ap. CARNEIRO, Ligeiras Obscvas*.)

"*Por isso responder no fundo de mosteiros distantes o horror carnal um do outro*." (EÇA: *Os Mães*, II, p. 441.)

Para justificar, na phrase *as pes-oes que procedem de um tronco commum*, som que *descenda* uma da outra, o verbo no singular *descenda*, attribuen he por sujeito o numeral *uma*. Tão singular era, se colligesse, esta explicação, que á primeira face he reconhecera a verdade quem quer que não fôr cego. Mas esse resign, como o verbo no singular, não excluo o facto do parentesco por descendencia entre os dois individuos *sãmo destacada e successivamente*, considerando-se de cada vez um a respeito do outro; quando o pensamento legislativo seria excluir para logo, por synthese, em relação a ambos, essa lica, o quo só mediante o verbo no plural se operava de modo sensível ao primeiro aspecto. Por isto nãvitei em *descendem*, concordando com *pessoas*, om vez de *descenda*, concordando com *uma*.

1 F. BARATA: *Op. cit.*, p. 31-2.

2 D. CARNEIRO: *Ligeiras Obscvas*, p. 9, col. 2.ª

« TEM OS MESMOS DIREITOS, E COM AS MESMAS GARANTIAS. »

204. — Topon. o dr. CARNEIRO nesta locução, mas sem o menor fundamento.  
Senão, vejamos:  
O art. 663 do substitutivo, onde se ella contém, enuncia-se assim:

« Aquelle, que, com a authorização do compositor de uma obra musical, sobre os seus motivos escrever combinações ou variações, tem, a respeito destas, os mesmos direitos e com as mesmas garantias, que sobre aquella a seu autor. »

Todo o escândalo do professor CARNEIRO, aqui, está na conjecção, que elle não sabe meio de accomodar sem quebra de mão sei quaes canones grammaticaes, infelizmente não expressos na critica do mestre.

Quize « elle, com um tal-não-da, semver, de equidade, suppoer que talvez contra mim accoitea distrair-se a revisão, e tanto lastarar, para se forjar a essas despezas grammaticaes, reduzindo, p. ha simples e p. o deo, a aquella redacção a esta: « com os mesmos direitos, com as mesmas garantias. » Destarte é que eu havia escripto.

Senão embargo, não repudio a redacção, que alli se encontra, está mal feita? Não está excessiva. Para lhe dar com a regencia, basta lhe figurar a mais simples das ellipses. A que será que os *quosdam* correspondem? Aos *compositores*. De dir. e reformos das garantias, o a ellas pertencem. E o que transparece emto não exceder na proposição a tem os mesmos direitos, e com as mesmas garantias. Entre a conjunctiva e a preposição *com* está, portanto, substituído o mesmo vocábulo *diritos*, complementado directo de *tem*, em um adjectivo demonstrativo, que os representa, destarte: « com as mesmas *diritos*, e *com* estas *diritos* com as mesmas garantias, ou melhor: « com os mesmos direitos, e *com* as mesmas garantias. »

Se duvidar ainda o douto professor, colligese nestes excerptos, do mais authorizade classicismo:

« Um lido poderoso príncipe, E COM *que* o impudor mustrar fando contentamento. » (MORAES: *Ped. deo. d'Anglaterra*, p. II, c. XL.)

« O clero lesquandil, incomparavelmento o mais affluente da Europa naquellas eras tenocreas e *coje* influencia nos negocios publicos era maior. » (AL. HINC. CASO: *Evocao*, p. 5.)

« Este acontecimento ignorado, e *coje* motivo e circumstancias intrinsecas se *entoravam*. » (Ibid., p. 106.)

« Gramata, não de valentes soldados e *onde* podia partir o raio. » (A. HENRIET: *O Mon. de Paris*, v. I, p. 53.)

« Meissa e quadrangular, *com* os seus eguaes miraduros bejando nos dois angulos exteriores, e *coje* sobre o escuro portal. » (A. HENRIET: *O Rev.*, p. 18.)

« Uma grande camada de futuros homens, a lerem, a escreverem, a cantarem, e *iniciados* na religião. » (CASTILLO: *Felic. pela Instr.*, p. 34.)

« São tambem uma especie de mestres das potações E COM os *estudejos* de actuar em inda mais sobre os adultos. » (Ibid., p. 43.)

« A terra, enorme pero e no ar *convulsa*. » (CASTILLO: *Fastos*, v. III, p. 121.)

« Mudassem a covia da ostrumeira para mais longe, e *onde* o vento não trouxesse as exalações. » (CASTILLO: *Colloq.*, p. 238.)

« Dê-lhe a ama o candido véo das nuvens, radiante como o sol, e *que* saíra d'um outro orizonte. » (CASTILLO: *Os Martires*, I, p. 91.)

204. — Não quero fazer grande fôrça no meu reparo a esta expressão, «em que, se os italianos a praticam, entre nós os mais altos exemplares do faltar veremto quasi nunca, a admitiram.

Verdade seja que uma vez se me deparei em SOARES BARROSA, na phrase: « *Fazem-se valer* os casos julgados de dois modos: *Asistidos*. » (Ostorias, v. I, p. 221), offerecendo-me outro exemplo do mesmo uso em CASTELLO BRANCO, no acerto agora em que logar da sua traducção dos *Martires*. Não, porém, que MORAES, enumerando em copioso offenno as combinações vermaticas do *verbo valer*, desta mal falla. Relucto que SOARES BARROSA, mestre em grammatica, não é como pensador tão apontado moleto. Os grammaticos puramente são escriptores. disse, com o abono da observação geral, um dos nossos philologos mais eminentes. \*

C. CASTELLO BRANCO, por ultimo, a quem chamaram, com algum exagero, « o derradouro e *mais illustre* mestre da lingua portugueza », certo é que, insigne padroo no offenno do vocabulario, o guia quasi sempre seguro no varnecido do phrasado, no seu *laminne*, quanto ás influencias do comarço francez, a usenas e ital vertencias, uma ou outra vez assaz graves,

*quas aut incuria fuit  
Aut humana pariter cæcit volens.*

205. — De algumas já lhe fizera cargo no Brasil, ha mais de trinta annos, CARLOS DE LAET, BELLEGARDE <sup>3</sup> e outros. Para justificar o *affectado* <sup>1</sup> (*Esqueto*, p. 102), teve o inopinado gué se valor do CONSTANTINO (*Escudo Mocho*, n. 3, p. 14), a quem, dahi a dois annos, no *Perfil da Marçosa de Pombal* <sup>2</sup> (p. 103), havia de chamar « *aquele desgracado dictionarista*. » Do *idoneo*, ainda hoje reputado puro francez, se defendeo, allegando erro de imprensa, mas sustentando-lhe, no mesmo tom, a necessidade, quando empregado como lidação de *mordida* <sup>4</sup>; o que alias cheo mesmo prettamente refuta, dizendo, nos *Mysterios de Pife*, com este significativo e *vantajosamente* substituível por *enteejo*, cujo substantivo e *ant-revo*, nome especifico aquella lida. <sup>5</sup>

Exceçt, ainda recentemente, C. DE FIGUEIREDO <sup>6</sup> que *desembo* *des* *luzarios* *é* *disparato* imperdoavel ao mais incipiente aluno da escola primaria; o dr. CAVENTRO <sup>7</sup> acolta de solecismo esta phrase, o proprio CASTELLO BRANCO, desbido em relação ao nosso VARELLA, com « a *corrova* desso solecismo », se saboreou, a chulhar da *syntaxe do brasileiro*. <sup>8</sup> Nesse delicto, porém, incorreu

<sup>1</sup> CAVENTRO de FIGUEIREDO: *Lições Praticas*, v. III, p. 221.

<sup>2</sup> SILVA PINHO: *Combates e Criticas*, p. 56.

<sup>3</sup> *Trabalhos e luctações da ling. portug.*, p. 410-417.

<sup>4</sup> Na recepção de *acconectido*, *affectado* de *afirmado*.

<sup>5</sup> Porto, 1822. *Os Ecos Invençioses do Minho* são de 1830.

<sup>6</sup> C. DE FIGUEIREDO: *Lições*, v. I, p. 293.

<sup>7</sup> *Idem*, n. 3, p. 354-5.

<sup>8</sup> « *Finos a generalis engrammatica, e *adecoreno* » pelo poeta italiano A. D. GABRIELLA. P. 105.*

<sup>9</sup> V. BELLEGARDE: *Op. cit.*, p. 432, 467-8, 471-2.

<sup>10</sup> *Lições Praticas*, v. II, p. 280.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 431.

<sup>12</sup> *Intelectual* Alagoa, ed. de 1878, p. 517-8.





presença representativa. Temos: «desde que se allude a enfermidade... não estará claro ser a enfermidade enquanto dura, pois, em não durando, cessou de haver enfermidade.»

«haver» passou a dizer-se haver enfermidade, e ficou mal? Não. A reituação da palavra toda a gente de boa fé está a sentir e palpá-la que não de estudo se usou, para trilhar e retrilhar o risivel a expressão criticada no projecto. Por evitar, porém, a ultima repetição do *enfermidade*, substitui-se em pelo pronome, que em boa grammatica sempre se commetter essa funcção.

207. — E' a esta pratica elemental, singulissima, sedicã do pronome representativo, em seguida ao verbo *haver*, um substantivo a não antecedente, que um mestre de grammatica vem oppor gravemente aquella farragem tola. Compezer-lhe-a, que em vez de «cessou de *haver-se*», disse «cessou de existir». Mas porque? Seria mais transaccida esta expressão que a outra? Não. Antes a primeira tem mais de especialmente vernacula que a segunda. No

1 Faz o dr. Castanho que não percebe esse intuito, para me imputar ao estylo «habbo dos trocados de palavras, a cujo proposito me desfecho de 19. 22. 26. nem a.»

2 Em alguns pontos occorre o eminente censor a trocadilhos e leguimas de palavras, que lhe empicam o contexto do discurso, e lhe confundem o estylo, levando não raro o espirito do leitor a um embaraçalho muito e inextinguivel intrinseco, e ainda muitas vezes se quebra o fio das ideas, e se entarva e obscurece a claridade do pensamento. «T'ello dicto, muito para notar em Vieira o nos escriptores seus contemporaneos, que se não podiam subtrahir a influencia do século em que viviam, transaccereos a trochais no estylo do extimo escriptor, entendendo-lhe a virulencia, energia, elegancia e gratificação.

3 Disse: «faz o mestre de grammatica...» e a seguir, sem fundamento serio, o uso do adjectivo *prizado* — na terminação feminina e a phrase, onde diz o Codigo. *enquanto durava a enfermidade*. Elyas:

4 Passamos sem este *prizado*, de que nos podemos privar, sem prejuizo que se sima. » (Art. 103.)

5 Pois a *enfermidade* que se alluda, não é, a enfermidade que foi, que existiu, que acabou, ainda ser *enfermidade*? E se ja o não é, de que que se allude a *enfermidade*, não está claro ser a *enfermidade*, enquanto dura, pois em não durando, cessou de *haver-se*?

6 Abre elle, pois, que o diletto dos jogaetas e trocadilhos de vocabulos «transaccereos a trochais» no meu estylo. A trochais quer dizer: tempo em tempo, de quando em quando, de distancia em distancia. (Monach.) Ora em cerca de quatrocentas largas columnas, que tantas vezes o leitor do meu parecer, apenas das exemplos encontrei do que lhe agrada classificar nome genero de adjectivo *Heuro*. Praxico-lhe, entantão, que essas *duas* palavras bastam para attestar a sua consideração de que se trocadas, no meu escrever, se repletam a *trocha* e. Que escrupulo no fallar e accusar!

Facilissimo seria mostrar-me nada ha commum entre a feição destas impozes e veto rhetorico sem raxão impellido pelo dr. Castanho especialmente a «Vistas e nos escriptores seus contemporaneos», quando é equivoquo commum, nos antigos escriptores vernaculos, ainda entre os de meu tempo, e os de antes, como *Castro*. (V. *Obr. Citada*, v. V. p. 12, 38, 90, 95, 121, 130, 138, 146, 148, 150, v. VI, p. 29, 60, 66, 70, 71, 72, 76, 84, 85, 91, 100, 108, 145, 211.)

7 Essas escriptores este *prizado* tinha a pressão de belleza e alvicio, demonstrando o meu gosto de quem o empregava. Tal não accotora commigo. Nas minhas notas, dos dois sóos exemplos citados pelo dr. Castanho, apenas um encerra trocadilho. «Passamos sem este *prizado*, de que nos podemos privar, sem prejuizo que se sima. » Mas ali a phrase feita a proposito especial de amonstrar, nada a lido com o derivado mal sonado do verbo *prizar* fôrmos não accotivadas de reparar em face do *prizado* o *prizado* e o *prizado*. Não é um capricho rhetorico, mas sim um capricho de amonstrar.

8 No meu artigo não ha trocadilho *enfermidade*. O trocadilho suppe jogo e pateio entre varias accepções do mesmo vocabulo, ou entre as applicações da vocabulos consimilhanças. E' o que se dá, quando *Castro* escreve:

«Mas stato que de mofoas

Me pio sem o sentir.» (Obr., v. VI, p. 40)

«Perguntado-me por meu amigo,

E não por um que vos ama.» (Id., p. 72)

«Que ponto entra em,

Se coxer, vis em coxer.» (Id., p. 84)

«Que vos não pez da pena

De quem vos foi tão *prizado*.» (Id., p. 145.)

Mas no segundo trecho não, *prizado* como lincuro em visto geral, não se applica a dres significações ditas de uma palavra, nem sobre significanças de palavras paracidas: insatisfezo no substantivo *enfermidade* e no verbo *durar*, repetidoas varias vezes, com o fim de tornar claro o plauso, tanto do projecto da phrase, a transaccilladas por *enfermidade*, *enfermidade* *durava*.

9 Ainda não se reppe não visto nos os jogos de vocabulo. «A veos servem ultimamente a ironia e o sarcasmo, e chance, e clareza, no raciocinio e, aliá, a expressão de ideas elevadas. «O *sabio sabe que não sabe*, disse Victor Hugo», sem desistado do seu alto estylo. «Muitas vezes ha hierarchia mental, e creencia, sem desdoro, Castanho (Código, ed. de 1849, p. 270),

cessou de existir temos uma forma commum a varios idiomas. No *cessou de *haver-se** é mais naco de dizer.

CASTILHO ANTONIO (olga o mestre) não se pôde do escrever (Collig., p. 172):

«Igualdade verdadeira, meu amigo, não a ha.»

Para que esse «? perguntaria eu, metendo-me nas língas e na linguagem do mestre. Pois o *conceito* a *esta* *completo* como o pronome? De certo. Muito bem se poderia escrever: «Igualdade verdadeira, meu amigo, *não ha*» ou ainda: «Igualdade verdadeira *não ha*, meu amigo.»

Preferiu, porém, o grande prosador o *não a ha*, sem embargo do *hiato*, que no meu caso não occorre. Porque? Talvez por lhe soar assim mais natural o sabor vernaculo, nas outras verções menos distinctas.

Don'ton falta disse ainda CASTILHO, na mesma forma. (Collig., p. 218):

«Sociedade sem familia, não a ha.»

Ainda o «? do que, grammaticamente, se não estántia a minima falta, so o escriptor houvesso dito:

«Sociedade sem familia *não ha*».

Que o mestre reformo? Elyas:

«Conven estregal-os primeiro com golo, se o houver.» (Collig., p. 214.)

Para que era esse «? Digava:

«Conven estregal-os primeiro com golo, se houver.»

Não estaria, na phrase do dr. CASTILHO, *completo* o *conceito*? Posso concluir.

«Que administração é a desta communa, Francisco? Mais desleixada ha-do cuidar e *haver*».

Assim redigiria o dr. CASTILHO, CASTILHO, porém, não lhe dispensa o pronome, aliás grammaticamente superfluo:

«Que administração é a desta communa, Francisco? Mais desleixada ha-de cuidar a *haver-se*» (Collig., p. 311.)

Adstribeto ao estylo que o dr. CASTILHO me impõe, ouca eu do escrever:

«Envenenamentos ha do muitas castas.»

Mas CASTILHO escreveu:

«Envenenamentos, ha-os de muitas castas.» (Collig., p. 238.)

E, por equal teor:

«Boa sorte sem boa cabeça, não a pôde *haver*» (CASTILHO *Camões*, Ed. de 1840, P. 34.)

«Designas *ha-os* sempre.» (Id., p. 37.)

«Alis solemne jura, não se, sem «? querro a (Id., p. 60.)

«Notio de São-João mais alegre e estrovolosa, nunca a ha *passado*.» (Id., p. 70.)

Não divergi deste portuguez AL. HEULICANO:

«O refugio do sol *havião* no visto só nas faixas de luz.» (O *Mosaj* de Cxst., II, p. 283.)

Com a syntax CASTILHO devia emendar-so:

«Só nas faixas de luz *havião* visto o refugio do sol.»

Aqui temos outro:

«A meu pai não o tornei a ver.» (*Id.*, p. 259.)

Suprima-se o pronome, fundi o segundo CARNEIRO, condemnável, Não perdoei nada o sentido.

«A meu pai não tornei a ver.»

Mais:

«Posto que affectasse extrema placidez, a sua inquisição era visível. A causa della não saberia explicar-a, mas sentia-a.» (*Id.*, p. 281.)

Podiam-se eliminar as *o*, sem que padecesse danno a clareza da expressão:

«... A causa della não sabia explicar, mas sentia-a.»

Ainda:

«As que Fr. Vasco lhe promettera, havia-as a desesperação para sempre estancado.» (*Id.*, p. 292.)

Agora ao grito do professor CARNEIRO:

«As que Fr. Vasco lhe promettera havia a desesperação para sempre estancado.»

C. CASTELLO BRANCO, pelo mesmo fôlho:

«As primeiras horas gastou-as em pesquisas inúteis.» (*Casas Esportivas*, p. 218.)

Segundo CARNEIRO liu-se de corrigir:

«As primeiras horas gastou em pesquisas inúteis.»

Do mesmo autor, folheando ao acaso os *Doze Casamentos Políticos*, tomo, 4 pag. 201:

«Os appellidos manda a minha proverbial discrição *calat-os*.»

Erro, consante ao preceito CARNEIRO. Devia de ter dito, sem aquella pronominal superfluidade:

«Os appellidos manda a minha proverbial discrição *calat*.»

Mas, a ir por deante, encheria um livro, se quizesse reunir documentos vernaculos do escrever contestado, pelo mestre.

Bastaria fiadas esgrazando estes excerpços *ad verum*:

«Os exemplos destas vontades cada luff em si bem *o* pode voer.»

(*Leal Conselheiro*, p. 47.)

«Freguezia nunca *o* houve no querer.»

(CAMÕES, son. 132.)

«As cousas elle *as* ata e *as* conforma (com o mundo).»

(*Id.*, Egl. VII. *Obv.*, v. IV, p. 87.)

«Absoluto poder não *o* ha da terra.»

(FERREIRA: *Obv.*, v. II, p. 104.)

«E a sombra, que não fazem com a vastidão das folhas, e fazem com a vastidão do tronco.»

(BENARDES: *N. Floresta*, IV, p. 192.)

«O grande reparo que tem esta resposta, todos *o* estão vendo.»

(VITRINA: *Serô.*, v. V, p. 193.)

«Coisa de maior preço e de maior valor que todo o mundo, não *o* ha.»

(*Id.*, p. 200.)

«Aos que edificaram a torre de Babel, condemnou-as a justiça de Deus a fallar diversas linguas...»

aos que pregam a fé entre as gentilidades, condemnou-as a amor de Deus...»

(*Id.*, p. 339.)

«Estas nações queria Deus que S. Pedro *o* ensinasse.»

(*Id.*, p. 347.)

«O corpo natural poderam-no alimentar e *manuar*.»

(*Id.*, v. VI, p. 241.)

«E posto que este verdade *o* não allemeim *o* scetificados.»

(*Id.*, p. 245.)

«Aos filhos amados sobre todos, vestiu-os de pardo.»

(*Id.*, p. 302.)

«Quem do fogo o Senhor fosse

Não *o* reza a escriptura.»

(PILINTO ELYS.: *Obv.*, v. IV, p. 146.)

«O nome mandei-lho eu aquil.»

(*Id.*, p. 272.)

«Era obra que só um homem tão rico e tão poderoso como um rei podera concebel-o, e concelul-o.»

(*Id.*, v. VI, p. 280.)

«Todos tres *o* toris.»

(*Id.*, v. XII, p. 170.)

«A Jove não *o* logram.»

(*Id.*, p. 171.)

«E as suas dez moedas arrecado-o.»

(*Id.*, v. XIII, p. 23.)

«A Hippocrates

«Aldera *o* convidou por deputados.»

(*Id.*, p. 103.)

«Pela apparencia a gente nunca *o* julgou.»

(*Id.*, p. 240.)

«O seu verzeol destronca *o*.»

(*Id.*, p. 311.)

«O aylo de Sotipão ousses violao?»

(*Id.*, v. XIV, p. 185.)

«Mas livros não *o* tenho.»

(*Id.*, v. VII, p. 24.)

«Todo *o* meu passado esqueci-o.»

(A. HERCUL.: *Obv.*, p. 276.)

«O que continha nunca *o* disse a ninguém.»

(A. HERCUL.: *Monac de C'ist.*, II, p. 375.)

«Razões do odio contra os conversos não *o* tinha.»

(A. HERCUL.: *Inquisit.*, II, p. 298.)

«Os effeitos das communicações do nuncio experimentou-os desde logo Faria.»

(*Id.*, III, p. 307.)

«Todas essas pedras e devris omitil-as em vassa copia.»

(CASTILHO: *Mnemonicos*, p. 121.)<sup>1</sup>

Com esses frisanes exemplos e essas summas escripturas é que errou o meu «*hacel-o*». Quando todos elles estiverem á obediencia do professor CARNEIRO, e elle esteccerem as mãos, irei do con-cerva aos bolos.

<sup>1</sup> *Tratado de Mnemonicos*, Lisboa, 1851.

## REGER, COMO INTR.

«OS. — Ha realmente nos bens autores alguns exemplos do verbo *reger*: em significação intransitiva. Infelizmente um só não apontou o dr. CARNEIRO.

Aqui li-l'os offereço :

« Metido em huma cidade  
O que toda ha pouco regia. »

(GU. VICENTE, III, p. 369.)

« E a questo presia muito ao reger: sem restre. »  
(D. DRAKE: Livro da *Existencia do Bom Cavalgar*, c. V, p. 502.)

« Ficou senhor pacifico de taes: o reger, e regou por lit hom espaço do tempo. » (VONS: *Dona Emannel*?, fol. 100 v.)

« E porque a nau não era alustrada e a gente entrou mais do que devora, não podia reger como cumpria. » (FERNÃO LOPES: *D. João I*, c. 133.)

« Enquanto o infante regem. » (DEACRE NUNES: *Cron. del-Rey D. Af. V*, c. 13.) « Depois pediu ao infante D. Pedro qumzaes por elle reger. » (Ib., c. 15.)

« El Rey não tinha estade para reger só. » (Ibid.) « Disse que o escolhia para elle tornar a reger. » (Ibid.) « Só elle queria reger. » (Ib., c. 16.) « Cumpria a sua honra reger algum tempo antes de casar. » (Ibid.) « Ello era o que governava e regia. » (Ibid.)

« A mulher fie o como :  
O homem grauege e regia. »

(CASTILHO: *As Sabichões*, p. 104.)

« Rego  
Oatrevido Duclero, a flor dos nobres. »

(M. DE ASSIS: *Poesias*, p. 226.)

Mas nem BLETEAC, nem MORAES, nem CONSTANCIO, nem VIEIRA, nem AULETE, nem AD. COELHO, nem JOÃO DE DEUS, nem FROPIREDO, nenhum dicionario portuguez, em summa, o registra senão como *transitivo*, ou como *pronominal*. E o proprio dr. CARNEIRO, tocando, na sua *Grammatica* (p. 257-22), uma lista dos verbos empregados ora como transitivos, ora como intransitivos, não o menciona.

Sója isto, se me justificativa, ao menos attenuante á minha censura, em que não insistio.

## PISCAR PEIXE

## COLHER PEIXE

«OS. — «Piscar peixe é expressão p'onomastica», diz, em tom de quem houvesse descoberto um novo planeta, o dr. CARNEIRO.

Mas será minha, porventura, a phrase *piscar peixe*? Será minha? Ou é do sr. professor?

O meu texto, sobre que receo a sua soberaldade, está redigido assim :

« Pertence ao pescador, o peixe, que *piscar*, e o que, arpoado, ou farpado, perseguir, embo ra outrem o colha. »

1 Ed. Roquete.  
2 Ed. de 1849.

Em *pescar peixe*, o *pescar* e o *peixe* estão na mesma sentença, compondo a enunciação de uma só idéa. Já-se, logo, o p'onomasmo, visto se repetir no regimem, *pescar*, a idéa já enuncida no verbo *pescar*.

Na phrase, porém, « Pertence ao pescador o peixe, que *pescar* », duas orações ha, traduzida cada uma o seu pensamento. Na primeira tão somente se diz que « *pertence ao pescador o peixe* ». Designa-se então no pescador o proprietario do peixe. Na segunda limita-se essa propriedade ao « *que pescar* ». São idéas distinctas, significadas em duas orações diferentes, bem que uma a outra subordinadas.

Que faz, porém, o dr. CARNEIRO? Extrae de uma oração o verbo *pescar*; saca da outra o vocabulo *peixe*; com as duas phrasas, a seu bol-prazer conjugadas, faço uma proposição nova, de l'etra exclusivamente sua: o do p'onomasmo, que á força dessa estratagem obteve, carrega á minha conta a responsabilidade.

Será legitimo, será leal, será veraz este systema de accusar?

Será é o p'onomasmo na sentença gizada pelo medre: *pescar peixe*. Se eu alivadamente escrevesse *com e comido, colher sardas, decahar sardas, etc. etc., pescar sardas, pescar sardas, pescar sardas*, sem um complemento, ou, sequer, um adjectivo, que modificasse a idéa expressa no objecto do verbo, poderia, talvez, incurrer em censura.

Mas nem do leve seria falado á correção, ou á elegancia, se escrevesse :

- « Arruinou-lhe o estomago o comido, que comia. »
- « Não imaginas o somno, que dormia. »
- « Acordei estremunhado com os sonhos, que sonhava. »
- « Era int'eravel a vida, que vivia. »
- « Foi atroz a morte, de que morreu. »
- « Corriam o coração os pensidos, que pensia. »
- « Revia o paraizo nos sorrisos, que sorria. »

Semelhantemente poderíamos escrever :

- « Furizaram ao pescador o peixe, que pescava. »
- « Deixaste-me os peixes, que pescava. »
- « Apodrecu-nos o peixe, que pescava. »
- « Vendeste o peixe, que pescava. »
- « Jam comendo o peixe, que pescava. »

O *peixe que pescava*, as *peixes que pescava*, o *peixe que pescava*, o *peixe que pescava*, o *peixe que pescava*, o *peixe que pescava* são formas verbaes da maior trivialidade, absolutamente eguaes ás anteriores: « os sorrisos que sorria, os sonhos que sonhava, a morte de que morreu, a vida que vivia, os peixes que pensia, a paraizo que sorria. »

Assim mesmíssimamente escrevia CASTILHO :

- « Inspirava-lhe com bolhas os sonhos, que levava de sonhar. » (An. e Melanc., p. 217.)
- « Riqueza de que é rico o mundo todo. »

(Ercor. Poet., p. 180.)

« Com a vida que has vivido. » (Ambes, p. 117.)

CANHOS soculos antes dissera :

« Com qualquer vento, q' o vent. »

(Auto dos Amalheirões, a. 1, 80. 2.)

E, ainda antes, BARRIOS :

- « Com o vento que ventava. » (Dec. III, vl. 9.)
- « Foy hum dos illustres feitos, que té aquello tempo se fez. » (Dec. II, 1, 3.)
- « Hum dos mais illustres feitos que se na India fizeram. » (Ib. II, III, 1.)
- « Por esse sur um dos honrados feitos bem comedido e polido, que té ly se fez na India. » (Ib., II, III, 4.)

« Das feitas que os portuguezos fizeram » é a clausula com que abre até a epigrapha de cada um dos livros na grande obra do velho historião.

Depois, VIEIRA :

« Se a vida que viveis é sua ou é de Christo. » (Norm., VI, p. 251.)

210. — Além, ainda quando os d'essos usava simplesmente da locução *pesce peixe*, não me fallariam ábous da primeira ordem entre os mestres. Não tenho neste sentido menos autor que VIEIRA, meno- autor que João DE BARROS, meno autor que FILIPE ELIOT, que ANTONIO DE CASTILHO, que ALXANDRE H. ROULANO.

211. —

« Diga-lhe *filas* o *japagaço*, mas na sua culeira. » (VIEIRA: *Serm.*, v., p. 251.)

« Nos em *estabo estabo* que havamos mister mil-gras. » (Id., *Cartas*, v. IV, p. 106.)

« Dos feitas que os portuguezos fizeram. » (BARROS: Dec. I, VI, c. 1.)

« Adido o *filo*. » (FILIPE ELIOT: *Obra*, v. XIII, p. 313.)

« Recifios *edificios*. » (CASTILHO: *Juaz* e *Melanc.*, p. 181.)

« Viram *fiscar piscallas*. » (CASTILHO: *Festas*, v. II, p. 193.)

« Vozes de muitas *vozes*. » (A. HENRIK: *O Monge de Cila*, v. I, p. 53.)

Nos livros santos não são raras essas pleonasmos. S. PAULO, por exemplo, disse: « *Accendens se, aliam tibi nona hinculiam*. » Subindo Christo ao céu, *levas XIV, 35*; « *etiaí nobel aures addidit, oíndit*. » Quem tiver ouvido de *oír*, *oír*, *oír*.

Em *fizer* só occorre necessariamente a idéa de *dilat*, em *estar* a de *estado*, em *fazer* a de *feitas*, em *ador* a de *de*, em *edificar* a de *edificia*, em *cozar* a de *cozes*, em *dar* a de *dans*, em *oculto* a de *oculto*; e, contudo, esses grandes escriptores não se curreram de *cozer*; *cozar* *cozes*, *edificar* *edificios*, *adlar* *diar*, *fazer* *feitas*, *dizer* *diza*, *estar* *estabo*, *dar* *dans*, *oculto* *de oculto*.

211. — Aparentes ainda o ponto. Não é só com phrases equivalentes que se poderia justificar de todo a locução *pesce peixe*. Mais que *concluyas* a seu favor tenho entre os *arrestos* da lingua. Alguns consignam identica e textualmente a mesma expressão: « *Pesce peixe*. »

Aquí estão :

« Com rédas alheias ou feitas por mão alheia podem-se PESCAR PEIXES, homens não se podem pescar. » (VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 263.)

« Os PESCADORES DE PEIXES PESCAMOS PEIXES para que se comam. » (Id., v. II, p. 121.)

Ahi temos não só *pesce peixe*, mas ainda *pescadores de peixe*, e ambas essas locuções simultaneamente, successivamente, conjuntamente na mesma phrase.

BUTRICKY fallou-a, escrevendo :

« Quem PESCA UM PEIXE, pescador é. » (Vocab., v. VI, p. 462.)

E porque não? Acaço *em pescar* só contém necessariamente a idéa de *peixe*?

Não. Com a idéa primitiva, original, innata á sua derivação latina (*piscari*, do *piscis*), em essa idéa, de *tomar* o *peixe* n'agua, llo de comam a de tomar d'agua tulo e que nella viva, ou nella esteja.

1 Não tenho meios *estar* para prova que o principe dos apóstolos, S. Pedro. — VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 209.

Pois não se *pesca* *perolas*? não se *pesca* *alifajre*?

« Fallando nos lugares, onde se *pestem perolas*. » (BARROS: Dec. III, I, VI, e. IV.)

« Amhas aldeas de *pescadores* de algum *alifajre* pouco que alli *pesca*, e a villa Julliar, que é mais portuaria, e do maior *pececaris*. » (Id., Dec. III, I, VI, e. IV, v. VI, p. 35.)

« Quem isto tom mais experiencia são os que alli *pesca* n' *alifajre*. » (Id., Dec. II, c. I, v. V, p. 105.)

« A outra coisa que a mais nobre e a *pescaria* das *perolas*, e o *alifajre*, que se alli *pesca*. . . Mas não é lamacha *esta* *pescaria* como a da ilha Ceilão da India. . . Das *perolas* e os assi das que ha nas Antilhas de Castella, tratamos. . . » (Id., p. 40-41.)

« Diz João de Barros que na ilha do Baharem a *perola* das *perolas* não é lamacha como a da ilha Ceilão. » (BUTRICKY: *Vocab.*, v. VI, p. 462.)

Não se *pesca* igualmente o *coral*? Não se *pesca* n' *baldo* e, como ella, todos os *estacos*, mamíferos marinhos, que certo não são peixes? Não se *pesca* *mariscos*? *Rês* não se *pesca*? *Peche* dos *granatillos*, dizem os francezes (LAROUCHE); e a tradução, creio eu, não pôde ser outra. *Pesca*, em summa, « se dit de tout ce qu'on tire de la eau. » (LITRAS, v. III, p. 1.025.) De tudo o que se tira d'agua se diz *pesca*. Por isso é comestivo o dizer-se: *pesca* o *cantivar*. E DAMIÃO DE GOS (Chron. de D. Manuel, I, c. 60) disse: « Mandou *pesca* o *artilharia*. »

And homens, por derradeiro, se *pesca*. *Pescou* vos *fieri piscos* *tares hontanos*, dizia CRISTO aos seus discipulos. (MAT. IV, 19.) « *eram rédes de pescadores*, que leviam de *pesca* *homens*. . . Quem não sabe *ontar*, nem sabe *atar*, como ha-lo *pesca* *homens*. » (VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 208.) « *esses* *homens* não os *havemos* nós de *pesca*, para que elles os comam. . . Os *pescadores* de *homens* são do *pesca* *homens*, para que os conservem. » (Id., v. II, p. 134.) Disse VOLTARE: « Ou a-i-ll pu *peche* *est homme*! » e LINSOET: « Ou a-va *peche* *este feuto*? »

No fallar dos nossos bons autores, os mesmos *canhões* *pesca*. Frequentes vezes, em BARROS, JACINTO PRINCE e outros, vemos *pesca* a *artilharia*:

« Andavam mudando o pauso das *ancas*, e em toda a parle eram *pescados* com *artilharia*. » (BARROS: Dec. II, v. 6.)

« Estava um basílio de *fire* assy ordenado, que era *maré* *cha* e *vazia* *pesca* um *bael*, por pequeno que fosse. » (Id., II, VII, 1.)

« Recolhido o *Amorim* em uma palmar: á borda do navio, lá o *foy* *pesar* uma *bombarda*, matando-lhe nove *homens*. » (Id., I, VII, 2.)

« . . . que os não podia *pesca* a nossa *artilharia*. » (J. FREIRE: D. João de G., II, 48.)

« Não podiam *assombar-se*, que os não *pesca* em *balas* do *inimigo*. » (Id., 167.)

« A nossa *artilharia* os *pesca*. » (Id., 160.)

Lago, se se *pesca* *homens*, *caçavores*, *entacos*, *marisco*, *betracons*, *perolas*, *coraes*, é que ao *troubelo* *peixe* não se associa necessariamente o supposto do *peixe*; e, portanto, não seria lícito rejogar como pleonasma a locução *pesca peixe*, firmada aliás, de mais a mais, nos mais classicos exemplos.

212. — Quando, porém, fozemos pleonasmos, e comlombavel, porque pleonasmos ha *navarras*, *correntes*, *elegantes* e, ainda, in-

1 « *Pêche* ou *cadaver*. » LAROCHE.

disponsa  
seria por  
serviço  
mentos d  
Coisa  
phases;  
generar;  
substant  
de um s  
menço, e  
cação, l  
nomes e  
Previo

dispensáveis, existindo, até, palavras de sua natural pleonástica<sup>1</sup>, seria por estarem nesses dizer juxtapostos os vocabulos *pesar* e *peizer*, servindo á mesma oração um d'outro de verbo, o outro de complemento directo.

Cosas de todo o ponto diversa é, porém, o que se observa na phrase: «Pertence ao pescador *os peizes, que pescar*». Ahí o verbo *pescar*, formando oração distincta, restringe a idéa traduzida no substantivo *peize*. E nesses casos, em que bastaria a adjução de um simples *objectivo* ao nome, para excluir a taxa do pleonasmico, a oração do complemento restrictivo, por maioria de razão, legitima, banindo a nota de pleonasmico, a associação do nome e verbo germinos no mesmo predicado.

Provas:

«As doces cantilenas, que cantavam  
Os semicapros denses. . . . .  
Cantando, escreverot.»

(CAMÕES: Egl. VII. *Obr.*, v. IV, p. 80.)

«Como hei-de cantar o canto  
Que só se deve ao Senhor?»

(*Id.*, v. V, p. 17.)

«Feitos farão tão dignos de memoria.»

(CAM., *Let.* X, 71.)

«A fazer feitos grandes de alta prova.»

(*Id.*, VI, 42.)

«Dastes tiroes assim desorientados  
Que estes moços mal destros vão tirando.»

(*Id.*, IX, 34.)

«E se o estofo morre uma morte certa, o christão  
morre duas tambem certas.»

(VIEIRA: *Serm.*, v. I, p. 291.)

«Que quem furta um furto tal.»

(*Id.*, v. III, p. 241.)

«Haviam de morrer uma morte ordinária.»

(*Id.*, v. VI, p. 281.)

«Por quão bom feito fizeram.» (D. NUNES, *Orac. del-Rey D. João I, c. 6.*) «Cavalgo no cavallo de um dos commendadores.» (*Id.*, c. 27.) «Sem fizeram algum feito honroso.» (*Id.*, c. 40.) «Se fizeram feitos muito para se notarem.» (*Id.*, c. 46.) «Morreu de tão cruel morte.» (*Id.*, c. 51.) «O feuto da ferida de que morreu.» (*Id.*, c. 60.) «Feitos notáveis, que na somma se fizeram.» (*Id.*, c. 93.) «Cantavam cantores tão sentidos.» (*Id.*, c. 94.) «Naquelle cerco os fizeram feitos feitos assigmalados.» (*Id.*, c. 97.) «Morreu morte violenta.» (Cron. del-Rey D. Affonso V, c. 8.) «Perida de feridas mortaes.» (*Id.*, c. 14.) «Onde fez muitos feitos grandes em armaz.» (*Id.*, c. 22.) «Vestiu-se de vestiduras raras.» (*Id.*, c. 61.) «Quem me desta riqueza enriqueceço?» (A. FERREIRA, *Obr.* I, p. 122.)

«Fazer grandes feitos de guerra.» (Leão Condeh., p. 58.)

«Offereçamos nossas offertas.» (*Id.*, p. 98.)

«Vot amam de tal amor.» (*Id.*, p. 474.)

«Cantam curtos cantos.» (*Id.*, p. 440.)

«Perderia por sua descreença a maior perda, que poderia perder.» (*Id.*, p. 198.)

«Cães grandes queceas.» (*Id.*, p. 27.)

«Os pontos feridas serão ferido.» (*Id.*, p. 332.)

«Corra per carraes chás.» (D. DUARTE: *Let. do Euzim.*, p. 623.)

«Trabalho em que os nosos fizeram honrados feitos.» (BARROS: Dec. III, t. 8.)

«Roman seu ramo equal.» (*Id.*, III, VII, 3.)

«Corre com lolo sprilo taze corraires.» (FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 150.)

«Douto nave coroa coronada.» (*Id.*, p. 277.)

«Não se tirava da fortaleza tiro algum perdido.» (MACINTO FREIRE: V, de D. João de Castro, II, p. 56.)

«Onde fizeram tão heroicos feitos.» (*Id.*, II, p. 129.)

«Morreu uma morte ordinária.» (VIEIRA: *Serm.*, v. VI, p. 281.)

«Emquanto cantar as o vato.» (EUFROSINE, V, p. 4.)

«Nunca fez bom feito.» (*Id.*, III, p. 2.)

«Cantam cantigas muito sentidas.» (*Id.*, IV, p. 1.)

«Pôo sobre no ouro, ou diz o menor dito.» (FILINTO ELYHO, *Obr.*, v. XIII, p. 44.)

«Vivem vida de continuo pensar.» (A. HERC.: *Lendas*, v. I, p. 224.)

«Não vivia elle a mais justificada vida.» (*Id.*, p. 257.)

«Sbrapçada dobaivo do brapo esquerdo.» (*Id.*, v. II, p. 13.)

«Viveu vida para.» (HERCUL. *Kur.*, p. 79.)

«Ahoraccorum do seu ultimo somno.» (*Id.*, p. 130.)

«Sonno curto dormido sobre a dura enxada.» (*Id.*, p. 127.)

«Terçans dormido o nosso ultimo somno.» (*Id.*, p. 179.)

«Iluminado de terroir luz.» (*Id.*, M. de Cister, v. I, p. 231.)

«O sol illumina-se da luz: daquelle tempo.» (*Id.*, v. II, p. 59.)

«Viver de vida propria.» (*Id.*, p. 78.)

«Viver a vida folgada do paço.» (*Id.*, O. Biblo, p. 22.)

«Morreu morte infame.» (*Id.*, p. 248.)

«Jura solemnem vos juro aqui.» (CASTILHO: *Comedias*, p. 60.)

«Lae cantam cantigas

De muito folgar.»

(*Id.*, p. 86.)

«Riv tentadores rios.» (CASTILHO: *Am. e Melanc.*, p. 249.)

«Vicia vida tão romantica.» (*Id.*, p. 288.)

«Dormia em brando fono os somnos facis.» (*Id.* *Phatos*, v. II, p. 23.)

«Lulerao luto horroca de laharedas.» (*Id.*, v. III, p. 141.)

«Dance a danza rancoura.» (*Id.*, *Fuusto*, p. 151.)

«Morreu morte christã.» (*Id.*, p. 299.)

«Vivendo a vida natural.» (*Id.*, *Collog. All.*, p. 97.)

«Empregar mais bem empregado.» (*Id.*, p. 76.)

«Desdentar a rancoura sãda.» (CAMILLO: *Carta do Cuvia de Cas.*, pref., p. 50.)

«Preudo-o bono preso.» (*Id.*, *Georgicas*, p. 275.)

A lyra, que suspira

Magnado suspirar.»

(*Id.*, *Amores*, v. II, p. 9.)

<sup>1</sup> Por exemplo: o verbo *envidado*, em que o pronome se refere a idéa da noção reflexiva, já estranha no *prezbo* *suu*.

«Navegou e chegou da Índia.» (VIEIRA: *Serões*, v. I, p. 29.)

«Jogou jogo de probabilidade e azar.» (CASTILHO: *Catopina*, p. 204.)

212.— Melhor, porém, ainda que todos esses exemplos é que, a esse u. contínuo do nesso idioma havia posto o dr. CARNEIRO a sua respeitável cianella, *grammaticando* com o *grammatico* saber da sua grammatica:

«A certos verbos juntamos ás vezes complementos cognatos directos ou indirectos: *Sinhos* *senhas* dourados, *vestir* *uma vestida* elegante; *Alhar* com *olhos* de lynce. *Sonhei* *o mesmo sonho*. Rogamos a Deus que não *morramos de morte suplicante*. Vide *ouso* *escorre* o abatida.» (Dr. CARNEIRO: *Serões Grammatico*, p. 329.)

Eis ahi a lição categorica do mestre, lição que traz raizes das mais antigas leituras, desde os nossos livros sagrados. E de S. PAULO *esportantes* *beatam spem*, e de CHRISTO o «*ecidit tibi hominem non vestium neste nuptialis*» (MATH., XXII, II.)

Tem aliciores bem cuidados, já se vê, o ensino do mestre. Mal que eu, porém, tomando á sua grammaticologia o ensin grammatical tão grammaticamente formulado, lanço não precisamente de *um desses complementos cognatos indirectos*, escrevendo: «Pertence ao *peccador* o *peixe*, que *pecca*», já não tem grammaticalidade aquillo, á o complementos cognatos dessa especie recebem o *stylum* de ordinarios pleonismos.

Se ao menos o egregio professor tivesse a franqueza de almejar com o grammaticos ingrammaticidade aquelle seu dicente. Tal, porém, não fez. Seus discipulos continuaram a ler, nos *Serões*, que o privilegio dos complementos cognatos autoriza, loções como *vierer* *vista escuro*, *sonhar* *sonhas dourados*, *morrer* *de morte*, *repentino*, *alhar* *com olhos de lynce*, u. ou a *panar* as *penas* de grammaticidade, por haver escripto: «Ao *peccador* pertence o *peixe*, que *pecca*».

Seja embora mais amplo na minha phrase que nos seus exemplos o complementos, porquanto nestas a intelligencia ou integracão da idéa significacão pelo verbo se realiza apenas mediante um epitheto, como em *sonhas dourados*, ou um nome com a propositão de anteposta, como em *olhos de lynce*, no passo jun, no meu caso, é uma oracão inteira, que *pecca*, a que faz o officio de complementos. Admessa, embora, ainda, em meu favor, que, naquelles exemplos, o verbo e o substantivo cognato, *sonhar* e *sonho*, *vestir* e *vestido*, *alhar* e *olhos*, *morrer* e *morte*, *vierer* e *vida*, se juntam na mesma oracão, enquanto na minha hypothese o substantivo *peixe* está numa sentença (pertence ao *peccador* o *peixe*), e noutra sentença (que *pecca*) e que se encontra o verbo. Nada me vale. Invertem-se as razoes de julgar, para que, reforçado o gesto classico em phrases como *vestir vestido elegante* e *sonhar o mesmo sonho*, a progenie grammatical do mestre não escurdalisce o idonea patulo com a ingrammaticalidade grosseira de attentados, como o meu no dizer: «Pertence ao *peccador* o *peixe*, que *pecca*».

214.— Ao grammaticissimo do fuzigo revisor, porém, tudo o mais ainda se relevancia, talvez, no elle, sequer, observava a verdade material do caso. Mas a phrase, que eu escrevi, é uma; a de que elle me argue, totalmente outra. Se eu dissesse meramente *peccar peccador*, reproduziria no complementos do verbo a mesma idéa já já por elle lida. Mas, dizendo que pertence ao *peccador* o *peixe*, que *pecca*, modifique e limbo, com a clausula adjetiva *que pecca*, a líla geral encerrada no substantivo *peixe*. Logo, se cubo o qualificativo de pleonastico á locucão *peccar pecca*, confundir com essa e qualificar de pleonastico a phrase *o peixe que pecca*, não seria lido o nem a um estudante attento, quanto mais a um emérito professor, nem a um sophista desabusado, quanto mais a um espirito recto.

Antes que eu escrevesse: «Pertence ao *peccador* o *peixe*, que *pecca*», escreveu AL. HERCULANO: «para se regalar do ver a pec-

cente *pecca*, que *hacem peccando*», e paginas adiante: «fez conduzir ao castello a *pecca*, que *hacem peccando*».

215.— Queria o mestre ali trocar o verbo *peccar* em *apescar*. Mas ainda aqui não é de bom conselho o seu uo. Atribuindo ao *peccador* o *peixe*, que *pecca*, assegurei-lhe o dominio da pescaria por elle feita, do peixe que elle houve mediante o anzol, a rãle e os demais artificios da pesca.

Consignando-lhe o *peixe*, que elle *apescar*, dar-se-lheia toda o que elle collosse da mão, onde quer que o encontrasse, dentro n'agua, ou fãra, pescando, subtraíndo-lhe, o que era superfluoivamente abstrato.

Com o verbo *pecca* faziamos da apprehensão *medante* u *pecca* o titulo de acquisição industrial quanto ao *peixe*. Com o verbo *apescar*, *tonar* e seus equivalentes, imprimíamnos na apprehensão do *peixe* pelo *peccador*, *fosse qual fosse elle*, o caracter acquisitivo da propriedade.

Mas essa propriedade não a alcança o *peccador*, apenando o *peixe*, como quer que o *apescar* adquira, se o *apescar* *peccando*. Do *peccar*, e não do *apescar*, é que elle resulta o direito.

Eis o que aquelle text. quiz significar: e de outra maneira o não podia fazer.

216.— Mas ainda não findei com o *peccado*. Mal se poderia comparar o mestre nos *peccados* do alto, empulhados nos grandes lanços da fãra, ou da rãle, nem ao *peccador* de cima, a quem satisfaz a pescaria, que lhe trouxer o anzol. Vae fã traças, venha, ou não, de braços estendos. E o maricador, a quem não escapa nem a ameioja, nem a sapotilla. Esses *peccadores* do rãzo, porém, nem sempre acorrem com o que esperam. Muita vez, quando já imaginam saborear a lagosta, envergamento dos dedos no olívio. E' o caso.

Além do *peixe*, que *pecca*, attribuindo ao *peccador* aquelle, em cujo encalço proseguir, depois de por elle *apescado*, ou *farpado*, *embora* *outrém* o *colher*.

Pois é a esta expressão que o mestre, no seu estabelecer, acoima de *suprapropriedade*.

Numerosa lista de causas susceptíveis de se *colherem* nos lece complementamente, para concluir: «Mas não se diz com propriedade *colher peccos*».

Colhem-se (elle e contes) colhem-se rãmas de arvores; colhe-se o *fo*, o *cabo*, a *feteira*; colhem-se loir-e e triumphos; colhem-se homens; colhem-se do sobresalto (poderia acrescentar) navios, esquadras, leitões, exercitos, praças, governos e povos. Colhem-se tambem os *redes*. (ILUTRAU: *Vocab.*, v. VII, p. 171.) Tambem se colhem *velas*. (DOMINGOS VIEIRA, *MORAS. AULETTE* e *FIGUEIREDO*.) «Tempo é já de *colhermos* as *redes*», pregou VIEIRA (*Serões*, v. VI, p. 207.) Em FILINTO ELYRIO temos «*colhado* o *monte*» (*Id.*, v. II, p. 61), temos *colhem* *abrigo*» (v. III, p. 36), temos o *leão* *numas redes colhido*» (v. XII, p. 59), temos, na fãbula da *aguia* e o *coivo*, «o pastor, que *lindamente* *colhe*» (*Id.*, p. 67-8), temos um *cão* de *fila* que *colhe* um *lobo* (*Id.*, p. 149), temos a *Morte* a *dizer* ao *velo*: «*Não te colho* do *salto*» (v. XIII, p. 22), temos o *vato* *colhido* pela *ostra* na alegoria da *sua* *coucha* (*Id.*, p. 59, 51), temos o *perogrino* «*a colhar* *priva*» (*Id.*, p. 137), temos as *queiras* da *perdiz*, que o *caçador* *colhe* na *enfeitada* *redes*. (*Id.*, p. 138.)

Se colhemos, pois, tudo o que anda ou corre na terra, desde o *leão* até a *loupira*, desde o *bruto* até o *homem*, desde o *individuo* até a *multidão*, tudo o que *patra* no ar, ou através a *atmosfera*, desde o *passarinho* e a *aguia* até a *chuva* e o *rãlo*, tudo que *metulha*, ou *fluctua* no *mar*, desde a *tarrafã* até os *pannos*, desde a *ancora* até as *naves*, desde os *barcos* *peccadores* até ás *frutas* de

<sup>1</sup> *Leadas* e *Navegantes* (ed. de 1900), v. I, p. II e 23.

<sup>2</sup> Já o padre BRANCO escrevera: «E pelo que vejo, devia o *leão* ser tambem *colhido*» (Nota *Pletoza*, v. II, p. 160.)

219. — Reserva o projecto :

«Sem o nullo qualquer das clausulas de uma transaccão, nullo será esta.»

Substitui, adensando e avigorando a phrasa:

«Nullo é a transaccão, uma de cujas clausulas for nullo.»

Que diz o mestre? Categoricamente:

«É uma construcção forçada.»

E disse. Nada mais.

Mas ou não lhe vejo em que. Será pela expressão *uma de cujas*? Nada mais frequente e natural em nossa fallar. Será pela oração invertida «Nullo é a transaccão, que abra o período? Mas não se concebe que um philologo portuguez estranho, em nosso idioma, a inversão de uma sentença de tres palavras. Digamos: «Nullo é a transaccão». Tem a mesma energia? Variemos: «A transaccão é nullo.» Não desene ainda, mais?

De outra vez seja o mestre mais explicito. Dê-nos a experimntar a chave scientifica ou artistica das suas preferências grammaticaes.

220. — Dissira o projecto :

«O locatario do predio rustico deve aproveitá-lo, no mister a que o mesmo se destina.»

Desta previsão legislativa em forma de conselho moral não dá-se como dá-se a HERCULEANO, que se ache conhecida «com auctoridade e auctoridade»: mas em duas linhas difficilmente poderia ser mais labellista.

Reduz-a a estes termos:

«O locatario do predio rustico utilizá-o-á no mister a que se destina.»

Oh não tenho noção alguma da clareza, ou não se a podia haver maior.

Pois o dr. CARNEIRO opina diversamente. A seu juizo, o sentido da *provisão a que se assigns* aqui ser expresso. Alá poderá suppor-se que seja o locatario, e não o predio, que se destina ao mister. Mas como, nuncas da grammatica e da lingua! como, não equale *subiecto e ob.*, onde o demonstrativo se refere indistincta e necessariamente a *predio*, se *concluíra* não ser esse *predio* o sujeito da oração «a que se destina»?   
E que razões, deas-de do vernáculo! Temos, argumenta o dr. CARNEIRO, uma oração principal e outra subordinada. Logo, haverá por onde suppor que o *subjecto* da subordinada seja o da principal. Como, porém, se com o *objecto* da principal se entrelaça naturalmente a *acção* da subordinada?

Mas, redese o mestre, «se destina» poderia ser sentido reflexo, ou sentido passivo. Não ali, onde se está subentendendo fatalmente, o *entredão* pelos olhos a quem os não têm; vassallos, o *subjecto predio*, como o qual não pôe ser senão passiva a significação do *se destina*.

guerra, se a mesma capa, miuda, ou grossa, *colhe* as rédeas do caçador? *só o peixe se não colhe*, só entre este verbo e esse nome se havia de estabelecer inconciliabilidade vernaculã?

Não: este grammatiquismo é injusto com aquella classe de viventes. Tudo quanto se arroca, se abraça, se recebe, se aponha, se supreñonde, se toma, se adquire, se oucaia, se amaina, tudo isso, propria, ou figuradamente, dadas certas circumstancias, se poderá *colher*.

E por que só o *peixe* não?

Está errado o mestre. Temos até para o caso lição positiva. Abra o velho BULTEAU, v. VII, p. 170, e lera:

«E' aquella réde, que nos chamamos tarrafa, e alguns chumbeira, porque diz que se não lançaõ das pescadores, se estende em circuinto, e todos os PEIXES que de láixo COLHE, prende.»

Non é senão ao *colher do peixe* nas rédeas que allude tambem, com a elegancia habitual, o autor da *Carta de Gria de Casado*, quando falla em:

«... armarão largas rédeas, para COLHER dentro dellas todos os casos.»

Um grammatico familiarizado, em soara aliena, com o *Cornubiário*, deve estar bem apreheido na sua. O mestre ha-de ser, pois, em caso o BULTEAU. Mas, se o não tem à mão, bastará o CONTRANCO, onde se acha expressamente registada a locução:

«*Colher os peixes.*»

Agora, se tal estranha lhe faz a expressão *colher peixe*, que não seria, se couvise fallar em *colpa*! *Colpa peixe*!

Pois volta ao BULTEAU, *colhe* ás mãos desta vez o vol. VI, á pag. 46, e veja como o reverendo vocabulista ocrevo impavidamente: «há Plinio o nome de pescadora a uma especie de rã, que anda á *capa do peixe*.» Ora, se até se *capa*, porque se não havia de *colher* o peixe!

221. — Mais uma fúrida no meu desfalca o mestre, afervorado em vender o da sua raza.

Acha o eximio professor que a expressão *essencia* *quero* o *colher* é de uma *dissonancia natural*.

Dissonancia? e no que? Mas porque não ter a *concordancia* de nas dizez *um que*?

Ah não ha duas vozes idênticas em contiguidade. Hiato, pois, não se dá. Tambem não vejo em encontro consoantico asperas da mesma natureza. Varre-se, pois, a suspinta de collisão. Homophonia, ou coo, e impossível descobrir-lhe. Dos termos que nessa clausula se succedem ninguém extrahiria uma palavra, uma associação de idéas, orpe, indecente, visível, ou menos delicada. Onde, portanto, a dissonancia, leve que seja?

O illustre professor, assaz duro da orolla vernaculã, para não distinguir em *nica* *colhe* o esturpido de uma cacophonia desbordada e frupitante, faz-se agora de uma subtilera annular, a que nada satisfaz. Lembra-me certo critico musical, uncoo de ambos os ouvidos, que não ouscritiva dois compassos, sem topar em quatro desafinçoes.

222. — Até a pontuação do trecho lhe não escapou ao arpo. Acha-me virgulas de mais. Assim lhe apraz desforra-as das virgulas de menos, que lhe eu demonstrei.

Desta assumpto mo occuparei em separado, a seu tempo. Por enquanto, apenas o remetto a ANTONIO DE CASTILHO. Lera-lhe as *Metas*, *inoplaceas*, prologo, texto, notas, e veja se ou só é que virgulo antes das orações determinativas e de conjuncções como e ou.

«Avisos na escriptura nominal de humanis dera os precadores de um a *trabalha* *peço* *arrastado* e *peço*, de *arrastado* e *trabalha*, e *trabalha* e *peço*, e *peço* e *trabalha*.» (M. BARRAL, Nova *Gram.*, v. IV, p. 82.)  
Ed. de 1877. P. 273.

Na phrase « O locatario do pradio rustico utilisal-o-á no mister, a que se *destina* », seria mister que a grammatica não fosse o que tão excellentemente disse CASTRILHO, « o senso commum da lingua-gem », para interpretar: « O locatario do pradio rustico utilisal-o-á no mister, a que o locatario se *destina*. »

S 03

PUBLICAÇÃO DO CRONOMETRO

«COPA DUPLICATA DIR-SR-11.»

« O Dr. CARNEIRO, como se tem visto, por não perder onsejo de me atarracar o pobre nome do escriptor, abandona de onle em onle, a breves trechos, a analyse do substitutivo, para se lançar ao monte pelas minhas notas, ou pela minha exposição preliminar, em cuja de cincea e negligencia, cuja exploração o habilito a assacallar o meu nada. »

A custa dessas escapadas, em que exorbita da sua tarefa, encheu grande parte das suas *Ligaduras Observações*, cujo tamanho, se as adherososo ao exame das minhas emendas, mostraria ao primeiro aspecto a miseria da colheita apurada, a tanto rebuscar. Foi em uma digressão dessas que o mestre, na minha exposição preliminar, deu com esta linha suspeita: « cuja duplicata *dir-se-ia* não haver meio de obviar. »

Não precisava ir buscar os dois exemplos de ALEXANDRE Herculano, com que esprime, para mostrar nesse lanço um defeito de synthetico pronominal, nem menos cingir as suas investigações ao synthetico esse, flexão do relativo. Isto, em qualquer dos seus casos, obriga á precluzão; sendo uma das poucas regras nesta materia invariavel a da anteposição do pronome ao verbo, onde que em intervenção do *que*, ou seus derivados, funciona elle como relativo, ou como conjunção.

Não escrevo de outro modo e tamanho cuidado, a este respeito, se observa nos meus trabalhos, que ainda ha pouco, uma revista litteraria, aqui publicada, investigando o assumpto, só em mim, creio eu, d'entre os escriptores brasileiros mais conhecidos, não encontrou falla neste particular.

Tentem o ultimo dos meus trabalhos, por exemplo, o premio aos discursos do Dr. FRANCISCO DE CASTRO, aqui dados a publico meado outubro deste anno, e vejam:

« Os *que* se dirigiam á casa fazia pelo *raio*. »

(P. IV.)

« Dir-se-ia *que* a morte se estava comprando. »

(Ib.)

« Os escriptores *que* se inflexam nesta brochura. »

(P. V.)

« Por *ser* sua palavra impressa, pela verdade, pela noção, pelo calor, pela magia, *the* transfigurava os discursos escriptores. » (P. I.)

« O escriptor de *cuja* dedos como *que* se: vê irradiar ao papel a chama inspirativa. » (P. VI.)

« Nem era a amizade *que* se *escreveria* do Rebelo. » (Ib.)

« Aos olhos dos *que* *the* *admiravam* a intelligencia. » (Ib.)

« Tinha com o inglês, em *que* se *escrivia* o *corren-tamento*, as relações mais familiares. » (P. VII.)

« A mesma facilidade elegante de *que* se *reza* no seu. » (Ib.)

« Um affecto *que* se *sentia* em mim de admiração. » (P. I.)

« Por *muito* *que* *the* eu *doessa*. » (Ib.)

« Mas era nesta sobretudo *que* se *percebe* com elle a largueza das *benções* do *Creator*. » (P. VIII.)

« Todas essas *partes*, *que* *ja* o *privilegiavam*. » (P. IX.)

« Uma emanação do interior, *que* *the* *ganha* a evidencia nos *labios*. » (P. IX.)

« Dir-se-ia *que*, por um phenomeno da inversão absurda, *se voltava* para dentro do si mesmo a attenção do inquiridor. » (P. X.)

« Não se *movia* sequer para *obstar* a *que* o *despos-jassam* dos seus *loivos* mais *justos*. » (P. XI.)

« O commettimento de *que* nos *dão* hoje o primeiro *prelizar* neste volume. » (P. XIII.)

« O debito do agradecimento em *que* *the* *hao*-do *estar*. » (Ib.)

« Uma dessas *opsecios* extintas, *cejas* (eis aqui o *cujo*) *cujo* *desmarcado* tamanho *nos* *avocobra*. » (Ib.)

« Por *que* *se* *the* *podessa* *dizer*. » (Ib.)

« Entre *os* *que* o *conheceram* ficou-lhe o culto. » (Ib.)

« Ainda não *volvi* a mim da *lurvação* do animo em *que* *me* *avocobra*. » (P. III.)

« Uma *vida* *que* *me* *importava* muito mais do *que* a *minha* *mesma*. » (Ib.)

« Não foi *tao* somente sobre *os* *que* o *amavam*. » (Ib.)

« Numa *estupificação*, a *que* *os* *proprios* inimigos da *victima* *se* *nao* *evocivara*. » (Ib.)

Em todas essas phrases, algumas conjuccionaes, outras pronominaes relativas, o *que*, o *que*, o *cujo* atacam invariablymente o pronome, removendo para depois *dele* o verbo correspondente. Não bastam essas *prate* e *quatro* amstras em doza pagina, para evidencia de que ninguem canta mais severamente que os as reitras do synthetico pronominal?

« 1212. — Agora uma ou outra desatencão neste especial, isso nem os classico mais correctos evitam. »

Querem ver? E' com dois exemplitos de A. HERCULANO que me enxovalha o mestre.

Boi: bom: não apresentaria-me maior numero de logares, onde o grande escriptor resvala a desenhos semelhantes, na disposição dos pronomes em seguida ao *que*, relativo, ou conjunção:

« Isto era dito em tanta branlura e unção, *que* o moço cisterciense *atrou-se* a *chiar* aos braços de Fr. Lourenco. » (O *Monge de Ciel*, v. I, p. 105.)

« Ponderava *que* para ella a existencia actual *fachava-se* a *curta* *distancia* num *horizonte* de ferro. » (Ib., p. 259.)

« E *que* não *acelui* *aí* com *que* *refrescou-se*. » (Ib., v. II, p. 97.)

« O *avalleiro* *saldia* *que* *taes* *afontas* *escreviam-se*, *para* *sempre* *na* *fronça* *de* *quem* *as* *recebe*. » (Lendas, v. I, p. 186.)

A CAMÕES, ao proprio Camões, o maior dos maiores, escapou a collocação enclitica do pronome complemento após o *que*:

« Sals, cruel, *que* *tenho* *causas* *muitas*, »

*para* *se* *convocou*, *de* *que* *quitar-me*. »

(Egl. XIII, *Ob.*, v. IV, p. 132.)

Ver adeante, n. 288, outro exemplo caracteristico deste descaid. em A. HERCULANO.

JACINTO FERREI, elle mesmo, o correctissimo JACINTO FERREI, escreveu :

« Tinha depositado em diferentes partes o melhor de seus reinos, como segunda taboa em que salteou-se. » (L., I, 21.)

« Só ha tres regras », ensina JOÃO RIBEIRO, « em que é obrigatória a anteposição. » (*Gramm.*, p. 905.) Dessas a segunda, por elle consagrada, é a tocante ás « subunidades do que o suas variações », entre as quaes enuncia o *porque*. (*Ibid.*)

Pois bem : vede quão frequentes são em AL. HERCULANO e outros mestres os tranvios desse preceito :

« Porque eu voltava-me para o céu. » (*Errio*, p. 48.)

« Porque o rio sobre-se durante a noite. » (*Lendas*, v. I, p. 47.)

« Porque D. Theozoa ergueu-se immediatamente. » (*O Biba*, p. 160.)

Muitos exemplos semelhantes nos deparam os escriptos de FILINTO ELYSIO :

« Não ha que perguntar-lhes. » (*Obr.*, v. XVIII, p. 42.)

« Bem podiam carregar-lhe das orelhas Com que enoadar-lhe o rabo. »

(*Ib.*, v. XII, p. 15.)

« Se á minha Musa, que sentou-se ás vezes. »

(*Ib.*, p. 250.)

« Que remedio ha, que dar-lhe ? »

(V. XIII, p. 112.)

« Mas harto em que occupar-se ora tendes. »

(*Ib.*, p. 332.)

Tambem nos de CASTELLO BRANCO :

« ... que, nas poesias enviadas ás suas amadas... ou lhes não fallava nos pés, ou... abria-se do lhes chamar pojuenos. » (C. CASTELLO BRANCO. *Apud* B. CAETANO, *op. cit.*, p. 38.)

« Agonizavam-na (ão insoffridas aflições que os soluços estalavam-lhe. » (C. CASTELLO BRANCO: *A Cav. da Martyr*, p. 61.)

Não nos cita o dr. CARNEIRO amide como autoridades classicas a THEOPHILLO BRAGA e CASTILHO JOSÉ ?

Pois bem, é do ultimo delles esta phrase : « Sempre te quero dizer que o pimpão... saiu-se com outras. » (*Apud* B. CAETANO, *op. cit.*, p. 37.)

Ainda lhe pertencem estes dous extractos :

« Estas o outras circumstancias me convencem do que, embora o estylo seja exclusivo... as partes da oração são-lhe ministradas... » (*Ibid.*)

« O curioso é que o termo applica-se não menos a cousas inanimadas. » (*Ibid.*)

Do outro, isto é, de TH. BRAGA, temos a seguinte :

« Destas uniões regularmente contrahidas resultou uma raça cujos homens são sempre distinguido. » (*Ap. B. CAETANO, Ibidem.*)

O proprio VIEIRA, cuj contino) uso autoriza a norma da anteposição, não doira de ber, lá uma ou outra vez, o seu extraviu :

« De sora que Christo defendeu-se do Diabo com a escriptura. » (*Sera.*, v. I, p. 272.)

« A razão disto é porque as palavras ousoou-se, as obras ousoou-se. » (*Ib.*, p. 259.)

« Accrescento que mandou-me sua alteza fallar com o mesmo D. Francisco. » (*Cartas*, v. IV, p. 21.)

« E que Miguel chama-se S. Miguel. » (*Sera.*, III, p. 223.)

« O certo é que em Lisboa orouso-se os repiques. » (*Cartas*, v. II, p. 37.)

« Porque hoje pregou-se palavras. » (*Sera.*, I, p. 250.)

« Porque os vieiros acham-se lambem nos catholicos. » (*Ib.*, v. II, p. 257.)

Não menos escrupulosos na observancia dessa regra, mais de uma vez resvala, todavia, MANUEL BERNARDES :

« Porque a natureza resbenta encollo-se. » (*N. Floresta*, v. IV, p. 118.)

« E tambem porque o sujeito aporfeicou-se. » (*Ib.*, p. 304.)

JOÃO DE BARROS escreveu :

« *Porque desavider-se-ia.* » (Dec. III, VII, 8.)

Ainda nos casos em que d livro a eleição entre a prélição e a enclise, propendo pelo *commum* á primeira DUARTE NUNES. Mas, ainda assim, duas vezes de-lhe a posposição em casos, como este, que a não toleram :

« *Porque*, sendo com pouca gente, metter-se-ia em perigo. » (*Cron. de D. João I*, c. 15, p. 57.)

« *Porque* com armas ganharam-se os corpos. » (*Ib.*, c. 37, p. 140.)

2222.—Mas ninguém, ninguém errou jamais em tanta maneira, e o pioamento, espalucadamente, como o dr. CARNEIRO na collocação dos pronomes. A sua *Grammatica Philosophica* é, a esse respeito, um mappa de anatomia pathologica, onde se ivparam, aplaboadas, todas as variedades e circumstancias deste synonima grammatical.

Com o que, por exemplo, ora relativo, ora conjunctivo, alli escreveu o mestre :

« Pelo ar, que escoa-se. » (P. 26.)

« Os sentimentos, que tomam-nos. » (P. 46.)

« As paixões, que turbam-nos. » (*Ib.*)

« Muitos vocabulos de origem grega, que pronunciam-se. » (P. 50.)

« Não é senão para neste ponto acompanharmos a maiorias grammaticos que estudam-nos aqui. » (P. 98.)

« Das tribulações innumeras o constantes que assaltam-nos. » (P. 100.)

« São muitos pontos consecutivos que empregam-se. » (P. 112.)

« E' a idea que ligam-se. » (P. 122.)

« O primiro leito, que no vagido deu-lhe o primetro esboço da voz. » (P. 129.)

« Sentimentos que de sobrealto tornam-nos e demittam-nos a alma. » (P. 150.)

« Uma idea accessoria, que torna-se. » (P. 206.)

« A qualidade accessoria, que torna-se. » (P. 207.)

« Demonstram que a necessidade desta distincção razoada faz-se com cada sentir. » (P. 190.)

« Cortas situações d'alma, em que a perturbacão instantanea dá-lhe apenas tempo. » (P. 158.)

<sup>1</sup> A proclise, entretanto, é a regra, por elle observada em relação ao *porque*. *O Biba*, p. 186, 189, 210, 232, 250, 288, 290. *Monge de Cúter*, v. II, p. 42, 238. *Lendas*, p. 41.

« Vocabulos ha em que *representa-se* o som. » (P. 72.)

« Palavras em que o primeiro  *muda-se* em i. » (P. 77.)

« Phrases em que por vezes o uso  *mostra-se* arbitrario. » (P. 165.)

« Explosões naturaes... a que  *dá-se* o nome de interjeições. » (P. 138.)

« Antes de exprimir a que individuos  *applica-se* esta palavra. » (P. 207.)

« Os mesmos ordines, a que  *sempre ajuntam-se*. » (P. 240.)

« Calis, que  *tambem escreve-se* calies. » (P. 103.)

« Assim é que  *encontram-se* em Voltaire. » (P. 156.)

Com o relativo que e o adverbio *onde*, o qual tambem á sua parte exige a anteposição:

« *Disse, daquillo, que antes geralmente escreveam-se.* » (P. 116.)

Com *quão*:

« A maior parte das  *quees derivam-se* das linguas orientaes. » (P. 54.)

« Um aspecto  *pelo qual consideram-se*. » (P. 48.)

« Com os  *quees compoem-se* a ephonica. » (P. 36.)

Com o *cujo*, de que agora me faz tiro:

« Aquellas  *cujo som ouve-se* de um golpe. » (P. 25.)

« A fonte particular,  *cujos aguas saltam* para a sede. » (P. 137.)

Com o *porque*:

« *Porque* o principio  *applica-se* a cada um dos individuos. » (P. 135.)

Com o *que* e o *onde*, após o qual tambem a préclise é de rigor:

« Assim que  *estabelecem-se* as seguintes regras. » (P. 91.)

Ainda com o *onde*:

« Assim  *disse*. » (P. 30.)

« Assim  *escreve-se*. » (P. 71.)

Com o *que* e adverbios em *onde*:

« Assim foi que as palavras que originariamente eram nomes proprios e designavam objectos individuais,  *insensivelmente tornam-se* nomes communs. » (P. 127.)

Com o *que* e o *de*, após o qual não se admite a posposição do pronome:

« *Deu* que  *porphyrios* mais conforme. » (P. 72.)

« *Deu* que alguns  *destes... escrevem-se* tambem. » (P. 72.)

Com o *que* relativo e o adjectivo *todo*, em cuja companhia a anteposição tambem é de necessidade:

« *Todos* as vezes que  *encontram-se* duas consoantes. » (P. 30.)

« *Todos* as vezes que  *ha* muitas consoantes consecutivas  *ouvem-se* em um vocabulo. » (Ibid.)

Com o *onde* e o *todo* juntamente (ambos de acção proclitica):

« Assim  *todo* o adjectivo  *ajuntam-se* no substantivo. » (P. 207.)

Com a conjunção *como*, de acção forçosamente antepositiva sobre o pronome:

« *Como*  *esse* em todas as encliticas. » (P. 43.)

Com o *quando*, adverbio, ou conjunção, cujo effeito inevitavel á a préclise pronominal:

« *Quando* a ponta da lingua  *applica-se*. » (P. 25.)

« *Quando*  *pronome-se* esta consoante. » (P. 28.)

« *Quando*  *gastam-se* duas. » (P. 30.)

« *Quando* a  *luez* <sup>1</sup>  *proposições seguem-se* dições. » (P. 81.)

« *Quando... repetem-se* as conjunções. » (P. 101.)

Com a negativa  *não*, que determina a préclise fatalmente:

« *Não*  *soltam-se* mal no exame. » (P. 331.)

Com a negativa  *não*, cujo resultado é o mesmo:

« *Nem*  *todos*  *os*  *e*  *mudos*  *pronomeam-se*. » (P. 39.)

« *Nem*  *todos* as letras do alphabeto de uma lingua  *declinam-se* em todos os outros alphabets. » (P. 70.) <sup>2</sup>

Com a conjunção *se*, posteriormente á qual é forca preceder o pronome ao verbo:

« *Se* o  *acrescimentamento*  *effectua-se* no principio. » (P. 50.)

« *Mas*,  *se* entre os  *nativos*  *encontram-se* signaes. » (P. 98.)

« *Se* alguns adverbios  *applicam-se* da natureza das preposições. » (P. 132.)

Cincoenta vezes, quando menos, errou, portanto, o dr. CARNIBEIRO, na sua *Grammatica Philologica*, a collação dos pronomes regimenes. Deses erros só mudo mais tarde, passados nove annos, so penitenciaava o mestre nos seus *Serões* (p. 354): «Nos meus primeiros trabalhos grammaticos ha essas faltas, que confuso e reconheço. E isto um idiotismo tão arraigado no fallar e no escrever, que ainda aquelles que mais se esforçam por erigital-o,  *não*  *se*  *contentam*  *e*  *commettem*, fallando ou escrevendo.»

O caso é, porém, que bons nove annos circula entre os estudantes, com aquelle compendio, o exemplo mau, propinado com o peso da autoridade e a influencia indistinctiva do seu omnipotente autor, cuja penca, ao fazer confissão da culpa, dissimula ephemicamente com o nome de *idiotismo* a oronia vernacula, envolve o acto do contriçção nos minusculos caracteres de uma nota quasi imperceptivel, e allude á occorrença dessa falta com raridade, que: «*esta*  *ou*  *outra*  *vez*  *me*  *succedem*.»

224. — A evolução do mestre, porém, nesta materia ainda não findou. Das regras por elle firmadas nos *Serões* *Grammaticos*, alligadas já comecam a receber delle mesmo derogação, ou repúdio.

Alli doutrina elle, por exemplo, que «as variações pronominaes regimenes, ou empregadas como tales, se collocam antes do verbo», quando este «é precedido de uma negação». (*Serões*, p. 235.) Entre-

<sup>1</sup> Igual tambem o *tu* obrigava a antepor o pronome.

<sup>2</sup> Nestes dois exemplos tambem o *de*, ou *de*, exigia a anteposição.

<sup>3</sup> Era mister, no menos, que o correctivo se fizesse no lugar adequado. Mas os *Serões* têm capitulo especial, dehaixo do titulo *Altoqueito das pronomes empregadas como complementos*. Alli é que impetava, larear o mestre alto dos seus erros contra essa parte de auctoridade. Não o faz, porém, nesse lugar, reservando a notaissa microscopica, de que ha pouco fallei, para o capitulo dos *brasilianismos*.

Nem nesta qualificação é exacto, como verificari quem ler, nos *Estudos Philologicos* de João Ruyana (ed. de 1903), a parte concernente á *Collocação dos Pronomes*. (P. 265 e seg.)

rante nas suas *Lýricas Observações*, me argue do solecismo, por haver anteposto a variação pronominal regimen ao verbo no gerúndio, quando precedido da negativa.

Alli, outrossim, dispõe que « *não se começa phrase alguma em portuguez pelas variações pronominaes obliquas me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os.* » (Serões, p. 339.) Apanho-o eu em da caute dessa contravenção, principiando uma phrase com as palavras « *se julgar* ». E como se ha-de sair o mestre? Dizendo que a construção por mim assignada « *é a construção vicia communis, verdade seja dita, mas é falso julgar-a a unico sciendocira.* »

Assim que o mesmo modo como os *Serões Grammaticos* alijaram a *Grammatica Philosophica*, vêm acerca das *Lýricas Observações* abjurar os *Serões Grammaticos*.

Em quo ficaria, no cabo, quanto ao collocar das variações pronominaes, os discipulos do professor CARNEIRO?

## § 55

## ART. 325.º UN.

## COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES:

## « DEPOIS DE CONHECER-O ».

## OU « DEPOIS DE CONHECER? ».

325.º — Com essa volubildade, a que acabamos de assistir, nas idéas concernentes a syntaxe dos pronomes complementos, acha o dr. CARNEIRO meios de esgar uma segurança imperturbavel, nas transições por que vao passando em cada uma das phases do seu variar.

Ensinam PACHECO JUNIOR e LAMBEIRA DE ANDRADE ser próclitico o pronome objecto «depois de qualquer adverbio de negação, de tempo, lugar, quantidade e modo.» (Not. de Gramma., p. 492.) A mesma doutrina, por elles ali exarada em 1887 repeta, em 1894, o ultimo desses autores na sua *Grammatica da Língua Portuguesa*, (p. 616, n. 237.)

Equal proceito estabelece BAPTISTA CAETANO, que, declarando obrigatoria a anteposição dos pronomes com o relativo que, acrescenta: «Com a mesma força de relativo tem-se as orações, nas quas figuram adverbios: *onde* (o lugar em que) se acha o livro; *quando* (no tempo em que) me procurares; *donde* (do lugar de que) o fustigam ao levar; *como* (o modo porque) me hei-de haver. Estes adverbios implicitamente contem sempre que.»

Tão bem acompanhado, eu me devia considerar ao menos innuma, em caso de erro, no vexamo do e haver commettido. E o que me bastava, para mostrar que não opinava de leve. Mas não só não opinai de leve, senão que, ainda, não errei. O erro é do quem m'o iniputa.

Com o aperturo que lhe veremos sempre nas questões concernentes ao lugar dos pronomes complementos na sentença, como se houvesse de resgatar por esse modo e a si mesmo doir da mo declaro o seu passado grammatical neste assumpto, redondamente me notaria o professor CARNEIRO que errei. Próclitica, ou enclitica, indifferentemente, podia ser, na especie, a situação do pronome regimen. E a sua theza, quo, por me applicar dois golpes de um só rovez, associa a outro quinquem, contestado-me o designativo de «adverbio» a respeito do vocabulo *quando*, na clausula supratranscripta.

Não é adverbio ali o *depois*, entendido elle, mas *locução prepositiva*. Mas haverá quem não saiba a contenda antiga dos nossos grammaticos e philologos acerca da classificação a esse vocabulo adequada? HATTENAT era pelo qualificativo de *prepositivo*, (Vocabul., v. II, p. 69.) MORAES, pela de adverbio. CONSTANCIO, arbitrando entre

os dois, attribua, segundo os casos, um outro caracter a essa palavra. Do mesmo modo se pronunciava DOMINGUE VIEIRA. Mas JI ABOLEDO COELHO, JOÃO DE DEUS e FERREIRAS toraam á classificação de *adverbio*, pondo allis os tres ultimos á expressão *depois* de a nuta de *locução prepositiva*.

Que alcance terá, porém, esta ruga do penultimo no tocante á especialidade encontrera? Nenhum. Porque é que, não sendo aquelles tres leticologos nomeo um adverbio no vocabulo *quando*, a *depois* da applicam o termo de *locução prepositiva*? Porque uma convenção grammatical attribui este appellido a esas associações de *adverbio* com a *preposição*. Mas, em substancia, nem por isso o *adverbio* desce, nessas expressões, de sua natureza atverbial. Em *depois* de está o *depois* com a sua inimita acção grammatical sobre o verbo, o adjectivo, ou o adverbio mesmo: « *Depois* de morrer. *Depois* de bom. *Depois* de amanhã.»

Logo, se a palavra *depois* obriga á anteposição do pronome regimen, á expressão *depois* de ha-de caber a mesma propriedade. O que releva, portanto, é unicamente averiguar se o adverbio *depois* se accomoda vernaculamente á situação enclitica das variações pronominaes, quando complementos, ou se á *próclitica* as leva necessariamente.

Ora, applicado á hypothese o criterio de que se utilizez, no trecho ha pouco transcripto, BAPTISTA CAETANO, veremos que *depois* de, a locução prepositiva, equivale a *depois que*, locução conjunctiva: «*depois* de chegar» = *depois que chegar*. Mas a locução conjunctiva, por effeito necessario do *que*, nella contida, força a anteposição do pronome objecto. Logo, á sua equivalente, á prepositiva *depois* de, inherente ha-de ser o mesmo effeito.

Demais com o proprio *depois* de são constantes, nos classicos, os exemplos da anteposição.

Aqui estão allis:

« *Depois de se alisar*, virou-se contra o imperador.» (MORAES: *Preludicium d'Anglet.*, c. 22.)

« *Devois de* *o pregar* pela disposição de sua pessoa, começou de mover a pratica sobre cousas alegres.» (Id., c. 20.)

« *Devois* *de se conhecerem*, caíram um pora uma parte e outro para outra quasi mortos. (Id., c. 34.)

« Alguns *devois* *de* *o ver* a elle, iam ver ao gigante.» (Id., c. 43.)

« *Devois* *de* *se veiu chegando* a Lisboa.» (DUARTE NUNES: *D. João I.*, c. 28.) « *Devois* *de* *o roslarem*.» (Id., c. 42.) « *Devois* *de* *o entondarem* os castelhanos.» (Id., c. 52.) « *Devois* *de* *o encontrou* na ribeira.» (Id., c. 65.)

« *Devois* *de* *se fazer* *aboluição* plenaria.» (DUARTE NUNES: *D. Duarte*, c. 9.) « *Devois* *de* *se despedir*, e *lhe* *beijar* a mão.» (D. NUNES: *D. Afonso V.*, c. 5.)

« *Devois* *de* *lhes* *fazer* *multas* *ameaças* *oções*.» (Id., c. 7.) « *Devois* *de* *lhes* *o dia* *dizer* *suu* *determinação*.» (Id., c. 9.) « *Devois* *de* *lhes* *o tempo* *se* *mudou* *esta* *ordem*.» (Id., c. 15.) « *Devois* *de* *lhes* *lontar* *a* *volante*.» (Id., c. 17.)

« *Devois* *de* *o* *espada* *o* *tratar* *de* *maneira* *que*... » (Id., c. 22.)

« *Devois* *de* *lhes* *beijar* *as* *mãos*... » (Id., c. 25.) « *Devois* *de* *lhes* *de* *se* *assemblarem* *as* *bombardas*... » (Id., c. 29.)

« *Devois* *de* *lhes* *faz* *merced*... » (Id., c. 31.) « *Devois* *de* *lhes* *de* *se* *debandarem*... » (Id., c. 53.) « *Devois* *de* *o* *matarrem*... » (Id., c. 59.)

« *Devois* *de* *lhes* *o* *roy* *D. Afonso* *dar* *as* *graças*... » (Id., c. 61.)

« E ainda se pode dizer, que passaram alguns mezes *depois* *de* *o* *receber*... » (BRANDÃO: *Monarchia Lusitana*, VIII, 8, v. I, p. 74. Ed. de 1806.)

« Aquelle mesmo Deus, *depois* *de* *o* *ver* *da* *o* *set*, *se* *fez* *homem*... » (VIEIRA: *Serm.*, v. III, p. 37.)

<sup>1</sup> Ver nota ao art. 1.º.

<sup>2</sup> *Rascunho sobre a Gramma. da Líng. Portug.*, p. 413.







como exige, com razão, absolutamente o professor CARNEIRO, ali se encontra *parede*. Logo, se um exemplo faz coisa, ali temos demonstrada a do professor CARNEIRO quanto ao lugar do pronome nos gerundios: em que o particípio for precedido do *me*. Se um exemplo não faz, ali temos demonstrado que, nesses casos, ao vez da que exige o dr. CARNEIRO, o pronome *meu* vem ao verbo, *não se precede*. E isto admittivel? Não. Não basta, logo, *ou* exemplo, a ensinar um preceito grammatical. Não há um, a que uma lincea rigorosa não indague dos factos não lathras oppor exemplos desarruados e altherados.

Nem esse dístico no mesmo Vintia está sótoito. No tomo immediato (V, p. 20) nos deparam os seus *Servicos* outro caso de gerundio com a negativa *não* e o particípio *anteposto* ao pronome:

«Mas ainda que nesta occasião tea o tiro a Christo com muitas almas, já antes della o tinha toito com uma só, NÃO OFFERREENDO-LHA, mas querendolha roubar.»

Pelo mesmo teor escrevia, muito antes, o frei D. DEARTE:

«NOM AMANDO-AS, para as culpar.»  
(Leal Conselho, p. 127.)

Ora, se ao professor lastose um só e unico tecto antigo, para lhe autorizar a regra da collocação *anteposta* do pronome nos gerundios de *meu*, a mim haviam de sobrar-me os meus tres exemplos de igual nota, para justificar igualmente a norma da construcção enclitica com os gerundios de *meu*. Mas esta norma é reconhecidamente errônea, segundo o proprio dr. CARNEIRO, e subsiste sem embargo *das excepções* que a concentram.<sup>1</sup> Logo, menos ainda pôlo examinar a outra o se exemplo que a contesta.

Mas se não fôr a minha desza exclusivamente na prova analógica e negativa. Tenho por ella a positiva e directa. Apesar de extremamente rara a forma dos gerundios em *meu*, aqui não são menos de seis exemplos em que elle se occor *anteposto* ao pronome:

«E quem houver desejo, por sy novamente escrever alguma cousa, que tal nom seja, *meu se dando* mais a tal estado...» (D. DEARTE: *Leal Conselho*, p. 74.)

«... nom o turlando... *meu nas tappando* por outro estado, ou fantasia.» (Ib., p. 13.)

«Nam afrouxando por fraqueza de vontade, *meu nos tira* pela perseguição.» (Ib., p. 124.)

«Nom deixando de peccar, *meu se trabalhado* do viver virtuosamente.» (Ib., p. 215.)

«Nom se amedando, *meu se afastado* della.» (Ib., p. 211.)

«Nom lastando, *meu nos tringido*, em fal guiso que voltemos o corpo primeiro que a besta.» (D. DEARTE: *Leal Conselho*, p. 12, p. 529.)

E' uma galeria, conta a simples *casualidade* a que se affirma o dr. CARNEIRO.

«1219. — No caso de Vintia o facto solitario e anormal que nelle se exprime, devesz ter-se, presume eu, por erro desleado. No de CAMÕES se, talvez, concessão á harmonia poetica. Nesto assumpto reconhecem todos os mestros, não é, muitas vezes, senão á emphase, á eulphonia, a rithmo que obedez a poesia

<sup>1</sup> Assim:

«*Meu lhe fustigado* sem trabalho, a erremção foy mynia solitamente.» (D. DEARTE: *Leal Conselho*, p. 15.)

«*Meu lhe soffrido* Amor que superpasso.» (CAMÕES, son. 21. *Ob.*, l. p. 13.)

«Franc, que é a mais obrigada, *meu nos mandando* calheador sem tentado.» (VAREZ: *Ob.*, *Ob.*, v. II, p. 35.)

do descriptivo: e o verso, em se entrando nessa burrasa, dispõe sempre de facilidades muito mais lathras que a prosa.

Frequentes especimens nos offerecem os poetas d'esse predomínio J. alguma contra as regras da syntaxe, na collocação das encliticas pronominas.

Além dos mesmos versos de CAMÕES o mostrarei.

1.º o dr. CARNEIRO mesmo, por exemplo, quando estabelece que, tirando o caso do *meu* nas orações do pretérito, a negativa impõe sempre a anteposição do pronome regimen ao verbo.

Entretanto, CAMÕES escreve:

«E' um *meu* contentar-se do contentado.»

(*Obis* *Campl.*, v. I, p. 51.)

«Não pode a' *meu* foyrte imigo foyrte.»

(Ib., p. 189.)

«Em *meu* corar ella só sempre está firme.»

(*Ob.* XI. *Ob.*, v. II, p. 14.)

«Pur serve a *meu* vil non desajar-se.»

(*Ob.* XII. *Ob.*, v. III, p. 86.)

«Mas quem por *meu* deixo-te a não deixara.»

(*Ob.* XIII. *Ob.*, v. IV, p. 135.)

«Que possa viver, sem ver-vos, Mich'alma, por *meu* poder-tes.»

(*Ob.*, v. VI, p. 110.)

Eis ali seis vezes transgredida, pelo mesmo CAMÕES, cujo exemplo no caso do *meu* presume deosivo o professor CARNEIRO, a regra da anteposição do pronome após o *meu*, formulada pelo dr. CARNEIRO como *absoluta*. Sãos vezes quebrou ella, nesses topos, ante as leis do metro.

O exemplo do *meu* com o gerundio na oração *meu vindo-se*, adduzida pelo dr. CARNEIRO, é singular. Singular nos *Lastadas*. Singular nas obras completas de CAMÕES. Singular entre os classicos portuguezes. A que o havemos, pois, de attribuir, senão ás exigencias do ouvido na poesia, que por seis vezes constararam o grande poeta classico a violar o preceito inflexivel da collocação pratica do pronome em seguida ao verbo?

Ainda outros

Estima o professor CARNEIRO que, em negando-se o attributo *si* antes do verbo, a este se antepõe o pronome. (*Servicos*, p. 35.) Pois um so verso de CAMÕES quebra duas vezes essa regra:

«A mim e a todos *si* de *meu* e de *meu*.»

(*Luc.* V, 40.)

Grammaticalmente havia de escrever-se:

«A mim e a todos *si* do *meu* e do *meu*.»

Mas seria a inflexão do metro, deixara de ser verso. E no verso leve de color a convenção grammatical.

De CAMÕES são igualmente estes exemplos, em que se transgreve o mesmo canon, por obediencia ás leis da versificação:

«E a que elles tem vos dos, se para dar-se  
O mar lavor de todos os maiores.»

(*Son.* 202. *Ob.*, v. I, p. 111.)

«Que *si* no contemplar-se, se não vel-o.»

(*Son.* 248. *Ob.*, v. I, p. 135.)

<sup>1</sup> João THEÓPHILO: *Govem.*, p. 204, a. 8.—LAUREA: *Gram.*, p. 618, n. 240.

«Ainda que *só de ver-te se sustinha.*»

(Egl. IV, *Obs.*, v. IV, p. 56.)

O mesmo, pela mesma razão, veréis em FILIHO ELYSIO:

«Se, *só de ver-me, escapavi, vão fugindo.*»

(*Obs.*, v. II, p. 160.)

«Lá ninguém pensa em derramar o sangue  
Dos annhes. Fizei de *só tocar-lhes*  
Fizra scrupla.»

(*Ib.*, v. XIII, p. 388.)

MAIS ó outro adverbio, cuja presença na phrase em precedência ao verbo atrae igualmente para antes d'elle, segundo o professor CARNEIRO, o pronome regimen. (*Serões, loc. cit.*) Pois, em contrario flagrantissimo com este preceito, encontramos no mesmo CAMÕES:

«E, *por mais segurar-se os deuses vios.*»

(*Lus.*, V, 58.)

E na egloga V:

«Que fazem, semio *mais endurecer-te?*»

(*Obs.*, v. IV, p. 51.)

A syntaxe exigia a préclise. O ritmo d'obra a enclise.

Em FILIHO, igualmente:

«Deixou-m'ho; e não vames  
Semellar-nos da Fabula co'o burro,  
Que *por mais* dan-se ao dono  
A querer, quiz tambem fazer-lhe festa.»

(*Obs.*, v. XII, p. 122.)

Outro. Occorrendo o adverbio *apuzi*, o complemento ha-de preceder ao verbo. Dillo peremptoriamente o dr. CARNEIRO. (*Serões*, p. 338.) E com acerto. Mas FILIHO ELYSIO poelou:

«Antes *so grato ao veu, que aqui juntos-nos.*»

(*Obs.*, v. XXII, p. 112.)

havia ser «*agui nos juntos.*» Mas o endecasyllabo cresceria em ponto, fazendo-se agudo. Teve pois a grammatica de ceder o passo á harmonia.

Ainda. Com o adverbio *onde* legitima, e bem, o dr. CARNEIRO (*escola loc.*) a precedencia forçosa do pronome. Todavia, FERREIRA escreveu:

«Acaia, *onde perdi-me, o meu thesouro.*»

(*Obs.*, v. I, p. 66, Son. XL.)

Porque? Porque, antepondo o complemento ao verbo *perdi*, caíra num *doctasyllabo*, que á metrificacão do soneto não obstará.

223-4. — O mesmo acontece nos poetas modernos do mais apurado vernaculismo.

Vimos que o *ante* obriga á construcção preclítica. Não é? Dillo (e com fundamento) o dr. CARNEIRO (*Serões*, p. 338.) Mas está enceticamente construido, não obstante esse adverbio, este verso de CASTILHO:

«*Assim corre-se a illusão.*»

(*Nota de S. João*, p. 191.)

Porque? Porque a anteposição do obliquo alongaria de uma syllaba o verso. Era de sete: passava a ser de oito: o que o regimen do metro não permitia.

Dos adverbios, com os quaes a préclise é forçada, segundo o dr. CARNEIRO (*loc. cit.*), um dos primitivos, na enunciação, é *onde*. Entretanto, CASTILHO versojou:

«A *accender lume, onde cozei-lhe uos bolos.*»

(*Pontill.*, v. III, p. 173.)

Para estar com a syntaxe prescripta, havia de ser:

«A *accender lume, onde lhe cozei uos bolos.*»

Mas já não metrificava. Ceder, pois, ás exigencias da harmonia a necessidade grammatical.

E' o que já posteara FILIHO nestes versos:

«Nos phantas não acaido  
Pedia assaz ampla, ou toca,  
Da fira, *onde embutir-se.*»

(*Obs.*, v. XII, p. 126.)

Com o proprio *onde*, de que, segundo o consenso universal deve resultar necessariamente a préclise, tomou em contrario, além do de CAMÕES supracitados, solemne exemplo de CASTILHO:

«Nestas dias tambem dove a cingida  
Concerto do Dial *ante postear-se.*»

(*Pontill.*, v. II, p. 45.)

O prosador seria forçosamente escripto: «*ante se postear.*» O metrificador, pela autoridade soberana do ritmo, teve que escrever: «*ante postear-se.*» E' o imperio do metro derogando á ordem grammatical.

Outro exemplo, do mesmo autor:

«Mas antes assim, ó frouca,  
Que *por senti-te* a influencia.»

(*Amores*, v. II, p. 56.)

Pela mesma gra: «Que *ante te sentir* a influencia.» Assim o impugna a intervenção da negatividade, anterior ao verbo. Mas o esdruxulo passaria a ter dez syllabas, em vez de nove, e estava perdida a metrificacão do trecho.

223-123. — As vezes até na prosa as convenções grammaticas, por severas que sejam, têm-se de amoldar aos ditames da euphonia, ou da emphasia, que tambem fazem lei e em certos casos, lei suprema da linguagem. «Tirado da loca, com *só deitillo*, escrevia o padre VIEIRA. (*Obs. Acad.*, v. II, p. 167.) O *só*, conforme ao canon adoptado pelo mestre (*Ser.*, p. 334), respecta a precedencia do regimen ao verbo. Mas o resultado seria durissimo hiato: «com *só a abris.*» Debeu-se o preceito grammatical á condição da harmonia, postpondo-se, mereo desta, o que *só* devia antepor.

Ora, na poesia essas liberdades ainda soem goar do mais encauchas, como bem o adverte SERRA nos litras a proposito de outra lei da syntaxe, na qual frequentemente se dispensa, a beneficio do metro, ou do ritmo: «Esta regra geral rarissima vezes tem excepção nos bons autores portuguezes, e a excepção *observar-se mais no verso, em vez da difficuldade do metro, que a de descaer*, que na prosa, que a repelle, por contraria á indole da lingua, seja qual for a autoridade do prosador.»<sup>1</sup>

Taes são os privilegios da harmonia metrica, exercidos pelas musas, que até á indole grammatical da lingua, por vezes contraem. De uma dessas franquias do seu apannagio de rato e musico da palavra se havia de estar logando o autor das *Lusadas*, ao desferir da lyra o celeste verso, arvorado pelo philologo habiano em bandeira de uma nova lei grammatical. *Solus, lotus et musa* em toda a obra de CAMÕES, esse exemplo carco de expressão e força, para induzir, o legistar.

Querem ver ainda quaes outros preceitos grammaticas subscritos pelo dr. CARNEIRO cedem á tyrannia da métrica?

<sup>1</sup> *Pontill. de Gramm. Geral.* ed. de 1863, p. 29.

Exige elle que o pronome complemento antecedida no verbo, quando antes desse occorrer o adverbio *já*. (*Serões Grammat.*, p. 338.)

E, contanto, o verso obrigou FILINTO a dizer:

« Ir co' os deanteiros pés levando o a fino  
Rolabo, ou já arras'al-o. »  
(*Obs.*, v. XII, p. 164.)

A mesma regra p'he a respeito do *logo*. O ritmo, não obstante, levou esse poeta a escrever:

« Affligue-se de introito; mas *logo*,  
Ao vel-os mutuamente espicaçar-se.  
E os quadris retallar se, concolou-se. »  
(*Ib.*, p. 187.)

No mesmo canon incluiu o adverbio *lá*. Mas a versificação constrangou o classico traductor de LA FONTAINE a reoligir:

« Foram posuir no Hymno  
E *lá* tartar-se á larga »  
(*Ib.*, p. 144.)

Tambem o aqui entra nessa norma. Mas FILINTO, por salvar um vers., não hesitou em transgredil-a, escrevendo:

« Quando no aqui juntar-nos poz desvelo. »  
(*Obs.*, v. XI, p. 15.)

E nessa liberdade reincluiu, versando outra vez:

« Ladrão que o bom Robin *dagui* levou-nos. »  
(*Ib.*, v. XIII, p. 162.)

Vae com esses, consoante ao dr. CARNHEIRO, o adverbio *bem*. Cedendo, porém, talvez á sua mania de sentir a harmonia poetica (não á media métrica, neste caso), pozpo esse classico o pronome regimem ao verbo precedido desse adverbio:

« Com *bem* gaa o meu grupo  
Para o jantar *colher-me*. »  
(*Obs.*, v. XII, p. 98.)

Na enumeração desses adverbios comprehendo o dr. CARNHEIRO o *assim*. Mas, com o *assim*, por amor do verso, fez o contrario FILINTO mais de uma vez:

« Que só, de *assim* virar-me, o enlevo surge, »  
(*Obs.*, v. XI, p. 19.)

« Mas tu, Senhor, *mas lá assim* trater-me. »  
(*Ib.*, v. XXII, p. 153.)

Estabeleco o professor CARNHEIRO (e ainda com razão) que, se numa oração vier o vocábulo *mutuamente* do verbo, á este se anteporá o pronome complemento. (*Serões Grammat.*, p. 337.) FILINTO, porém, não descurar um verso, teve que pospor o pronome ao verbo:

« Por *miúdo* debrucar-se caiu n'agua. »  
(*Obs.*, v. XII, p. 60.)

Todos os grammaticos repellem terminantemente a posição dos pronomes obligos no particípio passado nas linguagens compostas. « Não se diz em portuguez a doutrina o professor CARNHEIRO: «Eu tinha perturado-me; elles tinham esquecido-se. » (*Serões Grammat.*, p. 340.) Veie, porém, como o metro zomba dessa lei nos versos classicos de FILINTO:

« O veado não chorou. Que tinha a rainha  
Enganado-lhe a esposa, o filho... A morte  
Lhe seca o pranto, e o ving. »  
(*Obs.*, v. XIII, p. 66.)

A posição dos casos obligos da pronome nas formas imperiticis do gerúndio é uma das regras mais correntes no assumpto. (CARNHEIRO: *Serões Grammat.*, p. 342. JOAO RIBEIRO: *Grammat.*, p. 203.) FILINTO RABDO, como, versou:

« Eu dia, que o Deus Jupiter,  
Se achando com pucharia. »

(*Obs.*, v. IX, p. 155.)

Grammaticalmente esta errada: havia de escrever «achando-se». Mas achando-se punha outro syllaba no verso, que devia ter sete, o que em «se achando» não se dá, pela falta do e com o s subse-quente.

E aqui temos outra vez o mesmo sacrificio da syntaxe ao ritmo:

« De lá vem que, em função se achando, um loio  
Come tanto de subilo... »

(*Obs.*, v. XII, p. 95.)

No imperativo, doutrina o professor CARNHEIRO, o pronome complemento segue *scilicet* o verbo. (Serões, p. 340.) FILINTO, entretanto, escreveu, oppostamente:

« Fica-te misto,  
Oh filho; e *se* *o* *que* *fazer* *nos* *empure*. »  
(*Obs.*, v. XII, p. 163.)

« Toma alguns grãos do hellhebro, e *te* *purga*. »  
(*Ib.*, p. 220.)

Sempre a lei da harmonia, no metro, prepondrando, neste particular, á da syntaxe.

## § 57

ART. 658

### COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES:

#### « NEM LHE AUTORIZAR »

§ 5730.— Temos aqui outra criação grammatical do mestre. Deputou-lhe aze ao invento o art. 658, onde outra vez se revela a fertilidade e volubidade philologica do omnipotente moçoito tocado á collocação dos pronomes. Nesta materia, em que, de todos os grammaticos notaveis, era o que menos sabia, e o que mais errava, hoje é o que mais entendo, e o que mais descreta.

Reoligira eu o textio, do que se trata, nestes termos:

« Quando uma obra, feita em collaboração, *não* for divisivel, nem couler na disposição do art. 656, os collaboradores, não havendo convenção em contrario, terão entre si direitos iguaes; *não* podendo, sob pena de responder por perdas e dannos, nenhum d'elles, sem consentimento dos outros, reproduzi-la, *nem* *lhe* *autorizar* *o* *reproduzido*, exemplo, quando feita na collectão de suas obras completas. »

Nesse *nem* *lhe* *autorizar* a *reproduzido* delibere-me em erro o dr. CARNHEIRO. « Para ser *reproduzido*, affirma, « devia dizer: sem consentimento dos outros, *reproduzi-la*, *nem* *autorizar-lhe* á *reprodução*. »

E a proposição, vem com uma regra, ignora aos grammaticos até hoje.

« Essa anteposição do pronome ao infinitivo, por cedido immediatamente da conjuncção *nem*, dá-se, de ordinario, quando a este infinitivo precedo outro, reoligido pela proposição *—* *sent.*. »

Reduz-se a phrase á construcção directa, e se verá que a forma do gerúndio aqui não é a *perchida*, e que *com* *o* *que* *se* *achando* *em* *função* *comment* *tanto* *de* *subilo*...

Duas novidades syntacticas de uma assaz bella :

*Preterito*: não se lievo a entender a pronominal ao verbo precedido de *non*, quando elle estiver no infinitivo.

*Sonantes*: exceptuam-se dessa regra as phrases, em que a conjunctiva *non* antecede a *non* do verbo e outra oração do infinitivo, regida da preposição *non*.

Destes dois adverbos pôde haver patente de invenção e mostra, que heia a merecer.

2257. — Mas em que as estrêla? A primeira em dois exemplos de LATINO COLLINO, todo com o *non* anteposto ao verbo no infinitivo se pospõe a este o pronome. A segunda, em um exemplo de BERNARDO, um de A. HERCULANO e um de CASTRINO, em cada um das quaes temos duas orações de verbo no infinito, precedendo ao verbo, na primeira, a preposição *non*, na segunda a conjunctiva *non*, e ambos com a preposição do pronome obliquo.

Poismo, cada uma á sua parte, as duas novas form das preteritales.

2258. — Por duas vezes usa LATINO COLLINO do *non* com o pronome regimem posposto, em sentenças de verbo no infinitivo. Mas *quid inde*? Quando muito, o que dali se deduziria, era que com as orações do infinitivo não se faz obrigatória a anteposição desses pronomes, ficando á mercê da occasião, do gosto e da euphonia o precederem ou succederem elles ao verbo. Muitos e aos ha, com effeito, enumerados pelo dr. CARNIERA e os demais grammaticos, em que entre a preposição e a conjunctiva optativo e arbitrario o usa. Por encontrarmos em bons autores alguns exemplos do pronome posposto, não se infere seja de rigor a posposição, assim como não se conclue seja de preceito a anteposição, porque encontramos algumas vezes o pronome anteposto. Uma e outra poderiam ser ao mesmo tempo grammaticas, e discreto da escriptura.

Que é o que succede na hypothese? LATINO COLLINO fôrmoz dois exemplos do *caetera*. E isso? Nada mais.

Pois bem: *antecedentes nonis alios non suppeditarum*, contracciação, exemplos do mais puro vernaculismo em abono da *preterito*. Isto é, da forma por mim adoptada e de erroz, tachada pelo dr. CARNIERA.

Fol VIEIRA quem disse :

« Aberta com o peso por todas as costuras, ineptaz de fugir, *non* se dependit. » (*Servicos*, v. I, p. 30.)

« E quantos filios que por não desculpalem aos paes, *non* se alartarant dellus, deixam a Deus, e sorrem no unido? » (*Id.*, v. IV, p. 171.)

« E não se deslizez, *non* se volutar faz tis. » (*Id.*, v. V, p. 100.)

E como elle, tempos aliaz, indizit vozis. DIFANTE NENIS :

« Mas não sabiam do que se fôra, *non* se fôz pedim *non* se fôz. » (*Itaz delez*, D. 167 v. c. 31, p. 120.)

« Não por allo, que a Madre fôrmoz, *non* por lnes parazer que não era elle. » (de noticos reiticos.) (*Id.*, 46, p. 185.)

« Deitarem todos os ritos gentilicos, como é cankar Jandira... *non* se carpirem sobre finados, *non* se soprenarrem cobellos sobre elles. » (*Id.*, c. 61, p. 265.)

« Não tinha tempo para se apobeter, *non* para se valer do sons amfios. » (*Id.*, c. 10, p. 439.)

« Não se espantou de ver o infante H. Pedro como foi, *non* de lue occur o que lhe disse. » (*Itaz delez*, D. Aff. V. c. 6, p. 115.)

« Ninguem ouzava de se vie a olla, *non* de o sevir. » (*Id.*, c. 3, p. 130.)

F, antes de DEARTE. NENIS, não occorri. de outro modo FENIXO Lep. 1 :

« Não lher entendo tomar seus officios, *non* lues dan enticos. » (*Itaz de lez*, D. FENIXO, c. 174.)

« Não o queira o donde vir, *non* lue fallar. » (*Id.*, c. 162.)

Quale os primordios da nossa lingua era esta a syntaxa corrente. De vanto os escriptos de al-rey D. Duarte, que *non* uma só vez se se arrola. Eis como elle escriptura :

« Aos outros hem penso que *non* muito lites praza do lre, *non* de o curir. » (D. DIFANTE: *Itaz de lez*, D. 8.)

« Ouvindo lous as parças com delivado consello se devo averde o que convom de fazer; e lue acordado *non* a *non* par modo empello, avarez o u volado *non* ruzado. » (*Id.*, p. 14.)

« E se gloriar em esta volado curral *non* no contrar, *non* lue *non* averde alga causa do que desajun. » (*Id.*, p. 27.)

« Nunca per consêto do fidos o doutra pesca, *non* desço que aja, queira fazer peccado, *non* se rezar a mudo cursum. » (*Id.*, p. 124.)

« Non ha tomar, *non* se tomar. » (*Id.*, p. 359.)

« Non se doer, *non* se fazer prestes para receber a sua graça, *non* luear da graça recobida, *non* ainala a conservar, *non* se conservar. » (*Id.*)

« Nunca destas causas lue muito de curar, *non* lue a filhar grande adom. » (*Id.*, p. 351.)

« Non poderemos aver dezoito voluntario, *non* as obier virtuosidade. » (*Id.*, p. 380.)

« Falleceo muito do que *non* obrigados por *non* saber, *non* se lembrar. » (*Id.*, p. 491.)

« Non presumir de seus merecimentos, *non* se lembrar por soberbia. » (*Id.*, p. 412.)

« Pois as cousas *non* todas sujeitas aa fortuna, a que val pndencia, lue discretamente se *non* gerant em nossos leytos. » (*Id.*, p. 312.)

« Tal mancha *non* se polo *non* luear com todos Senhores, *non* se guardar em todos anzudez. » (*Id.*, p. 473.)

« Nunca requerer cousas injustas em torpes, *non* as fazer, posto que requerias sejun. » (*Id.*, p. 174.)

« Non vezo paer emparrô no escannago, *non* o lrezo sobejo coberto. » (*Id.*, p. 185.)

« Devo *non* muito guardado do vento e do ar, *non* se deslugar em caso muito fria. » (*Id.*, p. 481.)

« De todos *non* devemos coberto, *non* lue a filhar seus ditos e leytos na baylhor parte. » (*Id.*, p. 358.)

E da vora o modo se expel a v. p. Froum em NENIS :

« E así lueha por costume ordinario, não comegar cousa alguma, *non* se determinar em cousa nova que lue succede, *non* primeiro se encomendar. » (*Trabalhos de Jesus*, v. I, p. 12.)

« Não presumir de si, *non* se atopar a nenhuma pessoa. » (*Id.*, p. 2.)

Por equal JACINTO FERRE :

« Tinha em toras umas letras antigas, cujo significado mecom os naturaes da terra, por não estarem em lingua conhecida, *non* se fôrmoz com danlous atalaz. » (JACINTO FERRE: *Viado de T. João de Castro*, I, n.º 37.)

Assim es

Se a regu

vileza em

que lue

NENIS, c

Tudo es

deito gran

veramêti

da, se se

escriptura

arrola e p

Cea lue

da, Yacil

o descer

escrip d

vermêti

zic o gra

lue agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

os agra

Apura esse dilema. São frívolos exemplos contra dois, e contra um só contemporâneo cético patriarcal da nossa língua.

Se a regra do professor CASTRINO acerta, errei eu, não um dia-vi-da: mas errei com os mais autorizados mestres e as mais constantes tradições do nosso idioma, com o autor do *Leit. Consolheiro* e DUARTE NUNES, com o padre VIEIRA, Thomé de Jesus e JACINTO FIGUEIRA. Talo é, portanto, o que, quanto à autoridade verborum, entre o leito grammaticeo bahiano e os cinco grandes luminários da nossa vernaculidade.

Mas, se estes, na competência, levarem a palma áquelle, como escriptores que tanto fizeram pela grandeza do nosso idioma, então errou o professor, e eu é que estou certo.

Ora me parece que entre as duas alternativas ninguem, do bando siso, vacillará.

O desvio do professor CASTRINO é primar. O uso classico se oppõe a esse, que elle enuncia (não emploveiramente!) nestas palavras:

« Não se diz em linguagem portugueza: não quero vel-o *sem* o outro; mas: não quero vel-o, *sem* o outro-o: não podendo reproduzir *sem* *de* autorior a reprodução; mas: não podendo reproduzir, *sem* autorior-de a reprodução. »<sup>1</sup>

A fé implícita na autoridade respeitável do LATIVO COSTA induzida e grammatica bahiano a forçar o alanceo nos dois exemplos, que elle aquelle escriptor moderno fornece. Illes provariam que nas orações do imperativo a negativa *sem* comporta a postposição do pronome ao verbo. Mas não provam que exclua a anteposição. As duas formas poderão ser igualmente grammaticaes. Isso é o que será possível. O certo é, porém, que, das duas, a mais autorizada, a mais corrente, a mais classica é a antepositiva, é a preclítica, é a adoptada por mim e contestada pelo mestre.

2.º Ex. — Com o seu critério de assentar indições grammaticaes sobre um, dois ou tres exemplos, a continua decepção se exporia a vista.

Encontrando, por exemplo, um CAMÕES, trocho como este:

« Escuros deixam sempre seus menores  
« Com a deixar desvanças corraptoros »

(Lus., VIII, 40)

« Com a fazer tributo das dobrado »

(Lus., X, 53)

Decidiria que a preposição *com* obriga á préclise. Não fallaria entretanto, quem, analysando o mesmo poema, lhe desmentisse o preceito com outros logares, onde o autor opou, nas mesmas circumstancias, pela enclise:

« De quem se ganha a vida, *com* perdal-a. »

(Lus., VI, 81.)

Terpária com especimens deste geito:

« Para servir-as braco ás armas luto;  
« Para contar-as mente ás massas dolo. »

(Lus., X, 155.)

<sup>1</sup> DR. CASTRINO: *Lincoas Obsevacoes, Dias, 1862*, n. 11, vol. 2.º

<sup>2</sup> Préclise:

« Com gosto se transmuda um rio. »

(CASTRINO: *Arte de Lus.*, I, 62.)

Enclise:

« Com honora de man some *expõe* a muito a danna. »

(*Id.*, 192.)

E para logo se sítio com a regra da enclise forçada, nas orações em que o verbo se reor da preposição *para*. Mas, a poucos passos nos mesmos *Canções de desonstaria*, lendo:

« *Para* *do* obeloz *ji* se *apove*. »

(Lus., IX, 37.4)

Daria com a enclise anteposta numa sentença do verbo regido da preposição *por*:

« *Por* *se* servir a tudo *apove*hados. »

(Lus., X, 143.)

Nas obras do CASTRINO encontrari igualmente:

« *Folgas* *por* *se* *ver* lido. »

(*Arte de Lus.*, I, 59.)

Feria levado a estatuir que a preposição *em* almeia a si para antes do verbo e pronome allegico. Mas heu *em* o proprio CASTRINO e o proprio CASTRINO administravam com que o dosatorar, em trocos de feição opposta:

« Um dos mats, *em* *berta*-se mais depressa. »

(Lus., V, 117.)

« *Ata* *vingar*-se e *pa*-llo, e só *latroz* *por* isto. »

(*Arte de Lus.*, I, 75.)

Asharia a advessiva *em*, em exemplos onde o pronome regimem precede ao verbo:

« *Mis* *firmo* e *faz* o *inamido*. »

(Lus., IX, 53.)

« *Mis* os *arjos* do *con*, *ca*ntando a *rindo*. »

« *To* *excebo* *na* *florica*. »

(Lus., X, 118.)

Esperaria a ensinar que o *em* actua précliticamente sobre os pronomes complementes do verbo a que precede. No mesmo escriptor, porém, lendo em breve se lhe offoreceria prova do contrario:

« *Mis* *em* *expos*-se *num* e *na*to *bando*

*Partido* *desgual*. »

(Lus., VI, 61.)

Com a preposição *em* passaria por *disabor* equal, se fuisse do exemplos como este:

« *Lucram* *nullo* *ambos* *vés* *em* *tel-o* *por* *amigo* »

(CASTR.: *Arte de Lus.*, I, 38.)

para concluir pela enclise forçada: porque allí mesmo, não muy longe, veria a préclise manifestamente abonada noutro exemplo:

« *Sua* *esposa* *em* *se* *orna* *em* *pregaria* *estudo*. »

(*Id.*, p. 163.)<sup>2</sup>

A temeridade, que nesses hypothese commetteria, é a do que se metteu em risco na época vertiginosa, assentando em dois simplis exemplos do LATIVO COSTA a regra, toda sua, da enclise obrigada nas orações em que o *non* reger verbo no infinitivo. LATIVO COSTA

<sup>1</sup> « *Para* *em* *em* *em* *em* » (VERNAZ: *Cart.*, IV, 83.)

<sup>2</sup> Contra, precliticamente: « *Para* *se* *malice* *em* *governo*. » (SERRA, v. II, p. 251.) e *Para* *se* *acorda* *em* *dimoso*. » (*Obr.*, *Incl.*, v. II, p. 157.) e *Tenha* *se* *valor*, *para* *se* *dar* *em* *desongro* *em* *principe*. » (*Id.*, p. 129.) e *Para* *he* *colibri*. » (*Id.*, p. 128.)

<sup>3</sup> Préclise:

« *Em* *he* *chamar*. » (VERNAZ: *Servico*, I, 275.) e *O* *dimante* *passa* *outra* *man* *em* *se* *crerar*. » (*Id.*, *Obr.*, *Incl.*, v. II, p. 125.)

Enclise:

« *Na* *ultima* *em* *que* *em* *em*. » (*Id.*, *Servico*, p. 74.)

não desiste a Duarte Nunes, Jacinto Pereira, Thomaz Jesus e Antonio Vieira. Logo, a meu respeito como sustentava o exemplo do primeiro, a emparedado em autoridade com os outros, o mais que se admitirá, é considerá-lo facilitativo, nessa contingência gramatical, o pospor ou antepor o complemento ao verbo.

Ainda assim, porém, mais seguro do que o primeiro, abraçando-me em LATINS CUNCTI, me parece ficarem os, inclinando-me ao concurso dos outros chestões, mais o de autoridade mais segura.

**241.** — Deusa: agredi da outra suprema gramatical, regalada no poleo deste seu alumnão a no mundo em geral pelo seu respeitavel mestre. Com visto tres vezes, em escriptura vernacella, duas orações successivas do verbo no infinitivo, regido na primeira de *seu*, na outra de *seu*, em nome de dr. CARNEIRO, attribuindo ao influxo de *seu* a anteposição do pronome regimen. Acredita elle que a anteposição do pronome no infinitivo precedido immediatamente da conjunção *seu* se costuma usar, quando a este infinitivo precedo outro, regido pela proposição *seu*.

Mas para que tal fizesse sustatarse, necessario seria que a proposição *seu* recolhesse o uso do nosso idioma (so poder gramatical da attenção, a fim de q'ant certas palavras ou particulinas chamam para junto de si, que antepõem-as ao verbo, as encliticas pronominaes. Ora, inegavel aliás a conjunção *seu*, ao menos com as orações da modo fallu, pela regra absoluta da proclise com as negativas, essa, propriamente falta ao adverbio *seu*, com o qual é tao correntemente viciada quanto a anteposição e postposição dos pronomes complementos.

Es não poucos exemplos dessa *propositio* após o *seu*:

«Sequer as freixas ROSA, *seu* colhedor.»

(CANTOS, *Thr. Comp.*, v. I, p. 35.)

«Um bom que, inda *seu* veros, resolhe.»

(*Id.*, p. 98.)

«*Seu* a confiança na misericordia divina *seu* accrepa da sua justiça.» (VIEIRA, *Sermões*, v. I, p. 274.)

«Ninguém se cria de Deus, *seu* ha creança.» (*Id.*, p. 27.)

«Um fado o moço he deitar, *seu* o moço de he deitar.»

«Nem se julga, *seu* exarar, *seu* he deitar o benéfico.» (*Id.*, p. 27.)

«Se não se dá o uso da terra, como nos hombros.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Deita verde*  
A meus consules ditas, que do fúntas  
Lagrimas são movidas, *seu* mover-te.»

(*Id.*, v. I, p. 100.)

«*Seu* doular-se, são bravos, ou esquivas.»

(*Id.*, p. 113.)

«*Que* possa viver, *seu* vos cas.»

(*Id.*, v. V, p. 110.)

«*Seu* deler-se mais.» (BERNARDES N. *Et.*, v. IV, p. 48.)

«*Seu* fazer-se do aguar.» (*Id.*, p. 110.)

«*Esteyo* muito em si, *seu* responder-he.» (*Id.*, p. 108.)

«*Porem* D. João de Castro, *seu* d'amar-se recon- do amor do filho.» (CANTOS, *Thr. Comp.*, II, p. 87.)

«*Vel-as* á triumphar, *seu* pie *the* obstaro.»

(PELITO BLAS, *Obra*, v. XI, p. 92.)

«*Seu* pressall-ta, os lobos da fin dello.»

(*Id.*, v. XII, p. 12.)

«*Seu* colher-se a si.» (*Id.*, v. XIII, p. 104.)

«*Que* seu ver-se»

«*Em* apertos, couste-lo hum hum ponto.»

(*Id.*, p. 108.)

«*O* galo, *seu* largat.»

Rosa.» (*Id.*, p. 321.)

«*Orvi*, *seu* irriter-se, reprehensões.» (A. HORTO, *O Moço*, v. I, p. 27.)

«*Se* irem muitos, *seu* Seris mais rica, *seu* vstar-des tanto.»

(CASTIL, *Amores*, I, p. 85.)

«*Seu* d'er-se o mais levo enfado.»

(*Id.*, p. 110.)

«*O* tempo affronta, *seu* fender-se o diamão.»

(*Id.*, p. 118.)

«*Prontora* ao ven que arguir-te, *seu* vstar-se, em puda.»

(*Id.*, II, p. 27.)

«*Seu* luz, sem morte, *seu* ffar-se em nada.»

(*Id.*, p. 54.)

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

con-  
in ver-  
if abou-  
fil. ed.

241.  
ex aq  
Dr. B  
velo qu  
red e  
propia

14  
phs, m  
deve h  
reida f  
infinito

restu  
nido, o  
pugna  
A que  
O sem d  
a reidi

242.  
nlas he  
respo  
a culco  
de que  
rega d  
advenci

Mas n  
em has  
gerama  
fira, q  
encard  
cor cin  
focro  
lactro

Mos m  
seu  
sperdi  
n leat  
no. m  
di no  
de rec  
compar  
gend a  
alpedi

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»

«*Seu* a natureza os sentidos a dentro dos crãos, como nos péis.»



séclo passado. Todos os bons escriptores o sentiam, e todos o confessavam, mas deplorando, resistindo e exhortando á do-  
 fesa do idioma contra a invasão estrangeira. Com annos depois o  
 illustre professor de lingua portugueza, vendo crescer a on-  
 daz de acanhados contra ella, os dignos razoaveis da tradic-  
 ção do bom senso, opina que estejamos tranquilos, e abertos ao  
 diluvio as ultimas represas. Já nos sentiamos alagados; pois que  
 nos acabamos de alagar.

Accomplicada e não escriptura com os neologos, é a divisa o  
 a empresa de armas desto paladino da vernaculidade. Com os voca-  
 bulos de impetração, pinto está em que (venham embora france-  
 zamente do Sonho) illuz possa dissimular a precedencia real, agor-  
 tando com habilidade uma especiosa avoenga latina.

Seguirá, porém, o mostre passo e passo no seu arrastado, eslor-  
 cadao por discriminar as considerações alli amalgamadas. A tres  
 argumentos poderemos reduzi-las:

- 1.ª A gonsia latina de *ciens* e *ciensibile*.
- 2.ª A diversidade no significado entre a decaencia em *ci* e a  
 designava em *sci*.
- 3.ª A differença de sentido entre *ciensibile*, mais o seu deriva-  
 do *ciens* no latim, e *ciens*, com o seu derivado *ciensibilem* na pro-  
 posta neologica.

Estademo-las uma e um por essa ordem.

**2.º.**—1.ª « Tomando á lingua franceza », diz elle, « segundo  
 WHITNEY, o vocabulo *ciens*, do latim medieval *ciensibile*, corromptela  
 fizera da formula latina *ciens habilis*, apto para viver », transfor-  
 mamos a nossa lingua, deixando este *e* medio na palavra original,  
 que destaque se n'outra em *ciensibile* do meio, através da expressio  
 franceza, o nosso *ciens*.

Mas que sabe o mestre do *ciensibile* no *ciens habilis* no latim?  
 Nada, além do que lhe informam LITTRÉ e WHITNEY.

Venemos o que per elles consta. Antes, porém, saibamos que é o  
 que do *ciensibile* nos dizem os lexicones latinos.

No de FREJUS, a mais autorizada lexicographia contemporanea da  
 lingua dos romanos, apenas se encontra a esse respeito linha e meia,  
 que transcrevemos:

« VITABILIS, e, adi. vivibile, qu'on doit éviter.  
*Oréd.*, Pont. 4, 14, 31; *Acad.* 5, 165.»

PERCIVAL copia, na definição e nas antecidades, a FORCELLINI,  
 cujo lexicon, sempre mais largo e copioso, diz da essencia nestes  
 termos:

« VITABILIS, UL. Adjo c. vocabulo a vitu; *ciensitas*,  
 de *sciensibilis*. *Oréd.* 4, Pont. 14, 31. Esse perpetuo  
 a equam *ciensibile* Agra, Agra ed. gerbulo. Musa  
 dicere. Agra. Alt. alter leg. *Acad.* 3, p. 165.  
 Illam *ciens* *ciensibile* *ciensibilis* *ciensibilem* que  
 sapientis.»  
*(Notas Letto-Sci.*, vol. VI, p. 26.)

QUEBERY e DAVELY, de edr, CHATELAIN de 1820, citada  
 alhures pelo dr. CARNEIRO, não adentram apulto coisa alguma.

« VITABILIS, e, OV. Pont. 4, 14, 31; *AR.* 5, 13,  
 qu'on doit éviter, qui est à craindre.»

Ja se veem as latinas só conhecerem esse *ciensibile*, o qual, origin-  
 rio do verbo *ciens*, *ciens*, quer dizer, em linguagem, não sem o  
*ciens*, e *ciens*, e não de *ciens*, *ciens*, e que *ciens*.

Nada faz elle, pois, da esse do *ciens*, ou *ciens*, na acco-  
 nha do mais vocabulo, isto é, *ciens*, e que *ciens*.  
 de *ciens*, a *ciens*, e não de *ciens*, *ciens*, e que *ciens*.  
 do *ciens*, que hypothese do *ciens*.

« Na etymologia de *ciens*, e *ciens*, de *ciens* e *ciens* não está  
 insistentemente de *ciens*, e *ciens*. de *ciens* e *ciens*.

Tudo havido, porém, no latim, esse *ciens*, derivação de *ciens* e  
 equivalencia, prediguação, origem do francez *ciens*?

Desse particular e do depois LITTRÉ e WHITNEY, os unicos infor-  
 mudos, e cujo testimonio se armita o dr. CARNEIRO. Que nos  
 attestam ellas?

LITTRÉ, nada mais do que isto:

«*ETYM.*, Lat. *ciens habilis*, apto à vivre.»

Teo e:

«*ETYMOLOGIA.* : *LAGAM* *ciens habilis*, apto a viver.»

Mas essa etymologia, como se está vendo, e meramente uma  
*suppoe*. Não suppe uma palavra latina, correspondente a  
*ciens*, mas illuz, *ciens* e *habilis*, que o glossologo francez imagina  
 teron-se accoetado na gostação do francez *ciens*.

WHITNEY dá um passo adante. Mas de que modo? Eis, *ed The*  
*ciens* *ciens*, as suas palavras:

«*VITABILIS*, a. [*F. C.*], *ciens*, M. L. *ciens*, capable  
 of life, [*L. ciens*]»

(Vol. VI, p. 674.)

Quer dizer:

«*VITABILIS*, adjectivo. Francez, *ciens*. Latim me-  
 dievo, *ciens habilis*, capaz da vida. (Do *ciens*, no latim.)»

Hale ter notado, porém, quem ler com attenção do dr. CARNEIRO,  
 ao pucez, não o notou que no termo *ciens* precede, no texto de  
 WHITNEY, um asterisco.

Esse asterisco não dirá nada? Estará em vão antes d'aquelle vo-  
 cabulo?

Recorrendo á *ciens* (*ciens*), proposta pelo autor ao 1.º volume,  
 do seu dictionario, p. xviii, alli encontra a ponto a explicação do  
 asteris. Eis:

« \* *read theoretical or alleged; i. e. theoretically*  
*assumed, or asserted but unverified, form.*»

A saber:

« O asterisco \* denota ser a palavra, que so lhe  
 septe, non forma *theoretical*, um *suppoe*, isto é, *theoretical*  
*non-proved* (*assumed*), ou *unverified*, *not a re-*  
*fided* (*not unverified*).»

Assim que, se o dr. CARNEIRO houvesse atendida a notação  
 orthographica, o mesmo esquecesso de fr pergrinar-lhe ao proprio  
 WHITNEY pela significação, teria visto que ella dá um terço com  
 o seu castello etymologico, alheado-a pela base. O *ciens* de  
 WHITNEY, de *ciens* este *ciens*, não pressa de um *suppoe*  
*ciens*. LITTRÉ, pela homophonia do *ciens*, azurara *ciens*,  
*ciens*. WHITNEY, simplifacando, reduzindo os dois vocabulos a um  
 só, jussou de *ciens* e *ciens*, da *hypothese* de uma loção  
 completa e *ciens*. De mais *ciens*. De sorte que o pas o adan-  
 tado pelo philologo americano ao philologo francez nos mantém na  
 reção das *hypothese*.

Nem na antiga latinidade, portanto, na mais latinidade medieval  
 se descobriu até hoje o menor documento, o mais ligeiro vestigio da  
 palavra necessaria aos nossos neologitas, o *ciens* derivação do  
*ciens*, para demonstrarem a procedencia e latina da franceza, que pre-  
 conizam. *Vitabilis* é, confesadamente, uma creação theorica do  
 etymologista, que o suggero.

Não transnido, pois, os limites de um *suppoe*, do uma pre-  
 sumção a etymologia latina do francez *ciens*. Nessa presumpção  
 não faz fundamento a sciencia. E tanto assim que o mais recente  
 dos dictionarios d'aquelle idioma, o *Dictionnaire Général* de HATZ-  
 FELD e DARMSTETER, onde so encara o estado actual dos conoci-  
 mentos philologicos no *suppoe*, abeo não, quanto a *ciens*, da

etymologia latina, filiando-o unicamente no próprio francês. O seu artigo lexicográfico acerca da etymologia do *vitalis* é este:

«VITALIS. ETYM. DERIVÉ DE VIE. § 93.»

Em face da sciencia actual, portanto, isto é, dos dados verificáveis, apurados, e certos, de que a sciencia hoje dispõe, *vitalis* não emana de *vitalitas*, criação engenhosa de uma hypothese: emana directamente de *vie*, pela ampliação de *ie* final, convertendo em *alis*, signolito o processo que, devidamente, a evolução franceza tornara à evolução latina. E' o que positivamente ensinam DARMESTER e HATZFELD.

Aquella nota por elles alli posta, «§ 93», nos remette ao paragraho assim numerado no primeiro volume, onde, a propósito do suffixo latino *alis*, disserendo acerca dos compostos latinos que delle se formaram, acrescentam os dois dicionaristas: «*Locution française a continué cette tradition.*»<sup>1</sup> As palavras com que o exemplificam, vêm a ser: *acceptabile*, do francez *accueillir*; *valabile*, do francez *valoir*; *agrabile*, do francez *agréer*; *convalabile*, do francez *convalescer*; *effragabile*, do francez *effrayer*; *éparvalabile*, do francez *éprouver*; *redesvalabile*, do francez *redécouvrir*; *desconvalabile*, do francez *desconvenir*.

Destarte nos mostram praticamente os dois sábios lexicographos como do *vie* francez se compz, francismente, o francez *vitalis*.

Não tom, portanto, esse vocábulo à directra ascendencia latina, que lhe sonha, e com dolo mal entendido trechos de LITRÉ e WHITNEY, the obtem o dr. CARNEIRO. Pouco importam os nomes, com que se pretendo reformar, de SERRIER, BESCHERELLE e AB. COELHO, BESCHERELLE e SERRIER, são anteriores a HATZFELD, DARMESTER e WHITNEY, que não os encontraram nelles além do que suggerira LITRÉ. AB. COELHO nada allina. Limita-se a perguntar: «Pr. *vitalis*, por *vitalis*, ou de *vitalis habitus*?» E apenas uma interrogação, confutando em si duas questões: «Vitalis procedent do francez *vitalis*, detragido de *vitalis*? Ou emanado antes de *vitalis habitus*? Esta supposição dubitativa de ADOLFO COELHO outra coisa não faz que reproduzir a hypothese de LITRÉ, tão somente como hypothese por elle aventada. Ora essa hypothese imaginara uma forma remota, que nunca existiu em francez, o termo *VIVABLE*, absolutamente imaginario, para entroncar no latin *vivo* e o actual *vitalis*, filiação esta que o sabor concenioso dos modernos etymologistas repella, buscando, como já vimos, a descendencia immediata de *vitalis* no francez *vie*.

Logo, a termos do adoptar definitivamente o *vitalis*, haviamos de reconhecer que não tem no latim, sim no francez, a sua arvore do custado. Não seria um latinismo: seria um gallicismo.

Apurada esta certeza, aqui pulcra ou terminar. Mas não quero deixar sem resposta as outras ponderações do mestre.

«247.—29. As formas adjectivas obtidas mediante o suffixo *alis* e o suffixo *alis* exprimem (NOTA do dr. CARNEIRO) intencões diversas. O suffixo *alis* significa, nos adjectivos com elle constituidos, «que a idea do seu radical *concomi* à coisa a cujo nome se ajuntam». O suffixo *alis*, e do latim *habilis*, *abilis* indica uma *aptitudo*, uma *dispositio*».

Por via de regra assim é. Mas tambem essa regra pode quebrar. Disto temos exemplo justamente nos vocabulos oppostos a *vivo* e *vitalis*, emquanto equivalentes do *vitalis*, *vitalitudo*. *Morsalis* quer dizer *mortalis* (C. DE FLORENTE), exactamente do mesmo modo como *vitalis* significa *vitalitudo*. *Vitalitudo*, isto é, *capax de vivere*, dotado das condições da vida. *Morsalis*, isto é, *capax de movere*, creado em

condições do soffrer morte. Logo, se para indicar *mortalitudo*, não se ha mister do *morsalis*, basta *mortalis*: para exprimir *vitalitudo*, não se necessita do *vitalis*: basta *vitalis*. Em *vitalis* se confundem as duas ideias correlativas ao suffixo *alis*, do latim *vitalis*, e ao suffixo *alis*, do latim *abilis*. Podemos, pois, sem taivo de heresia contra as formas consagradas, juntar em *vitalis* ambas essas ideias.

Que o mestre ver como naturalmente se ajuntam? WHITNEY, depois de se occupar com a etymologia do *vitalis* (V. VI, p. 6,741), remette-nos ao artigo correspondente, na sua obra, a *vitalis*: «See *vitalis*; isto é, veja o vocabulo *vitalis*».

Vejam, pois, os ditos artigos, a que WHITNEY nos remete, Vae na pag. 6,772 a 6,772. Ali, descrevendo a synonymia do *vitalis*, consigna WHITNEY, sob o n. 7, este item:

«Capable of living; *vitalis*.  
«Pythagoras, Hippocrates... and others... affirming the birth of the second month to be *vitalis*».

Traduzido a portuguez:

«Vitalis: capaz de viver; *vitalis*.  
«Pythagoras, Hippocrates... e outros... que affirmam que o parto de sete meses é *vitalis*».

E, portanto, o prompto WHITNEY, o WHITNEY evocado pelo dr. CARNEIRO, quem lhe dá em terra de golpe com a laboriosa theoria. O depoimento do sábio linguista, desmentido abertamente e genericamente habiamos, certifica a synonymia, ao menos, entre *vitalis* e *vitalitudo* vocábulo se applica, aquelle idioma, tanto quanto o outro, as coisas ou creaturas *capaces de viver*. Dizem-se ellas, indifferente e *vitalis*, ou *vitalis*. Por exemplo roumã ainda o philologo americano com aquelle excepto, já transcripto, de um physiologista inglés, onde se qualifica de *vitalis* a creanca sotesinhada: «O parto em sete meses é *vitalis*».

Ante este documento scientifico onde vai parar a these, categoricamente enunciada pelo mestre, do que é *vitalis*, em medicina legal, não pode ser substituido por *vitalis*!

«248.—30. «Vitalis, em latim, adverbio o professor CARNEIRO, quer dizer pertencente ao relativo à vida, que faz viver, que é de longa duração, que vive muito.»

Replicarei, considerando por dois lados a objecção.

Primeiro. O unico *vitalitudo* do que fazem menção os dictionarios latinos, ainda se acha a maior distancia do *vitalis* francez que este do *vitalis*. O *vitalitudo* consignado nos lexicones, expressamente alli designado, já o vimos, como synonymo de *vitalitudo*, equivale a o que se deve evitar: não tem relação nenhuma com a ideia do *vitalis*, ideia manifestada, absoluta e exclusiva em *vitalis*. O outro, o *vitalitudo* supposto por WHITNEY como resultante do *vitalis habitus* figurado por LITRÉ não passa de um ente de razão etymologico: por por modo one, a subsistia a nacionalização portugueza de *vitalis*, ao nosso *vitalis* não restará, em latim, outro similis mais que um vocábulo de significação totalmente alheia à dese: o *vitalitudo* synonymo de *vitalitudo*, em portuguez *vitalitudo*, coisa que se ha de evitar.

«249.—Vamos, porém, ao outro aspecto da objecção, que ora se sustenta. Tinha *vitalis* essa accepção limitada entre os romanos, admitto: restringia-se a concepção delimitada pelo mestre. Mas *vitalis* não? Não lho esqueça a noção, elemental em materia de etymologia, a que inopportunamente se foi socorrer, quando commigo discutia o vocábulo *progenitor*.<sup>1</sup> Então nos disse elle:

«Mostra-nos a historia das palavras que estas estão sujeitas a varias mutações, não só nos elementos phoneticos de que se compoem, senão tambem relativamente à sua significação.»

<sup>1</sup> *Dictionnaire Gén'ral*, v. I, p. 15.

<sup>2</sup> Passa a etymologia que HATZFELD e DARMESTER lhes attribuem especificamente nos arts. respectivos (V. I, p. 56 do *Traité* e do *Dictionnaire*, p. 55, 485, 482, 944; V. II, p. 1, 596 e 2, 020.)

<sup>3</sup> *Diction. Manuel Etymol. de Ling. Port.*, p. 121.

<sup>1</sup> Nota ao art. 291. Ver § 31, no. 22-27.



puta, buscando o *ciabdo*, não o encontrou. *Vitalità*, sim; mas significando unicamente o *hai stato a dei organi pubblici*:

«*Vitalità*, s. f. T. Jur. Qual. *haec bona et stirpe publiche*.» (V. II, p. 1223.)

Não acredito, pois, que com os dicionários Italianos me pudesse o dr. CARMENO justificar o seu dito.

§ 2.º 2.º.— Transcorrendo largo trecho de um livro novíssimo e compendio de direito civil do professor RUSSA, cathedrático na universidade de Génova, prova-se eu *documentalmente* que os juristas Italianos (usando o vocabulo *ciabdo*, para significar o *fato de recamadação capax de viço*, e não se utilizam, com esse intuito, semão do vocabulo *vital*).

Mas a esse elemento decisivo na questão fez o dr. CARMENO vista grossa, para insistir em que, no sentido restricto da *ciabdo*, *existere* não se pôde substituir por *vital*.

Jurista, porém, observando na collaboraço de uma obra jurídica, a tradicão jurídica era, sobre tudo, o que me importava. Ora essa, na Italia, é absolutamente opposta ás expressões *vivo*, *vitalidade*, é invariavelmente favoravel ás locuçõs *vitalidade* e *vital*.

Todos os livros de direito civil all publicados o demonstram. *Tudo*. Note bem o dr. CARMENO: *Nota*.

Tomemos um dos mais conhecidos e acatados: o do GIUSTINI, *Istituzioni di diritto civile italiano*.<sup>1</sup> Trata o autor da pessoa natural, o homem, e define-lhe as condições de existir: 1.º, que nasce; 2.º, que nasce vivo, isto é, que passo vivo da existença exterior á intra-uterina; 3.º, que nasce *ciabdo*. Respeito a esta, eis como se exprime:

«Finalmente o *ciabdo* que sia *vital*, ouia que abbia conformaçã *de esse especie de viço total* depois avvenuta a separaçã do corpo materno. La legge non determina alcun periodo di tempo il cui decurso valga a definire la questione della *vitalità*. . . . Non basta poi riferirsi alla maturità del feto, perchè la *vitalità* può non esserle concessa. . . . I tre requisiti debbono concorrere: se per un caso non attribuito a mancanza di *vitalità*, avvenuto il parto.» (V. I, p. 35.)

Recorro agora ao *Corso di Diritto Civile* do PAVONI.<sup>2</sup> E' um dos tratados mais amplos e magistrais que deste assumpto se tem escripto. O seu sostenimento não é diverso:

«La *vitalità*, giuridica... suppone un individuo che sia nato vivo e *vital*. . . (p. 71, n. 19.) Ritornando il principio, che, affinché ad un individuo possa essere attribuiti diritti, è necessario che gli sia nato vivo e *vital*. . . (p. 75, n. 21.) «La legge presume bensì — come ora diremo — la *vitalità*, ma a condizione che...» (p. 76, n. 22.) «Qualunque dubbioza rimane ancora all'essere o no nato *vital* un individuo debba risolversi in favore dell' *vitalità*.» (p. 78.)

Nas *Istituzioni* de PAVONI MAZZONI, o mesmo diz-se:

«La ultima si presume nato *vital* quegli che è nato vivo. . . La legge non ammette veruna presunzione relativamente alla mancanza di *vitalità*. . . La *vitalità* del nato vivo non è nemmeno esclusa dai vizi di conformaçã. . . La mancanza poi di qualche organo

espresso nella vita... costato il fatto donde la legge deduce la presunzione della *vitalità*.» (Vol. II, p. 12-13-14.)

No seu *Corso Completo di Diritto Civile Italiano* Varesano — nota a mesm' assignaçã o professor de FERRARI:

«Giuridicamente parlando, il feto acquista la sua individualità quando il distacco dell' utero materno si verifica con le seguenti condizioni: 1.º, completamente; 2.º, con vita; 3.º, necessaria e propria del momento; 4.º, con *vitalità*. 4.º, com' forma umana.» (V. I, p. 131.)

«È necessario stabilire... la esistenza completa e perfetta, individualmente (nascita con vita, *vitalità* o forma umana).» (Ib., p. 135.)

«*Vitalità*. Non basta che il feto siasi distaccato della matrice, assumendo la condizione di una individualità vivente, è necessario che *il feto nato vital*, ossia con *vitalità* a vivere. . . . Un esempio di mancanza di *vitalità* per imperfezão dell' organismo rinviensi nell' *idiotia*. Un esempio di mancanza di *vitalità* per difetto di organo è il nostro nato senza bocca. Il nato vivo o non *vital* è giuridicamente considerato come non nato e concepito. . . . pena il genitore o suoi ereditazione per disporre della paternità di un figlio nato vivo e non *vital* per imperfezão di organo e dichiara nell' art. 754 incapace di succedere il nato non *vital*.» (Ib., p. 132.)

BORSARI, no seu *Commentario del Codice Civile Italiano* (v. III, parte I, § 150-77) fa: sempre desso modo. Estudando «la *vitalità* del feto» (p. 26), discutendo «la condizão della *vitalità*» (p. 66), estabelecendo «i criteri della *vitalità*» (p. 61), ventilando as circumstanças, em que se manifesta «il difetto di *vitalità*» (p. 72), mostra como «oi codici moderni si distingue a tutta evidenza la vita della *vitalità*» (p. 66), e declara, por delimitaçã, que, dizendo «*vitalità*, alliamo detto *vitalità*. . . . capaci di essere scosso gli organi della natura». (Ib., 61.) *Visto o cinco* vezes, sem' excepção, por exprimir a *lata de vitalità* *para o vivo*, compuzza elle *vital* o *vitalità*: non una *vi*, *vitalità* ou *vitalità*.

EMANI BEL GIANTRICO, nos *Istituzioni di Dir. Civ. Ital.*,<sup>3</sup> não usa do outro vocabulo:

«La *vitalità* *vitalità* a *vital* fuori dell'utero materno si argomenta dall' integrità degli organi (*organica integrità*) e dal decorso *tempo* del tempo riconosciuto dalla legge come minimo periodo di gestação uterina, cioè 180 giorni: la *vitalità* si presume sino a prova contraria, quando è dimostrata la vita.» (Ib., 75.)

No seu *Syllabus di Diritto Civile Italiano*,<sup>4</sup> começado a se estampar cinco annos depois, não vari' desso conceito.

«La *vitalità* emprehessa un requisito essenzial para l'acquistò dei diritti. . . . La *vitalità* si presume, quando è dimostrata la vita. La *vitalità* si argomenta. . . . Non è necessitate la mostrina di Merini, secondo il qual il parto, puolea sa concepito 180 giorni prima della nascita, doverbe sempre riguardarsi come *vital*. . . . In presunzione della *vitalità* è *pro* *tantum*.» (V. I, p. 80.)

<sup>1</sup> Na primeira nota a esta pagina cinco vezes se repetem os termos *vital* e *vitalità* em *italica* e em *italica*.

<sup>2</sup> Napoli, 1858.

<sup>3</sup> Roma, 1871.

<sup>4</sup> Torino, 1880.

<sup>5</sup> Napoli, 1874, 2.ª ed.

<sup>1</sup> Torino, 1885.

<sup>2</sup> Segunda edição. Torino O IVº vol., de onde extrahio, é de 1880.

<sup>3</sup> Firenze, 1881.

SERRAVALLE, um dos nossos contemporâneos, escrevendo as suas *Leituras de Direito Romano*, occupa-se com esta matéria no § 4. E como?

« O parto, devendo ser *citale*, vale a dizer fãntale deve aver rãgãntia nel corpo della madre *in utero necessaria alla continuazione della vita...* Perene fãntale sia *citale* non è però necessario che sia nato nel sétimo mese... Ma non dice punto che chi sia nato primo necessariamente *citale*... Non bisogna quindi equivocare sulla *vo* *citale*... É più della *vo* no similo infãnto non *citale* o viene al mondo già morto e muore durante o parto, ma puo bem simo accedere... ch'esso viva meche dopo la nascita e muoê dappoi per mancanza della *citale*... »

Abraçamo as *Leituras* de ARRIBA, veritas e annotatas por FILIPPO SERRAVALLE. É um dos livros clasicos em direito civil. Pois já está duas vezes consagrada com este uso a locução *citale*.

« É necessario ezimãdo la *capacità di vivere*, la *citale*... Oggi non esiste più lãntica controversia sul requisito della *citale*. » (V. I, p. 30-31.)

Nas obras mais elementares tambem esse o vœntabulo que se insere a juvenude. Hája visum o *Compendio de Dir. Civ. do Giuoco Lotus*:

« L' homo... dicesi infãnto *citale* quando ha rãgãnto nel seno materno la matricia necessaria per la continuazione indipendente della vita... Queste distinzioni nel diritto italiano hanno molta importanza in tema di successiõ legittime, nelle quali sono incapaci di succedere: 1.º... 2.º I nati non *citati*... La condizione della *citale* è disputata... la legge penale a qualo tucio la vita del neonato tutto che non *citale*... la presunção della *citale*, poichè no dubbio si presunmo dalla legge *videli* i nati vivi. » (P. 53-4.)

Assim, todos os *citales*. E, como estes, *totus us criminatistæ*. Dentre estes, por não agravar a dilatação, talvez já excessiva, destas *potras*, citarei somente uma das maiores autoridades: o *Compendio Trattato di Diritto Penale*, collaborado pelos mais eminentes juristas italianos sob a direção de COSTANTO. Eii-o:

« Se spontaneamente sia stato respulso un foto immaturo vivente, ma per la sua immaturità a-solutamente non *vide*... É noto difatto che la legge civile fãss il minimo della *citale* del foto a 180 « torni dal concepimento... » (V. II, par. III, p. 290-7.)

Não é só, porém, a physiologia da jurisprudencia e da escola: é, ainda, a tecnologia *de lei*. A expressão *citale* é consagrada pelo *codigo civil italiano*:

« Quando il parto fosse dichiarato non *citale*. » (Art. 161, n. 3.)

« Sono incapaci di succedere:

« 2. Coloro che non sono nati *citati*.

« Nel dubbio si presunmo nati *citati* quelli di cui consta che sono nati vivi. » (Art. 724.)

Agora acreditô cairá em si o mestre, vendo e tãctando não de ligeiro andou em um relevantissimo ponto o nũm ponto capitul

1 Bologna, 1872.

2 Milano, 1856.

da sua definição, facientes a este particular: no primeiro, quando em abno da expressão *esse* esset inveni o exemplo italiano, não vato desenganadamente o papale, cingindo-se ao *citale* e *lei*, por mim proposto; no segundo, quando preceptorialmente assignou que o *vide* *citale* não substitua a *esse* na indicação mística do parto maduro para a vida.

Para mo o dr. CARNERO, emãdo, não tomou de se servir a medicina, cuja laurea o curou, die: que, ali mesmo, lhe não deparou a arbitralia segura os seus esforços. Nos livros italianos disse especialmente a linguaçãõ com zelo da linguaçãõ nãõ se diz *citale*, mas *citale*, mas *citale* e *citale*. Tenho entre mãs a prova nũma obra da maior autoridade. É o *Dizionario Enciclopædico di Medicina e Chirurgia per uso dei medici pratici, redatto dal prof. DR. ALFREDO BOLEMIANO, in Berlino, con la collaborazione di molti dottori e professori, Traduzione italiana autorizzata*. O volume VI, in v. *Foto*, discorre do que o dr. CARNERO pretende se diga naquello idioma pelos nomes de *citale* e *citale*. Pois bom: não e tal assim que ani se escrever, semo, como eu affirmo, *citale* e *citale*.

Façamos certo o ponto com os textos:

« Se come un foto nato alla fine di questo mese » (o sétimo) « può talvolta, con cura ed attenzione tutte speciali, esser mantenuto in vita, così un tal foto sul esse considerato come *citale*. » (p. 62.)

Na pagina subsequente:

« Relativamente alla *citale* e non *citale* del foto immaturo, può dicesi in generale... »

O melho, logo, não vato mais com a verdade que o pãtologo, assentando, como assignou, que, « no sentido restringido da medicina legal, o *citale* não p de ser substituido pelo *citale*. A medicina legal a-ava de responder somentem. O que se no pãle, o que se no deve, o que no se faz, e, sem ao contrario, substitui o *citale* e o *citale* pelo *citale* e *citale* ».

« 234.4. — Por derradeiro, logo, nisto se resume o debate: escolher entre o exemplo francês do *citale*, *citale* e o exemplo italiano do *citale*, *citale*.

Entre as duas alternativas fãra necessario ser galicoparãto resolutô e calmo, para não propondê ao seguãdo. No italiano temos sempre o melho menos remoto do latin e mais visãdo do portugães. Entre a sua verdade e a *francesa* não ha, entre nós, que hesitar.

§ 60

CARNERO POR

« 2323. — Aqui não mo anota o dr. CARNERO a linguaçãõ do substitutivo: anota-me a *expressão preliminar*. Não ha, em sua estimativa, differença de uma a outra coisa. Tudo o *codigo civil*. Demonstrado que a *expressão preliminar* e as notas clãusticas na linguaçãõ, provãdo estarã que o substitutivo não prela.

Felicitemô, neste seu trabalho, não vato muito mais do que esta logica a dissecção grammatical, a que se propõe.

O topico aqui inquirido, no sentir do mestre, é o em que cit fallava do meu cuidado nos estudos vernaculos: « crendo com amor ao idioma, que fallamos, meu *carinho* habitual por elle naturalmente me levã a esse var com cuidado esse facio do assumpto.

Não admitto o mestre a locução *citale* por, como não totem *preferencia* por, e, citando EVARISTO LUONI, de par com Fr. FRANCISCO DE S. LUZ, *ostigmatiza* o uso daquellã proposição em sequencia a *amar, affecto, respectu, odio, gesto* e outras de semelhante fãção.

PAQUALE e VALLERIO. Napoli.

Não aguardava eu, Deus louvado, quanto a essas maneiras de falar, esta admissão maquiavel, para apreender coisa tão velha. Os meus escriptos o atestam. Compilou o dr. CARNEIRO as minhas *Criticas de Inglaterra* (Rio, 1896), e rotatamente o verificará :

« Expressamente o absolvem de *amarello* linheiro.» (P. 118.)

« Não podia ser mais tocante para com elle o *amor dos seus contemporaneos.*» (P. 312.)

« S. Ex. tem consignado nos seus accus administrativos os testemunhos mais inequivocos do seu perseverante *amor da ordem*, bem como do seu *respeito ás pessoas e proprietades.*» (P. 315.)

« Tão viva intensidade adquiria, sob Russas, o *colho da patria.*» (P. 311.)

« Era uma religião, cuja sinceridade se pode avaliar pelo zelo dos seus observantes na *recreação dos emblemas da sua fé* e no *huciar nos symbolos* prescriptos da hereditidade.» (P. 312.)

Dias antes de nos darem os prelos a collocar aqui as *Ligérrissimas Observações* do mestre, onde tal censura se me faz, saiam a publico os *Discursos do professor FRANCISCO DE CASTRO* com um preambulo men.<sup>1</sup> Pois alli verá o dr. CARNEIRO destes exemplos :

« Não é dello que se poderia esperar como escreveu alguem de certo medico estrangeiro cujo *amor da litteratura encarecia.*» (P. xlii.)

« Mas o seu bom equilibrio *amor da sciencia e da litteratura* não esmorecia.» (P. xli.)

« Suas palavras testemunham brilhantemente grande *amor da verdade.*» (Ibid.)

« A falta absoluta de fé, associada ao *gosto do paradoxo.*» (Ibid.)

Mas não dá minha parte essas escarças mais severo escrupulo no observar da regra invocada pelo dr. CARNEIRO, de que têm mostrado grandes e venerados mestres.

*Gosto por*, que o philologo babilonio tacha, na sua *Grammatica* (p. 434), de *selectio*, e que eu, num dos trechos transcritos criticos, usou—o AL. HERCULANO:

« O *gosto* que reinava *pele* nova sciencia.» (*Estudios s. do. e Cassia*, Tom. 5, p. 25.)

ALFRETE disse igualmente: « *Preferencia, preferencia de gosto por alguma coisa* ou de *mauade* por alguém.» E CAMBIO DE FROBERGHO: « *Preferencia, gosto por alguma coisa, ou amarello por alguém.*» AL. HERCULANO escreveu do mesmo modo, por duas vezes, á p. 90 do *Bolo*:

« A *preferencia* que sempre mostrava *pele* seu mestre e o *por* elle.»

*Respeito por*, que, no lappo citado pelo dr. CARNEIRO, mereceu considerado por LEMUS certo do *syntax*, é locução praticada egualmente por AL. HERCULANO:

« Esqueceu-se do fingido *respeito* que em toda a parte mostrava *pele* rainha.» (*O Bolo*, p. 174.)

« **260.**— *Carinho*, porém, não é *respeito*, nem *gosto*, nem *affeição* ou *affetto*, nem *amor*. Será, sim, a manifestação exterior desses sentimentos: será o *desvelo*, o *admirar*, o *aco*.

<sup>1</sup> *Posto* e *littera* esse *conceito* do 41 de o. *littera* *conceito* do do *passamento* *daquelle* *grande* *litterale*. No quinze dias mais tarde *campora* o *anuncio* do *Congresso* a *contra-critica* do philologo *lochan*.  
— Lisboa, 1896.

E, ou não, licito construir essas tres palavras com a preposição *por*? E.

*Zelo de e zelo* de eram pelo *commun*, entre os antigos classicos, as formas preferidas. Souza, na *Vida de D. Fr. Bartholomeu*, escrevia: « *Zelo de* honra de Deus e *de* salvagão das almas.» (L. II, c. 10.) « O *zelo* do *serviço* de Deus.» (L. II, c. 21.) « Como *zelo* de honra de Deus e *de* dignidade episcopal.» (L. II, c. 21.) « *Gravosa* o *zelo* *de* honra de Deus.» (VIEIRA, *Seres*, v. VI, p. 370.)

Seguinte essas neozidas tambem dizis ea:

« Estas *merceas* *escarpadas* são como que as *desfrons* severas de um mundo *zelo* *das* *suas* *hozeiros.*» (*Cartas de Inglaterra*, p. 213.)

Entre os modernos, porém, se AL. HERCULANO falla no « *santo zelo* da justiça » (*Alonga de Cast.*, I, p. 122), não chovido, cotizado, escrever: « Em frei Roberto o *zelo* *pele* *fé* era limitado.» E CASTRILHO, não menos extremado em veracidade, não hesitou em redigir: « *Zelo* *pele* futuro nacional.» (*Pellico*, *na* *Introdução*, p. 93.)

Já antes d'elles FILIXO EUSTO (vol. XI, p. 124) escrevera:

« *Carou* de *ver* o *valze*; mas tal *zelo* *pele* *ilhe* *assual* *uso* e *vanagã*.»

Pelo que toca a *desvelo*, tanto se póe usar com as preposições *em*, *para*, ou *pele*, como com a preposição *por*:

« *Desvelo-vos* *pele* republica, *pele* riqueza.» (VIEIRA, *Seres*, ed. de 1834, v. I, p. 638.)

« *Desvelo-se* *por* *outros* *em* *por* *outros* *nos* *negocios* *de* *outros.*» (L. II, c. 10.)

« *Desvelo-se* *pele* *riqueza.*» (Ibid.)

« *Desvelo-se* *os* *homens* *pele* *riqueza* *e* *não* *pele* *virtude.*» (Ibid.)

« *Por* *quem* *tanto* *pe* *desvelo.*» (Lobo: *Primeira*, Ap. D. VIEIRA.)

Com *extremos*, ori s nos offerece *para*, *em*, *pele*, *por*:

« *Fizer* *extremos* *por* *alguma* *coisa.*» (BUTEAU, *Vocab.*, v. III, p. 105.)

« *Fizer* *extremos* *pele* *saída.*» (Ibid., p. 106.)

« *Fiz* *extremos* *por* *amor* *delle.*» (Ibid.)

« *Curridos* *em* *si* *dos* *paços* *extremos*, *que* *por* *um* *filiz* *liza.*» (Lobo: *Carta* *al* *Abto*, p. 191, Ap. BUTEAU, *Id.*, e MORAVIS, v. *extremo*.)

« *Louvo* *tohos* *os* *extremos*, *que* *se* *fizeram* *por* *ella.*» (Lobo: *Carta*, *Esphra*, v. II, p. 221, Ap. BUTEAU, *Id.*)

« *No* *seu* *extremo* *pele* *antiga* *pozeza* *da* *lingua* *vernacula.*» (LAVINO CORREIA: *Elas*, *Academica*, I, p. 11.)

Segndo, pois, as expressões de *zelo*, *extremo*, *desvelo* equivalentes de *carinho*, na accepção e a que o uso, a *voga* geral do *por* com os substantivos *desvelo*, *extremo* e *zelo* eveloz, que essa a, da em uma sorte, a preposição verbalmente associavel a *carinho*.

Demais, o tomarmos *carinho* na significação de *affetto*, será o affecto exaltado, estremeado, o *admirar*, o *entusiasmo*, a *paizão*.

Or, com o vocabulo *ador*, a preposição *por* é a autorizada: « *Obtivera* *satisfazer* o *ador* *pele* *luz* e *pele* *triumphos.*» (A. HERCULANO: *Id.*, *de* *Cast.*, v. II, p. 115.)

A mesma preposição é a que, com o vocabulo *entusiasmo*, serviu ao autor do *Eurico*, esse romance-poema: « *Transformado* o *entusiasmo* em *entusiasmo* *pele* *virtude.*» (P. 11.)

<sup>1</sup> *More* *seruice* a *use* *elencio*, *nes* a *particular*, *acção* *leje* *de* *hot* *entusias*. *Entusias* *Entusias*, *por* *extremo* *redigita*. « *Se* *me* *entusias*, *em* *justica* *dos* *reis* *activos* *almeida*, *entusias* *de* *seus* *servicos*.» (IV, p. 110.) *credo* *que* *presentemente* *dirigimos* *de* *preferencia*: *entusias* *pele* *seus* *servicos*.» (V, p. 100.)



Socsa :

« E com estes não lhe duida que venia Guimarães também ao convento de Lisboa em alguns annos, sem embargo de ser começado a edifical ao justo dezovene annos depois. » (Hist. de S. Domingos, 1ª parte, l. IV, c. 12.)

Assim, para o meu « conceito a executar », tomou, nos melhores autores : começado a executar (DUARTE NUNES) ; começado a edificar (Fr. Luiz de Socsa) ; começado a contar. (Castello.) Foi este portuguez « embarcado e torado » que copiei.

§ 13

ANOS. 1.333. 1.335. 1.380. 1.132

INDENIZAR

200.—Tendo em scriptura: «a lha indenziada a differença cari. 1.333; « indenziar o gestor as despesas ca. 1.380; «a sociedade indenziará cada solo os prejuizos ca. 1.380; indenziar o offensor ao offendido as despesas ca. 1.422, vem meo com embargo de primeira e mestra, allegando que «em portuguez não se diz: indenziar a não se cogita com lha; indenziar alguma coisa não he alguma coisa».

Está enguado o mestre. Com o mesmo emho portuez diremos assim de um caso da outra modo.

De que se use o verbo na oração com a ultima dessas formas, seria precipitado inferir não lhe cabia egualmente a outra.

Synonimo de indenziar o gestor, noua das suas accepções: a de pagar a alguém o que perdeu, ou em que foi lesado.

Bois bem : com a forma correspondente a indenziar alguma de alguma coisa, temos, é verdade, restituí: alguma de alguma coisa.

Exemplos:

«Tendo passado sem novas de V. S.ª dois correios, o terceiro restituíu-me desta perda.» (VIEIRA: Cart., v. IV, p. 118.)

«A ponhos lances si viu restituído da que fora feita.» (Cart. a Sereno, v. III, p. 213.)

«Restituir alguma de alguma perda, dano, injuria; INDEMNIZAR.» (MORAES, Dic., v. restituir.)

«Era justo... que com boas obras o restituíssem as suas males passadas.» (Lima: Postar Peregrino, Ap. MORAES, ib.)

«Com arte repara uma mulher as ruínas, que lha causou a cidade, restituíu-lhe as casas, dantas e cabello.» (Arte de Furtar, c. I, p. 11)

«Restituir-me não se cogita.» (L. de FORTALEZA, lra.)

Outras vezes, entretanto, o encontramos com a forma da indenziar ou ora censurada: indenziar a alguma alguma coisa. Assim:

«Restitui o dano.» (MORAES.)

«Tendo passado sem novas de V. S.ª dois correios, o passado me restituio esta perda, com duas cartas de V. S.ª.» (VIEIRA: Cart., v. IV, p. 118.)

«Toda o homem que dá causa gravemente culpavel de algum dano cravo, se o não restituio, quanto pode, não só pólo salvar.» (VIEIRA: Sereno, v. II, p. 190.)

«A um queimastes, a outro fizesdes; e de ambos devei: restituíu-me egualmente. Ao que queimastes, deveis restituíu da má que lha fizesdes; ao que fizesdes deveis restituíu das males que elle fizoe... restituíu-me dano e das suas equieiras... restituíu-me

os danois de suas palavras... restituíu-me os danois das suas omisões... restituíu-me os danois de seus descobertos.» (Ibid., c. 307.)

«Restitui o dano.» (VIEIRA: Cart., v. VII, p. 297.)

Recuperar-se o mesmo é que indemnizarse do perdido. (MORAES: Dic., l. o se se indemnizao ou resarcido.) (C. M. FRANCINO: Dic.) Mas, com essa, sem a outra forma, não dá a que ora se trata a substituição do pretérito o que se perdeu.

Pagar-se alguma de prejuizo, ou a pagar, satisfazer, alguma men e o pagar a alguma o prejuizo, que ora.

«Pagar, em certos casos, equivale a pagar, satisfazer, indemnizar.» (MORAES, Dic.) Isso, bem que tenha, ao mesmo tempo a forma: «pagar-se de, ou se satisfaz de:

«Fui indemnizado da perda.» (VIEIRA: Cart., v. II, p. 291.)

«Fui indemnizado de ambos os livros.» (Ibid., v. IV, p. 31.)

«Fui indemnizado do livro, que o tem tempo de escrever.» (Ibid., p. 103.)

«Fui pelo secretario o termo de entrega do preso, se entregado ao alcaide.» (VIEIRA: Obs. Vices, v. I, p. 12.)

«Entregue-se de alguma coisa : pagar-se, satisfazer-se, indemnizarse de lha.» (MORAES, Dic.)

«Entregue-se das costas, que fizera.» (ANDRADE: Obra, de D. Joo III, II, c. 35.)

«Entregue-se das devidas.» (Obs. Affor., v. t. 108.)

«Entregue-se do somo que postera.» (Lima: Obs., t. 61, Ap. MORAES.)

Com varios outros verbos occorre a mesma duplicidade no jogo dos complementos. Dizemos «encargar a alguma alguma coisa», e «encargar alguma de alguma coisa.» (MORAES, AGUIAR.) Toma-se ainda alguma coisa a alguma : «lho licencio a seu irmão a compra de quadros antigos.» (AGUIAR) ao mesmo passo que licenciar alguma de alguma coisa : «licencio-lha de me procurar umas casus.» (MORAES.) Escrevemos «persuadir alguma coisa a alguém», e «Persuadi-lha que era assim.» (MORAES.) Não meos correctos non tre pnciamos, porém, se diz «persuadir algum de alguma coisa.» «E preciso necessario de lha verdade.» (AGUIAR.) Toda a gente lha em consolar alguma de alguma coisa (MORAES, AGUIAR) : o que não exclue podermos dizer, com VIEIRA : «Vede se temos com que consolar a perda.» (Sereno, v. VI, p. 135.) Ambos esses fórmis sém egualmente o verbo licar, licar alguma de : «As fórmis de que o disto.» (VIEIRA: Ap. MORAES.) Dotar a algum alguma coisa : «Dotou-lhe as cidades de Curitiba.» (AGUIAR: Dic., IV, c. 1.) Dotar alguma de outras a algumas : tempos. (MORAES: Dic., I, l. 1.) «Dotou-me de lha mala.» (MORAES, V. 17.) O mesmo com varios outros verbos. «Lho pnciar e fôrme.» «novo de munieios : fornecer munieios ao novo. Assim fornecer : proveo os aliméto.» (VIEIRA, Ap. MORAES) e proveo de aliméto. Assim coisar, estificar. E muitos mais.

Tomasse os dois lexiconaphos mais recentes, os que melhor estampam o uso heolico da nossa lingua, AGUIAR e FRANCINO. O primeiro adotta assim o verbo indenziar : «des indenziar ou reparação ; compensar, coisar.» E os termos identicos usa o segundo. Ora não se diz: compensar-lhe o dano, compensar-lhe o prejuizo? Indubbiavelmente. Não se diz: reparar-lhe o dano? Não de outro modo se costumam dizer. (MORAES.) Logo, da mesma sorte como se diz coisar ou compensar alguma coisa a alguma, assim se poderá dizer: indenziar a alguma alguma coisa.

TEXEIRA DE FREITAS, na Consolidação das Leis Civis, ora so volta do tira, ora do instrução.





«Inútil já no peito o Deus ferre;  
Faltava furor the vultu a mento.»

(*Id.*, p. 39.)

«E mas emulido, pes the res, lundeyam.»

(*Id.*, p. 104.)

«Da morte a pallidez the está no aspecto.»

(*Id.*, p. 107.)

«Frorem torpe  
Nos a queiros dentes the negra.»

(*Id.*, p. 108.)

«Longo o riso the está nos negros lábios.»

(*Id.*)

«A lingua se the fonde.»

(*Id.*, p. 205.)

«Leva da ara um fido, com elle no rosto  
De a d'abito.»

(*Id.*, p. 242.)

«Para que ás lousas  
Mais prosperos auspícios the presidam.»

(*Vest.*, II, p. 45.)

«Olha the a dextra.» ( *Id.*, p. 49. ) « *Me* estava no fudo.» ( *Id.*, 117. ) « *Saltado* em correntes as tres figurais.» ( *Id.*, 185. ) « *Respetando the* o jesu.» ( *Id.*, 211. ) « *Lhe* põe na dextra.» ( *Id.*, III, p. 9. ) « *Quilhe* o fudo rum ecorer validades.» ( *Id.*, 17. ) « *Erta the* pastisimo.» ( *Id.*, 23. ) « *Se* da origem the não sabeo.» ( *Id.*, 29. ) « *Com* *restr the* a armada.» ( *Id.*, 37. ) « *Esconções* nos caelões the relumam.» ( *Id.*, 41. ) « *Impura* á sombra que *the* lar, ar a estancia...» ( *Id.*, 51. ) « *Constat the* o rigido.» ( *Id.*, 105. ) « *que* lamnos *the* ponham o pé no limiar.» ( *Id.*, 115. ) « *Intrav the* do noio no palacio.» ( *Id.*, 157. )

«Assustido o irmão para ser tua;  
Para que minha a trmã *the* me assustias.»

( *Id.*, 158. )

« *Eu* *sig the* o exemplo avoz.» ( *Amores*, I, 78. ) « *Cede the* a palva ao imdo.» ( *Id.*, 67. ) « *Me* esteja a d'ita.» ( *Id.*, 19. ) « *A* vanto *the* a dividiãam.» ( *Id.*, 21. ) « *Extrase the* a fúria.» ( *Id.*, 32. ) « *Sent the* o calar.» ( *Id.*, 45. ) « *As* *passos the* estraga.» ( *Id.*, 70. )

« *As* *feix the* cinzas a terra  
Nunca *the* seja pesada.»

( *Id.*, 83. )

« *Vou* *contar the* o nascimento.»

( *Tout de Amorez.* )

« *Si the* lenho o coração.» ( *Sinho de uma Noite de S. João*, p. 13. ) « *Quem the* toma as legões.» ( *Actos*, p. 31. ) « *Comecar the* o supplicio.» ( *Id.*, 157. )

« *Est the* aniciso á porta.» ( *Poeta*, p. 45. )  
E mais: p. 213, 220, 221, 225, 228, 248, 301, 327, 248, 288, 302.

« *Escheram the* a memoria, *atrophiam the* a inteligência.» ( *Pedico, pelo Inst.*, p. 36. )

« *Elle se the* *penit* *antonomastico* *presence*...  
Nestas parias *the* the exauriam as forcas.» ( *Amor e Melancol.*, p. 270. )

Ainda: p. 240, 254, 297, 327, 391, 395.

LATINO COLLAS: «Tendo-se escondido no Pireu,

*descebrar the* a guarda.» ( *Orag. da Coroa*, p. 28. )

C. CASTILLO BAZCO: « *Esperem the* pela volta.»

( *op. cit.*, p. 231. ) « *Não* *the* *chegam* em faldigina aos calcenários.» ( *Idem.* )

« *Conheca the* o leão.» ( *3 Bouslavos*, p. 240. )

« *Refrigera the* a lista.» ( *Idem.*, e *Sentimental*, II, p. 169. )

« *Opõe* as pedras

*Natar the* sob os pés.»

( *Idem.*, *Inst.*, I, p. 194. )

OLIVEIRA MARTINS: « *Oscillando the* o espirito entre a terra e o céu... Embora os annos the tivessom branqueado já as barbas e os cabellos.» ( *Novo Amores*, p. 412. )

Amigos: p. 311, 320, 311, 322.

RAMALHO: « *Tinha the* pasto pouco á cataca.»

( *Atitanda*, p. 1. ) « *Foi* *espartilhado*, *pregando the* os membros.» ( *Id.*, 18. ) « *Sente se the* no bolso da subreca-a car eira bou recolhida.» ( *Id.*, 58. )

E as: « *Exclamou* *ello*, *apoderando-se the* da mão.»

( *Os Amigos*, p. 289. )

JOÃO BRUNO: « *Admirava the* cada vez mais a flexibilidade do lenço.» ( *Amores*, p. 121. )

« *Mirando the* as formas frauzinas.» ( *Id.*, 122. )

« *Somelhamento*, p. 124, 127, 227. »

MACHADO DE ASSIS: « *que* mais the *quadrava* no sabor.» ( *Amores*, p. 39. )

« *Os* *olhos* *banha-* *ram-se the* de orgulho.» ( *Id.*, 32. )

A mesma syntaxe: p. 35, 53, 78, 102, 233, 260. )

« *Resata the* em torno da cruz.»

( *Poetas*, p. 14. )

« *Murcha the* vira, a rosa da ventura;

*Morta*, *insultar the* a paz da sepultura.»

( *Id.*, 175. )

« *Passo* *apiedrar the* o estrecho forlão.»

( *Idem.* )

« *Os* *pés* *do* *meu* *e* *vante the* *cingira*,

Com os da fronte os braços the *peava*.

E ambas as faces: *the* *molde* *com* *tra*.

Os outros do's ás casas the *alougava*.

( *Id.*, 336. )

« *Li* *um* *rugido* *no* *peito* *the* *murmura*... »

« *O* *sangue* *the* *esfloram*... »

« *Como* *um* *grito* *de* *morte* *a* *voz* *the* *soa*... »

( *Id.*, 387. )

« *Simulada* *alegria the* *descorra*

« *Os* *lábios* *the* *riso* *a* *flor*, *ocasso* *o* *do*,

« *Que* *mal* *the* *enche* *as* *vergouhas* *magustas*... »

« *Como* *que* *se the* *fecha* *a* *flor* *do* *rosto*... »

( *Id.*, 188. )

Do mesmo genero se acharão outros exemplos alli, a p. 23, 24, 81 (duas vezes), 147, 148, 149, 150, 155, 161, 169, 172 (duas vezes), 174 (tres vezes), 184, 186, 190, 195 (duas vezes), 196, 198, 199, 200, 205, 209, 210, 217, 219, 220, 225, 230, 231, 241, 240 (duas vezes), 250, 258 (duas vezes), 281, 286, 288, 331, 330 (duas vezes), 347.

Já é munição de respeito essa que ali vae gasta, Poldoria ir adante, sobrepondo uns a outros, sem cessar, exemplos seme-

hantes, por se neno esses não bastassem; que ninguém vici por dila nos seus exemplares da nossa linguagem, que os não leve a mais chousa. Mas a abundância de acedidos transcritos já é tamanha, que seria de todo por demais trabalhoso.

Porém, elle a respeito da nossa lingua, se não se dá a opinião possivel que:

1.ª, esta se quize estudar nos mais remotos monumentos da lingua portugueza;

2.ª, que, nascendo com ella, com ella se perpetua, sem se lhe desentão, não mais seja uso, eomun e frequente em todos os escriptores;

3.ª, que entre os contemporaneos é tão usual como entre os antigos.

Julgueso agora da sciencia, com que o critico parlamentar, considerando este ponto, exaltadamente declara:

« A supprissão das possessões é tambem de dadas-ternas perdas portuguezas. Neste ponto a linguagem builteira ainda se não deixou corromper, guardando o cunho da sua veracidade.»

Tou a muito senhor aceno por modernos a elrei D. DEARTE e FERNÃO LOPES?

Tou por invenções e correções a Sr. LIZ DE SOUSA, THEOD. DE JESUS, ANTONIO FERREIRA, JOSE FERREIRA DE VASCONCELLOS, D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, LEITOR PINTO, ANTONIO VIEIRA, JACINTO FERRE, FILIPIO ELVISO, A. DEQUILANO, ANTONIO DE CASTILHO, GONÇALVES DIAS e MACHADO DE ASSIS?

Considera perdas a JELLO RIBEIRO, JOÃO RIBEIRO, OLIVEIRA MARTINS, RAMALHO ORTIGÃO e BYE DE FERREZ?

E com essa ignorancia radical, absoluta de coisas tão elementares, que esta critica se mette a levantar questões philologicas, contendo o desdinho com otonos de saber.

«232.—Quem se der ao que a muitos parecerá fasia de portar, trar esses trocos, verá que maravilloso instrumento de brevidade, precisão, clareza e elegancia que esse recurso vernáculo no monco da nossa lingua. Só o esquecem os melhores escriptores, quando lhes cado a mão, em prejuizo do osmero na forma, a lera, ou o cizel. Onde, por exemplo, escrevem CASTILHO: «Ouvia as suas conversações em voz alta», outra ligeireza, harmonia e graça toria o phrasico, se dissem: «Ouvia-the as conversações em voz alta.» Certas occasiões é a noz que se enfiçoem no obscuro, a a transparençia da idea que se outura com a maneira vulgar de exprimir a dependencia, ou posse, «suos», observava um bom escripto, «que os prindentes se compalceam de um espirito, a que chamam perdão, e que os seus se consorciam quanto estubantes, até fados e algumas mitteres, lentes que retinam os seus escriptos.» Com o uso do possessivo o aliepo da e phrasico, nesse phrasico, poderá ser duvidavel, ou não resultar a primeira visca. Substitua-se, porém, *os seus* pelo *ditivo the*, e no mesmo ponto se verá distinctamente que a allusão não pode ter senão a esse *escribio*, que os prindentes chamam perdidos.

Foi deste possivel segredo vernáculo que me vali, emendando a a dicitão do fador pass-the aos herdeiros, onde estava: «A obrigação do fador passa aos seus herdeiros.»

A isto que diz o mestre? Que, neste passo, se emprego do pronome em lugar do possessivo não trouxa a expressão do pensamento *agrella nova e elegancia que notras circumstancias se nota.*

Favorecer-nos-ó o illustre consor com a exemplificação dessas circumstancias *notas*? Eulimicou nos favorecer. Bem me estaria, entendendo elle, se ou dissesse:

«Agradoo-the a fuzca; respeito-the os escriptulos; louvoo-the a paciencia; admiroo-the o salior; venero-the

a viridade; beijo-the as mios; havia já dois annos que he haviam morrido; e o mio; descobrio-the os embustes; exalioo-the os hrios; arrancao-the os miolos; acendoo-the o duplo; rompoo-the as vestes; lisongeoo-the a ja, e, e, e.»

A estes dizeos responde *deomoso e omoso* o ementio professor. Ao men, não. Pois este não se dá exactissimamente a meus coza? Aquelles, a. Juizo do mestre, graciosos e elegantissimos. Este degado e exaeboso. Mas onde a differença, amins linear, capillar, microscopica entre um e os outros, entre a minha emenda e os modelos do mestre? Estes dizem: «Agradoo-the a fuzca, venero-the a viridade, ou exalioo-the os brics; aquelle: «Passo-the aos herdeiros.» E haverá, neste maculo, as olhos da grammatica, ou as arellas da harmonia, alguma distincção entre isto e aquillo?

So ha! Isto é men; o aquillo, do mestre. Mas tó o caso de perguntar como o cavalleiro do *Palaciano* que prestam razões, onde não ha razão?

§ 67

ART. 225

## CORRESPONDENCIA ENTRE VERBOS

«234.—Procede aqui a emenda CAIXEIRO. Mas o erro era tão obvio, he, palpativo, tão grosseiro, que o mais vulgar dos escriptores se poderia indignar a supella de o haver commetido do advertidamente. Seria naturalmente que os mais elegantes da estetica, e não as malignidades da viciosa, a que a critica he separada e julga-tosa feita por admiravel, e que mellos, multissimos outros assims como esse não abundam, não traido de quella extensão, complexidade e mitezas, concludo em cerca de cincoenta dias por um homem absolutamente sózio e desajobado, quando, atenta, nessa tarefa, a sua granzeza, a seu melho, a sua variedade, era para absorver quatro ou seis tobalis de os assidos no curso de mozo e mezo.

§ 67

ART. 225

SERVEN TIVO, OE

INDICATIVO

«237.—Uma differença de letra, a troca do *na* em *em* e no final de um verbo, rende aqui ao mestre ensino do pontificar e triangular nessa plentido sabedoria das eras e faes de-fortas. Estribia aqui o *ordim*:

«A que que contraher novas muezas não perdo por isso o direito de ser os filhos na sua companhia, de qual só poloço ser retirados por ordem do juiz, provado que ella, ou o padrao, não os trate convenientemente.»

Dofadado a essa disposição mientemente as cinco primeiras parafas, «*onde uno contraher novas muezas*, alivrei a seguinte emenda:

«Art. 35... não perdo o direito a ler consio os filhos, que só he poloço ser retirados, mandando o juiz, provado que ella, ou o padrao, não os trate convenientemente. (Art. 25, n. 1, o 4.º.)»

1 Resposta, p. II, col. 2.ª.

2 C.V. N. OLIVEIRA; *Paras*, v. II, p. 476.

1 P. II, c. 132.

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...

1853

... d'una ...  
 ... d'una ...

1854

... d'una ...  
 ... d'una ...

1855

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

... d'una ...  
 ... d'una ...  
 ... d'una ...

M. Mail & Sons, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200.









santos.» (SOTSA: *V. da Arc.*, l. II, c. 24.) «Des maravilhas que nella obra o ent.» (*Id.*, c. 32.) BERNARDES: *Leis e Cust.*, p. 36, n. 48, p. 65, n. 65. — Consideramos na perfeição e milizia, com que os santos *obscuro*. (*Id.*, p. 97, n. 117.) «Aqui se descobrio outro par de perfeições no modo da *obscuro*.» (*Id.*, p. 97, n. 128.) SOTSA: *Id.*, de S. Domingos, l. I, VI, c. 32, p. 256, 257. — «Sua *obscuro* de obrar com os irmãos.» (BARREAS: *Doct.*, c. XIX.) «Fadado, *obscuro* contra elles.» (BARRET: *Obs.*, v. XXIII, p. 115.) «Mas grandes coisas do mundo se tem *obscuro*, por semelhantes pezenças.» (*Id.*, p. 304.) «Não diziam o que sentiam, ou não *obscuro* como diziam.» (*Id.*, p. 114.) «*Obscuro* como português o ministro de enfado; como português estão *obscuro* os ministros de hoje.» (CASTILHO: *Jelic.*, pela *Indic.*, p. 81. Mais: *Amores*, v. III, p. 9, *Poetas*, p. 113, 135.)

«Executando e *obscuro* passadamente.» (J. F. LISBOA: *Obs.*, v. IV, p. 31.) «*Obscuro*: «Os prodígios *obscuros* nas escolas.» (*Id.*, p. 12.) «A Palagonia *obscuro* sobre o intellecto como Vidley *obscuro* o figado.» (EÇA DE QUEIROZ: *Fant.*, p. 65.) «Ou porque nelle se tivesse li *obscuro* com a cidade esse plannimento.» (*Id.*, p. 38.) «Tive necessidade de deixar sair, para se affirmar e *obscuro* lora, aquilo immenso talento.» (*Id.*, p. 172.)

«Actuar: «No mar que força *actua*.» (*Geograph.*, p. 17.) «A educação da mãe era vana depois a *actua* na educação domestica dos filhos.» (CASTILHO: *Cult.*, p. 68.) «*Actuar* sobre multitudes de enfermidades e misérias.» (*Id.*, p. 141.) «Podroão *actua* sobre a agricultura.» (*Id.*, p. 181.) «As coisas economicas... *actua* com aquella pessente energia que talos sabem haver nas jureas compostas.» (*Id.*, p. 204.)

«Proceder: «Não foi de consideração pella muita vigilancia com que o capitão *procedia*.» (SOTSA: *Amores*, p. 230.) «Senão informado da realidade com que o Xequê Raxix *procedia*.» (*Id.*, p. 256.) «E não bastou para lho cortar, do dote *proceder* um caso não cutadado.» (*Id.*, p. 2.) «Voz gran, des informações um flegma da vida e governo o modo do *proceder* de seus antecessores.» (SOTSA: *V. da Arc.*, l. I, c. 11.) «Como *procedia* cada um em sua obrigação.» (*Id.*, c. 12.) «Neste modo de *proceder*.» (*Id.*, c. 13.) «Neste genero do *proceder* era incansavel.» (*Id.*, c. 14.) «O modo que aquelles palcos tinham em *proceder*.» (*Id.*, l. II, c. 32.) «Vontade a modo com que os homuns *procedem*, e com que *obscuro*.» (FRINTE: *Obs.*, v. XIII, p. 218.) «Na Balda *procedem* se como nos dancas pontos da monarchia.» (J. F. LISBOA: *Obs.*, v. IV, p. 27.) «Virtudes domesticas... «Virtude *procedente* para bem *proceder* e bem *proceder*.» (RAMALHO: *J. Hall.*, p. 342.) «Não *procedesse* contra os humilios.» (*Id.*, *Randres*, p. 437.)

«PORCIAR-SE: «Para mostrar que a Mãe se *porcia* como se não fôra Mãe.» (VIENNA: *Serua.*, v. IV, p. 218.) «*Porcia*-se de tal maneira, sendo sempre o mesmo, que vos possim todos levar.» (*Id.*, v. V, p. 169.) «Assim *porcia* *porcia* da maneira que ômi inclineis para um parte não iam outra.» (*Id.*, v. IV, p. 215.) «Eilo se *porcia* com tal mansidão.» (M. PINHO: *V. II.*, v. II, p. 181.) «Outro *porcia* *porcia* se fêz.» (*Id.*, p. 231.) «Se a alta intervenção divina se *porcia* estruendo em ataques e escurramças que o padre Casimiro narra sem lesão.» (CAMILLO: *Maria de Paulo*, p. 85.) «*Porcia*-se sempre em honra.» (RAMALHO: *J. Hall.*, p. 288.) — *Id.*: *Randres*, p. 38, 129; *Os Melões*, v. I, p. 231, 361, 377, v. II, p. 159, 213, 302.

## COMPORTAR-SE:

«E eu vim um se *comportava* dando graças infinitas  
A Deus e a El-Rei e a Corte.»

(D. VIENNE: V. II, p. 437.)

«Combitura uma *comportava*»

Combitura.

(FRINTE: *Obs.*, v. XIII, p. 114.)

«*Comportava* de uma mulher atroz.» (EÇA DE QUEIROZ: *Os Melões*, l. 9.)

«Não menos compositos assim se *comportava* imantavelmente.»

(EÇA DE QUEIROZ: *Os Melões*, l. 9.)

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

«*Comportava*...»

1 Edic. de Lisboa, 1694.

2 Ed. de 1866, v. II.

3 Com esta analogia usavam os latinos de *habere* na accepção de *comportar-se*. FRINTE: *Grand. Dictionn.*, v. II, p. 663.











obstante, poderão os credores hypothecarios oppor-se á venda da estrada, ou de alguma de suas ramadas, ou de uma parte consideravel do material de exploração, assim como á fusão com outra companhia, sempre que a garantia do pro. que julgarem diminuida a debita hypotheca: com isso en-garantida a divida.»

Observa o mestre que «a emenda não diminuiu o numero de palavras, nas quaes se vive o som de r.»

Sophisma. E' pueril estarem-se á contar os vocabulos e abebulos em r, quando o de que se trata, é daquelles em que o r, ultimando periodos, ou accentuando phrases, não é a primeira de duas, ou rimes. Tal o que se dá, no projecto, com a desinencia de *exploração* e a de *excepto*, as duas unicas a que se não applica.

Considero-se bem nisto. Só aquelles dois vocabulos estapeam em grilho. Não o fiz aos outros, que lhes succedem, igualmente em r: *nao, polveira, exploração, feitura*.

Porque?

Porque esses, *cabidos* nas orações do que participam, não se ouvem nas pausas do recitar, e, portanto, não estam, não rimam.

E' o que succede á seis palavras em r, notadas no substitutivo. Lá se acham, sim, mas sem inconveniencia, tas como as que, pelo do projecto que não censuro; porque o contacto da phrase as absorve, as envolve, as amalgama, e não lhes permittiu censurarem.

Bem pouco observador será o dr. CARNEIRO, se de tal não doutino.

§ 78

Art. 654

ECOS EM R

200. — O projecto aqui se exprime nesta forma:

« Quando uma obra feita por collaboração não for susceptivel de divisão, nem estiver comprehendida na disposição do art. 655, os collaboradores gozarão, não havendo convensão em contrario, de direitos iguaes, não podendo qualquer delles, sem o consentimento dos outros, sob pena de indemnização por perdas e danos, reproduzi-la, nem autorizar a sua reprodução, salvo quando feita na collecção de suas obras completas.»

Quanto a esse?

« Quando uma obra feita por collaboração não for susceptivel de divisão, os collaboradores gozarão, sem autorizar a sua reprodução...»

Não são, portanto, os ecos tantos quantos se ouzara, isto é, são tão somente quatro; visto que as outras palavras de igual desinencia, *nao, convensão, indemnização, disposição, collecção* se dissimulam no contexto do phraseado, e por isso não resonam. Mas são, em todo o caso, quatro ecos.

Substitui-se:

« Quando uma obra, feita em collaboração, não for divisivel, nem couber na disposição do art. 655, os collaboradores, não havendo convensão em contrario, terão entre si direitos iguaes; não podendo, sob pena de responder por perdas e danos, nenhum delles, sem consentimento dos outros, reproduzi-la, nem lhe autorizar a reprodução, excepto quando feita na collecção de suas obras completas.»

Declamado o trecho, tel-o-empos decomposto assim:

« Quando uma obra, feita em collaboração, não for divisivel, nem couber na disposição do art. 655, os collaboradores, não havendo convensão em contrario terão entre si direitos iguaes; não podendo, sob pena de responder por perdas e danos, nenhum delles, sem consentimento dos outros, reproduzi-la, nem lhe autorizar a reprodução excepto quando feita na collecção de suas obras completas.»

Haveria ali alguma coisa? Poderiam occasionalmente os dois nomes *collaboração* e *reprodução*, a não se acharem tão longe um do outro. Os mais obvio é que o não fizem. Pouco importa que as palavras findem em r, sejam ali nove, como contos o mestre, incluindo ali os seus postos em começo de sentenças; pouco importa se ali nove, ou noventa, uma vez que a compozição da phrase os envolve, e indulta de resumir.

E' o que o mestre não quer entender. elucidando nisto como desavento rimar, o insigne sophista.

§ 79

Art. 659

Todo o, todo

207. — Como neste artigo se he deparasse a expressão *todo o trabalho*, e por varias vezes se he offereceram, ao correr do meu trabalho, lições, onde no *todo* se segue immediatamente o substantivo determinado, aproveitei o ensejo o dr. CARNEIRO, para dissertar da materia, a cujo proposito desorganicamente sustenta ser inevitavel ao artigo entre aquelle adjectivo e o nome a que adhire.

Sempre costumei escrever assim. Haja vista as minhas *Obras de Logistica*, o ultimo dos livros meus em cuja revisão algo na diligencia empreguei. Tomo dali alguns excerptos:

- « Por toda a parte.» (P. 48.)
- « Toda a minha vida.» (P. 212.)
- « A arte da transacção, a que se reduz toda a sabedoria politica o todo o agrado da vida.» (P. 231.)
- « Para todos os tempos e para toda a parte.» (P. 255.)
- « Por toda a parte.» (P. 225.)
- « Em toda a parte.» (P. 240.)
- « Em todo o seu discurso.» (P. 265.)
- « Toda a sua carreira.» (P. 274.)
- « Toda a gente sabe.» (P. 303.)
- « Por toda a parte até hoje.» (P. 338.)
- « Perrevo tola a Europa.» (P. 396.)
- « Todos os sons.» (P. 222.)
- « Todas as autocracias.» (P. 321.)

Mas não por isso me conformo com a prolação do mestre, caso he tão absoluto não arbitrario, que, sem fundamentos, despara a nossa lingua de uma variação grammatical tão legitima e útil, como a que se quer favorecer com o privilegio exclusivo de legitimidade.





**300.** — Muitas louções, repito, compunham os antigos com o verbo *fazer*, ás quaes não dá entrada o uso moderno.

*Fazer gente* «fazer olli», em 1.ª de *de sobre geral*, Ellicials, junta-de, ou arregimental-a: «A filha *faz* muitas *gentes* para entrar em Portugal.» (D. NUNES: D. João I, c. 50, p. 294.) «Ara que *se* *gentes*, que mandara *fazer* em Inglaterra, pudesse chegar.» (D., c. 55, p. 231.) «Os da cidade lhe mandara em com muita brevidade e boa vontade.» «El Rey *faz* a cidade de *Castella*...» (D., c. 63, p. 291.) «Nappete temo *fazer* a el-rei o *condesavel* Almonde *fazer* *meio*...» (D., c. 68, p. 357.) Neste sentido escreverem semelhante-mente João de Barros: «El Rey *faz* a ilha de *espanha* *condesavel* que mandou vir da terra firme *faz* a *secretamente* para este caso.» (D., III, vii, 3.) (que me diria, em italiano, o dr. CARNEIRO, se eu, firmado a sua autoridade classica, me accusasse á expressão *fazer gente*, *fazer espangardeiros*, na accepção de os angariar, ou alistar?)

*Ronete*, *lanço*, *capoteiro* escolar, ou armado, é como ao presente nos exprimiriamos. Mas os classicos diziam *fazer ronete*.

«Tudo *faz* *uma* *maneira* de *vinte* *naus* e *phrases* de *DUARTE* *NUNES*, na *Cron. de* *Rey* *D. Affonso* V, c. 28, p. 283.»

*Lançar*, *dos* *ou* *dellos* *baços* é como hoje se fallia em nosso idioma. Entre os antigos, porém, não era raro dizer-se: «*fazer* *baços*». «Vindo elle a falar em seu casamento, se achou que se no dia seguintes lhe não fossem *baços* *fitos*, se não podia *fazer* *dati* o *muitos* dias.» (D. NUNES: *Id.*, c. 68, p. 308.) «Escriveu logo ao bispo da cidade que ao outro dia estivesse prestes para lhe *fazer* *os* *baços*...» (Ibid.). Seria hoje admissivel esse escrever?

E que me não diria o professor CARNEIRO, se, em vez de *lançar*, *dizem* *ou* *pega* *em* *a* *abolição*, *escrevesse* *eu*, *como* *DUARTE* *NUNES*, *fazer* *abolição*? Li esta *na* *contes* e *Vida* *de* *Rey* *D. Diniz*, c. 9, p. 37 (ed. de 1780): e, depois de se *fazer* *abolição* *plena*, se tornou a *possessão*, citando o *Decreto* *da* *Academia* (p. 38) outros exemplos desta applicação.

Dizemos, hoje em dia, *eser* *raizes*, *lançar* *raizes*, *de* *se* *raizes*, *profundas* *raizes*. Se eu, antigo, porém, a *epize* *ou* *a* *de*, *fazer* *raizes*, não me estranharia eu, dr. CARNEIRO? Certo que sim, e com razão. Pois é classico da melhor nota. «O olli que tinha ao infante», escreve D. NUNES na *Cronica* *de* *Rey* *D. Affonso* V, *eser* *raizes* *ja* *no* *das* *raizes*...» (C. 21, p. 194.)

As *abolitions* *Affonso* *são* *ainda* *mais* *velhas*. Se se der a feitura, occorrem o dr. CARNEIRO *lizes* *sem* *numero*, que o fallar de hoje rejeitaria. Não basta, pois, inventar, para legitimarmos como de bom uso a *abolition* *fitos* do projecto. *Fazer* *raizes*, dizem ellas na accepção de *abolition*, *raizes*, *abolition*, *eser* *raizes* de *se* *raizes*, *raizes*, *raizes*, *raizes*. *Fazer* *raizes* usava o rodigo folioleto, na intercepção *de* *de* *raizes*, *raizes*, *raizes*. «Se me der *raizes* a *raizes* de *raizes*.» (Ibid., II, 30, 2.) *Fazer* *raizes*, ainda se poderia hoje usar, *raizes* *raizes*, na accepção *de* *raizes*, *raizes*. Mas *fazer* *raizes*, como D. NUNES, na accepção *de* *raizes*, *raizes*, não se poderia usar. O professor CARNEIRO, já que tem por essa phrase a mesma autoridade, invocada car. *Fazer* *raizes*, *raizes*?

Vogava outrora o *fazer* *na* *cauda*, na accepção de enche-lo, *na* *cauda*, no sentido de proval-a em juizo. *Fazer* *na* *cauda* na significação de cansala, ou assil-a, *fazer* *na* *cauda*, us de o vertor, ou detransar *fazer* *na* *cauda*, na de tonal-a ou creche-a. Eram classicas. Bastaria, para que actualmente chrislásssem sem p. p. 197?

No *livro* *da* *Essencia* (p. 61) se *escrevia* *fazer* *raizes*, *na* *cauda*: «E tinham vontade de *querer* *ante* *alguns* *vezes* *fazer* *raizes* *na* *cauda*, que de todo deixam denotar.»

*Fazer* *na* *cauda* disse João de BARROS *por* *escripturas* *liras*, *ou* *orçamentos*: «E com estas quatro *escripturas* *eram* *outros* *quatro* *mouros*, que *tambem* *faziam* *liras* *por* *si*, *que* *respondiam* *aos* *na*...» (D., III, vii, 2.)

1 No mesmo sentido, GAVARRA na *Cruz*, *Tent.* *Ev.* 5. *Apud* *Dictionario* *da* *Academia*, p. 400.

*Fazer* *na* *cauda*, na significação de negociar, nos deparei egualmente BARROS (D., III, vii, c. II, 1.), e frequentemente FARNAX MENDES PINHO.

De BARROS ainda como de outros antigos *escriptores*, é *fazer* *del* *cauda*, na accepção de *proval-a*, *proval-a*: «A primeira que mandou, ante que se determinasse o que devia *fazer* a Thomé Pires, foi *mandar* *que* *elle* *nao* *fosse* *mais* *na* *peça* *da* *cauda* *de* *seu* *reino*...» (D., III, vii, 1.)

Haveria quem escrevesse hoje *eser* *obligados*, em lugar de *caudalados*, *firmados*, *estipulados*? Pois desse modo escreveram classicos: «Os *prometimentos*, *para* *os* *obligados* *feitos* *pelo* *dito* *seu* *reino*...» (FERNÃO *LOUIS*: *D. Fernando*, c. 170.)

*Fazer* *na* *cauda*, na accepção *de* *proval-a* *na*, seria hoje toleravel? Mas assim se *escrevia* *naquelle* *tempo*: «*Faz* *na* *cauda* *de* *suas* *fallas*...» (F. LOUIS: *D. João* I, *parto* II, c. 139.)

Actualmente se *escrevem*, *antigos*, *distribuição* *ou* *provações* *perdas*. Entretanto, no antigo vernaculo, *tambem* *podiam* *se* *fazer*: «*Aquelle* *divisa*, *que* *ou* *perdas* *que* *foi* *a* *to* *los* *do* *reino*...» (D., c. 14.)

*Fazer* *despres* *de*, onde nós diriamos *ter* *despres* *de*, ou *ter* *em* *despres* *de* é de MANUEL BERNARDOS: «Em sinal de sua *pobresa* *ou* *do* *despres* *que* *fez* *de* *seu* *reino*...» (N. P., v. IV, p. 315.)

*Fazer* *llaços* *escrevemos* *hoje*. VIEIRA *escrevia* *fazer* *llaços*: «A *mesma* *liberdade* *foz* *cu*...» (Ser., v. VI, p. 333.)

*Fazer* *prata* *us*: JACINO *FERRAS*, significando o adquirir-a, ou *lanta*-a: «*Ainda* *a* *prata*, *que* *no* *reino* *fazer*, *havía* *ja* *gastado*...» (D. João de Castro, IV, n. 192.)

De *uma* *embalção* *nizem* *diria* *hoje* *senão* *que* *se* *desempenhe*, *excepo*, *ou* *excepo*. Nos tempos do JUNTO *FERRAS* *o* *verbo* *era* *faz*: «*Fol* *de* *el-rei* *com* *Selastio* *particular* *accuso*, *filiando*-*lho* *om* *maiores* *negocios*, *e* *lozores* *do* *reino*, *por* *diferas* *embalções* *a* *Francia*, *Castella*, *Roma* *e* *Saloya*...» (D., n. 110 *na* *fin*.)

Quem se atreveria hoje, não digo a *fazer* *despres*, ou *fazer* *llaço*, talvez ainda permissivos, mas a *fazer* *obolencia*, *fazer* *prata*, *fazer* *embalçoes*, *fazer* *na* *cauda*, *fazer* *liras*, *fazer* *baços*, *perdas*, *abolition*, *obligados*, *fazer* *antes*, *fazer* *revezes*?

Bem a vé, pois, que o exemplo classico do professor CARNEIRO *o* *nao* *justifica*. A leitura dos autores antigos, como a dos livros santos, demanda critica e selecção. A nossa lingua, outros seculos, era, a certos respeito, cheia de larvas e polvos. E o que não-não-a o profundo philologo FRANCISCO DIAS *num* *dos* *seus* *solhos* *trabalhos*. Entre essas culpas comurar, talvez, a applicação indistincta a geral do verbo *fazer*. Com o tempo muitas das accepções, ou elle obsoletas, e pedatizando-se pouco a pouco, se vieram a individualisar e absorver n' outros verbos, que do presente as significam mais á fusa, com proveito da clareza, elegancia e variedade do fallar.

§ 8.

ACT. 1927-78

CONCORDANCIA

1144 — Reseta o projecto:

« Art. 182 — Preserève »

« 2.º — E, doze mezas a acção do marido para combuzar a legitimidade do fillo nascido de sua mulher, contado o prazo do nascimento, se nessa occasião *de* se achava presente.»

Objectei ao á relação deste texto, ponderando que entre *de* e o vocábulo *nascido*, a que se deve referir, mediam quatro substanc

1 *Memor. de* *Le. P. de* *Publicadas* *pelo* *Dr.* *Real* *das* *Sciénc* *de* *Lez.*, *Tom* *IV*, 1133, P. 30-60.

divos masculinos, cuja interposição deixa hesitante a escolha do leitor quanto ao antecedente, com que o pronome concorda.

Não veja nisto o leitor. «O pronome», diz elle, «não pôde aqui referir-se, senão ao vocabulo *marido*».

Lugamente, de accordo. Syntacticamente, não. Ante a regra do syntaxe o pronome concordiari com o nome mais visinho, se em genoro e numero condizem. Em casos como este será mister acorre-mo-nos ao *estilo*, escrutar, atravez da phrase, a intenção do escriptor, para substituir pela subordinação logica a subordinação grammatical. Divergem ellas uma da outra, e mercê da primeira e que se obtém rectifica a errada pista da segunda. Tães verificações, porém, presuppõem, em quem as faz, reflexão attenta e critério seguro, que nem sempre assistem ao commun dos interessados, e que as incalcutáveis artes da trica forense costumam do caso pensado evitar.

Os côllos civis, porque se escrevem para o povo e, não, para as escolas de primeiras letras, convem que se abstenham, no seu contexto, desses enigmas grammaticaes, por facti que seja o defficial-os. Compre, logo, na sua redacção, que o pensamento resulte naturalmente da ordem grammatical; aliás a simpleza e ignorancia vulgaris caíro muitas vezes em interpretações extravagantes, com prejuizo do bem geral, a que as codificações pretendem servir.

**308.**—Em lugar do pluscuamto, que, no projecto, envolve a litta legislativa, propoz esta vózio:

«Em dois mezes, contados do nascimento, se era presente o *marido*, a acção para *este* contestar a legitimidade do filho de sua mulher.»

Pois não é, sem comparacão, mais claro?

No texto CARNEIRO precedem ao pronome pessoal masculino quatro substantivos masculinos, a cada um dos quaes grammatical, se não logicamente, poderia dizer respeito a relação pronominal.

No meu texto não ha equivoque possível: a oracão «se era presente o *marido*» succedem logo as palavras: para *este* contestar a legitimidade do filho. *Marido* é o substantivo immediatamente anterior a *este*. *Este* não se pôle referir, portanto, senão a *marido*. Coincide o pensamento com a ordem grammatical.

Ora bastava ser possível a segunda redacção, para se refutar a primeira. Entre um paratase sujeito a hermeneutico e outro de sentido materialmente civil não ha vacillar.

**309.**—Nem por ser do codigo civil portuguez, escapa a somma o exemplo citado pelo mestre em sua defez. Dizendo, como alli diz:

«O amo é obrigado:

2.º A indemnizar o servical das perdas e damnos, que padecer por causa ou culpa d'elle.»

deixa o legislador, com este *delle*, ao espirito de quem o ler a selectão entre os nomes de *amo* e *servical*, no ultimo dos quaes hearia grammaticalmente a referencia do pronome pessoal. Para não cair em tal engano, se ha mister de um processo, que puz do lado a grammatica, a incoherencia natural della resultante, e vae deavasar além o intuito da lei, envolvido numa syntaxe que o dissimula. Quem não possue a noção juridica do que só o autor da culpa responde pelo damno, não a adquiriresi com a inspecção daquello texto, onde o contrario se parece dispar.

Como i da a obra humana, tem defeitos a redacção do codigo civil portuguez, aliás geralmente magistral. Delles fallava o autor daquelle obra, annos apos a sua publicação, dizendo: «Não me foi fiteo d'r a ultima donão ao meu trabalho, enquanto esteve na commissão revisora; e quando me preprava, para promover a necessaria revisão na camera dos pares, na qualidade de relator da commissão de legislação, soube, achando-me ausente, que o codigo

civil alli passara, *sem que eu tivesse a tempo necessaria para uma simples leitura*. Não é aqui o lugar de demorar-me com a indicação dos *defeitos*, *em abundancia de editos*, e que *fortemente* *terceiro* *são recitados*.»

§ 81

Art. 182, § 1.º

**310.**—Comentando, neste particular, o meu substitutivo, observa o dr. Carneiro:

«Constatado assim a phrasa, o illustre dr. Ruy não guardou, na expressão do pensamento, uniformidade entre este paragrapho, os dois anteriores e o seguinte:

«No § 1.º deste artigo diz: Em *dois dias*, contados do casamento, a acção do marido para...»

«No § 2.º: Em *quinze dias*, contados da trahição da coisa, a acção do comprador contra o vendedor, etc.»

«No § 1.º II e Acção do pai, tutor, ou curador para...»

«No § 3.º: A acção do *conjuze coacto* para... etc.»

«No § 4.º: Não observa essa ordem e diz:

«Em *dois mezes*, contados do nascimento, se era presente o marido, a acção para *este* contestar, etc.»

Não quero qualificar de impoerencia uma tal bagatella. Essa linguagem seria de mestre a alumno. he alguma para mestre, fora caso capital. Mas que he lei-de-chamar? a

Defiando as especies de prescripção, que se desdobram em immenso *kyrie*, a espraia-se por dez paragraphos, divididos cada um em numero da vez attada maior do subparagrapho, que por sua vez se subdividem noutros membros, alfabeticamente numerados, ora mister eluzirse o texto, quanto possível, a formulas uniformes. Attento a esta consideração, enuncia-se o meu substitutivo, nos paragraphos citados pelo dr. CARNEIRO, deste modo:

«Prescreve:

«§ 1.º Em *dois dias*, contados do casamento, a acção do marido, para *annullar* o matrimonio...»

«§ 2.º Em *quinze dias*, contados da trahição da coisa, a acção do comprador contra o vendedor, para haver *restituição* no preço...»

«§ 3.º Em *dois mezes*, contados do nascimento, se era presente o marido, a *acção* para *este* contestar a legitimidade do filho...»

«§ 4.º Em *dois mezes*, *sepo* a *acção* do pai, tutor ou curador, para *annullar* o casamento...»

«§ 5.º Em *seis mezes*, a *acção* do *conjuze coacto*, para *annullar* o casamento...»

Cateje-se o § 3.º com os dois antecedentes e os dois subseqentes. Onde o transvio, que me incerepa e mestre, da ordem alfabeda, a *quedra de uniformidade* com ella?

Todos quatro paragraphos comegam, fixando o prazo: sem dez dias; em quinze dias; em tres mezes; em seis mezes; e em seguida especificam todos elles a acção prescripível, dizendo: «a *acção* do marido, para annullar o matrimonio; a *acção* do comprador contra o vendedor, para haver *restituição*; a *acção*

1 Vozes de *restituição*. Carta, em 1860, a SILVA SOUSA. Ab. SILVA e SOUSA *o collao civil*. Porto, 1870. P. vii.



tamento do matrimonio assinado exclusivamente pelo presidente do ano, reduzi-lo-se os conjugas, as *Intenuitas* o a *notario* a mera *escriptura*, isto é, *escriptura*, na escriptura nupcial.

3116. — Como se lagrou perpetrar esse atentado contra a verdade material do texto? É inexplicavel; porque lá está a virgula no impresso, visibilissima aos mais cogos; os dois pontos lá estão; e, além do mais, acima do tudo, sobrelevando em conspiciuidade a toda a notação ou *orthographia* do artigo, allí, em longo rol, numa extensa enumeração de *seto paragraphs successivos*, cada qual com o repleto do seu algarismo romano, lá estão os itens da *concepção* que se ordena. Foi mister engolir-se inteira, com a *orthographia* do texto, to a aquella serie de especificações expressas e distinctas, para se ter o gosto do esmagar-me sob o peso desta novidade: «fixaram-se coizas; não possuas.»

Peça é que semelhante facto haja de ficar *escripto* em papeis como estes. Elle caracteriza a critica, de que sou alvo, cohenção em flagrante de violar e truncar textos. Não direi mais, que sobremodo já me pesa do não ter podido fugir a esta exposição. Mas como deixa-me fraudar e caluniar sem desgarrar?

3117. — Se, coesitante ao que me induz a erer a minha reverencia no mestre, praticou elle inadvertidamente e inconscientemente essa mutilação e transmutação dequelle texto, sobremaneira adhaçado é a essas distrações, ou ausências de espirito, que LA HAYRENE tão galantemente descreveva no typo de Menaleco e, segundo o CAVALHEIRO DE OLIVEIRA «fazem grande dano ás passas de entendimentos.»

Quando adormeceu, sonhou e somnambulou; o que não seria caso novo. Se Homero, com ser Homero, dormitava, não será de estranhar que espiritos de menos alta esphera durmam, de quando em quando, a bom dormir. Seria ním desses sonnos a valer, diligidos, povoados e animados, que lhe teria acudido aquella maliciosa invenção da realidade, cuja explicação debalde iriamos tentar no mundo anecdótico dos abstractos.

## § 89

## Art. 205

## TEMPOS DE VERBOS

3118. — Dizendo o texto do projecto, nas palavras iniciais: «cuja se se elle» (o casamento) «realizar», continúa em seguida (§ unico): «Se, porém, o tiver sido...»

Obvio me pareceo que o «se elle realizar», por onde acaba o primeiro periodo, não condiz bem com o «se o tiver sido», que abee o periodo immediato. Bem vejo que ambas as formas estão no subjunctivo, correspondendo uma ao futuro, outra ao futuro anterior. Mas, em que se não intirinja a lei grammatical, há todavia uma divergencia na maneira de enunciar a acção do verbo, que da primeira vez se exprime com o subjunctivo futuro, e da segunda com o subjunctivo futuro anterior. Desle que no introito dessa disposição se disarza: «em que o casamento se realizar», bem era se dissesse no topico seguinte: «Se, porém, se realizar...», e não: «Se, porém, se houver realizado» ou: «Se, porém, o tiver sido.» Porque na segunda hypothese a acção anterior, quando na primeira se realigira com a acção presente?

Mas, inquire o mestre, «querer» o dr. Rcy propor o emprego da expressão *for realizado*, em vez de *se realizar*? E conclue: «Se assim fór, não se tornara a phrase do notavel dureza e dissonancia?»

Sim. Mas não há indagar do que eu quizesse propor, quando a minha proposta alli se achia formulada par a par com a censura. En não qui propor a expressão *for realizado*. Eu propuz a seguinte redacção:

«O casamento celebrado fora do Brasil prova-se de accordo com a lei do paiz, onde se celebrou.»

«Se unico. Se, porém, se contida perante agente consular pro-  
var-se-á.»

«Se celebrer» e «se contract» e são no mesmo modo e no mesmo tempo. Não se varia de um; para outro, afim de exprimir a mesma eventualidade, que no mesmo tempo se deve figurar.

## § 90

## Art. 1101 e um.

«DAVIDER» POR «VENDEDOR»

3119. — Abreça o mestre a emenda, que me parece não é de leve muita. Registe-se.

## § 91

## Art. 657

## DIREITO ACTUAL.

3120. — Quem acaresce a minha extensa apostilla a esta disposição do projecto, no tocante ao vocabulo *actual*, com a contradicção do mestre, verá que elle não alcançou a defessa desse neologismo, por mim prevista e rejeitada.

Não mostra eu que semelhante inovação pulcso invocar parenteses no vocabulario portuguez. Delle até offereci exemplos nos adjectivos *actual* e *aguard*, nos quos o mestre, a muito esforço, apenas vingou a designar *actual*, que é coesinho, e *professoral*, criação de LATTIN COELHO e Eça DE QUEIROZ. Ainda que a esses se acrescessem, na caracter de congenitos, segundo o dicto philologo, os nossos adjectivos em *id*, como *senatorial* e *distrital*, vocabulos pesados e rablhosos, a que se avançava a forma *distritario* e *consular*; ainda que acceossemos, outrossim, com concludente para entre nós a analogia inglesa, coisa contestavel, subsistio nos seus dois pontos capitais o meu articuldo contra essa neologia.

3121. — Contestei-lhe bons furos, entre outras razões, á primeira porque abreçia a poça ás mais extravagantes imitações, irreversaveis a prevalecer esta, v. g.: *directo actual*, *directo educador*, *directo escriptural*, *directo compositorial*, *directo inventoral*, *directo construtoral*, *directo platocal*, e outros, sem conto, da mesma estirpe o feltio.

A segunda, quiz-lhe em devida esses furos, por não existir o uso de um só escriptor de valia, com que em seu abono se possa allegar. Neezei-lhe, enfim, á terceira, o meu voto, em razão de ser superflua a novidade. Debalde o apresenta o mestre, a título de que « não tem contra si a analogia». Mas basta isso? Não: faz-se mister ainda a *necessidade*, uma grande conveniencia, pelo menos, ou a vantagem de preñar o idioma com uma expressão notavel pela belleza, precisão, graça ou enorga. Só um desses motivos de utilidade realista, ou esthetica evidente, autorizam a circulação dos neologismos, que houverem transitado sem nota pela contrariação da analogia.

Não me envergoua o *stigma* litterario de neophobia, enquanto a minha for da casta daquella a enjo quadro pernicioso de J. R. RUMERO. Um dos raios grammaticos escriptores, o qual, rompendo contra a *manica dos neologismos*, lhe oppoz, em expressões memoraveis, a barreira do senso commum.

«O neologismo», dizia elle, «só se justifica pela *necessidade* de uma denominação nova, para uma descoberta que tambem é nova, para um novo instrumento, ou então quando venha *apadrinhado* por um nome respeitudo na lingua. Os neologistas não passam de deturpadores da lingua.» (*Grammat.*, p. 352.)



Bem diz o que, para assentar não no fecho de leis, preciso é ter algum hilão de as menear.

Examinemos o caso. Dois são os conjunções. Um é o que particiona os actos annulláveis por falta de forma, Chamam-lhe os A. O outro é aquelle, cuja oratoria, ficando-se por isso annulláveis os actos, do que se trata. Designa-se por B. Pois bem: annullado o acto, aquelle que o perpetrar (A) sem a autorização do consorte (B), responde pela incapacidade da vanguarda, que desse acto resultou ao seu autor (A), ao outro cônjuge (B), ou a ambos (A e B).

No texto de que se discorre, pois, o demonstrativo *quello* se refere ao cônjuge autor do acto viciado (A), e a esse mesmo cônjuge allude igualmente, depois, o demonstrativo *esse*. Não há, portanto, contraposição entre os dois demonstrativos: *quello* e *esse* entendem com o mesmo cônjuge, o primeiro, o responsável pelo acto annullado.

O *esse* está direito. O que não está, é a expressão *os dois*, que fica em duplicação com a palavra *esol*. Deve amendar-se: «haja advindo a esse cônjuge, ao consorte, ou ao consol.»

§ 95

Art. 493.ª e 494.ª

« OSCURA E PESSIMA »

§ 96 — Neste lugar foi o meu substitutivo redigido assim:

« Não tendo bens particulaes, que bastem, o cônjuge responsável pelo acto annullado, aos terceiros de boa fé se compará o danno pelos bens communs, na razão do provento que lucrar o casal.»

O mestre não lhe dá honras de analyse. «Emenda obscuro», diz, «o de pessima construeção?» E volta-lhe costas.

Mas «obscuro em que?»

Porque, de pessima construeção?

O que em meio de muito nesta sentença, não é que decore, mas que não arrazo. Julgado sem os motivos expressos do julgar, só os divinos. Entende o mestre, porém, que a sua justiça não ha mister fundamentação. Excedendo com toda a cabeça, como dizia Vieira, a as demais autoridades, falla de alto coturno á arraia munda grammatizante, como os oracões á turba dos eremitas.

Naquelle trecho pasara eu a expressão phrase a phrase, modifia á linguagem sentença por sentença; e suavo-me a linguagem *obscura*, *pobres* *na* a construeção?

Ora andemos passo e passo, a ver se, de feito, sem caheira não se entenderá o lance, e que desconcertos lhe arrossam a trama.

«Não tendo bens particulaes, que bastem, o cônjuge responsável pelo acto annullado.» Assim começa o texto. E haverá quem o não perceba? Salvo se o philologo balbano proscreva a construeção invertebra, tantas vezes encontro maravilhas de graça, vigor e clareza. Tanto fazia dizer allí: « Não tendo o cônjuge responsável pelo acto annullado bens particulaes, que bastem, como: « Não tendo bens particulaes, que bastem, o cônjuge responsável pelo acto annullado.» Não ha, na oração, outra entidade, em que se possa ver o sujeito, senão o cônjuge responsável pelo acto annullado, outra em que seja susceptivel de passar como objecto do verbo, somo «bens particulaes, que bastem». On to a falta de clareza? On to a deformidade grammatical?

Continuemos.

« Aos terceiros de boa fé », prosegue o texto, « se compará o danno pelos bens communs. » Compar, ensina Monthe. é « reparar, satisfazer, indemnizar a injuria, o danno, a lesão, que se fez ».

Indemnizar que especie de construeção demanda? Responde o proprio MONTE, no trecho que se acaba de transcrever: « *Indemnizar o danno* » a quem o soffreu. Aqui troquemos *indemnizar* em *compar*, e teremos, tal qual, a relação do texto, que o dr. Carneiro infirma: « Aos terceiros de boa fé se compará o danno pelos bens communs ».

Saque-se, no passo criticado, as palavras do remate: « na razão do provento, que lucrar o casal. » Isto é ficando restá a oração principal, que lhe antecedia: « aos terceiros de boa fé se compará o danno na razão do provento que lucrar o casal. » (Inda a escuridade? Sorri duro de encouer o *meu* *casal*, e subornado do *meu* *provento*, ordo que quer que se falle a *nostra* *luz* e *Sub* e o substantivo *provento*! Sub-ol, enfim, a *clausula* *que lucrar o casal*! Mas *casal* não pode ter aqui dois sentidos: *casal* não tem senão um: *provento* nenhuma ignorará, ou se seja. Apenas aqui se depara uma ligeira inversão na ordem grammatical, dizem-se « *meu* *casal* e *casal* », em vez de: « que o casal lucrar: e *meu* *casal* a *bem* da *capitula*, e *sem* desmerecer absolutamente nada a *transporenda* da forma.

Eis a relação, que a *cahedra* *averba* do « obscuro e pessimamente construido ». Bem diz o *meu* *Vieira*: « Quantas vezes reconheço o quinho na consciencia o mesmo que na cadeia o defende a *vozes*! »

§ 96

Art. 1.694

§ 97. — Alhega o dr. Carneiro como « *razoavel* » a correção, que fez, substituindo « *communal* » — « *com* » — « *communal* ».

Entretanto, na apostilla ao art. 493, em presença de uma construeção análoga, bravei indignado, perguntando se o demonstrativo *o* se refere aos substantivos masculinos mais visinhos. Digo eu, no art. 1.684:

« Se a accoção, por circunstanças inevitáveis, chegar tanto ao contencimento do proponente, este *communal* — « *immediatamente* ao *acabuculo*... »

Porque não me estranha o mestre aqui o demonstrativo *o*, quando tem neste passo a mesma serventia que no art. 493? Porque não põe serventia aqui se o *o* se refera a *condiciona*, substitutivo masculino proximo anterior?

§ 97

Art. 1.693

SEM LIT. AUTORIZADO

§ 98. — A relação n.º allada pelo mestre e a seguinte:

« Se as partes não tiverem nomeado o terceiro arbitro, nem lhe autorizo a nomeação pelos outros, a divergencia entre os dois nomeados coincidirá o *compromissos*. »

Continua o professor CARNEIRO de arguir sem provar, comulha a condemnar sem arrazoar. Tacha-me a phrase de « *dehigida* *sem* *prole*, nem *eleganda*. » Razão parece que ao aserto *justas* e *indulgencia*. Não o faz. E que andará em costume outra vez crei-se *implicitamente* aos *exhibidores*, pela confiança que delles se *acha*.

Mal nos diz o professor CARNEIRO que eu andaria com *mais* *correção*, se, repetindo o *auxiliar*, escrevesse: « *Se* as partes não *littera* nomeado o terceiro arbitro, nem lhe *littera* autorizo a nomeação. » Não vejo, porém, em elle *mostra*, onde o *descripto* do evitar na segunda sentença uma *repetição* *arrastada* e *inutil*,



priêdo do seu respectivo signal, necessando no tempo tanto, quanto, nesse modo do pontuar, merecem o vocabello *interpunctio*.

« Tal maneira de virgular *estis nos tentare debet, auctoritate non de spiritu sed de manu* ».

**2131-2.** Era que acabava de transcrever estas palavras, e a vista que me deu sobre o livro de ANTONIO VIEIRA, ainda alberto ante mim, de onde, momentos antes, captara aquelle excerpto, e mostrava-me ao valor dos pontos e virgulas na escriptura humana e divina. Nas 13as últimas linhas do passagem trasladada, alli se me offerece a virgula incorrectamente anteposta á conjunctiva *et*, em clausulas de minimo tamanho e, até, em simples nomes della redida. Vejamos:

Sempre, sempre, sempre deste modo virgulava mestre VIEIRA, o grande. E mestre CARNEIRO não se lembra de ter encontrado em escriptor algum esta maneira de virgular.

O correcto e ornato BERNANDES tambem não segue outro virgular:

Tambem assim não raro pontuava o singular Fr. LUIZ DE SOUSA :

« Fôdo outro, *ou* mais quisto, *ou* mais rendido. » (Ibid.)

« Ou faz ajezas, *ou* d'amonias. » (Ibid.)

Não costo, certamente, ao illustre philologo habia-me de autor *mandata*, que virgulava desta maneira.

**2133-5** — Era o caso de repetir com o dito VIEIRA, aquelle exemplo: « dista mi adonha! Não havia, nem contendo: a t'ant'urra ».

30 mais de oitenta annos, um grammatico de antiguidade, que se dá a ouz e s'ebner a sua lingua travava estas leis ao amparo da virgula:

Ahi mesmo está exemplificada, quanto á conjunctiva *ou*, o uso do propositio, nas palavras em que esse fôdo render: « sem copulacção, *ou* sem ellas. » Mas, como se não bastava, logo no escripto da obra, a pagina do rosto, em ambas as partes da typographia encavavam pontuação, nos d' para em tal relevo o emprego fôdo da virgula antes dessa conjunctiva:

Contado, não tinha noticia o professor CARNEIRO de que athena se houvesse pontuado assim.

**2134.**— CASTILHO assim pontuava:

Sem embargo, ignorava o mestre que algum dia se pudesse ter usado a virgula desse modo.

Do mesmo modo que eu, porém, virgulava, ainda, EGVARISTO LEONI :

<sup>1</sup> MANDREIRA: *Orthographia, ou arte de escrever e pronunciar a lingua portugueza*. Bahia, 1820. P. 133, ns. 215 e 216.

que nemum prescibo grammatical me ditava. Sabolle melhor a referencia do auxiliar, onde nada me obrava a que o ratenasso. Mas entao e so do sua palavra que se trata. Melhor seria que para encontrar de razoes, logo o deitasse; visto que de *partibus anni d'quintiduo*.

Se em houvera dito e nem *com*, *estolle* vs: isso tudo sim era erro grave, pois nem a negativa, nem o paralelo pseudo telegrafico a p. s. posicao do pronome. Aposello elle, parva, a clausula e impugnationamente grammatical; e nio percebido em que sera feito a que alvitra o dr. CARNEIRO.

§ 48

Art. 1. 515

TERCEIROS - TOR « TERCEIRO »

§ 25.—Acquiesco o mestre a precedencia da omissoa, lançallo a conta da revisao a culpa do erro.

§ 49

TERCEIROS

§ 30.—Como eu noteo no projeto, em certos lances, pareimonia excessiva no arguir, desentasse o professor CARNEIRO, acuminando-me de prodigalidade na vir. *causa*.

Procurando a vossa do *Melhores pontos*, onde presentia incorrer nesse defecto aos omos no outrem, e no desententiar, dizo CASTRILHO ANTONIO, e de sua letra mal pontuada, por onde nio viria nenhuma mal ao mundo. A assim responderia eu ao meu critico, no fozso da pontuacao a um *homem que se desbasse*. Mas trata-se da pontuacao *no idioma cast.* Nio deves, pois, outorral-a indefensa a fortuna da assacudilla, que a podera ter melhor do que mereca.

Nos monumentos escriptos da historia, ou da lei, ou ponto, ou nio e a virgula podem ocorrer os desinios de um mandamento, de uma institucio, ou de uma *resolucio*. A extrema e aggressiva critica do mestre a redaccao do art. 160 me nio substituiu-o j nos dias a ver como, para coroar uma creatura humana com um par de orelhas d'ano, basta caluniar-lhe a orthographia de um clausulo grammatical, engolfando-lhe uma virgula, substituid-lhe a impressao e (porque nio dizere?) a venerabilidade quasi serra dos signos orthographicos em tomos de lamazna edificacao como um dos nossos maiores no ministerio da pena e da palavra, o padre VIGILIA, nuzendo, ha dois annos e meio, a quera-uma.

— Bem o a. clama va elle, que nio e o nesso tempo quanto ha-tara para fidis-lhe uma escriptura. Bastara mudar um nome? Bastara mudar uma palavra? Bastara mudar uma dita e logo que muito menos basta. Nio e necessario para falsificar uma escriptura mudar nomes, nem palavras, nem ditas, nem ainda letras: basta mudar um ponto ou uma virgula. Per-entao os entrovevistas so, assim como na sagrada escriptura sua do fozso as palavras, sero tambem du fozso os pontos e virgulas? E responde-mto sim; porque os pontos e virgulas determinam o sentido das palavras: o variavel os pontos e virgulas tambem o sentido so varia. Por isso antigamente havia um conselho chamado dos *Marcetes*, cujo officio era conservar incorruptamente em sua pureza a pontuacao da escriptura. Esta e a galanteria misererosa daquelle texto dos canticos: *Marcetas manus facientes uti vermiculatas argenteas*. Diz o Esposo Divino que faze a sua esposa umas arcaucias de ouro, esmaltadas de prata: e o esmalte (segundo se tira da

raiz hebreica era de pontos e virgulas; porque, em lugar de *Veritas vobis*, leem outros: *Veritas vobis dicitur vobis*. Mas, se as arcaucias eram de ouro, porque eram os esmaltes de prata, e formadas do pontos e virgulas? Ou nio as arcaucias dos ornamentos das orelhas onde estu o sentido da vir: *Petus co-actillo*; e nas palavras da fe, nio que os pontos e virgulas paravam do meos consideracao (assim como a prata e do meos prego que o ouro, tambem peronecem a fe tanto como as mesmas palavras. As palavras; porque formam a significacao: os pontos e virgulas: porque distinguem e determinam o sentido. *Quasi tu: occidit; non est hic*. Resuscitou; nio esta aqui. Com estas palavras diz o orandista que Christo resuscitou, e com as mesmas se so mudar a pontuacao pode dizer na heroga que Christo nio resuscitou: *Surrexit i Nos; est hic*. Resuscitou? Nao; esta aqui. De maeira que so com trocar pontos e virgulas, com as mesmas palavras se diz que Christo resuscitou; e e do fe: e com as mesmas se diz que Christo nio resuscitou; e e do heresia. Vozto queo arriscado officio e o de uma pena na mao. Officio que, com mudar um ponto, ou uma virgula, da heresia pelo fazer fe, e da fe pelo fazer heresia. Oh que escriptoso officio!

§ 31.— Os escriptos e riscos de officio tal nio erio j si os outisse algum mais vivamente que eu, vendo-me em travacento de palmatoria com o mestre, por nio saber com as virgulas a quantas anda. Que se molta a religio edificações nio nio sáo dar a um periodo a pontuacao elemental? quem poucas duas ou tres linhas de seu proprio pulso anarazava. toda a orthographia? quem tantamente abusa da palmatoria, ao extremo do exagar e adoece a vista aos leitores?

— Eil o *dos dicitur*, o libello orthographico do mestre contra o presidente da commissio do codillo (o snado):

« E' de notar que muitas vezes recorre ao emprego da virgula, quando de tolo desnecessaria.

« Assim e que antes da orthographia — ou — quando esta lig: *polerunt se abirentes simplex e circos*, emprega frequentemente essa notua, escrevendo, por exemplo:

« *Eximo* — ou *Julia* a *sententia*, ou *despachar*, em lugar de *eximo* — e *Julia* a *sententia* ou *despachar*; os *bens*, ou *bonos*, ou *bonos*, em lugar de os *bons* *novos* os *novos*;

« a *successo*, *legillina*, ou *testamentaria*, em lugar de a *successo* *legillina* ou *testamentaria*;

« a *annuncia*, ou a *notificacoe* do outrem, em lugar de a *annuncia* ou a *notificacoe* do outrem;

« *pro dato*, ou *negotiorum*, em lugar de *pro dato* ou *negotiorum*;

« *ac non mutato*, ou *sententia*, em lugar de *ac non mutato* ou *sententia*;

« a *renuncia* da prescripcio pode ser *operata*, ou *facta*, em lugar de a *renuncia* da prescripcio pelo ser *operata* ou *facta*;

« o *fador*, ou o *abandir*, em lugar de o *fador* ou o *abandir*.

« As vezes tanto abusa do emprego da virgula, *tudo indifferente* essa notacao, que nima sentenca, *concordat*: *Commendat* *impressus* *de* *esta* *desententada*, *so quasi todos os vocabulos seguidos d'isto signat*; e que, entre muitos artigos emendados, se exemplifica no art. 160, em que assim escreve: « Aquello, que, por acao ou omissoo voluntaria, negligencia, ou imprudencia, violar, etc., devendo, por coherencia por a virgula no vocabulo *acqdo*, que, nio s e porque, ficou

1 *Melhores pontos de Cast. Procl.*, p. 177.

2 E' o que se me fez na alevisia censura a redaccao do substitutivo quanto ao art. 199.

privado do seu respectivo signal, merecendo-se ao menos tanto, quanto, nesse modo de pontuar, merecem o vocabulo *escriptura*.

« Tal maneira de virgular *está nos livros de enciclopedia em exemplar antigo.* »

2332.— Em que maneira de transcrever os as palavras, e a vista que me está sobre o tombo de ALVARO VIEIRA, ainda aberto ante mim, de onde, momentos antes, copiara aquelle excerpto e encerrara no valor das pontas e virgulas na escriptura humana e divina. Desde as ultimas linhas da passagem trisulada, alli se me offerece a virgula itacicamente subposta á conjunção *ou*, em clausulas de muito tamanho e até, em simples nouse: della re-  
tira. Vejamos:

« Com mudar um pado, *ou* uma virgula. » (P. 316.)

« E ha algum na vida, *ou* na morte. » (P. 319.)

« Por que modo, *ou* por que modos? » (Ib.)

« Dar a honra, *ou* a investitura. » (P. 320)

« Com tal distincção que confessou, *ou* não confessou; das proposições que teve, *ou* não teve; da sciencia que fez, *ou* deixou de fazer. » (Ib., p. 329.)

« São por officio, *ou* artilheio, como as penas d'agua. » (Ib., p. 317.)

« Ou por desatencção das penas maiores, *ou* por corrupção das inferiores. » (Ib., p. 314.)

« Ou seja copo de par, *ou* copo de ouro. » (Ib., p. 305.)

« Ou caso escriptor da offeiza, *ou* fannario da devoção. » (Ib., p. 314.)

« Lavava o seu machado, *ou* a sua acha das costas. » (Ib.)

« Partido o tronco em duas partes, *ou* em dois copos. » (Ib.)

« Mas o meu escrupulo, *ou* a minha admiração, não está no offeio. » (P. 300.)

Sempre, sempre, sempre deste modo virgulava mestre VIEIRA, o grande. E mestre CARNEIRO « não se lembra de ter encontrado em escriptor algum esta maneira de virgular. »

O corrector e osmeta lo BENNARDIS tambem não segue outro virgular:

« Que lugar apontaremos no mar, *ou* na terra, *ou* delato da terra, proximo, *ou* remoto, profundo, *ou* sagrado, a que a cobra se não atrevesse, e a fome do ouro não penetrasse? » (*Novas Florestas*, ed. de 1759, v. II, p. 221.)

« Sem outro lugar nos escapou para tirar dello outro, *ou* dinheiro. » (Ib., p. 224.)

« Cava, que quer dizer na mulher, *ou* concubina. » (Ib., p. 232.)

« ... mortos os tres mouros, *ou* mouras. » (Ibid.)

« ... quando tal vez apparecem algumas almas em figura de hum, *ou* outro sexo, *ou* na de alguma cobra... » (Ib., p. 233.)

« ... os simoniacos por via da linha, da mão, *ou* do osequio; ... os Dardanios, *ou* atravessadores... » (Ib., p. 226.)

Tsambem assim não raro pontuava o singular e exemplar Fr. LUIZ DE SOUSA :

« Acensillara *ou* a lodes que a não leram por acerto, *ou* acaso. » (*Vida de D. Fr. Barth. dos Martyres*, l. III, c. 17.)

« E não outro crezo mais quero, *ou* mais rendosa. » (Ib.)

« Ou faz anjos, *ou* demônios. » (Ib.)

Não consta, conjectura, ou illustra plitico) italiano de autor moderno, que virgulasse desta maneira.

23323.— Era o caso de repetir com o ditto VIEIRA, naquello exemplo: «isto me admira! Não lava, *ou* não condão; admira-me. »

Il mais de oitenta annos, um grammatico de autoridade, que sabia o que é saber a sua lingua, lavava estas leis no emprego da virgula:

« *Sua* *ou* *se* *põe* *depois* *antes* *dos* *relativos*, *e* *antes* *das* *conjunções*, *entre* *as* *letras*, *como* *no* *partitivo*. »

« Tambem *sempre* *se* *põe* *virgula* *entre* *adjectivos*, *quando* *concordem* *nuncios* *do* *mesmo* *caso*. . . *O* *mesmo* *se* *usa* *entre* *cozas*, *copuladas*, *ou* *substantivos* *juntos* *com* *conjunção*, *ou* *sem* *ella*. »<sup>1</sup>

Abri mesmo está exemplificando, quanto á conjunção *ou*, o uso do preterito, nas palavras em que essa l'pica remota: «sem conjunção, *ou* sem ella. » Mas, como se não bastara, logo no frontepicio da obra, a pagina do rosto, entre outras as escriptas do typographico es-  
cannado pontuação, nos dá para em relevo o emprego feioso da virgula antes dessa conjunção:

« Ordio-graphia, *ou* arte de escrever. »

Contudo, não tinha noticia o professor CARNEIRO de que nunca se houvesse pontuado assim.

23324.—CASTILHO assim pontuava:

« Ahi, quando, uma, *ou* duas vezes, os fugitivo. » (*Metemorph.*, p. 315.)

« A gaita, *ou* folgazi, atecida. » (*Am. e Melancol.*, p. 255.)

« Das noticias do meu bo, *ou* mesmo da poezia, alli se duriam tambem, com a melhor vontade, heites. » (Ib., p. 345.)

« Quem, não sendo amante, *ou* loam, pôde ficar-se nos sorrisos de tal fantasia? » (Ib., p. 350.)

« *X*, *ou* elle vá, *ou* parte, *ou* retroceda. » (Ib., p. 373.)

« Quando Deus quer, transfere-se para hora melhorada, *ou* para outro dia. » (*Fausto*, p. xxi.)

« Com filhos quentes, *ou* carrairos e bouis. » (*Colloq. Abd.*, p. 237.)

« Havendo muito para se cantarar com forte *ou* heas, nella interval, *ou* pouca cautiva. » (Ib., v. 242.)

« Convem tambem ostegar a parte com azalia quente, *ou* qualquer genero de condura. » (*Ibid.*)

Sem embargo, ignorava o mestre que algum dia se pudesse ter usado a virgula desse modo.

Ho mesmo modo que eu, porém, virgulava, aloda, EVANISRO LEON :

« Au madaso geralmente em ð, *ou* Ou. » (*Gram. da Ling. Port.*, l. p. 3.)

« As mudanças do E em A, *ou* I. » (*Ibid.*)

« Corda de exalmano, *ou* de esparto. » (Ib., p. 25.)

« Vete agora se fol castigo, *ou* moroc. » (Ib., p. 27.)

<sup>1</sup> MANUSCRITO: *Orthographia, ou arte de escrever e pronunciar a lingua portugueza*. Bahia, 1830. P. 133, ns. 275 e 276.

« Costumam collocar-se defronte, em situação opposta. » (Ib., v. II, p. 25.)

« ... em vista de seus paes. » (Ib., p. 28.)

« ... Onde alguma coisa vem, se prevalece. » (Ib., p. 41, 43.)

« ... Uma observação errada, ou, quando menos, incompleta. » (Ib., p. 61.)

Assim sempre. Entretanto, não convém ao mestre que em época nenhuma tivesse tido a virgula essa applicação.

U. CASTELLO BRANCO praticou o mesmo:

« Quando adrega de apaltonar-se, ou mar, ou terra. » (Monar. do Corc., v. II, p. 110.)

« Um monumento digno de reparo, se um facto não subido. » (Os Martyres, v. I, p. XVI.)

Haverá, em nossa lingua, maiores autoridades? Ora, se todas ellas, além de outras, me offerrem essa padrão, anterior ao meu escripto, e darão que esteja errado, primeiro que me ou seria deitar o erro.

§ 222. — Bem sei que outros, depois, tem praticado a virgulação de outro modo, e formulado a seu respeito regras diversas. Mas onde, em materia de orthographia portugueza, a opinião com força de lei, o uso com os caracteres do tradição obrigativa? Não ha opinião de classicos, dizia, ha cerca de quarenta annos, o Sr. Teóphilo José, e nem usa, nem systema pratico, por onde a orthographia e passa regular. Numerosas tentativas não sido feitas, em diversos tempos, para legizar em tal materia: outras tantas iscurias que last! Um o thesouro, um o grammatica, um o orthographo não teve ainda a gloria de arvorar uma bandeira, que todos abraçassem. A razão universal se tem revoltado contra a hezistencia de todos elles. Por que ludo, continuava elle « não admittivo argumentum contra a scripta dos classicos, contravictoria e irrationali: tambem o não é com o uso, que não existe, constante e geral, nem tão pouco com as regras dos orthographos, pois destes um não têm systema merecedor de tal nome, outros d'istocam nas applicações o que estabelecerao nos principia. »

Não foi mais bem succedido com o de sua escripto quanto ao natural erudito. Em livro referido com a peca de singular, hesitou-lhe e percoo nas lras do autor, não obstante o official preceito de erudição, methodo e arte que lhe emprezara, nos fundamentos. A deplorable « carencia », em que, na just. applicação do a offridão, jazia tanto a lingua patria, abastiu, e cresceu. Accepção-tiem-se ao esforço, peritissimo os estudos e costes de G. de F. ESTRELA acerca do mesmo assumpto, e veres-d que o mal perdura, com as aggravações da crevescencia viciosa. Non os adeptos da eziologia, nem os da phonica, nem os da transição arrezoada entre as orgens e a prosodia corrente legizaram firmar coisa alguma. Aquella assembléa, cuja historia elle estopa, de acadêmicos, celebrada, para delib. e sobre o D'op' de, na qual cada um dos presentes á assontada professava ter o seu systema em contra de orthographia, debuxa a situação geral. Ainda a Acadêmia

commetiu a parte orthographica da sua obra, da obra de LAYNO COSTA, com quem o autor do Novo Diccionario da Lingua Portugueza nos diz isto favor « mais que aprender a respeito de orthographia. »

§ 223. — Se essa é a label, que vai pela graphia das palavras, ver-se-á agora que não sera quanto ao signas da pontuação. A minha tive sempre em mente que obedece ao proposito de « contribuir (não exclusiva, mas efficaçamente) para apresentar aos olhos a distinctão das orações, ou de seus membros, tornar mais claro o sentido, mais facil e elegante a leitura, gradando os signas segundo a afflicção das idéas. »

De accordo com este pensamento, « considero a virgula, praticamente, sob o aspecto prammatical, para a separação dos termos do equal natureza ligados, ou mesmo para accordos de pausas, que mais se podem apreciar que regular-se. » Ora, entendo assim o papel desta expressão orthographica, não me pareceo mais racional, veit, nem mais util, em relação a elle, as formulas modernas que as antigas.

Costumam ensinar hoje em dia que « a virgula serve, para separar os termos de uma serie, quando não são ligados por conjunções, ou posições que outóra, pelo contrario, como ha pouco vimos, anexas conjunções era de preceito que a virgula não faltasse. Mais logica se me affigura esta regra do que a de agora. Logo, em uma serie grammatical, os termos a que se interpoz conjunção, não se aciam mais ligados entre si pela interferencia da conjunção, que os termos a que se interpoz conjunção, não se aciam mais ligados entre si pela interferencia da conjunção. Nesta, por exemplo: « A mesa, o papel, a pena e o tinteiro são meus », não ha, quando a idéa, mais ligação entre *pena e tinteiro*, por terem do periodo a conjunctiva e, que entre *pena e papel*, ou *pena e mesa* entre si immediatamente vizinhos. A função logica da conjunção não se limita a vincular um ao outro os dois ultimos termos da serie, e aciam em toda ella, estendendo aos anteriores a relação necessaria ao tanto aos ludo que a encerram.

Não ha, portanto, motivo racional, para que a virgula, que separa os primeiros termos, não separe os derradeiros. E muito menos o ha, se a conjunção interposta for a distinctiva. Esta não liga ainda *mesa e tinteiro*, ou *distintivo* entre os dois termos, ou clausulas, a que se encremete. E, se *distintivo*, ou *ercto*, não é sensato podar-lhe o signal orthographico desse fim, sob o exacto protecto do que fige.

Nesse mesmo protecto, porém, se está a reconhecer que a função da virgula estabelece a sua necessidade, onde que se verificem termos successivos, mais distinctos, na expressão de uma idéa. Mas, se assim é, não tem senso commum o criterio indicado na consença do mestre, criterio segundo o qual se preserveo o uso da virgula entre as clausulas longas, e se preserve entre as *ercto*, entre simples vocabulos consecutivos. Não é a complexidade, ou a *ercto* dos membros consecutivos clausulas, ou *ercto* o que legitima a virgulação: é a simples necessidade logica de separar, desde que esto juntos, e so não devem confundir.

§ 224. — CASTELLO ANTONIO usa frequentemente da virgula antes da conjunctiva e

- « ... a escola devem sair o futuro homam, e a futura mulher. » (Relic. pela Ind., p. 37.)
- « O fallar, o ler, e o escrever. » (Ib.)

1 A *Orthographia*, p. 24. De Antonio Furtado ha não se por virgula « ... a e conj. que são q. m. » que a supoz, quando stam metidos de uma mesma oração ». Mas acrescenta « ... em contradição, que nam da ortho, namo nate car. » (Ib., p. 247.)

2 As virgulas nesse caso, em as conjunções *na e e*, se *ercto* do exemplo no texto. Com a conjunctiva *na*, equi em um, de *ercto* do exemplo. « Non enim, non degram, non minus *ercto* ». (Ib., p. 247.)

3 *Orthographia Portuoguesca*. Rio de Jan., 1866. P. 54-6.

4 *Ib.*, p. 56.

5 *Ib.*, p. 48.

6 *Lições Lucticas*, v. I, p. 149, 157, 178, e III, p. 272-307.

7 *Ib.*, p. 24. — LAYNO COSTA (Ligora Anotada de este systema gradado) o *ercto* *ercto* com *ercto*. (Ib., p. 318, 304.)

8 *Lições Lucticas*, v. I, p. 134.

9 *Lições Lucticas*, v. I, p. 135.

« A razão das variações, e a razão porque... »  
(*Id.*, p. 30.)

« E' e'ôda do validade, e vou da insipiecia... »  
(*Pensad.*, p. 256.)

« Suppon' conversações, leituras, e até pensar... »  
(*Am.*, e *Melanc.*, p. 179.)

« A arte no coração, e a fé na alma... » ( *Id.*, p. 248.)

« Estão equidistantes do convento fanático, suicida, e assassino, e do convento relaxado... » ( *Id.*, p. 275.)

« Pombas, paradas, e outros passavinhos... » ( *Id.*, p. 300.)

« Já conhecidas da presença etáale, e das cidades ulteriores... » ( *Id.*, p. 314.)

« Um espurio amante do romano, e do estudo, e ávido de benquerenças... » ( *Id.*, p. 322.)

« Os fastos religiosos, históricos, e políticos... » ( *Id.*, v. I, p. XI.)

« Inacêdo é Liber, com garras de leão, e pontas de capro... » ( *Metamorph.*, p. 302.)

« Perseguidores, pícticos, e pegos... » ( *Id.*, p. 313.)

« Não far' pouco ao seu repouso, e fortuna... » ( *Id.*, e *Ceres, legisladora, e civilizadora... Ibid.*)

« Tinha de ser elucio, e cochado... » ( *Ibid.*)

« Delitinoso, incompleto, como e, encerra mais sandalia, e melancolia, e muitas vezes, um colorido mais vivaz, e adequado... » ( *Id.*, p. 314.)

« Das bravatas, e insinencias, já diximos áto... » ( *Id.*, p. 315.)

« E o cravo adorno, limpido, e sem arto... » ( *Id.*, v. I, p. 161.)

« A' mingua de trato, remedios, e modicos... » ( *Id.*, p. 10.)

« Confusão para a vista, e para o juizo... » ( *Id.*, p. 10.)

« As linhas dos principaes rios, e o bolendo das serras mais altas... » ( *Id.*, p. 80.)

« O unino especial dos deveres, e bons costumes... » ( *Id.*, p. 21.)

Assim polera é citando indefinidamente. O mesmo de LATINO COLLETO:

« Recommen'dar o seu nome á veneration da posteridade, e da honras acadêmicas... » ( *Reg. Acad.*, v. I, p. 5.)

« O seu aspecto veneration, e os seus costumes verdadeiramente pastoraes... » ( *Id.*, p. 6.)

Ora seria a mais palpavel inversão logica interpor a virgula, o signal orthographico de separação, antes da *equidistans*, e antes da *dijunctio* não o admitir. Se á primeira se deve antepor a virgula, á segunda, com maior razão, cumpre antepola.

§ 2330.— « Ás vezes, diz o mestre, carregando-me a mim na que-reia, « tanto abusa da virgula, que, numá sentença, *causando má dependencia* impozitô á vista descommodada, são quasi todos os vocabulos seguidos deste signal.»

Provas?

A que elle alluz, é unicamente o art. 183 do substitutivo, que allás, com um *e* *causando*, deixou truncado ao meio. Demolo inteiro:

« Aquelle, que, por acção ou omisión voluntaria, negligencia, ou imprudencia, violar direito ou causar prejuizo a outrom, fica obrigado a reparar o danno.»

Quantas são as virgulas?

Seis.

Quantos os vocabulos?

Vinte e tres.

E diz o mestre que allí a virgula segue a quasi todas as palavras. Naturalmente entre *seis* e *dois* tres quasi não haverá differença.

Mas supoz-se o dr. CAIXEIRO da minha liberalidade ao virgular? Pois veja agora, de amostra, um topico do A. HERRERA aliás mui sobre virgular:

« Procuravam evitar as discussões em materias de fé, e até, o papa Alexandro III, screvendo a Beroln, prior do Reichsberg, lhe ordenava se abstivesse... » ( *Hist. de Gr. da Inquis. em Port.*, v. I, p. 9.)

Quantas palavras?

Vinte e tres.

Quantas virgulas?

Seis.

O mesmo numero de palavras e virgulas que no mal-fadado art. 180 do meu substitutivo, em o qual teve a desliza do *erro* e *nervo optico* ao meu respectivo mestre.

E ainda ha melhor. Aqui está um periodo, desse mesmo auto, com seis virgulas em *oito e nove* palavras.

« Ficam condemnados a carcere perpetuo os reapeos, isto é, os que, depois de convertidos, recadrem no erro, os contumazes, os fugitivos... » ( *Id.*, v. I, p. 33.)

Supponha eu, entretanto, que o acerto da virgulação que houveesse de *oito e nove* pelo da collocação das virgulas. Vejo agora que é pelo *mas* *quanto*. Tanto posto ao virgulado estava o periodo, quanto *mas* *quanto* tiver. Quanto menos, tanto melhor, de modo que a supressão da virgula seria a excellencia em materia de virgulação. Um periodo inteiramente desvirgulado fôra, quanto á virgulação, o moleto dos periodos grammaticaes.

§ 2330.— Não serve a consequencia? Então é que é falsa a promissa, de onde mathematicamente decorre. Para demostrar que eu abasara da virgula no art. 183, necessario era ao mestre fazer o que não fez: mostrar que eu a puzera onde não cabia. E porque o não fez? Porque não era possível.

Alli, de feito, apenas uma virgula se poderia arguir de necessaria: a que se segue á palavra inicial do trecho, o pronome *aquelle*. Essa mesma, aliás, antepondo-se a um *que*, bem poderia alogar em defesa o antigo preceito, que manda virgular sempre antes dos relativos. A' que reza entre *o mais alto exterior* e *o negligencia* n'ningum terá que objectar: está em observancia da regra universal, cujo dictame ordena se separem mediante este signal os varios termos, que numá serie se succederem.

Restam assim tres, das seis virgulas que so me exprobravam.

Deus, duas vêm a ser a precedente e a subsequente á clausula *«por acção ou omisión voluntaria, negligencia, ou imprudencia*. Mas esta clausula é uma incidente explicativa: e as incidentes ficam entre virgulas, quando são explicativas. (João Ribeiro: *Gram.*, p. 343.)

A derradeira, omittida, é a que appareta a restrictiva *«que, causar prejuizo a outrom da omição principal fica obrigado a reparar o danno*. Ora, entre essas duas especies de sentenças não ha systema de pontuação, que não mude virgular.

Eisahi, pois, reduzida a coisa nenhuma a superabundancia figurada pelo dr. CAIXEIRO em o tamanho escuro, que, não contento de me eriminar como rebelde á grammatica, me arguiu, aíd, de attentar contra a vista dos leitores.

§ 2340.— Dada assim conta das virgulas que usei, vem a ponto dar razão da que omitti. Não comprehendo o mestre que eu, no meu systema, não virgulas e depois do vocabulo *erro*. Parece-lhe que eu colligencia me não permitia recusa-lhe a notação, que a palavra *negligencia* me merecia. Mas é que á palavra *negligencia* succede outro substitutivo, independente daquillo: no passo que *erro*, com o seu subsequente *omittido*, alli se acham reunidos pelo



« Produziram bastante escandalo para estes perdirem muito da sua popularidade.»

(Ibid.)

« As resistencias eram taes que os papas viram-se obrigados a ir moderando essas formulas.»

(Ibid., p. 11.)

« Restituio-se aos bispos uma parte daquella acção que de direito lhes pertencia em taes materias.»

(Ibid.)

« A heresia tinha príncipes que a protegiam, soldados que combatiam por ella.»

(Ibid., p. 11.)

« Aproveitavam o terror para promover os triumphos do christianismo.»

(P. 55.)

« Inclinavam os ambiciosos a abandonar a crenga de seus paes para attingirem aos cargos e dignidades de que o judaismo os excluia.»

(Ibid.)

« O individuo que por nascimento ou por espontanea deliberação, não pertencia a essa sociedade não devia estar sujeito ás leis della.»

(P. 57)

§ 143. — A essa linha me ative e me afilho: nem tanto ao mar, nem tanto á terra. Que outro meio de mo não indigo? Não lhe agradoi, anda assim. Paciencia. Tom o dr. GARNUNO lá o seu regimem orthographico: o do projecto; e não se sente bem sendo com ella. Contra isso que val a razoes? Lá o nesso FARI LIZ de SUSA. Estralaria essas estradas do oracão: «*Tudo o que se faz me assa de palavra do seu entendimento e se escreve mais que se escreve: fábulo: e esta e a causa de muitos se escrevem com as suas vozas.*»

§ 100

Art. 1.070

CONTEUDO, AINDA

§ 144. — Disse aqui outra vez sobre uma das muitas noas (advirjam que não é sobre o substitutivo) a soberania philologica do mestre.

A linguagem moderna, declara elle, não conhece o adjectivo *castelão*. Tal palavra só em caracter de substitutivo se admite presentemente.

Não fugo escrupulo em appellar deste decreto. Pouco importou que se antiquassem pelo geral os adjectivos em *astelão*, *revelado entalado*, *culhospado*, *velado*. Se ainda lhes sobrevivem *leído* e

« Produziram bastante escandalo, para estes perderem muito da sua popularidade.»

(Ibid.)

« As resistencias eram taes, que os papas viram-se obrigados a ir moderando essas formulas.»

(Ibid., p. 11.)

« Restituio-se aos bispos uma parte daquella acção, que de direito lhes pertencia em taes materias.»

(Ibid.)

« A heresia tinha príncipes, que a protegiam, soldados, que combatiam por ella.»

(Ibid., p. 11.)

« Aproveitavam o terror, para promover os triumphos do christianismo.»

(P. 55.)

« Inclinavam os ambiciosos a abandonar a crenga de seus paes, para attingirem aos cargos e dignidades, de que o judaismo os excluia.»

(Ibid.)

« O individuo que, por nascimento, ou por espontanea deliberação, não pertencia a essa sociedade, não devia estar sujeito ás leis della.»

(P. 57)

*astelão*, como re-conhece o mestre, não era de estranhar sobrevivesse, em esses, o adjectivo *castelão*. E, de facto, sobrevive.

Quer o dictionario e *anteposada* VETTER, quer o de FLORENÇO, onde os vocabulos antiquos trazem invariablymente indicação de taes, resistam, sem nota de *de leito*, ou saupor de *poas*, *avda*, também costumada alli, esse adjectivo, E, se me declinam da autoridade coercitiva dos dictionarios, appello para os classicos modelos, CASTILLO ANTONIO, o mestre-dos mestres, u sou do *castellado* adjectivamente, entre outras, nesta passagem.

« Ao *castellado* nas peccolentas paginas alguma coisa havemos de subtrahir a ora, e alguma coisa tambem accusar.» (Trad. de *Metrifon. Portug.*, t. p. XI.)

Se me sobresse lazer para escurações, po traria mostrar exemplos auslvoes em C. CASTILLO BRANCO, onde tento em reborita que já os encontrei.

§ 125. — Que liria o professor CARNEIRO, em, em lugar de *castelão*, me abalancasse em ao uso do *castellado*, na accepção de *cristo castellado*?

Essa não se encontra, de MORAES e CUNCIANCO A VIEIRA e AULETE em dictionario algum. Ad o *Vocabulario* de BRITTO e o *Eshudario* do VIREANO o desanlocem. FLOUREIRO e o só o unico dictionarista que o mette a rol. Inrolando A. HERCULANO não lestem em a aboar num dos seus melhores escriptos: «*Apnas o monge saio, a velleza pegou na bilza, virou-a manuscrito sobre uma area u viu que os seus *aprelois* erum dez-mil-dobras valadas.*» (O *Mejo do P.*, v. 1, p. 97.)

Moltoemos, pois, case instineto de coiteiros, que amim a certos philologos, tanto mais inclinados a relaxar com os neologismos, quanto mais severos em apartar com os vocabulos do bo lei. *Pouco muito serd, se quizerem, o adjectivo *castelado**. Mas pouco uso não val desuso: e snicar á praca um bom vocabulo meo esquilado não é deservir, snão antes servir, e tem, á nosa lingua.

§ 101

Art. 1.070

PRESENTE

§ 146. — Outra palavra, que o meo forteleia da *absol-ta*. Porque? Équima temos aqui, FLOUREIRO apenas a *quihidia de peccos padre*. Logo, não ossem do se usar. O escuratno affirma o dr. CARNEIRO. Mas p-mo em balança o seu acuoimento com o do respectivo dictionarista portuguez, á parte deste so inclina o fiel. Em materias de lexiographia, pelo menos, não poss vacillar entre os dous.

Não tom maior uso o vocabulo *peccante*; e, como do, CASTILLO altamente o autoriza: «*Seja o proprio peccante quem por sí reconheca, confesse, explique, e corrija o seu peccado.*» (Fol. *pela Instruc.*, p. 78.)

Tomos da mesma feição que *peccante*, innumeros adjectivos e substitivos: *tenante, influente, cadavente, requesente, descrente, prodigante, beneficiante, lasente, moribante, precipitante, concorrente, arrependente, dependente, oppoente, regente, combalente, pedecente, lente, desimpante, rendimento, subente, reccrente, bempereante, lozente, descorrente, fluente, comparecente, ligessente, descondente, consuecente, roussente, parturiente, ridante, maldicente, rignide, replandobente, consuariente, qoante, derrente, juente, discente, nutriente, pudente, carcente, fulgente, occorrente, vidente, furecente, fronte, astente, elente, libente, susante, e tantas, tantas outras. Nenhum envulhoem. Porque só o *peccante* se havia de antiquar?*

1 *Vida do Arcebispo*, t. 1, c. 25.

1 *Terc.* ed. Porto, 1861.









um a fim de delimitar a acção da expressão *telephona* para o fim de se lhe estabelecer a sua terminologia da expressão adoptada no complemento objectivo do verbo *dizer*.

Mas, na impressão do meu substitutivo, art. 1.º, com a supressão da expressão *em sua officina*, ao termo *leitor*, me atrevo a pôr em causa do meu substitutivo que *leitor* é erro de redacção, em que qualquer aluno do primário leza, ainda não alphabetado, não cairia. Tevo começo a escrever a palavra *leitor* e me veio áquelle syntaxe do *leitor* e *leitor*. A expressão que me primava assim, é porque em assim havia exemplo.

Quatro vezes, portanto, veros cada qual de uma só letra, adicção, em alternativa, natural ate, reconstituição da imparlavetá e composição da palavra, me mostram as causas. Eus que a palavra não repetidamente usou, começo, eis os que me accedem de justiça, em malgrado, por não assuar nos impressores todos os erros de grammatica encontrados no projecto.

## SÍNTHESI

## A. Resposta parlamentar

Telephona, e não telephar, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

## S. 1.º

## TELEPHONE,

## TELEPHONO,

2141. — A acção da invenção a algumas philologias do projecto de lei, nos seus excessos substitutivo, até a inflexão material da verbalidade.

E assim que, deitando a preferencia do final em e no final em o na palavra que designa o aparelho da telephonia, diz que o sobre-eus e refugio indigido, não sendo escrever *telephar*.

Não se poderia atentar mais crasseamento os factes expresso no resto do meu trabalho e dos da commissão parlamentar.

*Telepho*, e não *telephar*, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não *telepho*, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não *telepho*, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

Telepho, e não telepho, é a graphia adoptada no projecto do meu substitutivo, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES, e não telepho, como me escreve o Sr. GONÇALVES.

A minha revisão, isto, outra coisa não fez? que eu não a essa maneira de escrever, e não tendo a de outra maneira, e não que o sentido venha na outra casa do empresa aquella palavra.

Assim procedi, sem lhe fazer observação de especie alguma.

Como é, pois, que se me arguem de haver *telephato* em substitutivo a variante da diphthonga em e? Como é que, um nome da câmara e da sua commissão especial, se revivifica, specie do hora para uma e outra, e nasce e renasce o *telephato* a *telepho*, se o unico, ao contrario, preferiu sempre a *telepho* a *telepho*.

Do modo que o relator da commissão especial não sabe o que escreve, nem como escreve. Escrevera *telepho*, e diz que escrevera *telepho*, e *telepho*, e pretende lavar o *telepho*. E o que se tem nos trabalhos feitos sem adição, e sem excepção, de me não posso queimar dos assumidos, e me não levanta, amaldiçoando as letras a si proprio.

2152. — Na minha vez encontro a versão *telepho*. Não é, porém, nos trabalhos da camera: é justamente no edicção annexa ao meu parecer, onde, ao passo que a camera do meu substitutivo usa *telepho*, a do projecto usava *telepho*.

A minha intenção da *typographia* se deve unicamente, ali, esta forma orthographica em que o relator da commissão dos tres eudon ver a escripta adaptada pelo commissão dos vinte e um e pela camera dos deputados.

Este singular *telepho* deixo, em rapido e incisivo esboço as qualidades gerais d'aquele trabalho, que me dá assignalar época nos annos paraveculares.

Na graphia que, opaci, estava em com todos os colaboradores do projecto desde o Sr. GONÇALVES até o proprio relator da subcommissão da desforça, que, agora se vê, escrevera sem consciencia do que escrevia, para a adição do contrario do que tinha escripto.

2153. — Mais é justamente em e que deve terminar o nome desse maravilhoso instrumento de transmissão do som. *Telepho*, substantivo, seria apezol *telepho*, do mesmo modo como o substantivo *telepho*.

Todos os vocabulos compostos do suffixo grego *pho* se convertem, no portuguez, em phono: *apho* *apho*, *apho*, *apho*, *apho*, *apho*, *apho*, *apho*, *apho*, *apho*, *apho*.

Não se poderia atentar mais crasseamento os factes expresso no resto do meu trabalho e dos da commissão parlamentar.

« A collação roletei, que assellara  
A leve *telepho* »

A analogia, neste caso, absoluta. Nem se limita ás desinências provenientes de e do mesmo grego. Por uma leandria gerat a nossa *leandria* se inclina ao, de preferencia ao, no final dos nomes em que o caraciveza, outros idiomas, como o francez, a mesma terminação.

Tenho em muito a occupação do PARECER, LOMBA e JOÃO RIBEIRO. Mas não vejo que justificassem a antiposição do *telepho* a *telepho*, ALBERTO, ao Sr. DEIXE e P. DE FERREIRA, adoptam, nos seus diccionarios, a forma *telepho*. E não sei por que DEIXE DE FERREIRA, escrevendo *telepho* e *telepho*, p. 160 « *telepho* » e *telepho*, ali mesmo, uma linha abaixo, varia dessa terminação: « *telepho* » e *telepho*, Te-*telepho*, pravevolmente.

1 Suppl. ao *Diccionario da Academia*, n.º 185, de 27 de jul. de 1841, p. 491, col. 2.º, art. 1.º, 1.º, 1.º.

2 *Diccionario da Academia*, loc. cit., col. 1.º.

3 C. DE FERREIRA: *Typ. Prop.*, v. 1, p. 11. João DE FERREIRA: *Palavras com o Prefixo*, Lisboa, 1801, v. 1, p. 182.

4 *Diccionario da Academia*, Vol. 1, 1840, p. 227, C. DE FERREIRA: *Palavras com o Prefixo*, Lisboa, 1801, v. 1, p. 182.

## § 2º

ART. 137, n. IV, s. III.

## DISSEMIJAR

:137 I.— Outro alveio entra a verdade material dos textos.

« Entende o sr. R. Y », diz-se na famosa *Re. do* no parecer, « culendo o sr. R. Y que não mal o projecto, preferindo o vulgar — *disparar*, ou tecnico — *dissemitar*. Nos lexicographos que nos foi dado consultar não encontramos a palavra *dissemitar*.

« *Dissemitar*, sim, está em Caudilo de Figueiredo, somente, mas acompanhada de um asterisco para significar que elle não o encontrara em quantos dictionarios podera consultar. »

Preferendo, pois, neste de agora, que o invento um substantivo novo: o substantivo *dissemito*. O genitor dessa idéa impagavel matou-se a correr dictionarios em busca do nome inaudito. Não houve mole de o folhear. Apenas achou umi delles o substantivo *dissemito*, que, não lhe advertindo no acento, confundiu, na maneira do escritor, com o *dissemito*, flexão do presente do indicativo num cohectissimo verbo.

Queria encontrar nos vocabularios a palavra *dissemito*. E como se nelleis entasse as palavras *ho, ou ho; era, ou era; oua, ou oua; pode, ou pode; tem, ou tem; fuge, ou fuge; que, ou que*. Claro está que havia de morrer a procural-as, porque os dictionarios, suppondo em quem os consultava o conhecimento dos verbos, destes apenas alfabetizam o infinitivo.

A picuinha aliada aquelle trecho da minha exposição preliminar:

« Ali, o vulgar *disparar*, preferindo o tecnico *dissemito*. » (Art. 255, n. IV, s unico.) »

Ora eu alludia apenas ao art. 255, n. IV, s unico, do projecto, que assim reza:

« Este direito prevalece, esteja ou não a mulher em companhia do marido, o sim a que a doteção se *disparar* em veia em outro contrato. »

O vocabulo *disparar*, glicio-o eu, e anotei: « Os termos juridicos são *dissemitar, dissemitar*. »

O *disparar*, que alli está, não é, portanto, o substantivo, mas o verbo *disparar*, no seu subjunctivo presente, singular, terceira pessoa.

Logo, o *dissemito*, a que alludi nas expressões transcriptas, « o vulgar *disparar* prevalecendo o tecnico *dissemito* », é a forma correspondente do verbo *dissemitar*. Não faz este verbo *dissemito* no presente do subjunctivo, terceira pessoa do singular?

Buscava o censor no lexicon o verbo, e logo depois, nos grammaticas, aprendeu-a a conjugar.

## § 3º

ART. 137, n. IV.

## DETERMINAR

:137 II.— Aqui, uma chicana associada a outra falsidade. Ella, nas suas toxinas palavras:

« Não se diz — *preocupação para o fim em geral*; o sim: *preocupação com a classe de para o fim em geral*. » (Art. 1.326 do substitutivo.) Esse *de para*, ali convertido, dá ao texto uma graça incomparavel. »

Ora eu não sustentava que não se diz a *preocupação para o fim em geral*. »

Abolutamente diverso foi o meu aserto. No projecto era *causar*, ou sim. Logo estava puntado assim:

« A *preocupação para o fim*, em geral, não se entende *para o fim*, e *de classe de para o fim*. »

Conservando essa *preocupação*, e *de classe de*:

« A *preocupação para o fim*, em geral, não se entende. Eis aqui duas virgulas, que, sendo por demais, attribuem á phrase um pensamento injurioso e alluso ao legislador.

« Com essas duas virgulas intrusas, o que se diz, neste passo, e que — a *preocupação para o fim*, em geral, se entende, *em geral*, para certa e determinada causa. Mas o que se quer dizer, e que — não se entende para *verbo* *preocupação para o fim*, em geral, equivale a *preocupação para o fim*, e *de classe de para o fim*. »

Declaro reclamava eu contra as duas virgulas, que alterariam substancialmente o pensamento daquella disposição; e o autor desta resposta, para me alterar o meu, torceu os termos á minha censura, começando ao texto censurado as duas virgulas, cuja presença era o motivo, o objecto e o fundamento della.

## § 4º

ART. 255, n. IV.

## VIGILAR

:137 C.— Diz o relator da commissão pehiana:

« No art. 76 condemnou o illustre censor o verbo *vigilar* — o art. 134 rehabilitou na mesma accepção. Polve projecto — não por *vigilar*, não por *vigilar*. »

Quão falso testimonio.

No art. 76 não ha nem uma palavra minha, condemnando o verbo *vigilar*. Si um d'vocalario, ou um alarve em questões de linguagem, desses que varam ás vezes por estes assumptos como javariz pelo povoado, seria capaz de se oppor a um vocabulo já corrente ha cento e oitenta annos, quando Buarque dicionarizava, e finalmente, como fiz, o artigo intetro, que tem cinco membros, substitui as palavras iniciais « Na acquisição dos direitos *observar* as seguintes regras » por « Na acquisição dos direitos *observar* estas regras ». Infirre dali, porém, que em condemnando o verbo *vigilar*, só porque, em vez della, se convencia *observar*, não ensaia esta fôrma, como supponho que eu alli condemnara o adjectivo *seguientes*, desde que o substitui pelo demonstrativo *estes*.

## § 5º

DENTRO DE.

DENTRO DE

:137 D.— Debuo eu escrever e escreveria, sem, todavia, rejeitar a *lengua dentro de*, que certamente uso. Parece que estava, e estou no meu direito, acudo certo que muitas as fôrmas têm o mesmo quillo venarado.

« *Examinar* esse tal *vocabulo*, de que não ha nem uma palavra no projecto, e *de classe de para o fim em geral*. » (Art. 1.326 do substitutivo.) Esse *de para*, ali convertido, dá ao texto uma graça incomparavel. »

Mas o philologo improvisando da commisso dos tres casamentos com o malandro, « Saiba », diz, « sabido o casamento com que Fr. Letiz de Sousa (citado por ALBERTO), o segundo que eu fiz a V. S. a respeito do casamento de Fr. Letiz de Sousa com a filha de D. Manuel de Sousa e Albuquerque, e a filha de D. Manuel de Sousa e Albuquerque, e a filha de D. Manuel de Sousa e Albuquerque... »

O que não sei, e se Fr. Letiz de Sousa por intermédio de ALBERTO, o que não sei, era que com a filha de D. Manuel de Sousa e Albuquerque, mas nunca adquiriram os exemplos de Sousa, mas que que com a filha de D. Manuel de Sousa e Albuquerque, e a filha de D. Manuel de Sousa e Albuquerque, e a filha de D. Manuel de Sousa e Albuquerque... »

Fr. Letiz de Sousa não se rejôta a herança de Sousa, mas de dentro em sua filha mais propriamente.

NOTA. — Como já não é a primeira vez que se me estranha o emprego dessa locução prepositiva, apontarei a sua mayor logar, onde os não ordinarios da sua verificação se verificaram nos memoriaes descriptores, antigos e modernos.

Assim se escreveu em um escripto, desde que existe o nosso idioma. Já D. DIARTE, em *Leit. Casa de D. João de Sousa*, « de dentro em minha » (p. 354); « de dentro em nos » (p. 21); « de dentro em sy » (p. II, 327, 368, 439, v. II, *na Lista de Respostas*); « de dentro em minha » (p. 517); « de dentro em ellas » (p. 732); « de dentro em ellas » (p. 733).

São em Camões, logo, porventura, de *na officio critico das Obras d'Amplidão*:

- « De dentro em minha almas, contemplar-vos » (V. I, p. 41).
- « Que de dentro em minha obvia amor, odoza » (V. II, p. 39).
- « Mas de dentro em minha firmo pen-amante » (Ib., p. 92).
- « De dentro em minha, com as letinas da memoria » (Ibid.)
- « e viros ao mil que de dentro em minha moza » (Ib., p. 42).
- « Já de dentro em seu peito a namorava » (Ib., p. 155).
- « Que a fonte de dentro em representava » (V. III, p. 74).
- « Te viamos muito de dentro em cinco dias » (Ib., p. 104).
- « Que a molesta de dentro em estatura encorta a vida » (V. IV, p. 114).
- « Que se en fofo » (V. V, p. 66).
- « De dentro em minha seffoza » (Ib., p. 87).
- « Pila fall de dentro em mim » (Ib., p. 132).
- « Que vás fall de dentro em mi » (V. VI, p. 40).

« De dentro em meu coração »

(Ib., p. 42).

« Que de dentro em minha vos tem »

(Ib., p. 92).

E, nos *Luiz de*

« De dentro em talha vis outra queira »

(Ib., p. 113).

Mais IX, 43, X, 24.

Os outros classos de Letiz, os mais das vezes apenas os litteros e papirus, onde se depura, até mais dentro em suas veias, o emprego dessa locução.

JOÃO FERREIRA: *enrajada*, v. IV, p. 1; *adentro em a paz*.

ANTONIO FERREIRA: *Or.*, (ed. de 1876), v. II, p. 67, 100, 160, 157, 416.

FR. LETIZ DE SOUSA: *Vida do Archep.*, v. I, (ed. de 1896), p. 160; *adentro na mesma estadia dentro nelle*; p. 7, 15, 36, 98, 115, 141, 152, 155, 229, 291, 363, 379, 387, v. III, p. 15, 16, 19, *Jonas de D. João III*, p. 2, 15, 74, 76, 107, 194, 191, 167, 169, 185, 198, 221, 231, 247, 348, *Historia de S. Bartolomeu*, v. II, (ed. de 1859), p. 19, 320, etc.

PANTALÃO DE ALMEIDA: « De dentro em agua no porto » (C. XVII, fol. 41 v.); « De dentro em mar » (1697).

GIL VICENTE: « Fallava de dentro em David » v. I, p. 373, v. II, p. 398, 398; v. III, p. 93, 96.

FERN. LOPEZ: « Entrou a principio de dentro em cidade » (*Chousa de D. Branca*, c. 12); « De dentro em Castella » (6); « Entrou de dentro nelle com talos os seus » (Ib., c. 25); « De dentro em villa » (Ib., c. 34); « De dentro em cidade » (Ib., c. 49); e a cada passo, em todas as suas *Chronicas*.

DIARTE NUNES: *Obras del rei D. João I*, (ed. de 1789) p. 74 (duas vezes) 78, 79, 84, 130, 202, 440.

HEITOR PINHO: *Imago da Vida Christã* (ed. de 1843), v. I, p. 9, (ed. de 1843), 31 (adentro em livro).

JOAQUIM FERREIRA: *Vida de D. João de Castro*, I, n. 22 (adentro em p. duas vezes); II, n. 19 (adentro em massa de dentro em); II, n. 51 (adentro em dentro); III, n. 7 (adentro em dentro); IV, n. 23 (adentro em sua mesma casa); IV, n. 48 (adentro em Amadado).

VIEIRA: *Sonatas*, v. I, p. 351; v. II, p. 91; v. III, p. 13, 49, 74, 94, 214 (duas vezes); 210 (duas vezes); 228, 283, 319; v. IV, p. 7, 95, 163, 177 (duas vezes); 198, 199, 229, 291, 292; v. V, p. 131, 35, 59, 69, 161, 194, 204, 398, 311, 319; v. VI, p. 82, 109, 214, 263, 274 (duas vezes); 290; c. XI, p. 27, 101, 112, 119, 152, 164, 563. *Cartas*: v. I, p. 16, 242, 253; v. II, p. 3, 68; v. IV, p. 36, 39, 116, 179. *Obras Lat.*, p. 125, 168.

BARRIOS: *Dec.*, I, v. I, p. 38; III, v. I, v. VI, n. 23; II, v. I, v. VI, p. 110; III, v. I, v. VI, p. 123; III, v. I, v. VI, p. 111.

COURTO: *Dec.*, IV, v. I, p. 33.

BARRA: *Monarch. Lus.*, v. I, p. 26.

PILANTO LAYO: *Obras* (ed. Rollandiana de 1890-1840), v. V, p. 16; v. XII, p. 201, 248; v. XIII, p. 108.

A. Herculano: *Obras*, v. I, p. 28, 32, LISBOA: *Obras*, v. IV, p. 50, 64, 69.

1 Edic. de 1905, in-fol.

2 Onde muitas vezes occorre, unicamente, a variante, *dentro em*, tambem deparada em Soares, *Amoriz*, p. 27, 291, 211.

João de...  
1850  
sul stau  
caz acat  
explicã  
d'locuç  
come a  
verba  
Aqui  
O au  
senzo  
ler le  
Mas  
(Surp)  
E a  
comu  
as exp  
de R  
276  
«A  
omg.  
gond.

U. DIAS: *Procure*, v. I, p. 88; v. II, p. 7, 25, 81.  
CASTILHO: *Coleção* (ed. de 1849), p. 81, 107. *Arte de Ana*, v. I, p. 127. *Amores*, v. II, p. 74. *Féshes*, v. I, p. 155, 284; v. III, p. 543. *Geographia*, p. 219. *Arte de Medicina*, p. 8. *Parusia*, p. 53, 70, 124, 210, 241, 273, 321, 330. *Alexandria*, p. 209. *Topica de um Conselho*, p. 38. *Memorias*, p. 81, 107, 114, 116, 300, 1000-1005, p. 101. *Deve conservar a sua fidelidade* (p. 21, 304). *Deve conservar a sua fidelidade* (p. 21, 304).  
C. ESTRELA: *Tratado de Grammatica*, p. 121. *Quem* (Cruz Queiroz), p. 191.  
FARIAS CALMON: *Tratado de Grammatica*, v. II, p. 152.  
F. A.: *Meios*, v. II, p. 388, 392.  
M. DE ASSIS: *Boas Letras*, p. 19, 153. *Passos*, p. 77, 111, 283, 301.

JOÃO RIBEIRO (sic) *idem*, p. 182, lembra que as *honestas deusas de e* deveo ser esse de *capital*, ainda que a segunda mais frequente nos antigos.»

§ 2.<sup>o</sup>

ART. I.º 11.

Á-GRA. — COMO

§ 2151. — Note-se que, nesse ponto, não cita a *Regra* o artigo do substitutivo, como o não faz, quanto ao art. 76, no reparo concernente ao verbo *aparecer*, como o não faz, ainda, quanto à minha exposição preliminar, no despropósito que lhe anima em relação à forma verbal *disparece*, pelo sem o stem sempre do fazer, quando, como neste ponto, lhe convém difamar o substitutivo à custa da verdade.  
Apoi o artigo se acentua maniosamente nestas palavras:

«Nem, são obrigados a guardar no contrario a mais stricta liberdade e veracidade assim a respeito do objecto: *Veracidade assim*. Assim como *o*»

O autor desta sophística crassa, por não dar eir de bom senso, trançou o typo do substitutivo na palavra *objecto*, depois de lhe ter truncado as palavras iniciais.

Resistido à sua insinuação, tal qual se actua no *Diario de Coypé* (suppl. do 27 de julho, p. 153), é isto o que escrevi:

«O *artigo* e o *seguidor* são obrigados a guardar no contrario a mais stricta liberdade e veracidade assim a respeito do *objecto*, *como* das circumstantias e de clarificação a elle concernentes.»

O *advérbio assim*, portanto, não modifica o vocabulio *veracidade*, como se finge em nossa escriptura: censure: seu papel é reger a expressão, e elle subsumente, a respeito do objecto, a harmonia de conjugação *como* na classe a humilidade: *«como das circumstantias e de clarificação»*.

«*Artigo... seguidor* é uma humosa conjunctiva do mais puro formalismo, equivalentemente a *tanto... como*. A mais autor dessas extravagancias o seu Monarca, se o tem, *in eo, azillis*, o ha-de ler:

«Quando a partícula *como* vem no segundo extremo da comparação, então significa *tanto, etc.* *Côes. Obs. de Mor.*, t. 3: «Os naturos são negros, *assim* os da ilha, *como* da terra firme».

MORAES copiou o *Dicionario de Avaluiação* (1611, f. p. 471), que, no lance correspondente, reza assim:

«Quando a partícula *como* vao no segundo extremo da comparação, assom significa *tanto, etc.* *Obs. de*

D. *Mora.*, t. 74. «*Indignos são negros, assim* os da ilha, *como* os da terra firme. *Côes. Dec.*, t. 5, s. 4. *Assim* para animar os da Portellas, *como* para meter terror e espanto nos Turcos. *Barro. Hist.*, t. 20. *Pó* esta designação a mim seolida, *assim* dos familiares da casa, *como* dos estrangeiros.»

Se não me atstar, veja os *Leitões*, v. X, exemplo 1.º:

«*Apri* tens palmas, *assim* nos filios, *assim* no p. g. *falado injúdo e duro»*.

«*Que* atralço *cheir*. *Barroes*, no *Capitulo* 1.º do *Libro* 5.º do *Proc.*, v. II, p. 166:

«*Porque* genio mais *ruo* e mais *potente*, *assim* no largo mar, *como* na terra.»

*Bolheio*, se *parler*, o *Vimta*, *Côes*, v. III, e, p. 181, vem:

«*Talhara* posto em grande terra e *nada* as *nacões* daquela *partes*, *assim* *naturas*, *como* *européas»*.

Tomo-me agora os *Verbetes* d'esse mesmo escriptor, v. III, p. 77. Ah! se lhe departar:

«E o mesmo *commodo* e *declaração* faz sobre outros lugares, *assim* do *Velho*, *como* do *Novo Testamento»*.

«*Completos* *humas* em *filios*, *etc.* *no* *libro* *D. Manoel*, ed. de 1619, prim. parte, e *logijos* *primeiras* *partes*, *vera»*:

«*Tonças* que *dava*, *assim* à *Infanta* *D. Beatriz*. . .  
*quomo* nos *moralores* de *sua* *casa*.» (f. 1.º).  
«*Mereos* que *fazia*, *com* *as* *da* *sua* *e*, *quomo* nos *moralores* *da* *del* *rei*.» (f. 3.º, col. 1.º).  
«*Agradecido* *aos* *muitos* *beneficios* *que* *del* *rei* *nos* *paiz*, *assim* *na* *vila*, *quomo* *na* *morte* *rescabido*.» (f. 5.º, e. 1.º).  
«*Proveio* *em* *muita* *abastança* *lozinhos* *lugares* *d'além*, *assim* *de* *mantimentos*, *quomo* *de* *quante* *do* *pão*.» (f. 6.º, p. 2.º).  
«*Comas* que *intendia*, *assim* *nestes* *regnos*, *quomo* *nos* *estranhos*.» (f. 8.º, e. 1.º).  
«*Tava* *tanta* *authoridade* *em* *Roma*, *e* *nestes* *regnos*, *assim* *no* *consistorio* *dos* *papaes*, *quomo* *no* *conselho* *del* *rei*.» (f. 9.º, e. 1.º).  
«*Trabalho*, *e* *perda*, *assim* *do* *gasto*, *quomo* *do* *bens*.» (f. 11.º, e. 2.º).  
«*Pois*, *assim* *estas*, *quomo* *na* *outras* *s'achiam* *de* *reino*.» (f. 12.º, e. 1.º).

Se não at abalar-me ás asperões de *João* do *Baltos*, mestre de *Camões* e *VEIGA*, e se posso me lembrar-me *Decadas* da *Asra*: a breves, por exemplo: é o *vera*:

«*Muito* *primitivo* *pôr* *com* *a* *muita* *de* *quarenta* *termos*, *assim* *das* *que* *havia* *na* *terra* *para* *a* *escriva* *do* *abpate*, *quomo* *para* *servicio* *da* *cidade*.» (III, vi, 5.)  
«*Que* *se* *propis* *assim* *nas* *cousas* *da* *gouern*, *quomo* *da* *partida* *de* *os*.» (f. 1.º).  
«*Tallos* *direito*, *que* *a* *eu* *villuanyo*, *assim* *por* *entrara*, *quomo* *salvo*.» (Ibid.).  
«*Para* *no* *calbo* *anno*, *assim* *os* *heros* *das* *ilheas* *portuguezas*, *quomo* *nos* *moralos*.» (Ibid.).  
«*Os* *seus* *reducidos* *palu* *unilo* *que* *he* *mais* *memoria*, *quomo* *para* *poterem* *postar* *se* *nos* *as* *armadas*, *assim* *no* *guinto* *que* *contamos* *indiam*.» (III, vi, 8.).  
«*Como* *estas* *l'escrim* *parto*, *quomo* *assim* *do* *balmarto*.» *quomo* *das* *nuas* *de* *Diogo* *Lopes* *poderia* *receber* *indio* *danno*.» (f. 9.).  
«*Desco* *as* *naveas* *desse* *reyno*, *assim* *pelo* *claro* *sauque* *de* *sua* *linguagem*, *quomo* *por* *sua* *cabalaria*.» (III, vii, 1.).  
«*Os* *moras* *assim* *da* *costa* *da* *India*, *e* *Canlaya*, *quomo* *os* *da* *parte* *da* *Arabia*.» (f. 2.).  
«*E* *he* *desse* *esta* *nova*, *assim* *para* *lhe* *audir*, *quomo* *avizar* *os* *nosso*.» (I, .)



Até ao momento, ou até entendido está. Tratam-se de verbos conjugados, basta que a proposição se expresse antes da primeira. Assim ditamos succeivamente: «O marido foi condenado a pagar certos tributos, sofreu multações, perdeu a fortuna, e morreu miseravelmente.» Quatro verbos recebem da proposição, e uma só vez expressa. Repetida antes de cada um das orações successivas, em lugar do verbo fundida, elevamos a força.

## § 89

Art. 147

DELEGAMENTOS

127 15. — *Acta, nesto artigo, o n. VIII:*

«O conjuge substituído, com o que foi condemnado como *actor* ou *culpado* no homicidio.»

Substituído:

«O conjuge substituído, com o condemnado como *delinquente* no homicidio.»

Era favor, com a mesma precisão e clareza, por meio de uma palavra o que obriga a o proprio a deparar tes.

Não assistiam, porém, os seus autores o alvitro, graças a uma confusão de idéas inerte entre litorales e saldados no assumpto. Dizem elles:

«O proprio nada lucrava. «Autor ou culpado é a expresso de que usam todos os nossos codificadores, a (C. Rodríguez, art. 1.848 § 4º; Clovis, art. 218 n. 8º; Cod. Reviv., art. 770 n. 8; Teixeira de Freitas, o Cod. Civ., art. 1.277, a. 19. Carlos de Carvalho, Nav. Cons. art. 1.260, § 4º) do casamento civil, art. 7 § 4º o o Cod. Civ. Port. art. 1.038 n. 4. Autora o culpado, autor e culpado são cousas distintas e inconfundíveis, diversamente capitaladas e diversamente punidas.

«A distincção, portanto, era necessaria.»

Não ha tal o olho se vê que não o era.

Necessaria é a distincção nas leis penaes, justamente porque ali, sendo o *actor* e o *culpado* responsabilidades diversas, e incoerendo, por isso, em diferentes penalidades, se faz mister discernir os um do outro, para a cada um assignar a sua condição penal.

Mas ante esta disposição da lei civil a situação do *culpado* é idéntica á do *actor*; pois, delittido o impedimento matrimonial, se declara que o conjuge, sobrevivendo ao assassinado não poderá contrahir excoamento; com o *actor* nem com o *culpado* do crime.

*Delinquente*, que é?

O que *delinqua*.

E o *culpado* é quem delicta.

Incoerente em delittio o *actor*? Sim. E o *culpado*? Também. Ambos seriam envolvidos um e outro na capitulação penal. Logo, um e outro *delinquente*. Logo, ambos são *delinquentes*.

Mas, se ambos são *delinquentes*, e a lei civil aqui lhes equipara as situações, valendo a ambos, nas mesmas circumstancias, o casamento, o mesmo é prohibido successivamente a um o outro, fallando em *actor* o *culpado*, que talvez o simultaneamente os dois, referindo-se a *delinquentes*.

Haverá nada mais obvio?

## § 90

Art. 148

AFINDAQUE ILLEITA

127 16. — Referindo-se esta expressão com os nomes de dois justos herdeiros e com o texto do decreto n. 181, de 24 de janeiro

de 1890, que entre nós estabelece o casamento civil, art. 7º § 1º. Tendo em conta, mostra a incongruência com as matérias autorizadas, como BARRAL e LARRE, se errava tal applicação do adjetivo *illeito*, o que se sugere, é que essa lei e aquellas dos justos nossos desavancaram.

No mesmo artigo citado em tambem, se fosse justa, como pretendem os applicados do proprio, haviam-se por contemporâneo ao decreto do litorale n. 181, Acto do Governo Provisorio nos primeiros mezes da sua administração, asolphada de respectiveis e precepções esmagadoras, clare está que, pela sua *disponção*, pela sua forma, não poderia ser responsável sendo, quando emitido, o ministro, por esta pasta corria o assumpto. E esse nisto não era em, mas o da justiça. Não faziam pouco os outros, entregando realmente de *actor*, e colligando realmente nas arduas questões, jurídicas, politicas e moraes, que ella suscitava.

127 17. — Nem a todos, com razão, se declararam perceptíveis, no primeiro lance d'olhos, a graduação que distingue os adjetivos *illeito* e *illegitimo* em sua applicabilidade ás diferentes idéas, com que entendem. Ha desses entendidos, cujo discernimento propriamente se espelha adolttado de estado de todos. Nas espécies violentas, porém, temos um *illicito* no alcaide de todos. Ninguem diria *filho illeito*, ou *phactico*. Ninguem, *de seculado* o *excoadunção illeito*, ou *illicito*. Ninguem, e *pacato*, *um nato*, ou *excoadunção illeito*. *Um nato* *illegitimo*, e *illegitimo* *pacato*, ou *excoadunção illeito*. *Um nato* *illegitimo*, e *illegitimo* *pacato*, ou *excoadunção illeito*. *Um nato* *illegitimo*, e *illegitimo* *pacato*, ou *excoadunção illeito*. *Um nato* *illegitimo*, e *illegitimo* *pacato*, ou *excoadunção illeito*.

O *pacato*, em summa, sempre se qualifica do *illegitimo*, ou *illegitimo*; nunca do *illeito*, ou *illicito*. *Illicito*, ou *illicito*, podem ser *illicito*, ou *illicito*, do modo que se refere o decreto.

Assim, escreve o *GAZETTERO* *ILLEITO* o no ed. das pass as cotitimas em virtude de uma *deversa* aberta sobre a moralidade do ministro de Oâtroilas: «O nro Padre José Rodrigues, ... por dar palestra a varios freirados em sua casa, dando os excoelhos e recusando as respostas da nrolos *trahendo-as illeitas*. O padre Roque Francisco... por *tratamento illeito* com certa religiosa.» Mas as relações, que daí resultem, são *legitimas*, ou *illegitimas*. Assim se qualifica o *casamento*, a *separação*, a *penção*.

Disso mesmo nos dá testemunho a *illegitimo* na edição de um commentario contemporaneo, segundo o qual se affilhiado *illicito* ao *filho* sobre uma *causa* sustituição é em que se legitima a *illegitimo* *legitimo*.

Pois, se não chamamos *illegitimo* *illicito*, porém *illegitimo* *legitimo*, e ali mesmo o *casamento*, como é que, para significar a *contradição* dessa *idea*, não diriamos *illegitimo* *illicito*, ou sim *illegitimo* *illicito*? De *illicito* se faria *illicito*. Logo, o *illegitimo* não será *illegitimo* e que se contrapõe?

## § 101

Art. 1709

Art. 1709

127 18. — Confusa a *Resposta* a esta occorrence nesse artigo, é que não apontado, com a substituição de *causa* por *causa*. Entretanto, referindo-se a minha *concreção*, observa:

«A *causa* do *Ilustre* *causa* é, porém, assim *religiosa*;

«Se o testador *commetedor* designa *funcionário* a certos herdeiros a *excoção* dos legados, ou *causa* *reprodução*;

«... «Esta *peça* sabendo *aquellas* *verdades*, *per* *nada* *peça* *illicito* *no* *filho* *clonare* *reis* *de* *Castilla*. *Don* *de* *D. Afonso* *I.º*, *ed.* *de* *1589*, *ed.* *de* *1591*;

«Resistiu *contra* a *illicita* *guerra*.» (De. p. 220.)

por *estes*. — *Estes* refere-se a herdeiros, mas a quem a referença de *estes* é. A—legados deve ser, mas no texto *legados* está tão distante...

Nalém, porquanto é característico, lembrese que a referença de *estes* não pode ser, como devia, a *legados*, visto que, no texto, *legados* está tão distante... Ora, o texto, ali mesmo transcritto, resta:

— Se o testador commetter designadamente a certos herdeiros a execução dos *legados*, os *esses* respondendo por *estes*.

Então *legados* e *esses* mediam apenas os termos — os *esses* respondendo por: — um advérbio, um adjectivo, um verbo e uma preposição. A nenhuma delles a referença poderia tocar; porquanto nenhuma é substantivo masculino plural, para poder concordar com o demonstrativo *estes*. *Tamão* adverte: anterior a *esses* *dois* *herdeiros* e o demonstrativo *estes*, que representam a *ditos* *dois* *herdeiros* pelo nome contido adentro d'istinctiva *grande*, ou, o substantivo *legados*. A que outro vocabulo como *este*, *logo*, poderia o *est.* aludir?

## § 11

Act. 1857. 1.

## CASAR, CASARESE

1177. — Esclamativo e a *Resposta* em forma intransitiva, que usou, desta vez, antes sem condemnar ou negar o pronomeal.

Preferi a intransitiva pela superioridade, evidente no ouvido, que a sua brevidade lhe dá. Na sentença «O rei *casar-se*, o dizer é naturalmente mais fraco que nos' outra: «O rei *casou*», o dizer é naturalmente mais rápido e elegantemente que *casar-se*. Não o sentem? Também eu o não poderia demonstrar discursivamente. Sei porque o sinto. «Nestas coisas de gosto delicadas, dizia o bom senso por bocca do Castriano, é nem tudo se raciocina; muita coisa fica a um senso intuitivo: o *sentir* *est. que*, o proverbial *nos* *est. que*, representem em todas as artes um importantíssimo papel.»

1178. — Mas, se em não puz *casar* no *casar-se*, porque não notei que o *casar* é em todos os diccionarios a significação neutra, mais verbal, anterior á pronomeal. Na ordem natural é igualmente essa forma a primeira e a dominante. A significação neutra, diz Fr. DOMESTOS VIEIRA, «é aqui a original.» No uso da lingua é ella a prevalentemente. Basta, para o demonstrar, a vantagem, que leia á outra no fallar dos athenas:

*Casar, casar*, não leito, e está mal.

*Casar, casar*, quer leito, quer mal.

*Casar*, e compor, cada um com seu genit.

*Casara*, e amansar.

*Casaria*, e em muitos alvos comeres.

*Casar* o filho, quando qizeres, e a filha, quando puderes.

Cola um canoa, como tem greca, e *casar*, como tem centara.

Com teu vizinho *casaria* seu filho, e beberias seu vinho.

Quem longe vai *casar*, ou vai enganado, ou vai enganado.

Um *casar* *est.*, mal *casar*.

Antes que *casar*, ve o que fazes.

Nem de mim te ajuda, nem *casar* com vinho.

Estes classicos me dispensariam de recorrer-me a outros. Entretanto, sempre alguns exemplos apontarei:

- « *Casou* com este. » (FRAN. LOPES e B. BRANCO, in c. 131.)
- « *Casou* com ella. » (B.)
- « *Esta casou* depois. » (B.)
- « Ordonou como *casar*. » (B., c. 150.)
- « *Casou* com ella. » (B., c. 154.)
- « *Casado* com o infante. » (Bd.)
- « *Casava* com o dito rei. » (B., p. 160.)
- « *Casado* el-rei penitente. » (B., c. 15.)
- « *Por* nenhuma guisa *casar*. » (F. LOPES: D. João I, parte II, c. 125.)

« Ordonou de *casar*. » (B.)

« Ambos *casaram*. » (B.)

« E, depois *casado*. » (B.)

« *Casou*, como se eu em'ella. » (VIEIRA: Obras Varias, v. 1, p. 16.)

« *Casou* com uma filha bastarda. » (B., p. 191.)

« *Casou* com uma filha. » (B.)

« *Casou* com D. Anna de Athayde. » (JACINTO FERREI, Op. cit., IV, n. 110.)

« *Casou* uma só filha. » (BARROS, *Doc.*, ed. de 1778, v. 1, p. 256.)

« *Casou* com a rainha. » (B., p. 192.)

« *Com* quem *casou* um fidalgó. » (B., p. 193.)

« *Com* quem *casou* D. João. » (B.)

« As mulheres não podiam *casar*. » (B., p. 10.)

« Não estavam em disposição para *casar*. » (B., p. 1.)

« *Casado* com tres filhas do proprio rei. » (BARNES, *Monarch's Institute*, Ed. de 1891, p. 4.)

« *Albergiz*, a qual *casou* em Saboya. » (B., p. 8.)

« *Casou* com Constanta. » (B., p. 19.)

« *Casou* com Eliza. » (B., p. 17.)

« *Casou* esta princesa com Amadeu. » (B., p. 17.)

« Não *casou* segunda vez a rainha D. Tereza. » (B., p. 25.)

« Se não queres *casar* mel

*Casa* com igual. »

(BERNARDES: *N. H.*, v. 1, p. 225.)

« *Casou* primeiro as blades, as condueiras, as súdas, e as qualidades; e em ão *casou* bem as pessoas. » (Bd.)

« *Cas* lenho com lenho. » (B., p. 256.)

« Se alguns d'estes momentos *casou*, lio *mondo* ym que *casou* *est.* a mercen. » (B., v. IV, p. 11.)

Não hesitarei, para que me fiasse o direito de escrever *casar*, em vez de *casar-se*.

## § 12

Act. 16 e 19

## PROPOSITAL, PROPOSITAMENTE

1179. — Confessa o autor da *Resposta* não encontrar esses vocabulos em dictionario nenhum. Mas a elles se aterra; porque João KUNHO *Gram.*, p. 298 os enumera entre os adoptados pelo *mondo*.

Entretanto, o unico registro authentico do uso geral é a pratica dos bonsocriptores. E, agora o proprio João KUNHO, que daquello adrecho já usou (*Hist. do Brasil*, 2.ª ed., p. 16, e *Brasil*,

« *Crioula* *Ordinam.* *Append.* ad. *Assoc.*, v. V, p. 241.

















E FILINTO LUSO :

«Não o teve por tal.» (Sôphoc., v. VII, p. 11.) «Que eu a não portei tal.» (VI, p. 29.) «Entende o poeta por tais.» (Id., p. 24.) «Por tal o nomeo sempre.» (V, XI, p. 11.) «Que por tal nesta corte se vendia.» (Id., p. 13.) «Por tais cultos.» (IV, XII, p. 121.) «Por tal o escasso.» (V, XIII, p. 171.) «Por tal memoria.» (Id., p. 174.) «E por tal gozo.» (Id., p. 181.)

Como depois dellas, OLIVIERA MARTINS :

«Forma a por tal procepção.» Os filhos de D. João I. Lisboa, 1891, P. G. 1.

Não há, em summa, lexicão mais excentrica, innocente e inutilizavel em nosso fallar. Com o por tal, ampla temas por tais, de que se acenam de vez, nos exceptos de FILINTO LUSO, aluzamo' annos tras, sendo facil ajuntar-lhes outras, como esta de DEANTE NUNES: «Por tais eram de todos conhecidos.» (Canto, del rey D. Juan, c. 52.) E, afóra por tal e por tais, nos auctores a por tais: «Tendi por tua impoavel passada.» (Id., c. 98.) «Por tais certos indici ei.» (SOUSA: Hist. de S. Thom., parte 1.ª, IV, c. 10.)

Aid pois estas aluzas se insurge a nosa lingua a essa exigencia disparatada, contra a qual brava o subito anoxin :

«Tal por tal.» (BLUTEAG: Vers., v. VII, p. 18.)

Mas por que mo hei-de justificar em do acto, que não praticamos? Lembra-se a minha nota ao art. 1.312, § 2.º, indigalida como o locus delicti, o ver-se-a do que ali não existe a expresso por tal. A censura assena, pois, num falso testimonho.

408. — «Ecc esse.» (Art. 1.15.) A phrasa, em que enervavam as syllabas erminadas pelo censor aluzo, e está «Mas o art. 1.151 reconhece esse direito.»

Não me dirão como se sacari dahi um cacophonico?

409. — «Disse respeito.» (Art. 90.) As duas syllabas «r» e «p» não se accommodam á activa deso affimador de phrases. O texto sobre que reente a comarca, vem a ser e lo :

«Tem-se igualmente por erro substancial o que disse respeito a qualidades essenciais da pessoa.»

Pois, disse respeito não é locução trivialissima, como ficou respectiva, hantem respectiva? Que ouvido com ellas jamais se esdandilhou?

410. — «Autos a accipis» (Art. 78.) O composto cacophonico é autotribuendo. Realmente m' palavras. Tolo o cuidado em não a preferirem. F' interval que a tanta possibilidad foaj tasado a critica nestas alturas officias.

411. — «Cavada das.» (Art. 11.) A cacophonia está em cavadas. Inevit vocabulo, de veras. Mas fallamos serio, se é que so podem ter a serio extrarrazoas tamanhas. Cavadas, evidentemente, nada tem de man sam, ou de indecencia.

Onde ella está, e da mais graves, é em fallar á verdadeira num papel solemn e, sobredito, num accusação friamente mollitada. No art. 11 não há tal «cavada das», nou coisa que a esta se assemelle.

412. — «Eui pena» (Art. 1.369.) Poi' mo estáo tendo á horrenda cacophonia? Eui pena? esse vocabulo, que se profira por boza limpa, ou que ouvido não tolere? Entulando, Moisés m' o onsta a uter: «Alma em pena.» DOUGRIS VIEIRA nos aconsella: «Sem pena.» «Sem ser necessario para isso muito figur, sem pena», escreve MARÃO MENDES PINTO, (Poesiographia, c. 2.) do elegante MANOEL BERNAR-

des da phrasa: «Eui pena deito peno pejo.» (Nave Floresta, v. II, p. 322.) (DON-ALVIZ DIAS poden :

«Pelos christãos inimigos

Cartas a pena o sem dous.

«Eua pena das rebellioes que fez á Eirey do Ormuz.» (BARROS: Dec. III, v. 2, V, VI, p. 117.)

«Em premio, em pena

«(Óssu a cada luma o que llo' por devido.»

(A. FERNANDES: Ob., v. II, p. 103.)

«Lancado e genero humano em penas e tormentos.» (Pa. TROVÁ: De Juss: Tralbalh., v. I, p. 47.)

«Epprociamento os aluzados e faz viver em penas.» (Id., p. 50.)

«Em pena do teovaldo.» (VIEIRA: Sento, V, p. 307.)

«A inossa «contença em pena de sua culpa.» (Id., p. 42.)

Nem lha quem mo diga «em pena de suas culpas, em pena de sua culpa», como em disse :

«Contumeliosidade em pena a recurso do contracto.»

Que infantilidade seria moverem-se lomas do parlamento Seja, em castiga das suas culpas, em sua pena das mes peccados.

413. — Ainda abaixo, na esca da lavandaria e da insignificancia, accuma u fabricante do cacophonico :

«Canto dellas.» (Art. 1.382.)

«Canta dellas.» (Art. 1.493.)

«Parec dellas.» (Art. 1.651.)

«Que dellas.»

Ésto ultimo, não indica o cense opdo a acion. Diz em tom de gresca que ali se encontra «por cima do tempo».

Os topics onde perpetua as outras enormidades contra a euphonia, são :

«Além do que por conta della despendem.» (Art. 1.382.)

«Por converção das partes u, em fallo delle, pelo disposto nesta secção.» (Art. 1.423.)

«De toda a divida, ou só de parte delle.» (Art. 1.051.)

Ora que é ali o estripito, que se recuará a subssever alguma dessas phrases?

A frivolidade, porém, culmina no «que dellas». Já se não podera escrever : «O que dellas me onsta. O que dellas resulta. O que dellas obtivo. O que dellas restou.» Cacophonico desrazoavelmente a pena, a que faz expressões escappasas. Que veia critica a deste homem?

414. — Mas ainda não ao bon. Nesse fallizar, esquivavau nada o timo do exavador :

«Com rivas.» (Art. 182, § 2.º)

«Nó vi.» (Art. 1.089.)

«So mo.» (Art. 776, nº 4.)

415. — «Só via.» «Ainda que o contracto se lavrasse em uma «ria», realizer em A' cacophonomania dessas esgalladas gralreas mo foi tem osú via. Talvez porque llo' essence. Note, porém, como inimigo das formas antiquadas, que a llo' mais em uso

1. Su o o a dellas que arripia aqui o critico parlamentar, note que um noeto de timo esmero como M. de Assis escreveu: «Parecem ver passar a somnia della.» (Poes., p. 21.)







inconveniente e dissole, perdendo o senso da vernaculidade, o timbre da sua belleza, a intelligencia da sua harmonia, acedam por supporto seriamente mais clara eza, miscellanea anorgânica, emburilhada e ruela, essas portunas misturas de cunho lobo e cão. No pto. devesse dizer de nós mesmos maiores, que o genuino phrasado patrio, onte afiz as singularidades, os modismos, as anomalias são traços de singularidades de idéas, e claroscesos de perspectiva na imagem verbal do pensamento.

1274. — Não me proponho a curar des-achaque os que o contrahiram. Bem sei que della raro avocaram de sarar. Na « rergordios » metamorphose por que está hoje passando o portuguez « entre nós », homens aliás muy instruidos, verdadeiros sábios em outras materias, commetteu crasso erro de linguagem. « Depois entao que se inventou, apudrinado com o nome insignite de ALEXCAR e outros moneres, «o dialecto braziliano», todas as mizellias e corruptelas do idioma que nosso paes nos honlaram, cabem na intelligencia ptenaria deos: forma da r e d'acção e do desprezo da grammatica e do gosto. Aquella « forma » maneira de escrever », que delectava os nosos maiores, passou a ser, para a orelha destes seus cristes descendentes, o typo da indolencia e da obscuridade. Ao sentir de tal gontia, quando mais videnter a linguagem os modelos classicos: tanto mais melodiaz pueras: quanto mais distar do bom portuguez, mais luminosidade emera. As lousas da palavra, redoliam-se flic de francez, ligeiramente lharfado ou tratado ás pressas de inglés e allemão. De todos esses idiomas, afinal, todos mal sabidos, lharndo na sciencia de cada um apenas o *quodam solis* para o trato dos livros, a que a profissao, ou a curiosidade os atrax, ficão-lhos sendo a nosa apenas a memos mal conciliada entre as varias linguas estrangeiras, cuja mistura cultivam.

Os francezes, observa o melhor dos nosos criticos <sup>1</sup>, escrevem naturalmente bem; são excepções os que dellas contagem, além das linguas classicas, outro idioma, que não o seu: mas mesmo o conhecido, fêem comotamente mais no seu que no alheio. Aprendendo o seu profundamente (o curso de francez nos lyceus é de seio a nofo) e directamente dos seus genuinos escriptores estudando todos os aspectos, não admira que a critica ali raro tenha a pofarlier incorrecção de linguagem. Entre nós, bem ao contrario, os melhores dizem a transporem os cursos secundarios e superiores sem o menor grau de estima do idioma patrio. Aquelles que, por mais laureados, como o dr. BERTALDO, e alto magisterio vont a chamar ás suas catedras, vão levar d a cidade, com o exemplo, a persuasão de que os grandes necessitados se sustinam, arregaçando as vestes talares da sciencia, p r não negarem no chlo as quezidas intels de linguagem.

1274. — Lembra-me, porém, que BENTIVOL, cuja competencia o illustre professor distingue, invocando-lhe algueme o nome, passara directamento a « dignidade » de collectoz, diz ella, « a respeito das causas da obscuridade e incertezza das lousas espiritos fous em materia de logistica, que se arrecebidamente fallar acedido do genio, aliamos-se a curar com escrupulo das palavras. *Tos palabras, tal tra*. Com que outra coisa, a no ser com palavras, se haviam de fazer as leis da Vida, propriidade, liberdade, honra, tudo quanto nos é mais precioso, dependet sempre da sciencia das palavras. » Senhores da regra, em que se quer assentar, resolvido pelo direito o problema legislativo, resta aos legisladores a outra parte da tarefa,

insuperavel dessa: « admitte-lhe expresso, e expresso que seja clara, *gratia, pacifica*. E o que tuais a gente sabe, e o que diz toda a gente, ainda os que não se especilaram juntos as emburrações da applicação do instrumento da linguagem: a lousa a snipuz, e Se a lousa não for certa, não pôde ser justa: *Legis latum latore: ut certa sit, ut aliquid hoc esse justa esse possit*. Para ser, porém, certa, cumpre que seja precisa, lúida, clara. E como ser clara, se for vacilla nos redolhos imperios de um alfimo de alvifavo? se não se especilar nosa lingua deacento e transparente, que a tradição filtra no curso dos séculos?

Aspirar a clareza, a simplicidade e a precisão sem um bom vocabulario e uma grammatica exacta, se quer e fin sem o meio. A lousaz no esta o de: leis e depende, a um tempo, da logica e da grammatica », diz BENTIVOL, « *securus nos, et adde posse in quibus, parca de lo, e d'acção lo* ».

1275. — Mas nem sempre, quando se pauta a scripta pelo fio da grammatica, se tem dado conta do não, no escrever bem, e no escrever para o povo. Ha grammaticos pverentes, phillogos consummados, que nunca osseverem senao com pena do d'umbo em panel bordado. Não peccando contra a grammatica, poder-se á pover, talavia, contra a boa linguagem, o que nem sempre é a mesma coisa. « Um livro não pôde infringir materialmente as leis a concordancia e da regencia, o contido, não está redolido vernaculamente. « A lexicologia e a syntaxe não são tudo idioma. O povero, por exemplo, tal qual ataxevava as suas quatro primeiras classes dentro os muros de lly. CROYVAT ás do dr. CARENHO, passando, entre um e outro, pelas lousas commises, estaria escripto nisto a que chamam *basilicatas*: em portuguez, não está. Direi que o estava em *scotica*, a operemos emvollar, contra a minha opinião, este adjectivo, associavel ao abandono dos bons modelos da linguagem, cuja historia, cujos monumentos o enjos destino se entrelaçam com os da nossa raga e os da nossa nacionalidade.

Cada lingua tem no seu genuino uma facca de espontaneidade e selectio, um criterio de acerto e um typo de belleza, que se exerceem, ou se nutrem, pela sensibilidade e o instincto dos que a fallam. E essa intuição da vernaculidade, esse como que sexto sentido, o da linguagem, que parece ter por organo o ouvido, e do ouvido recebe o nome. Quando JOAO DE BARNOS <sup>2</sup>, na sua *Orationaria*, vai por quatro seculos, a proposito da anteposição em possessão dos adjectivos nos substantivos, ensina que « no temos isto mais regra que o consentimento da orelha, a autoridade no acedente da qual, rendit nos subleto homenagem, ora a mesma, cuja supremacia todos os grammaticos de nós haviam de reconhecer nas utilissimidades e subtilezas do fallar. » Nella respectarram sempre os oimpe antes o arbitrio durandiro, assim nas questões do harmonia, como nas de clareza, assim nas do de raga, como nas do elegancia e correctio. Hoje ainda, e hoje mais que nunca, o ouvido, na phrase eloquentissimo veyndiva ao vello grammatico do tomo XVI. lousa a mistica o a linguagem, e é cons. *Basileus*. « Ora como preservar essa qualidade, tão rara e mimosa entre as nações? Talvez á pelo seu idioma, o que fôzissimo, mente e subito, em, dole os annos mais accessíveis aos beneficos da cultura, na convivencia quasi excluda, bem quo as nias vezes superficial, das letras estran reias? »

<sup>1</sup> Rossi: *Rel. de Dr. Pna*, t. 1.

<sup>2</sup> BARNOS: *De Antiquis Scientiarum*, l. VIII, t. 1, p. 8.

<sup>3</sup> *Tos m'habito em um campo occupat de legatione* (ed. de 1840), c. XXXIII.

<sup>4</sup> C. de Foucaillon: *Lig. Port.*, v. 1, p. 225.

<sup>5</sup> *Basileus* tal es como *basileus*, mas não como particula. A. PARRERA de FERRAZ: *Explic. do Ling. Portuz. Alca. de l'la: Lathum*, v. III, p. 34.

<sup>6</sup> Ed. de 1783, p. 152. A p. ed. é de 1740.

<sup>7</sup> SERRA: *Apel. II*, ed. de 1803, p. 11.

<sup>8</sup> JOAO DE BARNOS: *Dial. em louvor da nosa linguagem*.

<sup>1</sup> « São uma filalga mistica de entre lobo e cão. » (FRANCO no MONARCA: *Dial. I*.)

<sup>2</sup> FERNÃO LOPES, referindo-se ao louso fusão do requemulo, escreve: « Nullo ji serio entre lobo e cão. » (CROZ: *Off. de l'la de l'la*, parte II, c. lxx.)

<sup>3</sup> Já se vê que, supposto correspondo ao francez *entre chien et loup*, a phrase tem os seus antos, os lousos seus, e lousa.

<sup>4</sup> SERRA: *basileus*, p. 42.

<sup>5</sup> *Id.*, p. 48.

<sup>6</sup> JOAO VIANNA: *Estudo*, 2.º serie, p. 274.











Nesta correção convenceu o professor CARNEIRO. O dr. GLOVIS porém, não amarg. Mas, antes de lá se relatar, aproveita o fiasco, para me dar uma lição de polidez. «Quando isto lê, diz elle, «vieram-me á lembrança umas palavras de EMILIO LITRE, nas quaes a delicadeza, talvez melhor dissera a unção, distorça a monitoria subtil. E' o caso que STUART MILL rematara o seu famoso livro *Principes de Polit. Positiv.* qualificando com a palavra *subtil* os «absurdos por elle attribuidos ao celebre autor da *Philosophie Positive*. Recolha o dr. GLOVIS que o grande alumno de COMTE, «dado com o deprimimento epibolico», «crevera: «O que me magoa o sentimento de equidade e, até, o de alicia», é que esse lirico vocativo seja o derradouro, com qua se despedia o leitor, e que uma phrase digna de COMTE e de MILL não transporte o espirito do leitor á magnificencia do homem ou sua obra.»

Mas á que proposito esta associação de idéas? Se o dr. GLOVIS não começasse a citação do meu texto, ver-se-ia quão opposta é ao interesse de quem a faz. LIZ LITRE: que não empregaria aquelle qualificativo, por se lhe affigurar que «esses absurdos são antes casos de pathologia que de philosophia». «Não nega» a STUART MILL, comtudo, «o direito de applicar a qualquer das excepções desastrosas, que assignalaram a phrase extrema de COMTE.»<sup>1</sup>

Tambem o grande philosopho ingez não aguardaria que lhe reconhecessem, para se valer, sem receio, dessa liberdade. irma-

<sup>1</sup> Não obstante o opinio de CARNEIRO em sua *Grammatica* e de REXALDO GUERREIRO, em o *Glossario dos Livros* edit. da *União Port. de Lett. de 1880*, p. 23) que «frase á mesma emção (*impetu*, *despejo*), no linguagem literaria» opinio accorda com a de FRANCISCO JOSÉ LERZBURG *Memorias*, p. 111, par. 2.º, 3.º-5.º, estas por. sent. de J. B. HILARIO *Gramm.*, p. 111 e, se me não equivo. Tambem de CARNEIRO de F. B. P. A. *Gramm. litteral da Impetu e despejo* com 3.º par. não basta, para autorizar uma idéa grammatical, que a etymologia e o sentido juntamente requiram.

«Não me impetu e o gesto da tomada.»

(CAMÕES: *Lus.*, VIII, 75.)

«E porque a lama

Desto subtil vinda os não impetu.»

(Id., IX, 8.)

«Fôrque o temor morrer me não impetu.»

(Id., X, 3.)

«Que me não tecla a paz, o impetu a liberdade.» (BERNARDAS: *Lus e Color*, n. 114, p. 32.)

«E se n' o «o concordar, *negativa*.» (BERNARDAS: *Nota Nova*, v. II, p. 302.)

«Com esta ultima interecção vos *despejo* ou me *despejo* de vós, meos puros.» (VIEIRA: *Cart.*, v. I, p. 20.)

«Se seja a minha indignação o que *impetu*.» (Id., v. V, p. 324.)

«Do Maranhão me *despejo* da vossa mercê.» (VIEIRA: *Cart.*, v. III, p. 7.)

«Não impetu estas.» (THOMAS DE JESUS, v. I, p. 14.)

«Que *impetu* vossas soberanas obras.» (Id., p. 42.)

DESCARTES NOTAS, em sua *Orthographia*, tratando, num dos ultimos capitulo, a «Reformação de algumas palavras que o gente vulgar usa e escreve mal», rejta como *corrupta* a forma *despejo*, que emenda para *despejo*.

No meu actual dextra vinda G. CASTELO BRANCO, do qual se, na *Quarta d'uma Impu* (p. 42), esta phrase: «Aqui me heo, e do limo pelo *epi*», leudo de Jo. T. »

A eusmellancia, que figura apparente os verbos *epetito*, *impetu* e *despejo* com o verbo *epetito*, occasiona o vicio vulgar de *impetu*, *epetito*, *despejo* e *impetu*, não tendo o outro seculo proferia matricamente da parca dos meos, razão é que praticava, desde que de sua parte está o significativo por palavras e a esta etymologia.

Contem mais notar que, antes da antiga, o duplo verbo *petito* se encaijava por vezes regularmente: *petu*, *petas*, *petu*.

«Que não sei se remedio ou morio *petu*.»

(CAMÕES: *Obra*, v. IV, p. 108.)

«Não me *petas* interesse.»

(Id., v. V, p. 181.)

«Amor, amor, mas te *petu*.»

(Id., v. VI, p. 73.)

T, como este, o verbo *petito*.

«Não *petas* o passivo e' presente.»

(Id., v. III, p. 49.)

<sup>2</sup> LITRE: *Fragments de Philos. Positive*, 1876, p. 213-4.

nando entre si COMTE, DESCARTES e LEIBNITZ, assim nos grauaes serviços á sciencia, como na «*dessa dilação*» «*de um assumto*» «*absoluta*», com que alguns das suas theorias se distinguem entre as concepções dessa qualitate solemnemente advogadas por homens polivotos.<sup>1</sup>

Essa lição memoravel do fribido da critica, exalçada, na tunguença de um espirito equilibrado e temperante como o de STUART MILL, ao ponto de não evitar-se sequer a nota de *modestia* a eracões philosophicas de tres senios d'alta grandica, responde condubitadamente á magoa, de que se vê transido o meu illustre antagonista com algumas usadas minhas, a mais grave das quaes está na qualificacão de *ribido*, por mim applicada á esculha erronea, de uma expressão desproporcionadamente inadequada. Quem, numa contenda literaria, discute factos, e aquitua erros, ainda que ironica e sobramentem, sem alludir a pessoa, não desocata individualidades, sobretudo se o objecto da apreciação for um trabalho impresso e colectivo.

Aos olhos do illustado professor, STUART MILL deixou resguarda a aspeza das suas severidades em relação ao fundador do positivismo com «as palavras de tocaes emções», que para com elle livara «uma pagina antes». Nessa pagina dissera MILL que «entros poderiam rir, mas a elle muito mais facil lhe seria chorar ante *aquella decalencia* *em massa* de um grande entendimento.»<sup>2</sup> E ha cráo haver tributado a todos os colaboradores do projecto homagenes bom menos desagradaveis. Se os não atea á emencia da *Revolution* mental, e DESCARTES, não pouco lios d'ali prego dessa *Revolution* mental, cujo tom de melancolia no fiasco diagnosticado de JOHNS MILL sobre o generacio do positivismo em seu perio lo religioso tanto commoveu o dr. GLOVIS.

O do que se doe LITRE, do mais a mais, (di-o elle expressamente; e o dr. GLOVIS não o esconde) é do que o adjectivo *ribido* seja a ultima expressão, o fecho do livro de STUART MILL, de que seja esse o vocabulo immediatamente anterior ao ponto final, em um largo estuquo qual o do philosopho ingez acerca do francez; como se o autor quizera deixar, em stimula do seu juizo, a impressão desse *alguma* na memo dos leitores. No meu escripto, porém, aquelle epitheto não é, sequer, a palavra terminal do periodo onde se encontra, seguindo-se após elle cento e noventa e tres paginas de In-folio em duas columnas, a cujo longo parlarista não resistia, no espielo dos que me honrarom com a leitura, o vestigio daquello qualificativo trespasses. Alem do que o meu recuo, de tão baixo como esta o plano intellectual da minha inferioridade, apenas sobre o erro de uma palavra: ao passo que o outro, desferindo-se, como rain, das maiores alturas do pensamento moderno, que teve em JOHN STUART MILL uma das suas mais elevadas encarnações, debona com fragozoso estampado sobre as invenções politicas e religiosas do autor da *Philosophie Positive*.

133. — Examinemos, porém, entrando em materia, se a minha apreciação não foi justa. «*Escripito*», diz o dr. GLOVIS, «é aquelle que escreve, pela mesma razão por que *subscripito* é o que subscrive, o qual profere, *recolher* o que recebe.»

O dr. CARNEIRO, que sabe a sua lingua, pensa diversamente. A seu juizo insuspeito, quem tom razão na pendencia, sou eu. Elle não encambullaria, como o illustre professor do thes., o caso do *escripito* sobre o *recolher*, *prolatu* e *recolher*. Especies ha, de feito, em que, por excepção, a distencia em or não exprime *habitualmente*, *genio*, *indole*, ou *escripto*. Mas estas derogações á regra se verificam, de ordinario, quando o acto exprimito no vocabulo, a que se pue essa terminação, não costuma formar *habito*, *proclitico*, *offi-*

<sup>1</sup> MILL: *Op. cit.*, p. 500. Ed. de 1882: «... and also with some of the most extremely wild and *indivisibly* absurd conceptions and theories which ever were solemnly propounded by thoughtful men.»

<sup>2</sup> «Others may laugh, but we could far rather weep at this *obscure* *decadence* of a great intellect.» *Op. cit.*, p. 199.



RETRACTO, RESGATE

1.413.—Não discrepavam desta linha no latim as accepções do vocabulo *scriptor*, prefigura do origem do nosso *escriptor*, com a significação secundaria e univrsal de *escriba* (*librarius*, ou *manuscens* (masa *scriba*) o termo *escriba*, ali, correspondia exactamente ao nosso *notario*, o promotor intellectivo de obras escriptas. *Notarius actus ut actor; scriptor instrumentorum instrumentorum; scriptor ut in summa in causa; scriptor in causa non tractator; scriptor et scriba committitur communiter pro actore; scriptor tabularum quoad iudicium; scriptor in faciendo; pro auctore in causa, sicut et archidiaconus, etc.* (L. 21. Cod. de testam. l. 1. cetera verba scriptoribus ac scribis. Dig. 46. 2. 1. 2. 3.)

1.414.—Com a de litterata a sua univrsal applicação, de que se teriam valido, se o conhecimento, os apologistas do projecto, e que em no não recede de illus officior: o de *Secretaria*, na hierarchia do Pap. e. XVII, sobre certas actes deo impudat em materia de testamentos, *stantina*, diz elle, «... no que *dicta testamta scriptor legatum sibi adhibet, et a salutar: videntur, a quom deservisse testimonio aliquo, nullo modo legatulo.*»

Mas com nas letras latinas tero limitadores essa applicação da palavra *scriptor* ao individuo que lingua por escripto o testamento, nem to que subrepto é para notar co esse) nem a *testandus* e dos juristicos romanos a accellon. O testamento dunque que não sabia escrever, em Roma, o testamento do *unipalatio*, *illiberalis*, requeria, além das sete testemunhas ordinarias, uma octava: a pessoa que *testatur a nota*, e que, devendo tambem subscriverlo, repob deste feto, e não do de haver escripto o instrumento testamontario, o nome legal de *testes subscriptores: et non a litteras testator* *quos vel subscriptor nequit, OCTAVO SUBSCRIPTORE pro eo adhibito, eadem servare decernimus.*» (L. 21. Cod. de test., VI, 23.)

Era, pois, com o nome de *testandus* que a pirroscologia jurídica dos latinos destinava a pessoa, que não no escrever do testamento, fazia as do do testador. Digo com o nome de *testandus*, porque desta expressão eraer synonymas as de *subscriptores* e *signatores* no concorrencia á forma dos testamentos, de sorte que a *lingua scriptor testandus*, favorecia unicamente por aquelle trecho succiniano dos *Dois Cezares*, não encontrav accollida na lingua com das leis e dos juristas, para a qual o amannense do testador na feitura do seu testamento era simplesmente o *testes subscriptor*.

1.414.—Das legislações modernas tambem não conheço nenhuma, que de ao individuo encarrgado pelo testador de lhe escrever a ultima vontade o nome de *escriptor do testamento*. Os mais dos codigos hoje em vigor previram a hypothese, reconhecendo ao testador essa facultade. Nonhum, porém, consagrao leção tal. Ver o portuguez, art. 1.920, o hespanhal, art. 760, o italiano, arts. 782 e 784, o allemão, art. 2.238.

1.425.—O descriptivo que o dr. Clovis preconiza, em summa, não é, pois, nem o do *Corpus Juris*, nem o das *Ordinacões*, nem o dos codigos hediernos. Privado assim do concurso de todas as autoridades capazes de o legitimar, não tem por si, antes contra si tom, como se acaba de ver, esse uso *juridico*, invocado, á sombra de um só jurista portuguez e dois compiladores brasileiros, pelo illustre professor.

Era mister, portanto, que, no menos, se pudesse conciliar com o uso commum, com o uso varuando. Esse, porém, ille é, como vimos, desenganadamente hostil. O uso juridico, pois, e o uso vulgar, o uso antigo e o moderno, o uso patrio e o estranho contestam em desfavoecer e retirar essa denominação, avessa ao genio da lingua e ás tradições profissionais.

1.410.—Trata-se da *retracção*, sendo a *retra*, ou *retracção*, *retra*, Como designar a direção, que, nesa especie de venda, o vendedor se reserva, de solver o contracto, restituindo o preço ao comprador? *Resposta*, diz o projecto nesses dois artigos.

Art. 1.413. — Quando a coisa vendida, antes de ser entregue ao comprador, o vendedor se reservar a retracção, poderá, até ao termo de 30 dias, rescindir o contrato, restituindo o preço ao comprador. (Arts. 1.577 a 1.580)

Art. 1.414. — Quando a coisa vendida, antes de ser entregue ao comprador, o vendedor se reservar a retracção, poderá, até ao termo de 30 dias, rescindir o contrato, restituindo o preço ao comprador. (Arts. 1.577 a 1.580)

Supponha que que desistario ao não escrever a nota, em 1.413, e no mesmo modo, de o vis applicação para as leis do *Corpus Juris*, do *Corpus de Rocha e Dias Ferreira*. Naturalmente porque essas leis antes a *retra* como o projecto do vocabulo *retrato*. Pois não ha tal. Dito o proprio dr. Clovis: *nenhum desses tres juristicos se utilizou de tal palavra. A de que se elles serviram, e *retractio*.*

Mas, nesses casos, se elles é que são as autoridades, o o nome que autorizam, a *retractio*, de *retractio* devia usar o projecto Clovis. Era meu, certo é que esses tres luminares optam pelo termo *retractio*. Mas o meu contractor não os cita, soam para terer *retractio* em *resgate*, versão adaptada ao projecto, com o fundamento, aduzido pelos seus *avozos*, do que ARLETI: *lites aequitate* equivalecer um a outro os dois nomes.

Assim tomos a vantagem inestimavel de variar. Não se diz *retracto*, por não captar o uso, civ. portuguez, o hespanhol e a *Constituição de Teixeira de Freitas*. Não se fica em *retracto*, por não reproduzir TORRES TELLES, COLADO da ROCHA e DIAS FERREIRA. Heigo se *resgate* como intermumto diverso, sendo desualdo nas leis e nos expositores. E no em que uso justifico se resume.

1.417.—Mas, como todas as sciencias, a do direito possu e a sua classificacão e a sua nomenclatura. Nesa, cada entidade juridica responde a uma designação estabelecida e invariavel. Quem a determina? O uso profissional, convem a saber, a linguaagem das leis, da praxe e dos autores, indicados nos textos. Ora não ha textos semto a favor de *retracto* a favor de *retractio*. Logo, heora era escolher entre estes dois substantivos. Dahi não havia sair.

Variar da terminologia assim consagrada para o de estylo commum era inaugurar nestes assumpos um costume do imprevistos e resultusos resultados. E o que nao se fia demonstrar, analysando a terminologia juridica, pondo-lhe muitos dos termos em confronto com os do vocabulario usual, e substituindo aquelles por estes, se, nesto intuito e ingrata discussão, já me não viesse escarvando tempo, logar e paciencia.

1.419.—*Retrato* é o termo especiel. *Resgate* e *resgate* não offerecem essa vantagem. *Resgate* ou *resgate*, coisas e obrigações. Resgata-se o escravo do captivo, o preso do poder do promotor, a vida de quem nota a tem nas mãos, a obra ou escriptura, fundando a do espedimento e sumisso, o tempo mal gastado, empregando o utilmente. Em dicio, *resgate* o meu compromisso, *resgate* a minha divida, *resgate* a minha fazenda. *Resgate* da cação os meus titulos. *resgate* do ponlor os fructos do meu planio, *resgate* da hypothese a minha casa, *resgate* do supposto, ou da penhora, os bens executados. A tudo isso cabo o nome de *resgate*. O de *retractio* applica-se egualmente onde que, que o de *resgate* possa quadrar. applica-se a iso tudo e a mais ainda. *Retra* é resgatar e livrar, é remediar, é defender. Pode *retractio* o captivo, *retractio* a preza conquistada, *retractio* o combate, *retractio* a creatura do peccado, da culpa,

FERRAZ: *Gr. Dic. de la Lang. Lat.*, v. III, p. 191. (Ed. de 1833.) FORCELLINI: *Tollus Latinitate Lexicon*, v. V., p. 303.  
1. E. 26. g. 4º CODEX: *Gr. Dic. Comment. all. Pand. Ed. S. MARTINI*, v. XXVIII, parte prim., p. 1465 e e 1415 e, p. 144, 370-53.  
2. SACRATOR, ap. GLOX, *ib.*, p. 372.







Viçoso do verbo *governar*. « Os nossos e os três autores da lingua portugueza, diz Fr. DOMINGOS VIÇOSA, usaram deste vocabulo no sentido de contraher, educar, criar, criar, criar; e os foram João de BARROS, Fr. LEZ de SOUSA, FRANCISCO LOPES e outros. »

Se se acceptar o Fr. Viçosa, há que reparar antes antes em expressões semelhantes:

«Se o filho não se cria governado»

Fr. *governar* (1766, v. I, p. 166)

«E tu visado, sou governado»

«Tudo de si, governado» (1766, p. 316)

«E se a casta, governa e cria»

«Que não se cria governado» (1766, p. 316)

«E se a casta, governa e cria»

(1766, p. 316)

As *Ordenanças Affonso*, que são de 1116, anteriores, portanto, aos actos do reat *Leão*, já se utilisavam da locução *governar*: «Som rios d'ordenanças e p'ssões de guisa, que pedem *governar*» (L. II, ff. 180).

Ainda antes d'ellas, porém, já empregava D. ALBERTO no *Leal Conselheiro*: «Da maneira que ao d'outro do lunar monemmo e em *governa*» (L. I, c. 1).

Mais longe ainda, nas velhas trevas portuguezas, era commum, com o *guarir*, o *governar*, (*Conselheiro do Veloso*, p. 234.)

Era evidentemente, pois, de uma antiga palavra nacional que se valia Fr. LEZ de SOUSA, quando escreveu: «E tomando aquelle laço *governos* *Lez*,» (*Viçosa*, de S. Domingos, Livro I, ff. 118, ap. BARRO) Antes d'elle dissera Duro, na *Monarchia Lusitana* (tom. I, ff. 171, ap. BERTI): «*Governa* das terras.» «No tempo que os moradores de Hospital se firm *governa* e *Fructu*» (L. I, p. 70. *Biblioteca*)

Ainda antes, João de BARROS (*Dec.* IV, p. 108. Ap. BERTI): «Entre nós *governa* e *consulente*, *colher* *sau*, *savar*» (No. 1, v. IV, p. 149)

«Bon verdade é que D. ALBERTO NUNES (*Orig. do Lang. Port.*, c. 11) «enuncia entre os vocabulos, que os portuguezes tomaram das francezes; e esse é tambem o sentido de BERTI» (No. IV, p. 115.)

Mas onde se poderia fiar fundamentação para esta illação, ante o despejamento do italiano e do hespanhol? O antigo castelhano *govera*, fôrma que nós tambem adoptamos. (MORAS, VIÇOSA.)

O italiano *govera* ter *govera*, e o seu a a *govera* *govera*.

E aqui mal não se *govera* mal. Ora não é mais natural saíse directamente o nesso que nós, ainda consiguindo nos luctuosos setimo, do italiano *govera* e do castelhano *govera*, fôrmas idénticas á portugueza, por se já se usava *govera*, cuja differença era talvez a sua acção pela diversidade da vogal na syllaba dominante? Esta malta opinião é a de FERRI, que, resistindo e prevendo *govera* e o italiano *govera*, os d. não como resultantes, mas como origens do francez *govera*, pondo a fôrma mais remota de todos esses derivages nov-latinas no golo *govera* e no germanico *govera*, cujo significado é o mesmo. Essa é verdade a dissimulação que FERRI, no 1232, se dá de 1233.

Ora, não o verbo *govera*, como nella a povoalção de *govera*, e a sua acção em via de tempo, *govera*, sem o indicativo de *govera*, *govera*, com *govera* e o de *govera*.

Em todo esta *govera*, p's, assim de *govera*, como de *govera*, não ha motivo, que demonstre o reclamo a cooperação franceza.

1232.—No caso do *govera*, de *govera*, de *govera*, as emelheças entre o portugez e o francez indiziam o nesso

brasilho a cahir em franco-sivo nesso. Viçosa, sive- Viçoso do verbo *governar*. « Os nossos e os três autores da lingua portugueza, diz Fr. DOMINGOS VIÇOSA, usaram deste vocabulo no sentido de contraher, educar, criar, criar, criar; e os foram João de BARROS, Fr. LEZ de SOUSA, FRANCISCO LOPES e outros. »

Se se acceptar o Fr. Viçosa, há que reparar antes antes em expressões semelhantes: «Se o filho não se cria governado» Fr. *governar* (1766, v. I, p. 166) «E tu visado, sou governado» «Tudo de si, governado» (1766, p. 316) «E se a casta, governa e cria» «Que não se cria governado» (1766, p. 316) «E se a casta, governa e cria» (1766, p. 316)

As *Ordenanças Affonso*, que são de 1116, anteriores, portanto, aos actos do reat *Leão*, já se utilisavam da locução *governar*: «Som rios d'ordenanças e p'ssões de guisa, que pedem *governar*» (L. II, ff. 180).

Ainda antes d'ellas, porém, já empregava D. ALBERTO no *Leal Conselheiro*: «Da maneira que ao d'outro do lunar monemmo e em *governa*» (L. I, c. 1).

Mais longe ainda, nas velhas trevas portuguezas, era commum, com o *guarir*, o *governar*, (*Conselheiro do Veloso*, p. 234.)

Era evidentemente, pois, de uma antiga palavra nacional que se valia Fr. LEZ de SOUSA, quando escreveu: «E tomando aquelle laço *governos* *Lez*,» (*Viçosa*, de S. Domingos, Livro I, ff. 118, ap. BARRO) Antes d'elle dissera Duro, na *Monarchia Lusitana* (tom. I, ff. 171, ap. BERTI): «*Governa* das terras.» «No tempo que os moradores de Hospital se firm *governa* e *Fructu*» (L. I, p. 70. *Biblioteca*)

Ainda antes, João de BARROS (*Dec.* IV, p. 108. Ap. BERTI): «Entre nós *governa* e *consulente*, *colher* *sau*, *savar*» (No. 1, v. IV, p. 149)

«Bon verdade é que D. ALBERTO NUNES (*Orig. do Lang. Port.*, c. 11) «enuncia entre os vocabulos, que os portuguezes tomaram das francezes; e esse é tambem o sentido de BERTI» (No. IV, p. 115.)

Mas onde se poderia fiar fundamentação para esta illação, ante o despejamento do italiano e do hespanhol? O antigo castelhano *govera*, fôrma que nós tambem adoptamos. (MORAS, VIÇOSA.)

O italiano *govera* ter *govera*, e o seu a a *govera* *govera*.

E aqui mal não se *govera* mal. Ora não é mais natural saíse directamente o nesso que nós, ainda consiguindo nos luctuosos setimo, do italiano *govera* e do castelhano *govera*, fôrmas idénticas á portugueza, por se já se usava *govera*, cuja differença era talvez a sua acção pela diversidade da vogal na syllaba dominante? Esta malta opinião é a de FERRI, que, resistindo e prevendo *govera* e o italiano *govera*, os d. não como resultantes, mas como origens do francez *govera*, pondo a fôrma mais remota de todos esses derivages nov-latinas no golo *govera* e no germanico *govera*, cujo significado é o mesmo. Essa é verdade a dissimulação que FERRI, no 1232, se dá de 1233.

Ora, não o verbo *govera*, como nella a povoalção de *govera*, e a sua acção em via de tempo, *govera*, sem o indicativo de *govera*, *govera*, com *govera* e o de *govera*.

Em todo esta *govera*, p's, assim de *govera*, como de *govera*, não ha motivo, que demonstre o reclamo a cooperação franceza.

1232.—No caso do *govera*, de *govera*, de *govera*, as emelheças entre o portugez e o francez indiziam o nesso

brasilho a cahir em franco-sivo nesso. Viçosa, sive- Viçoso do verbo *governar*. « Os nossos e os três autores da lingua portugueza, diz Fr. DOMINGOS VIÇOSA, usaram deste vocabulo no sentido de contraher, educar, criar, criar, criar; e os foram João de BARROS, Fr. LEZ de SOUSA, FRANCISCO LOPES e outros. »

Se se acceptar o Fr. Viçosa, há que reparar antes antes em expressões semelhantes: «Se o filho não se cria governado» Fr. *governar* (1766, v. I, p. 166) «E tu visado, sou governado» «Tudo de si, governado» (1766, p. 316) «E se a casta, governa e cria» «Que não se cria governado» (1766, p. 316) «E se a casta, governa e cria» (1766, p. 316)

As *Ordenanças Affonso*, que são de 1116, anteriores, portanto, aos actos do reat *Leão*, já se utilisavam da locução *governar*: «Som rios d'ordenanças e p'ssões de guisa, que pedem *governar*» (L. II, ff. 180).

Ainda antes d'ellas, porém, já empregava D. ALBERTO no *Leal Conselheiro*: «Da maneira que ao d'outro do lunar monemmo e em *governa*» (L. I, c. 1).

1. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
2. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
3. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
4. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
5. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
6. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
7. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
8. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
9. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
10. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
11. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
12. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
13. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
14. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
15. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
16. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
17. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
18. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
19. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
20. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
21. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
22. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
23. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
24. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
25. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
26. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
27. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
28. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
29. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
30. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
31. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
32. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
33. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
34. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
35. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
36. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
37. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
38. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
39. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
40. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
41. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
42. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
43. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
44. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
45. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
46. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
47. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
48. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
49. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
50. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
51. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
52. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
53. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
54. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
55. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
56. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
57. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
58. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
59. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
60. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
61. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
62. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
63. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
64. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
65. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
66. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
67. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
68. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
69. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
70. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
71. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
72. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
73. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
74. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
75. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
76. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
77. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
78. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
79. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
80. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
81. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
82. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
83. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
84. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
85. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
86. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
87. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
88. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
89. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
90. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
91. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
92. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
93. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
94. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
95. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
96. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
97. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
98. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
99. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38  
100. «Muito» *Luz*, III, 68, VIII, 38



laim *alléluia* que o nosso antigo *cor.*, idéntico ao francês, teve origem no grego *laimé* que a nossa expressão *peor*, dupla *peior*, não nos deu de *fr.* *peor*, mas do latim *peior* que se iguala ao francês *peu*, semelhante a *fr.* *peu*, *peu*, derivado do *fr.* *peu*, *laimé*, daí parecido ao *fr.* *laimé*, mesmo do latim barbado *laimé*, do latim *rima*, do latim *ro*, do *li* *um* *li*?

MORAS atende ao francês *peor*, *et* *peor*, o nosso vocábulo *peor* e a locução *em* *peor*, das *Orações Affectivas*, correspondem ao actual *em* *peor*, oposto de a *peor*. Mas *grasso*, a que EVARISTO LEONI nos lembra a origem em *crasso* (forma, v. I, p. 3), originou-se directamente do latim, homógrafa e quasi idéntico *grasso*, tendo gerado no castelhano, que com elle se usa a vezes nos antigos manuscritos, e que alguns monumentos da littera latimidade assumia ás vezes a forma de *grasso*, parecendo viram todos, *grasso*, *grasso* e *crasso* da uma só nascente commum. (FORCELLINI, *Lexic.*, v. III, p. 211.) De *grasso* fez ainda a hebraica latimidade *grassoana*, *grassoite*. (Id.) De *grasso* vem ainda, segundo LITTRÉ (*Diction.*, v. II), o proprio francez *gras*. Claro está, pois, que esta forma, commum ao nosso idioma e ao francez, ambos a foram bem simultaneamente na mesma fonte: o latim do chato inferior.

FRANCISCO DIAS (*Memor. de Liter. Port.*, v. IV, p. 66) traz do francez *tout-puissant* a ascendência do *todo-potente*, emprezado por AZERARA. Mas, se, para explicar a origem de *potente*, nos imitramos os vellos documentos portuguezes o verbo *passar* (VITERBO, *Eticid.*, c. 18 v. II, p. 137; BUELLA, *Suppl.*, v. II, *has* *est.*), é de legitimo cunho portuguez o *todo-potente*, por que o entrar no estrangeiro a filiação os seus collateral *todo-potente*?

Usava o antigo portuguez da palavra *torca*, significando *bejaria*, *dauno*, *torca*, *negra*, *injuzica*. (VITERBO, *Eticid.*, v. II, p. 251.) Ditta ainda se utilizava a mesma accepção AL. HEICELIANO: «Dar quebra do *torca* que he fazer um aqui» (*o Manual*, v. III, p. 87.) Apparentemente seria a simples adaptação do francez *tor*. Mas não o fact francez vem do *torca*, particípio passivo de *torquere*, diz LITTRÉ. (*Diction.*, v. IV, p. 2361.) Além do *torca*, participio, tinha ainda o latim os substantivos *torus* e *torca*. (FORCELLINI: *Lexic.*, v. VI, p. 125.) Obvia é, pois, que o nosso antigo *torca*, coirmo do italiano *torca*, promana immediatamente do *torca* os *torca* *torca*, a que está muito mais proximo do que da forma franceza *tor*.

120.— Grammaticos abalizados qualificarão de francesismo vulgar o emprego da conjunctiva *que* no começo das proposições impreativas e optativas. Assim em: «Que eu morra, se não for» «Que me não appareça este criminoso!» Não têm razão, porém, esses mestres. Induzem-os em erro a analogia com a forma franceza, circumstancia que não sempre é conclusiva.

BERNARDINO RIBEIRO escreve: «Que este peysoim peior de mim longo suspire e ame os seus olhos.» (*Meio*, c. I, p. 12.) Escrevem elle ainda: «Disse ella muito passioñito: Que me perdões.» (Id., c. 25, p. 102.)

- FILIZO ENZO pedia:
«Larghe-lhe o coração; que ella o abraçe.» (Id., v. XI, p. 101.)
«Que ella de alma romana o vigor abraçe.» (Id., p. 140.)
«Sem nós, que se ardeão de ar (diziam).» (V. XII, p. 81.)

Imitando esses e outros exemplos antigos, versou CASTRILHO nos *Fastos* v. II, p. 189-914:

«Que nunca a noite, no recostar cabeças
Cantadas do mundo, lhos nada eu mimiga;
Que nunca em corte aos meus entros gemendo
Com rolo velo arrebellado a loho;
Que nos não este a fuma e ophora passas,
Que as agoras para a sãbe e para os lenhos
Carrega em lagra cõpia que minguado
Enchido sempre roteludoas telas;
Que bons colhos me cõdo a queitaria
Que para tal pel-a viminos cunches
Se esse talo o sãbe e ophora, mais:
Que me o carastro pãe não falle o rãe;
Que me o carastro a familia o bem prodore
E que ferro no estabulo as cordeiras;
Que fãre a R nos vãde.»

Equal syntaxe nos depura elle o seu mesmo poema, v. I, p. 183; v. II, p. 111, 130, 161, 249; v. III, p. 49, 97, 125; no *Amor*, e *Melançõis*, p. 245; nos *Colloquios Aldeão*, p. 118; nos *Molinos*, p. 85; no *Chão*, p. 22, 37, 39, 132, 213, 273.

Nos escriptos de AL. HEICELIANO é frequentissima: «Jugens! que arriem o meu ginejo murello» (*Lealdade*, v. II, p. 77) «Que venha!» «Que venha salvi os!» «Que venha a *torca*, p. 151.» «Que te diga deante do mundo esta é minha mulher e que depois te abandone...» «Que a terra entre a nossa destona.» (*o Moço de Cider*, v. I, p. 283.) E em muitos outros lances, como: «*Ophoras*, v. I, p. 153, 154; v. VIII, p. 42; *Castro de Cider*, p. 68 e 72; *Lealdade*, p. 71, 132, 133, 150, 200, 252; *o Moço de Cider*, v. I, p. 15, 31, 30, 31, 174, 286; v. II, p. 25, 50, 85, 178, 311; *O Bãdo*, p. 13, 14, 59, 173, 259; *Lealdade*, v. I, p. 132, 134, 169; v. II, p. 28, 45, 68, 71; *Poesias*, 244, 266.

«Que deu se a mercê de sua alma, trazida C. CASTRILHO BRANCO, vendo de *Melancõis*, de *Colloquios*, v. I, p. 19.

1. M. M. DE ASSIS (*Port.*, p. 167):

«Que a tua mente as illesões espoca.»

140.— Semelhante a essa, foi a torção involuntária, graças a sua mesocopia com o francez, no mesmo repete as sentenças optativas e impreativas commecadas com o subjunctivo do verbo *poder*: «Possa tu viver! Possa esta desgraça acabar!» Mas de uma regecia clara, na sua forma elliptica, (nos emittentes) um porquê de sua veracidade os mais emittentes classicos do nosso tempo.

São de CASTRILHO os exemplos:

- «Possa o quasi nada que nella apontado, succeder em pãe e nães um pãe de sãde me dizeção.» (*Poesias*, p. 273.)
«Possa a brisa da terra aos seus orvalhos
Só levar ais dos leus e vivas nosos!»
«Possa tu não sentie nas azas dellas
Mais que orvalho de lagrymas.» (Ereosop. *Port.*, p. 91.)
«Possa tu de anno em anno alveorec-nos.» (Id., v. II, p. 13.)
«Possa ella, se indigo me não julga,
Sempre aos estudos meus sorrir piedosa.» (Id., p. 85.)
«Pãstes vós, cantos meus, ser dãnos della.» (Metamorph., p. 248.)

Poderia, além desses, apontar muitos e muito a outros, como o dos *Amores*, v. I, p. 53, os do *prologo* aos *Prãos*, p. 11, 111, e do *Amor e Melancõis*, p. 26, do *Porto*, p. 25.

\* EV. LEONI: *Gen. Ca. Ebra. Port.*, v. I, p. xxxv.
\* C. DE FORTALEON: *Id.*, v. I, p. 161. F. BUELLA: *Porto*, p. 66.

«Passa para o verbo *conceber*, escreve-se A. CASTILHA. *Diário*, p. 12, e *Conceber* em *Conceber*, (p. 188), p. 1613 B, ainda «*Conceber*... *conceber*...» (*Conceber*, v. I, p. 194.) E assim muitas outras vezes.

1011. — Nesta categoria de equívocos, originados facilmente da coincidência entre as formas de dois idiomas, coincidência ora casual, ora gerada, pôde dar-se em qualquer língua, e a falta de clareza do gallego, irrogada pelo Sr. José Vazquez ao tombo de de um phrasa como esta do Sr. CASTILLO BRANCO: «Vin do poder minha mãe.»

Essa expressão, com semelhança franceza, correspondente, é impropheticamente verdadeira.

USO-A CAMIŃA:

«D'amor dos Indians incontinentis,  
Que com de descobrir o novo mundo.»

(*Idem*, IX, 11.)

Antes de CAMIŃA, já se servira della GIL VICENTE:

«Fruido v'rao vinte e sete,  
De v'rao de v'rao de v'rao de v'rao.»

(196, I, v. III.)

«Vou alta noite de v'rao de v'rao.»

(V, III, p. 6.)

Branco tambem a admittiu:

«Topou o mesmo calyfa, que ta buscar, que *v'rao*  
de dar uma batalha.» (*Idem*, I, I, e. 1.)

Assim tambem JACINTO FERREZ:

«Quando chegou aquelle poeta Luiz Falcão, que  
v'rao de *conceber* Omeira.» (*Idem*, João de C., IV, 53.)

Como elle, MANOEL BERNARDES:

«Viado um dia El-Rei D. João III de Portugal da  
sua missa na Annunciada.» (*N. Fl.*, v. II.)

Mais tarde BOUTEAU:

«Povoa v'rao de *conceber* com Rossio.» (*Vocabul.*,  
v. VIII, p. 511.)

Depois FERREZ ELYRIO:

«Que *v'rao* de tomar seu regulado.»

(*Idem*, v. V, p. 111.)

«Alphon *v'rao* de *conceber* da Elydio entre triumpho-  
dos.» (*V. XIV*, p. 85.)

«Não tom alguma das grandezas das que v'rao  
de *conceber*...» (*Idem*, XXII, p. 17.)

Dentre os contemporaneos hostaria clarissimo a comprovação da  
heusmanida CASTILHO ANTONHO, que não poucas vezes a sub-  
strevou:

«V'rao de brigar?» (*Conceber*, p. 122.)

«V'rao de *conceber* da v'rao de *conceber*...»

(*Idem*, III, 137.)

«Aptitudes»

«V'rao de *conceber*...»

(*Idem*, v. 152.)

«Passado como v'rao que *conceber* de *conceber*...»

(*Idem*, *Idem*, p. 207.)

E como CASTILHO RODRIGUEZ LANCOS:

«V'rao em *conceber* fangas acima, dá *conceber* dos *conceber*...»

(*Idem*, *Idem*, v. II, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

1012. — Na mesma condição está o *conceber* de um *conceber* dos *conceber*...

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...» (*Idem*, *Idem*, p. 278.)

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

«*Conceber*... *conceber*...»

























ROUPEL, nas suas notas ao *Leil Conselheiro*, averba de anti-  
quadas, ou desastadas, as expressões *amarecer-se*, *dessestio*, *maestria*,  
*vija* (em função adverbial), *aguar* (por *esperar, estimar*), *desa-*  
*esperança*, *peço* (na significação de *meio, tela*, como desencanação  
do peço latino), e *pequico*\*, que, ainda hoje, quasi sempre annos  
depois, são de uso commum.

Sorreram nos REIS\* assignada como antiquados os participios  
*verbo, tecto e mantido*, quando os dois últimos João Ribeiro  
apreciava como «ainda usados» (o que é corrente, na expressão  
*tecto e mantido*), e, do primeiro tomou exemplos contemporâneos,  
entre outros, nos livros de CASTILHO?.

Tacita do *diálogo* LUIZ RIBEIRO (*Gramma.*, p. 359) o substantivo  
*ceaga*, que, entretanto, nem CASTILHO\* e CAMILLO\* se julgaram de  
empregar, nem os mecos inclinados aos classicos ainda hoje divi-  
diriam fazel-o.

São corriqueiras, com os verbos *gestar, imprimir, ganhar*, phrases  
como estas: «Pouco tenho *gestado*», «Ello não me tem *escreeido*».  
Tenho *gestado* tudo.» Pois a *Grammatica* de JULLO RIBEIRO\*\* enjeita  
estes tres participios como antiquados.

Nada mais commum, ainda agora, que as formas do gerundio: *em*  
*amaneheando*, *em acordando*; *em* *morrendo*; *em* *chegando*; *em* *con-*  
*duzindo*. Não ha conversas, em que se não profram, ou livre, onie  
não se escrevam, mas a *Grammatica* de Azevedo FERREI\* as indiga  
como syntaxe archaica.

Não é essa mesma archaizade quem dá como desfezidos do uso  
vernaculo pelos tempos *clássico e d'outrora* as expressões *casado e*  
*esporado*, tão frequentes ainda em nosso linguagem vulgar?

ISSA. — Tomam-se as obras de CASTILHO ANTONIO, «talvez o mais  
arbitrário escriptor portuguez do seculo dezono».<sup>1</sup> «São crivadas,  
pagina a pagina, do locuções *desastadas, antiquadas, arcaicas*,  
e nos guiamos pelos alicerces profusos da moda corrente em  
nosso idioma: os grammaticos e dictionarios.»

Quão não, vejam: *passico* (*Geographia*, p. 161); *agrar*, por *campes*  
(p. 161, 197); *lustrativo* (p. 185); *amarradas* (p. 187); *escondo* (p.  
189); *colla* (p. 219); *adelfo* (p. 300); *Pistias*, v. III, p. 153; *escuria*  
(*Geographia*, p. 286); *fausto*, p. 386; *venida* (*Geogr.*, p. 47); *affeito*  
(p. 71); *onajoz* (p. 77); *ped* (p. 87); *rasio* (p. 113); *abovar* (p. 137);  
*contagio* (p. 305); *empusor* (p. 35); *accivo* (*Pistias*, I, p. 99);  
*descevalado* (*Pist.*, I, p. XLIX); *claxio* (*Pist.*, III, p. 111); *temar* *mas*  
*por* (*Pedichulo pela Dicho.*, p. 111); *em* *qua*, por *ainda* *que* (*Luiz e*

1 Des. 61, 82, 91, 93, 96, 112, 220, 325, 420.  
2 Nam Deus se amarecer delle. (A. Hercul. O Bolo, p. 288).  
3 Quando algem leito descever a espada.  
4 Ella mesma, que d'ella, apenas se descecto  
nos versos de CASTILHO ANTONIO, o primeiro nos *Fatos*, v. II,  
o segundo no *Arte de Amor*, v. I, p. 86.  
5 As *Meteorologias* (p. 305) empregam os mesmo verbos:  
« Desceuido  
A viral forma, que por mim tomára »  
« O bar de malhece modo  
(A. Hercul. *Poes.*, p. 292.)  
6 Rompida minha de lazoera, fere peçoie (ho s'omado) *lustrativo* —  
como: *Amor*, v. II, p. 382.  
7 *Ritua da peçoica*, (Hercul. O Bolo, p. 87.)  
8 *Amor*, de *Gramma. Geral*, p. 15, 14.  
9 *Gramma.*, ed. de 1901, p. XXV.  
10 *Pistias*, v. II, p. 118 e 89. *Geographia*, p. 75. *Arte de Amor*, v. I,  
p. 38.  
11 *Pistias*, p. 192.  
12 *Navegao*, v. I, p. 65, v. II, p. 6. *Camões, Alegre*, ed. de 1870,  
p. 68. *luzes*: *Carta em Roma*, p. 27; *Picturas Antigas*, p. 24; O  
*Lib. de Tancidm*, p. 24; *Morgan de Romari*, p. 31.  
13 « São marceamentos pescoas, *gambado* a poler de bom estudo  
honrado vido.» *Camões Gramma*, p. 24.  
14 Pg. 152, n. 26.  
15 Pg. 271.  
16 C. de FORTUADO: *Luizes Prati*, I, p. 317.

*Melano*, p. 247); *maltrillites* (p. 381); *que facto* (*Pistias*, p. 113, 202).  
*em* *ma*, por *ainda* *ma* (p. 126); *horas* (p. 232); *mas peccado* (*Collec.*,  
p. 37); *gapes* (p. 97); *judado* (*Pistias*, I, p. 131); *forado* (p. 105); *ser*,  
*ora* *por* *ter* *ora* *por* *estar* \*; *mas bon* (*Pistias*, p. 281); *Amores*, III,  
p. 38) *sofna* (*Pistias*, p. 336).

LUIZ RIBEIRO entrava ainda mais afluente por esse campo  
usado, sem varillar, torneos syntacticos de tanto rudo antigo,  
como este: «A realidade historica de que os factos são apenas a  
viduaria material e transitoria» — forma singularmente classica  
e ainda entre os classicos infrequentissima, que parece moldada na-  
quillo do padre ANTONIO VIEIRA: «Estas são as maravilhas da misericor-  
dia, de que David parece que se admirava.»<sup>1</sup>

Não tomava GARNIER menos liberdades com o desusado e o antigo  
do que com o novo e o classicista. Alirado a elle em los seus volumes,  
para logo e me deparam expressões de antigas usança, como *partes* na  
accção de *quidao*, *es*, *difficeres*, *e* *peca de*, *vela*. A. LUIZ CLAUDIO,  
com especialidade nas suas obras mais litterarias, no *Manuel de*  
*Bolo*, nas *Luizes* e *Navegao*, não poupa os thesoros da antiguidade  
vernacula. OLIVIERA MARTINS, que se não prova de classicismo, esmalta  
copiosamente das grãpas antigas as suas mais bellas oer-  
ta-historicas. Folheando a esmo, por exemplo, a *Vida de São Alvaro*,  
em poucas paginas vemos saltearem todas estas locuções de velho  
cunho e nulta creenciação hoje: *pois*, em vez de *ende*, *epellido*, por  
*chamado*, *abovado*, em lugar de *revista*, *luzado de*, *corregido*, *trig-*  
*gamento*. \* O noso GONCALVES DIAS, mais particular, usava e  
abusava, nem sempre a proposito, desde o *bolido*\*, que tem a  
chancelleta de outros modernos, até o *combar*, de uma antiguidade  
talvez irreconciliavel com a lingua do hoje. O tal Ribeiro não  
trepida em desoxidar o inusitado *aise* e o desusado *luzido* — *de*  
*luzido*, *medo* (*grais*), *frilites*, *caudano* e outros São Ferras antigas, de  
que se crevejam as poesias da MACHADO DE ALMEIDA. \*\* De *esce*, *peca*  
*mozes*, no velho sentido, hoje — ainda mal — esque-ho nos nosos e  
cripticas, se aproveitou habilmente FRANCISCO DE CASTRO?; e  
dos poucos sabedores do nosso idioma nesta terra e em dos que não  
aproveitaramo entre nós o tão polido.

400. — Serão archaicas estas escripturas? Tendo incorrido o  
vicio de archaismo, por haverem tentado insuflar o espirito de  
nosso tempo nessas formas de outreira? Não. Foram antes renova-  
dores benfazejos do idioma patrio, que não se esquecerão unica-

1 « As armas ludo impio, eio, imbebe infan-  
Ero fizado em Roma, maso fado ».  
*Pistias*, v. p. 685.  
2 « ... chamado *luzido*  
Luzido do viso de um monte, onde está Luz.  
De avistado, e arden ».  
(*Id.*, p. 108.)  
3 « Vem, onde es tu? vea ve nosso regalar ».  
(*Id.*, II, p. 135.)  
4 João Ribeiro (*Gramma*, p. 73) diz que *esce*, *peca*, substituido  
dillo *mas* *peca*.  
5 *Esce*, *Archaico*, v. II, p. 373.  
6 *Scruis*, v. III, p. 267.  
7 Vol. XXIII, p. 371, 152, 364, 494.  
8 P. 31, 378, 375, 376, 302, 105.  
9 *Poesias*, v. II, p. 79.  
10 CASTILHO JEAN: *Gramma* de *Arte de Amor*, p. 11, 14.  
11 « Succedam-se as convers,  
Que scabam primeiros  
P'na mão arcaica ».  
(*Pistias*, v. I, p. 89.)  
12 A *Gram.*, p. 45, 83, 173.  
13 T. 154, 285, 240, 277, 137.  
14 « Como no viscido de LATINA pelas suas auidas portio de agra-  
riedade, uma mudo tipicamente escriptural, naquella *luz* de  
agitação e *conferencia*, que fazoem com o anno legislativo de 77. » *Dis-*  
*cursos de*, FRANCISCO DE CASTRO, Rio, 1902, p. 47.  
15 \* Porque deste modo *esce* *peca* *mozes* *gambado* *a* *poler* *de* *bom* *estudo*  
(*Beauséant*: *Vozes Florentia*, ed. de 1850, v. II, p. 178.)



pois desappareça, e agora volta, tambem como novidade, quando por mais não se q. a poem admittir.

Defendendo, porém, essa utilissima fragmã do bom escrever, a que, na mão dos mestres, ficam todos os filiozinhos da parte das guias, com o movimento se renovam, não se descaudam o evildo escriptor de fallar as confidõs e secretas. Não pãe no portu. avertir, em exorcizo desta prologativa, concedida a todo escriptor sãulo e de consciencia, que, se algumas raras vezes na val de palavras passadas, foi quando emendã que eram necessarias, ou, *scholarum, utis; ut bellas in per pressibus*, dignas de resurreiço; o que *non a tota se excludunt auctores*; e nunca as puz, sãulo em lugar e de modo que o contexto do período flos decastris, à jstia, ou proxima, a sua significação.

Não teve nunca o filiozo italiano quem o eschrevesse melhor que LOPARDE. Seus versos, cuja belleza, na phrase do GRANTONI, resurgiu a poesia italiana, extinta no labio do DANTE, e suas phrasas e ellipticos de simplicidade e pureza occorram à purificação das crãças gregas. Vide, entretãto, nas suas palavras de singela belleza, que verho do italiano, como elle se exprima nesta questão, somentando a sua proffissõ de R. contra os archaismos, *utro pã avocata*, por versos referida no curso de seus admiraveis *Proemios*: «Abomino o archaismo... Dos os nossos escriptores antigos e antiquissimos acaudam em palavras e maneiras hoje desusadas, que, sob serem de significação manifestissimo a quem quer que ler, não naturalmente e suavemente e facilmente caem no dissenso. Os alheios se mostram a todo grãto de affectação ou estado n seu uso, são, em summa, tão frescas e vivas, que o leitor, se não subo de onde lio vem, não dirã tãto de que sejam passadas, antes habido por modernissimos e como que acabados de encluir no momento os seus vocabulos e modos, cuja antiguidade, quando se possa conhecer, não se poderá jamais sentir. E ao passo que aqui outros, e hevia comparãos às coisas manias, rancosidas, aborridas do tempo, estes semilham à fresco, que, envolvia em cãra, se conserva, para comer fora da sãza, e, ao deixar o envoltorio, está vivida, e fresca e bella, e ovalã, que se ontão a colharãos do pó, se tem descostumãdos, e de larguissimo tempo, no escrever, no fallar, ou no fallar e escrever, não tem de esquecer, mas de pedir a parte, em seguro, para se volverem opportunamente a usar.»

1112. — Em todos os tempos se percebe que nos domínios da antiguidade, ainda pelas mais abandonadas regiões do archaismo, as thesôros e jazidas por explorar, com grande vantagem para o desenvolvimento e renovação das linguas vivas, para o lustre e opulencia das litteraturas modernas.

Ja PERNAO de OLIVEIRA, o mais antigo dos nossos grammaticos, notava que «o uso das lãções antigas traz e dá muita graça ao fallar, quando é temperado e em seus logares e tempos.» Ouzã, dizit, tres seculos depois, ANTONIO DAS NEVES PEREIRA, oxalã que o nossos escriptores antes se inclussãos a resuscitar muitos vocabulos assaz energicos do seculo quinze e dezesseis do que a mendigar das linguas estrangeiras tantos outros, que não dão maior credito à nossa lingua, nem lio concilião mais graça, nem mais energia. «Afãda mais perto destes nossos dias refovejão o bom senso dessas reflexões ontro applicado cuitor das coisas vernaculas. Era FRANCISCO BARATA, no seu oppuzido de estudos da lingua: «Não ve-

1 A Metamorphosa vol. p. xiv.  
2 Ibidem.  
3 «Stanislaie rancida ammittit.»  
4 G. L. LOPARDE: *Poesieri di varia filosofia e di bella letteratura*, t. II. (Firenze, 1900) p. 402 n. 1699.  
5 *Grammatica de Linguagem Portuguesa*, c. 30. p. 81. Ed. do Porto, 1871.  
6 *Memor. de Litterat.*, tom. IV. p. 80 e 81.

mos nós que muitas censuras mereçam aquellos escriptores, que na passado vão buscar erãa e obsoletos e hoje sem uso, para fãas dar livre curso no exprimir de suas ideas. Com isto não queremos o chamamãto daquelle linguação autoritaria D. JOãI, o maiormente A. D. DINIZ, mas a escriptã e fallãta nos seculos aureos de nossos letãas, em que viverão CAMBES, BARROS, OS BERNARDES, FER. LUIZ DE SOTSA, ARRAS, HEITZ, FINTO, VIEIRA, PAIVA DE ANDRADE e muitos mais. A' moda tem sãção a linguação, uma epoque e se antiga, para se dar vida à outra, que jã foi usada.»

1113. — Não convertãmos, portanto, em e-parallã o come de archaismos. Todas as perçoões assistem ao nãcio de palavras antigas, que outra vez, ao fallãdo de certos tempos, refulgem de sua espiãtãza e bellã, sob a penãra dos escriptores de bom gosto, com os *archaismos* a let fãa mesma que a respeito dos *archaismos* e *neologismos* «discriminãto, quando me eschrevo, ou me lã.»

Nem porque em assim me cunheia, podet empicar contra mim a lãcha, que me impã o sr. JOã VERRISSIMO, a não possuir no decãdo grãto o sentimento da evolução da lingua. Ninguem o possuo mais do que FERRAZ, cujo trabalho historico nesta materia rege-norãram, em França, a sciencia do seu idioma. Não era elle, portanto, quem, porã mais lã de trinta annos, levantãdo e heido contra a corrupção do francez, exhortã, os seus patriãas «a avoír ontã de *neologismos* (c'est le mot de nos aieux), car on blesse «l'usage.»

Sim, elle, o mo outro. Elle, e não outro, quem, no prefãcio do seu *Discours*, chamãdo de «esperidico» o diãto, e, sem que se nãve, deixa perder vocabulos bem letos e de boa lãza. He, aliã, quem, na sua *Methode de l'Etude Francaise*, disse: «allegro em cãra mefãta, o archaismo, cujo gãsto às vezes se obliãra, manão se extingue nunca, e scilicet aalma e ao espirito.»

O evolucionismo, emo o vito de to las as decãdas contemporãneas em *nos*, não lo, rãrã lãntã de evolução natural nas linguas, o inextinguivel concẽso da retroessãncia das formas antigas, no de sua preservação contra o anjoço decaido da modernidade indisciplinãto. *Sallustius*, no francez, cheyãra mal de *Sallustiana* de MOLEIRE:

«... *Sallustius* à mon oreille est rude, il me pũcagement son nationalité.»

Não obstante, porém, censar as illusterrissimas evolucionistas daquelle tempo, *sallustius*, heon, sem quebra de modica, energia e vigor, no vocabulãrio desse idioma, aavez da intimação neologica em que mais tarde se viu de moute alagado.

Elemento de regeneração, quando somentãto disciplinãdo, no vocabulãrio de linguas, esse aroma de antiguidade, e *meo scribitis* *per d'antiquitãtẽs*, que do habili emprego das boas lãções antigas se desprende, o uni dos seculos da graça e forã nos escriptores de grande raça, nos estylistas de escola, nos renovãdores do gosto litterario, nos creadores de obras d'arte d'aulãtoiras. De GABRIEL D'ANNUNZIO (que me não abãsto do mais moderno) pode Vocãr: «dizer que, obssido dos vellos mestres, vive incessantemente a evocar as remotas na-entes de sua lingua.»

1 P. 48-2.  
2 AUGUSTO FREIRE: *Gramma. Port.*, Ed. de 1894. P. 381.  
3 Ap. Ed. DESCHANEL: *Les Moforations de la langue française*, Paris, 1898. P. 208.  
4 — — — *Histoire de la langue française*, v. I, p. 416.  
5 *Id.*, p. 410.  
6 O veridico de esta critica infamãto a meu ambuloiro lãva-se a rãso o escrever *un des à des*. *Seã* que o *meio brasileiro* faz questão do *de arte*. Eu, porém, escrevi à maneira dos melhores escriptores vernaculos. Heja vista CASANO, no *Caducã*, 1.ª ed., p. 181.  
7 Vocã: *Histoire et Poësie*, p. 239.



...sso idioma, no qual, de sua natureza, p... a forma inversa prova-  
bilidade de pecca, o que diz, não sou eu o... s. J. Venti-seis  
tambem, no último dos seus livros. Mas não, por parecerem, dis-  
tancia imensa entre ser a forma *acrophona*, e a sua forma  
littima, isto é, a *subtilidade*.

Sua p... e o meu trabalho *acrophona* temido, como quer  
quer-se a machonheira de um dictionario da lingua XVIII, como  
la *tracata* e *tracata* chamado em abono de *milhas emulas*.

Tu p... me elogia por ali sentença de *acrophona* e *tracata*, *tracata*,  
porque não e *tracata* que tu trouxeste de *acrophona* e *tracata* *acrophona*  
*tracata*. O meu trabalho *acrophona* temido, como quer  
quer-se a machonheira de um dictionario da lingua XVIII, como  
la *tracata* e *tracata* chamado em abono de *milhas emulas*.

Depois de ser o segundo da *acrophona*, p... e a que se  
collocava, se o esse mais dizia da vez, *acrophona* a *tracata* por  
grande, *acrophona* pedaleo e se. José Manoel: *acrophona* *tracata*  
de las, *acrophona* e *tracata* o *tracata* da *acrophona* pelo de  
quasi todos os *tracata* e de *tracata*, o de *tracata* *tracata*, o de  
do *tracata*, o de *tracata*, o de *tracata*.

Em *tracata* logo, hade permitir e *tracata* ensor que  
estranho, se o esse mais dizia da vez, *acrophona* a *tracata* por  
grande, *acrophona* pedaleo e se. José Manoel: *acrophona* *tracata*  
de las, *acrophona* e *tracata* o *tracata* da *acrophona* pelo de  
quasi todos os *tracata* e de *tracata*, o de *tracata* *tracata*, o de  
do *tracata*, o de *tracata*, o de *tracata*.

Ainda além disso, p... e a que se collocava, se o esse  
mais dizia da vez, *acrophona* a *tracata* por grande, *acrophona*  
pedaleo e se. José Manoel: *acrophona* *tracata* de las, *acrophona*  
e *tracata* o *tracata* da *acrophona* pelo de quasi todos os  
*tracata* e de *tracata*, o de *tracata* *tracata*, o de do *tracata*,  
o de *tracata*, o de *tracata*.

1193.—FRANCOIS DE CASTRO reverencia o BELTRAMO porque  
estava habilitado a ser *tracata*. O mesmo succede a quantos  
vendo a *tracata* de *tracata* *tracata*, se *tracata* *tracata* a  
reconhecer as *tracata* *tracata*, e *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata*

1194.—FRANCOIS DE CASTRO reverencia o BELTRAMO porque  
estava habilitado a ser *tracata*. O mesmo succede a quantos  
vendo a *tracata* de *tracata* *tracata*, se *tracata* *tracata* a  
reconhecer as *tracata* *tracata*, e *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata*

1195.—FRANCOIS DE CASTRO reverencia o BELTRAMO porque  
estava habilitado a ser *tracata*. O mesmo succede a quantos  
vendo a *tracata* de *tracata* *tracata*, se *tracata* *tracata* a  
reconhecer as *tracata* *tracata*, e *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata*

ainda hoje abundam excellentes e infensíveis exemplares de fallar  
e escrever com acerto, elegancia e vigor. Os que se não atrevam  
a essas relações, desçam com ironia no classisimo *tracata*, e  
confundam a veracidade com o *tracata*. Mas que eu note,  
que, em *tracata* não alguns *tracata* *tracata*. Desse que se  
offorrem nos *tracata* *tracata*, não produzem novos *tracata* e  
o *tracata* de *tracata* com a *tracata* *tracata* *tracata*.  
Acconte, ás vezes, ser dos *tracata* *tracata* o *tracata*. Como,  
porém, justamente por *tracata* *tracata*, há *tracata* *tracata*,  
e foi um modernista que o *tracata*. Há *tracata* *tracata*  
a *tracata* *tracata* *tracata*, sem o *tracata* da *tracata* *tracata*.  
attentado no *tracata* *tracata*.

CONCLUSÃO

Mas já tempo de pôr termo a esta *tracata*. Nas *tracata* *tracata*  
que a *tracata*, como quem *tracata* *tracata* *tracata* por *tracata* *tracata*  
amigo. Deu-se *tracata*, *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata* *tracata*,  
segunda *tracata*, que *tracata* *tracata* *tracata* *tracata*.  
Mas de que isto me interessa *tracata* a *tracata* *tracata*,  
chamado *tracata* *tracata* *tracata*. Por *tracata* *tracata* *tracata*  
tracata *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata* *tracata* *tracata* *tracata*  
indistincto *tracata*, *tracata* *tracata* *tracata*. Há *tracata* *tracata*  
a *tracata* *tracata*, *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata* *tracata* *tracata*,  
acommodada, o *tracata* *tracata*. Se *tracata* *tracata*, de *tracata*  
colhe o *tracata*, *tracata* *tracata* *tracata* *tracata*. Há *tracata* *tracata*  
Outros *tracata*, porém, *tracata* *tracata*, *tracata* *tracata* *tracata*  
comissão *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata* *tracata* *tracata*.  
tracata. Dele *tracata* *tracata* a *tracata* *tracata* *tracata*.  
que *tracata* *tracata* *tracata* *tracata* *tracata* *tracata*.  
tracata *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata* *tracata* *tracata* *tracata*.

1196.—FRANCOIS DE CASTRO reverencia o BELTRAMO porque  
estava habilitado a ser *tracata*. O mesmo succede a quantos  
vendo a *tracata* de *tracata* *tracata*, se *tracata* *tracata* a  
reconhecer as *tracata* *tracata*, e *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata*

1197.—FRANCOIS DE CASTRO reverencia o BELTRAMO porque  
estava habilitado a ser *tracata*. O mesmo succede a quantos  
vendo a *tracata* de *tracata* *tracata*, se *tracata* *tracata* a  
reconhecer as *tracata* *tracata*, e *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata*

1198.—FRANCOIS DE CASTRO reverencia o BELTRAMO porque  
estava habilitado a ser *tracata*. O mesmo succede a quantos  
vendo a *tracata* de *tracata* *tracata*, se *tracata* *tracata* a  
reconhecer as *tracata* *tracata*, e *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata*

1199.—FRANCOIS DE CASTRO reverencia o BELTRAMO porque  
estava habilitado a ser *tracata*. O mesmo succede a quantos  
vendo a *tracata* de *tracata* *tracata*, se *tracata* *tracata* a  
reconhecer as *tracata* *tracata*, e *tracata* *tracata* *tracata*, *tracata*

10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100  
101  
102  
103  
104  
105  
106  
107  
108  
109  
110  
111  
112  
113  
114  
115  
116  
117  
118  
119  
120  
121  
122  
123  
124  
125  
126  
127  
128  
129  
130  
131  
132  
133  
134  
135  
136  
137  
138  
139  
140  
141  
142  
143  
144  
145  
146  
147  
148  
149  
150  
151  
152  
153  
154  
155  
156  
157  
158  
159  
160  
161  
162  
163  
164  
165  
166  
167  
168  
169  
170  
171  
172  
173  
174  
175  
176  
177  
178  
179  
180  
181  
182  
183  
184  
185  
186  
187  
188  
189  
190  
191  
192  
193  
194  
195  
196  
197  
198  
199  
200



# ERRATA ( )

FIG.	COLEÇÃO	ERRATA	ERRATAS
11	1	Gravemente	Gravemente
>	>	Suobessem	Soubessem
16	1	Celebridades	Celebridades
1	2	São ambas	São-não ambas
39	1	Escritos de ALFREDO	Escritos de ALFREDO
50	1	Diálogos	Diálogos
72	2	Me induziu á criticar	Me induzio a criticar
57	>	Será permitida	Será permitido
60	2	O phrasora que	Esse phrasar, que
6	1	Forma primitiva	Forma primitiva
>	>	ARAZ	ARRAZ
65	1	De floração	Defloração
>	2	A' direita	A' esquerda
>	-	E justamente os mais modernos, JOÃO DE DEUS E FIGUEIREDO,	E justamente o mais moderno, FIGUEIREDO
83	1	De autoridade, a autoridade	De autoridade a autoridade
97	1	Que a regra será	E' que a regra será
113	2	na da próclise	pela próclise
119	1	decidiria	decidiria
122	2	1º volume, do seu	1º volume do seu
145	2	começado a se estampar	começo a estampar
141	1, nota	p. 33	§ 34
144	>	a colloção	a colloca
147	2	implicado	implicado
151	2	a preconiza	o preconiza
57	>	moleia	moleia
160	2	a testam	atestam
161	1	ser farposo	na de ser farposo
182	2	essa formado	essa forma do
105	1	leitor.	e leitor.
202	2	só em 1803	só em 1793

<sup>121</sup> Esta enumeração não pretende ser completa. Poder-nos ter escapado alguma inserção neohomográfica, e não indicamos as negligências de pontuação.